



# EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA

---

*Itinerário Temático do Centenário  
das Aparições de Fátima*

6.º Ciclo

*Ano Pastoral de 2015-2016*





*Temário e Calendário  
de Atividades do ano  
pastoral de 2015-2016*

# EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA

*Itinerário Temático do Centenário  
das Aparições de Fátima*

6.º Ciclo

## **Ficha Técnica**

*Coordenação:* André Pereira e Carla Abreu Vaz

*Design e Paginação:* ideia, designers ©

*Impressão e Acabamentos:* Gráfica Almondina

*Depósito legal:* 401856/15

*ISBN:* 978-989-8418-03-6

*Edição:* Santuário de Fátima 2015

# ÍNDICE

|                          |   |
|--------------------------|---|
| Introdução.....          | 7 |
| <i>Carlos Cabecinhas</i> |   |

|                                                                  |    |
|------------------------------------------------------------------|----|
| Itinerário Temático para o Centenário das Aparições de Fátima... | 10 |
|------------------------------------------------------------------|----|

## I. PERSPETIVAS DO 6.º CICLO

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| Eu vim para que tenham vida .....     | 15 |
| <i>Virgílio do Nascimento Antunes</i> |    |

|                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Celebrar: a experiência da Presença de Cristo à luz da natureza<br>simbólica da Liturgia ..... | 35 |
| <i>Bernardino Costa</i>                                                                        |    |

|                                                                   |    |
|-------------------------------------------------------------------|----|
| A quinta aparição de Nossa Senhora, a 13 de setembro de 1917..... | 51 |
| <i>Luciano Cristino</i>                                           |    |

## II. NÚCLEOS TEMÁTICOS DO 6.º CICLO

|                                                      |    |
|------------------------------------------------------|----|
| O meu espírito alegra-se em Deus, meu Salvador ..... | 61 |
| <i>João Fernandes</i>                                |    |

|                                                |    |
|------------------------------------------------|----|
| Bendito seja Deus que nos cumula de bens ..... | 71 |
| <i>Alexandre Freire Duarte</i>                 |    |

|                                              |     |
|----------------------------------------------|-----|
| Em Vós está a fonte da vida (Sl 36,10) ..... | 103 |
| <i>Luísa Maria Almendra</i>                  |     |

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| Alegrai-vos no Senhor ..... | 117 |
| <i>Isidro Lamelas</i>       |     |

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| Alegremo-nos e façamos festa ..... | 187 |
| <i>Carlos Aquino</i>               |     |

|                                           |     |
|-------------------------------------------|-----|
| Quem perder a sua vida... salvá-la-á..... | 205 |
| <i>António Valério</i>                    |     |

### III. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA DO ANO

|                                        |     |
|----------------------------------------|-----|
| Catequese para crianças.....           | 225 |
| <i>José Caldas</i>                     |     |
| Catequese para adolescentes .....      | 243 |
| <i>José Caldas</i>                     |     |
| Mistérios do Rosário .....             | 267 |
| <i>Sandra Dantas</i>                   |     |
| Adoração Eucarística.....              | 287 |
| <i>Nuno Santos</i>                     |     |
| Adoração Eucarística com crianças..... | 299 |
| <i>Patricia Mendonça</i>               |     |
| Via-Sacra.....                         | 309 |
| <i>Marco Daniel Duarte</i>             |     |

### IV. MISSAS PARA AS PEREGRINAÇÕES ANIVERSÁRIAS

|                |     |
|----------------|-----|
| maio.....      | 331 |
| junho .....    | 331 |
| julho .....    | 332 |
| agosto .....   | 333 |
| setembro ..... | 333 |
| outubro.....   | 334 |

### V. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA DO ANO

|                                         |     |
|-----------------------------------------|-----|
| Textos de apoio aos temas mensais ..... | 337 |
|-----------------------------------------|-----|

## VI. PROGRAMA OFICIAL DO SANTUÁRIO 405

## VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

|                      |     |
|----------------------|-----|
| novembro 2015 .....  | 423 |
| dezembro 2015 .....  | 423 |
| janeiro 2016 .....   | 426 |
| fevereiro 2016 ..... | 429 |
| março 2016 .....     | 432 |
| abril 2016 .....     | 435 |
| maio 2016 .....      | 438 |
| junho 2016 .....     | 440 |
| julho 2016 .....     | 443 |
| agosto 2016 .....    | 445 |
| setembro 2016 .....  | 448 |
| outubro 2016 .....   | 450 |
| novembro 2016 .....  | 452 |

|                                                    |     |
|----------------------------------------------------|-----|
| Memória descritiva do projeto de comunicação ..... | 457 |
|----------------------------------------------------|-----|

*ideia, designers* ©



# INTRODUÇÃO

— Carlos Cabecinhas

O tema que guiará o ano pastoral de 2015-2016 no Santuário de Fátima, o 6.º do septenário de preparação e celebração do Centenário das Aparições, partindo da aparição de Nossa Senhora no mês de setembro, é “Eu vim para que tenham vida”. Este ano pastoral coincidirá com o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, promulgado pelo Papa Francisco. O ano de 2016 é ainda o ano em que se assinala o centenário das aparições do Anjo aos três videntes de Fátima. Todos estes aspetos marcam necessariamente o presente ano pastoral.

O Papa Francisco proclamou um Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que decorrerá do dia 8 de dezembro de 2015, Solenidade da Imaculada Conceição, ao dia 20 de novembro de 2016, Solenidade de Jesus Cristo, Rei do Universo. Na Bula *Misericordiae vultus* (MV), de 11 de abril de 2015, o Papa Francisco considera a misericórdia como «a arquitrave que suporta a vida da Igreja» (MV 10). Para o Papa, «a primeira missão da Igreja é introduzir todos no grande mistério da misericórdia de Deus contemplando o rosto de Cristo, sobretudo num momento como o nosso, cheio de grandes esperanças e de fortes contradições» (MV 25).

Ora, é na misericórdia de Deus que encontramos a palavra-chave para interpretarmos a mensagem de Fátima. A mensagem de Fátima reflete o próprio coração da revelação, reflete o núcleo do Evangelho; não nos desvia para o periférico e secundário, mas leva-nos ao essencial da fé cristã: a revelação do amor de Deus, Santíssima Trindade, que se manifesta como misericórdia para salvar, para dar de novo esperança

aos que sofrem, para revelar o rosto de Deus atento às nossas súplicas. Nossa Senhora, a Mãe de Misericórdia, apresentou-se em Fátima como transparência da misericórdia de Deus. O Ano da Misericórdia é, assim, desafio a interpretarmos a mensagem de Fátima à luz da misericórdia de Deus; por outro lado, a mensagem de Fátima é convite a experimentar-mos e testemunharmos a misericórdia de modo renovado.

O Jubileu Extraordinário da Misericórdia vem potenciar o aprofundamento da mensagem de Fátima, em geral, e do tema deste ano em particular.

A misericórdia de Deus faz-nos descobrir n'Ele a plenitude da vida. E assim como «Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai» (MV 1), assim também é n'Ele que nos é oferecida essa vida em plenitude: “Eu vim para que tenham vida”. Este tema, que guiará a vida do Santuário ao longo deste ano, inspira-se na aparição de setembro, na qual Nossa Senhora diz aos Pastorinhos que Deus está contente com os seus sacrifícios. A participação na vida abundante de Deus exige o oferecimento de si a Deus. Os sacrifícios que os Pastorinhos faziam devem entender-se à luz da primeira aparição de Nossa Senhora, em maio: à pergunta «quereis oferecer-vos a Deus?» eles respondem «sim, queremos», e assumem tudo o que isso implica, também o sofrimento, como Nossa Senhora lhes explica: «Ides, pois, ter muito que sofrer...». Fazendo das suas vidas uma oferta permanente a Deus, os Pastorinhos aceitam conscientemente o sofrimento daí adveniente. Os sacrifícios que faziam eram expressão de amor a Deus, a quem entregaram as suas vidas. Nunca era o sofrimento a motivação ou o objetivo. Era o amor que os motivava: o amor a Deus, plenitude de vida, que Nossa Senhora lhes dera a conhecer e a experimentar e ao qual procuravam corresponder.

Como os Pastorinhos, somos desafiados a descobrir a plenitude da vida que Deus nos oferece através da oferta de nós mesmos. Esse é igualmente o caminho da experiência da

verdadeira alegria cristã. Por outro lado, a atitude crente que se pretende motivar, neste ano pastoral, é a celebração como dimensão constitutiva da experiência crente. A celebração da fé, sobretudo na Liturgia, é a forma por excelência de participação, desde já, na plenitude da vida que Deus nos oferece em Jesus Cristo.

Por fim, ao longo deste ano pastoral celebraremos o centenário das aparições do Anjo, que tiveram lugar na primavera, no verão e no outono de 1916. Também as aparições do Anjo, revelação trinitária de Deus, nos ajudam a descobrir o rosto misericordioso de Deus, em quem reside a plenitude da vida. E assim como as aparições angélicas prepararam os Pastores para as aparições de Nossa Senhora, no ano seguinte, assim também a passagem deste centenário nos preparará para o grande ano jubilar de 2017.

O presente livro, propondo-nos um vasto conjunto de reflexões para o aprofundamento do tema do ano, bem como vários contributos para a catequese e a oração pessoal e comunitária, pretende ser um instrumento de trabalho útil para quantos desejam preparar peregrinações a Fátima ou viver o tema que guia, ao longo deste ano pastoral, a vida do Santuário.

# ITINERÁRIO TEMÁTICO PARA O CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

6.º Ciclo

2015-2016

Acontecimento de Fátima de referência

***Aparição de Nossa Senhora no mês de setembro***

Frase inspiradora

***«Deus está contente com o vossos sacrifícios.»***

Núcleo teológico

***Deus, plenitude de vida***

Elemento catequético

***Participação na vida abundante de Deus***

Atitude crente

***Celebração***

Tema do ano

***Eu vim para que tenham vida***

## SUBTEMAS MENSAIS

| <i>Meses</i>    | <i>Unidades temáticas</i>                                                         | <i>Conteúdos a abordar</i>                                                                                                                                                                                       |
|-----------------|-----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>maio</b>     | O meu espírito alegra-se em Deus, meu Salvador.<br>(Lc 1,47)                      | <ul style="list-style-type: none"><li>• Maria que transborda de vida e transmite vida</li><li>• <i>Magnificat</i></li></ul>                                                                                      |
| <b>junho</b>    | Bendito seja Deus que nos cumula de bens.<br>(Cf. Lc 1,53; cf. Ef 1,3; cf. Sl 68) | <ul style="list-style-type: none"><li>• A abundância de vida como desejo de Deus</li><li>• A realidade dos dons de Deus</li><li>• A dimensão sanante da fé (perdão, reconciliação, cura)</li></ul>               |
| <b>julho</b>    | Em Vós está a fonte da vida.<br>(Sl 36 (35),10)                                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Um Deus de vida abundante</li><li>• A alegria de Deus, o Deus das bênçãos e dos dons, o Deus beneficente e cuidadoso</li></ul>                                           |
| <b>agosto</b>   | Alegrai-vos no Senhor.<br>(Fl 3,1; Sl 32 (31),11)                                 | <ul style="list-style-type: none"><li>• Alegria da humanidade como harmonia com o projeto de Deus</li><li>• A alegria cristã</li></ul>                                                                           |
| <b>setembro</b> | Alegremo-nos e façamos festa<br>(Cf. Lc 15,22-24)                                 | <ul style="list-style-type: none"><li>• Uma vida e uma fé que se celebra</li><li>• Liturgia como momento central da vida e da fé</li><li>• A festa como modo de corresponder ao dom da vida</li></ul>            |
| <b>outubro</b>  | Quem perder a sua vida... Salvá-la-á.<br>(Mc 8,35; cf. Lc 17,33; Jo 12,25)        | <ul style="list-style-type: none"><li>• A plenitude conseguida pelo sacrifício de si</li><li>• Superar a ilusão da falsa alegria, sem o caminho da dor</li><li>• A verdadeira vida é dada a quem a der</li></ul> |







# EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA

— Virgílio do Nascimento Antunes

## Introdução

O sexto ciclo preparatório da celebração do centenário das aparições de Fátima conduz-nos à descoberta do que podemos chamar a motivação e a intenção do Deus que nos quis oferecer este precioso auxílio para acolhermos o Evangelho e sermos salvos por Jesus Cristo.

Segundo a *Epístola aos Hebreus*, quando chegou a plenitude dos tempos, Deus, para realizar o seu plano salvador, falou-nos por meio de seu Filho: «Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho» (*Heb 1,1-2*).

Encerrada a Revelação com a Palavra do Filho, Deus não cessou de vir ao nosso encontro com os mesmos intuitos amorosos de salvação. Ele vem ao nosso encontro e comunica connosco por meio da Igreja, pela Palavra da Escritura, na celebração dos sacramentos da fé, ajudando-nos a ler os sinais dos tempos, com o auxílio dos seus escolhidos e enviados para em cada tempo proclamarem a Boa Nova do Reino.

Num momento extremamente crítico da história, quando a humanidade precisava de um sinal bem visível para voltar a Cristo como único Salvador, Deus enviou a sua e nossa Mãe, como personagem de um acontecimento que haveria de chamar a atenção da humanidade, de uma forma absolutamente imprevisível. A totalidade do acontecimento, com destaque para o chamado “milagre do sol”, e a história posterior, que inclui o crescimento de um grande lugar de peregrinação e a divulgação do nome “Fátima” por todo o orbe, são alguns dos tópicos desse grande sinal.

Fátima foi uma mensagem profética no seu primeiro momento, quando se precisava de ler os sinais dos tempos que corriam e se previa um longo calvário para a humanidade, continuou a ser mensagem profética ao longo de todo o século XX, no qual se percebeu o que é o homem longe de Deus, e continua a ser mensagem profética para o futuro, que se abre a novos focos de tensão, medo, destruição e morte.

Como Deus nunca desiste da humanidade nem do seu desejo salvífico, continuará a suscitar os meios adequados para conduzir os seus filhos à vida em plenitude, e Fátima estará entre eles.

Começarei por referir a intencionalidade salvífica da Revelação, para depois relacionar a salvação com a vida alcançada pela morte e ressurreição do Senhor e focar o acontecimento de Fátima como um serviço à salvação de Deus e à plenitude da vida.

# 1. Intencionalidade salvífica da Revelação e das revelações

## Fátima e a Revelação

O acontecimento de Fátima e a sua mensagem inserem-se no dinamismo de uma história crente, que revisita constantemente o acontecimento central da História da Salvação e recentra sempre o seu olhar de fé em Jesus Cristo, o seu centro absoluto.

Enquanto revelação privada, Fátima aponta para a revelação pública de Deus realizada por meio de Jesus Cristo, propondo-a à humanidade como o único caminho de salvação, pois fora d'Ele não há outro Salvador. Como refere o *Catecismo da Igreja Católica*, no n.º 67, o objetivo das revelações privadas não consiste em «completar» a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente numa determinada época da história»<sup>1</sup>.

Por sua vez, a Revelação definitiva de Cristo não é um acontecimento nascido simplesmente do desejo que Deus tem de se dar a conhecer, mas tem uma finalidade bem precisa, que é a de despertar a fé, como caminho de salvação.

Apesar de afirmar que a Revelação de Jesus Cristo está encerrada e que exclusivamente nela podemos apoiar a nossa fé, a Igreja aceitou e afirmou também que ela pode ser explicada a fim de se acolher gradualmente todo o seu alcance ao longo dos séculos<sup>2</sup>.

Como esclareceu o cardeal Ratzinger no *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, a «revelação privada é um auxílio para esta fé, e manifesta-se credível precisamente porque faz apelo à única revelação pública»<sup>3</sup>. Não trazendo,

1. *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 63.

2. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 66.

3. CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima, o Segredo*, Paulinas, 2.ª edição, Lisboa, 2000, 42-43.

4. CONGREGAÇÃO  
PARA A DOCTRINA  
DA FÉ, *A Mensagem de  
Fátima, o Segredo*, 43.

por isso, nenhuma novidade quanto ao conteúdo, não sendo Palavra de Deus, traz, como se tem provado ao longo dos séculos, a indicação de meios e formas de vida aptos para que, em cada tempo, os cristãos percorram o caminho da sua vida de fé, com esperança e amor.

Estabelecendo uma relação inseparável entre as revelações privadas e a revelação pública, o mesmo cardeal Ratzinger afirmou que o «critério para medir a verdade e o valor duma revelação privada é a sua orientação para o próprio Cristo»<sup>4</sup>. Trata-se, por isso, de afirmar a absoluta centralidade de Cristo no projeto de revelação e salvação de Deus. Fátima é, sem dúvida, uma das mensagens que mais direta e explicitamente se conforma, explica e atualiza a Boa Nova do Evangelho, e que mais claramente manifesta a sua orientação para Cristo no seio da Santíssima Trindade e enquanto Cabeça da Igreja.

### **Finalidade salvífica**

O acontecimento de Fátima, enquanto acontecimento de fé, está ao serviço da salvação que Deus oferece ao homem. Não teria qualquer sentido nem seria necessário por mais nenhum motivo senão este de proclamar, de novo, a grande novidade do Evangelho de Jesus Cristo, que revela com palavras e gestos, com a totalidade da sua pessoa, que Deus ama e salva o homem.

O mesmo Deus que salva a humanidade é Aquele que a criou, a mantém na existência e lhe oferece continuamente a vida, num percurso terreno aberto aos horizontes da eternidade. De acordo com o suposto percurso de fé realizado pelo Povo Bíblico, ele começou por acreditar no Deus Libertador, Salvador e Redentor, e só depois caminhou na fé no Deus Criador.

A Sagrada Escritura, do Antigo ao Novo Testamento, está cheia de lugares em que se afirma a condição de Deus Salvador do género humano. No livro do *Génese*, apresenta-se a humanidade criada por Deus e colocada no jardim em que se torna refém do pecado por ceder à tentação que nasce do seu sonho de viver fora dos limites de Deus; o êxodo, com a libertação do Egito e a passagem do Mar Vermelho, constitui o momento central, a partir do qual se afirma a fé no Deus Salvador; no livro do *Apocalipse*, encontramos a humanidade redimida por Jesus Cristo, vítima das perseguições exteriores que lhe tolhem as possibilidades da glória para a qual foi criada nos novos céus e na nova terra; ao longo da história sagrada são inúmeras as situações em que se apresenta a debilidade dos homens, tanto por ter sido criado com os limites próprios da sua condição como por escolher caminhos contrários aos que lhe são amorosamente propostos pelo Criador.

Deus reafirma sempre o seu desejo de salvar a humanidade, propondo novas possibilidades de recomeço por meio da renovação da aliança, até ao momento decisivo em que propõe a nova e eterna aliança em seu Filho Jesus Cristo. Ele incarna, anuncia, cura, perdoa, morre e ressuscita para realizar o eterno desígnio do Pai – que não se perca nenhum daqueles que criou (cf. Jo 6,39).

O Novo Testamento afirma em muitas passagens centrais da sua mensagem a finalidade salvífica da encarnação, bem como do mistério pascal de Jesus Cristo. Ele morreu e ressuscitou, para que os seus seguidores encontrem n'Ele a salvação de Deus, «pois não há debaixo do Céu outro nome dado aos homens que nos possa salvar» (Act 4,12). O próprio nome do Filho de Deus, segundo os Evangelhos da Infância, será Jesus, isto é “Deus salva”: «dar-lhe-ás o nome de Jesus porque ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1,21).

Há ainda outras expressões que se repetem frequentemente no Novo Testamento para afirmar que Jesus

incarnou, morreu e ressuscitou por nós (cf. *Gl* 2,20), isto é, para nossa salvação (cf. *Heb* 5,9). A própria linguagem do credo niceno-constantinopolitano, acolhendo a doutrina da Igreja, declara que Jesus «por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; e incarnou pelo poder do Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem».

O facto de os discípulos e as multidões se terem disposto a seguir Jesus deve-se ao reconhecimento de que Ele é o Salvador e realiza totalmente o plano de Deus. «Veem n'Ele um salvador quando lhes dá pão, saúde, consolação, acolhimento, reinserção na comunidade, libertação da culpa e do sofrimento, isto é, quando responde às suas necessidades básicas. E veem n'Ele o salvador, o Messias, que havia de libertar o seu povo»<sup>5</sup>.

De igual modo, quando as multidões ao longo da história continuam a segui-l'O é porque encontram n'Ele sentido e salvação, mesmo que estas realidades sejam entendidas de modos muito diversos, consoante os tempos, as culturas e os modos de assumir e exprimir a fé na pessoa de Jesus Cristo. De facto, ainda hoje, a figura de Jesus é controversa e as razões de admiração ou seguimento são diversificadas.

5. FELICÍSIMO MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, Gráfica de Coimbra 2, 2008, 379.

### Única salvação, vários significados

A única salvação de Deus, centro da revelação pública realizada por Jesus Cristo, encontra na revelação privada da mensagem de Fátima uma explicitação plenamente conforme com o Evangelho. São, no entanto, variados os modos de entender o conteúdo de uma e de outra ao longo do tempo.

Já os que ouviram o anúncio de Jesus, viram as suas obras e contactaram com a sua pessoa lhe atribuíram significados diversos. Uns entenderam-no como um profeta que dá continuidade à tradição das figuras proféticas do Antigo Testamento e outros como alguém que provoca uma rotura

religiosa e cultural; uns esperavam que fosse um messias político e temporal que libertaria o povo do jugo estrangeiro e outros esperavam um messias que fosse portador dos dons e da paz espiritual de Deus; alguns esperavam uma libertação imediata, enquanto outros aguardavam por uma salvação adiada para a escatologia; alguns ansiavam por uma cura física e outros pelo perdão dos pecados como cura espiritual.

Os primeiros séculos do cristianismo são testemunhas da dificuldade de compreender o mistério da pessoa de Jesus. As inúmeras querelas cristológicas, as disputas, heresias e apologias são reflexo dessa pluralidade de abordagens de uma pessoa e de um conjunto de acontecimentos que podem ser lidos à luz da fé sobrenatural ou simplesmente como um fenómeno natural e humano.

Quando passamos do tempo de Jesus para o nosso tempo, quando comparamos a história da Igreja dos séculos passados com a história da Igreja contemporânea, encontramos as distâncias culturais e religiosas que nos separam, que tornam mais difícil ainda a abordagem desta questão. De algum modo, precisamos de aclarar bem o que significa esperar a salvação de Deus segundo a linguagem da Revelação, como o que é a salvação que esperam os que acolhem a mensagem de Fátima e fazem dela um elemento estruturante do seu modo de serem cristãos e viverem a fé. Apesar de usarmos a mesma linguagem, nem sempre falamos da mesma realidade e, por vezes, trata-se de aspetos essenciais à fé cristã.

Começemos pela cultura moderna, muito marcada pela secularização e, frequentemente, pelo secularismo, para os quais a salvação saiu para fora do mundo religioso para entrar no mundo secular, deixou de ser uma categoria aberta ao transcendente para se tornar uma realidade deste mundo e deste tempo, ou seja, do âmbito das realidades imanentes. Grande parte das pessoas, mesmo cristãs, praticantes e com consciência de ser membros da Igreja, esperam uma salvação

exclusivamente terrena, que se confunde com realização pessoal, sucesso económico, satisfação ao nível das relações afetivas, vida com qualidade no campo da saúde física e psíquica, justa medida de felicidade pessoal e familiar.

Deste modo, é difícil falar de salvação com um sentido teológico, isto é, como uma realidade que vem de Deus como um dom. De acordo com esta mentalidade não tem sentido falar de Deus como Salvador, nem de Jesus Cristo como o Redentor. Entende-se mais a salvação como o resultado do trabalho humano, da arte de viver que se atinge pela experiência, auxiliada pelo conhecimento e pela sabedoria. Os caminhos de salvação passam pelo desenvolvimento científico e tecnológico, pela psicologia e pela medicina, recorre-se às técnicas de pacificação pessoal e espiritual. A categoria pecado conta pouco, passou a ser substituída por outros termos, não tem a ver com Deus, mas é uma questão exclusivamente de relação humana. Sente-se necessidade de desculpar e perdoar, como caminho de restabelecimento de relações humanas, mas não se sente necessidade do perdão de Deus.

A pessoa de Jesus de Nazaré continua a atrair e a seduzir abundantemente, mas, para muitos, simplesmente por incarnar um grande ideal de humanidade e de vida; não tanto por ser Filho de Deus e Salvador do mundo ou por ser Cabeça da Igreja. Jesus é admirado e acolhido como uma pessoa humana singular, portadora de uma sabedoria de vida admirável e de caminhos novos e sedutores, mas difíceis de percorrer. As referências à sua morte e ressurreição são silenciadas, apesar de se apreciar o seu gesto de dar a vida, mesmo que não se perceba muito bem porquê e para quê.

Fica sempre por resolver o problema do sentido da vida com todas as questões misteriosas que comporta. Mas também esta se procura equacionar fora do contexto religioso. Também o mundo da ética se emancipou e deixou de ter referências a Deus, tornando-se exclusivamente humano

e fechado à transcendência. Num como noutro caso, falar de salvação significa algo muito diverso daquilo que entendemos na revelação bíblica ou no discurso teológico e doutrinal da Tradição da Igreja Católica<sup>6</sup>.

No que se refere à revelação particular de Fátima, torna-se pertinente perguntar: o que entendem as pessoas quando ela fala de salvação, ou quando utiliza expressões provenientes da tradição doutrinal da Igreja, como “ir para o céu” ou “ir para o inferno”, “almas que se salvam” ou “almas que se condenam”?

6. FELICÍSIMO MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, 383-387.

## 2. Eu vim para que tenham vida (Jo 10,10)

O tema da vida faz parte integrante da pregação de Jesus, tanto nos Evangelhos Sinóticos como no Evangelho de S. João, e da doutrina expressa nas cartas de S. Paulo. Faz parte igualmente da nossa linguagem e das nossas preocupações quotidianas, pois o grande sonho da humanidade consiste em viver muito, viver intensamente e viver feliz.

No Evangelho de S. João, no qual nos detemos brevemente, a ideia de vida está estreitamente relacionada com a teologia e a pregação da salvação.

Enquanto nos Sinóticos se usa o conceito de “vida eterna” num sentido escatológico, em João o conceito de “vida” é trazido para a realidade do presente, podendo mesmo falar-se do «caráter presente da vida eterna»<sup>7</sup>.

A vida que o crente recebe em Jesus no tempo presente tem um futuro aberto, é vida em abundância (cf. Jo 10,10), é para a vida eterna (cf. Jo 6,47.51.58). Mesmo quando João diz: «quem se despreza a si mesmo, neste mundo, assegura para si a vida eterna» (Jo 12,25), não pretende falar de uma sucessão

7. SCHNACKENBURG, R., *El evangelio según San Juan*, II, Herder, Barcelona, 1980, 429.

8. Cf. SCHNACKENBURG, R., *El evangelio según San Juan*, II, 429.

temporal, de um presente e de um futuro, mas da vida verdadeira, que perdura num sentido radical e qualitativo<sup>8</sup>.

João chega às afirmações explícitas de Jesus, incarnado sobre esta terra, que se apresenta, dizendo: «Eu sou a ressurreição e a vida» (11,25); «Eu sou o caminho, a verdade e vida» (14,6). No fundo, é a afirmação de que Cristo é a vida para homens, uma vida que não virá somente no futuro, mas que já está presente no meio dos homens: «de facto, a Vida manifestou-se; nós vimos-la, dela damos testemunho e anunciamos-vos a Vida eterna que estava junto do pai e que se manifestou a nós» (1Jo 1,2).

Em Paulo acentua-se também a realidade já presente da vida de Cristo em nós, uma vez que pela sua ressurreição essa vida opera já nos crentes. A vida eterna já chegou, pois já recebemos o Espírito que a torna presente em nós, mas terá a sua consumação escatológica, tal como diz, Deus «retribuirá a cada um segundo as suas obras: para aqueles que, ao perseverarem na prática do bem, procuram a glória, a honra e a incorruptibilidade, será a vida eterna» (Rm 2,7). A vida eterna é, no entanto, o objetivo de toda a vida cristã, que já agora vivemos, mas que terá a sua consumação: «Mas agora, que estais libertos do pecado e vos tornastes servos de Deus, produzis frutos que levam à santificação, e o resultado é a vida eterna» (Rm 6,22).

### Deus, fonte da vida

Segundo a revelação bíblica, Deus é verdadeiramente a fonte da vida, porque é o Criador e está na sua origem, mas é, ao mesmo tempo, quem a guarda, defende e mantém.

Todo o Antigo Testamento é a narração do modo como o Deus Criador mantém na existência o seu povo e cada um dos seus membros. A experiência do êxodo mostra ao limite

como um povo perdido é salvo da morte graças a uma intervenção de Deus; a história dos patriarcas revela, de Abraão a José, como a vida ameaçada em circunstâncias concretas só subsiste porque o Senhor está com eles; durante a monarquia, os reis e o povo ousaram pensar que tinham a vida nas suas mãos e que esta perdurava graças à força militar ou à estratégia na realização das alianças com os outros povos, mas compreenderam que não podiam salvar-se se não caminhavam com o Senhor que os criou e os tirou do Egito; a queda de Jerusalém às mãos dos Romanos confirma que, sem Deus, o povo está entregue às forças inimigas, que ameaçam, escravizam, destroem e matam.

Em todos os casos, a bênção do Senhor, juntamente com o cumprimento das suas leis e preceitos, são o princípio da vida e a condição da subsistência tanto do povo de Deus como da nação que Ele escolheu. A Abraão promete abençoá-lo bem como à sua família e, por meio dela, abençoar a todos os povos da terra (cf. Gn 12,2-3). A todo o povo convida a cumprir a sua Lei (*torah*) para viver, pois esquecê-la e não a pôr é prática é caminho de morte (cf. Ex 5,33).

Segundo o Novo Testamento, Jesus veio como Aquele que, em nome de Deus, cura e fortalece a vida humana ameaçada pelo pecado e pelo demónio. Os evangelhos estão cheios de narrações de momentos em que Jesus enfrenta a debilidade da vida, marcada por toda a espécie de ameaças do corpo ou do espírito.

Ele veio para salvar a vida e não se recusa a ir contra a mentalidade comum para cumprir o seu objetivo: enfrenta os fariseus para acolher os pecadores, faz curas ao sábado, protege toda a vida ameaçada e confia essa missão aos seus discípulos quando os envia: «Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios» (Mt 10,8). Jesus vem para que todos tenham a vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10,10), segundo uma compreensão

unitária do homem, corpo e espírito, de tal modo que os seus sinais miraculosos estão sempre ao serviço do crescimento da fé e as curas físicas apontam para a cura espiritual.

Há uma conexão muito estreita entre o Reino de Deus e a vida, de tal modo que, por causa do Reino e para estar em comunhão com Deus, é necessário inclusivamente estar disposto a perder a vida, com todas as suas seguranças humanas, a fim de se ficar totalmente confiante na força protetora de Deus.

Para acolher o Reino, ou seja, a vida, é necessário rejeitar todos os outros pontos de apoio: «Na verdade, quem quiser salvar a sua vida, há-de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há-de salvá-la» (Mc 8,35). O discípulo realiza este objetivo por meio de um caminho de conversão e seguimento de Cristo, como o tesouro da própria vida.

Deus revela-se definitivamente como fonte da vida por meio de Jesus Cristo, o Filho que morre e ressuscita, perdendo tudo, para que todos tenham a vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10,10). Particularmente em S. João, Cristo é a única fonte da vida, porque vem do Pai e permanece unido a Ele. Por meio do sacrifício da cruz, livremente aceite, a vida divina vence a situação de morte da humanidade causada pelo pecado.

Em união a Cristo, pela força da água e do Espírito, os cristãos estão em comunhão com a vida, com Deus, de tal modo que, para um cristão, a vida «é o serviço consciente e constante ao Senhor Jesus que nos salvou da morte e é o único sentido e valor da existência»<sup>9</sup>. Por meio do amor a Deus e ao próximo nas circunstâncias comuns, os cristãos manifestam acolher esse dom total de Deus, e «incarnam na sua existência a eternidade transcendente do amor de Deus»<sup>10</sup>.

A abertura à eternidade está sempre subjacente à compreensão cristã da vida. Uma das melhores formas de definir essa fé encontra-se na expressão de 1Ts 4,17: «estar

9. CAVEDO, R., "Vita", ROSSANO, P., RAVASI, P., GIRLANDA, A., *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, ed. Paoline, Milano, 1988, 1671.

10. CAVEDO, R., "Vita", 1673.

com o Senhor». A vida terrena do cristão, como a sua vida depois da morte, consiste em estar com o Senhor, ou seja, em comunhão com Deus e com os irmãos. A plenitude da vida ou a vida em abundância prometida por Jesus é um mistério de comunhão com Deus, fonte da vida.

### **3. O acontecimento de Fátima ao serviço da salvação e da vida**

Em sintonia com o Evangelho, Fátima é uma resposta de fé aos anseios de salvação e de vida inscritos no coração humano. Tratando-se de uma revelação privada, situada num lugar e num tempo concretos e em circunstâncias particulares, essa resposta tem em conta os caminhos pelos quais enveredou a cultura contemporânea no que se refere ao conteúdo da salvação e ao sentido da vida. Mais ainda, é uma resposta exigida pela cultura atual e que vem diretamente ao encontro das necessidades prementes do nosso tempo.

#### **Irrupção de um fenómeno sobrenatural**

O início do século XX é fruto de um longo percurso de mudanças culturais caracterizadas pela afirmação do humano em detrimento do divino, pela negação da dimensão sobrenatural da realidade, do mundo e da vida para afirmar a dimensão natural, pela idolatria das ciências naturais e das ciências humanas como lugar de conhecimento e explicação do que até ali aparecia como misterioso no sentido de inexplicável.

O desenrolar do mesmo século trouxe outras acentuações e, sobretudo, caminhou no sentido de prescindir de Deus

como fator a ter em conta na hora de encontrar um sentido para a vida, uma salvação para a humanidade, uma explicação para a existência. A referida laicização e o laicismo afastaram a religião e a fé da vida da sociedade, classificando-as como elementos opcionais, do foro pessoal e íntimo, relegando-as para o âmbito do privado.

O irromper do fenómeno sobrenatural de Fátima a desafiar um mundo que caminha num sentido oposto é visto como uma provocação à cultura do tempo, que tem nas figuras relevantes dos conhecimentos filosófico e científico, da política, da sociedade e da comunicação alguns dos seus maiores expoentes. Fátima surge visivelmente em contracorrente, de forma inesperada e com um conteúdo que oficialmente estaria ultrapassado.

Se para o pequeno mundo dos familiares dos Pastorinhos não era pensável um acontecimento daquela ordem ter lugar nas suas vidas, para os jornalistas, os políticos e os representantes da vaga cultural oficialmente dominante o desafio era ainda maior, uma vez que passara o tempo em que facilmente se acreditava em milagres e tudo parecia caminhar noutro sentido.

Embora as notícias circulassem lentamente, o acontecimento de Fátima acabou por transvazar para fora das fronteiras regionais e nacionais. Ele situava-se num espaço muito concreto e pequeno, como era Aljustrel e mesmo Portugal, mas fazia alusões a realidades de âmbito muito mais vasto, como era a Igreja Universal e o Mundo, por meio das referências ao Santo Padre e à Rússia, respetivamente.

Podemos pensar que um dos objetivos da iniciativa de Deus tenha exatamente a ver com a necessidade histórica de afirmar o lugar da fé e da religião, ou seja, o lugar da dimensão sobrenatural na vida da humanidade, claramente posta em causa à escala universal e inclusivamente no contexto português.

Ao repropor de forma tão forte, atrativa e desafiadora uma linguagem, uma mensagem e uma mundividência cristãs inesperadas, Fátima torna-se o contraponto da tendência que está a progredir de forma tão acelerada.

Neste sentido, podemos dizer que Fátima surge, e mantém-se, como um acontecimento e uma mensagem “fraturante”, pois vai contrapor e, mesmo sendo uma revelação particular, quase exige uma definição, uma atitude de adesão ou rejeição por parte de todos os que chegam ao conhecimento do fenómeno. Em causa não está somente a aceitação ou não da sobrenaturalidade daquele fenómeno histórico concreto, mas está também a questão da aceitação ou não da sobrenaturalidade em si mesma.

### **Afirmção da salvação de Deus**

O acontecimento de Fátima surge no contexto de uma cultura que nega a salvação de Deus para afirmar uma salvação fundada no homem, como é próprio do humanismo ateu e do materialismo teórico e prático elevado à condição de quase-religião baseada nas potencialidades da humanidade e da matéria.

A mensagem de Fátima vai numa linha oposta. Socorrendo-se dos conceitos da doutrina cristã, expressos na linguagem da tradição e da religiosidade popular, afirma a outra dimensão, quando fala do Céu, do Inferno, da salvação das almas, do pecado que está na origem da condenação eterna, da conversão dos pecadores como caminho para a glória do Céu, da oração e da penitência como caminhos de conversão em ordem à salvação eterna.

É uma eloquente declaração de fé segundo a qual a salvação é dom de Deus, sendo a ação humana, iluminada e conduzida pelo Espírito Santo, um sinal de cooperação e aceitação desse dom total. É igualmente a declaração de que o homem

longe de Deus cai no abismo, no desespero e na ruína, constrói todos os males que sobrevêm ao mundo, como o demonstra até à saciedade a história recente.

A situação de luta aberta contra a fé cristã e contra a Igreja, vivida em Portugal, juntamente com o desencadear dos chamados “erros da Rússia” exigem uma resposta, que surge bem clara em Fátima: «Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja... Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé»<sup>11</sup>. A resposta não se situa no âmbito das forças humanas, mas assenta na confiança em Deus Salvador, sublinhada por Nossa Senhora e expressa nas duas atitudes pedidas: a consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados.

11. *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 10.ª edição, 2005, 177.

## A salvação e a vida

Os conceitos de salvação e de vida em plenitude não se entendem em Fátima senão indissociáveis de Deus, Santíssima Trindade, e da cruz de Jesus Cristo, o Senhor da morte e da vida, o salvador de que a Igreja é o sinal para o mundo.

O Francisco e a Jacinta não receiam os sacrifícios, as dores, a doença ou a morte porque, estando em Deus, acreditam que a salvação vem de Deus e a vida não é outra coisa que estar em Deus, agora e na eternidade.

A salvação vem de Deus porque só Ele pode perdoar os pecados e livrar do fogo do Inferno para onde vai «quem faz pecados e não se confessa»<sup>12</sup>. «Quem pode perdoar os pecados senão Deus somente?» (Mc 2,8) é a versão bíblica na qual se fundamentam os Pastorinhos e que contraria a mentalidade comum que começa por eliminar a noção de pecado como infração a Deus e aos irmãos que compromete de morte

12. *Memórias da Irmã Lúcia*, 46.

o caminho da vida, para depois eliminar a própria noção de perdão divino.

Persuadidos da certeza de que a vida terrena é já participação da vida de Deus, em quem acreditam, que amam, adoram, e em quem esperam, eles sabem que não é ainda a plenitude da vida, pois essa virá depois, é o Céu, onde a Jacinta sabe que irá «amar muito a Jesus»<sup>13</sup>. Como os apóstolos no monte Tabor, também a Jacinta experimenta antecipadamente a vida gozosa do Céu, quando, depois de comungar, exclamava: «Não sei como é! Sinto a Nosso Senhor dentro de mim. Compreendo o que me diz e não o vejo nem oiço; mas é tão bom estar com Ele!»<sup>14</sup>.

13. *Memórias da Irmã Lúcia*, 62.

14. *Memórias da Irmã Lúcia*, 131.

## Penitência e oração em ordem à conversão dos pecadores

Os grandes apelos à penitência e à oração estão continuamente presentes na mensagem de Fátima, tanto nas palavras de Nossa Senhora como na mente e na atitude dos três Pastores, que não se furtam a rezar e sacrificar-se pela causa maior, que é a conversão dos pecadores.

Procurando resumir o chamado Segredo de Fátima, o cardeal Ratzinger afirma: «Do mesmo modo que tínhamos identificado, como palavra-chave da primeira e segunda parte do “segredo”, a frase “salvar as almas”, assim agora a palavra-chave desta parte do “segredo” é o triplice grito: “Penitência, Penitência, Penitência!” Volta-nos ao pensamento o início do Evangelho: “*Pœnitementi et credite evangelio*” (Mc 1,15). Perceber os sinais do tempo significa compreender a urgência da penitência, da conversão, da fé. Tal é a resposta justa a uma época histórica caracterizada por grandes perigos»<sup>15</sup>.

Há vários aspetos relevantes nesta mensagem e nesta atitude, que importa sublinhar.

15. CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima, o Segredo*, 50.

Em primeiro lugar, constitui a direta e explícita referência ao Evangelho, à pregação de João Batista e ao início do anúncio de Jesus, centrado no convite ao arrependimento e à conversão e a acreditar no Evangelho (cf. *Mc 1,15*). A conversão tornou-se o elemento central da mensagem de Fátima e um dos mais claros sinais da sua sobrenaturalidade e da sua autenticidade.

Em segundo lugar, trata-se de uma concretização do mandamento novo do amor. Os Pastorinhos não podem viver tranquilos sabendo que muitas pessoas se condenam por não ter quem reze e se sacrifique por elas. Sentem que esse é o primeiro dever da solidariedade e da comunhão entre os membros do Corpo de Cristo, é a primeira forma de viver o amor ao próximo, indo ao encontro do fundamental. Não esquecem as outras dimensões, sobretudo o amor como caridade cristã, que os leva a socorrer os pobres e a partilhar com eles a sua própria pobreza.

Em terceiro lugar, há uma percepção de que toda a salvação é dom de Deus, que precisa de ser acolhida pelo homem e com o auxílio e a cooperação dos outros homens. A conversão, o voltar-se para Deus de todo o coração constitui a resposta afirmativa à proposta de vida que a todos oferece. Por sua vez, para que alguém se disponibilize a rezar e sacrificar-se pelos outros, conhecidos ou desconhecidos, é necessário que esteja em causa algo de essencial. Para ir ao limite a que chegaram os Pastorinhos é necessário estar persuadido da convicção de que a conversão do pecado é decisiva, de que ali se joga a vida ou a morte.

## A fé como caminho

A finalidade do acontecimento de Fátima é o crescimento da fé. O cardeal Ratzinger confirma-o ao referir um encontro que teve com a Irmã Lúcia em que ela lhe garantiu «que lhe parecia cada vez mais claramente que o objectivo de todas as aparições era fazer crescer sempre mais na fé, na esperança e na caridade; tudo o mais pretendia apenas levar a isso»<sup>16</sup>.

O próprio Senhor, ao enviar os Apóstolos em missão, lhes confiou esse encargo de trabalhar para o crescimento da fé, dizendo: «Quem acreditar e for batizado será salvo; mas quem não acreditar será condenado» (Mc 16,16).

O centenário vivido após as aparições tem demonstrado o papel de Fátima neste caminho da missão universal, pois muitos chegaram à fé cristã por meio da devoção mariana alimentada pela mensagem, pela peregrinação, pela contemplação da imagem de Nossa Senhora, pela leitura dos acontecimentos alegres ou trágicos da vida à luz deste mistério.

Muitos outros fizeram caminho em Igreja alimentados pela esperança de perdão, de mudança de vida, de restabelecimento dos laços familiares ou da saúde, a partir de Fátima.

Embora não se conheça o mistério secreto de muitos corações, há sinais que indicam que muitos têm chegado a Jesus por meio de Maria e graças ao contacto, experimentado e vivido de muitos modos, com Fátima.

16. CONGREGAÇÃO  
PARA A DOCTRINA  
DA FÉ, *A Mensagem de  
Fátima, o Segredo*, 50.

## Conclusão

17. *Memórias da Irmã Lúcia*, 94.

Da aparição de setembro foi retirada a frase chave para este VI ano de preparação do centenário das aparições: «Deus está contente com os vossos sacrifícios»<sup>17</sup>.

Significa, em primeiro lugar, que os Pastorinhos não eram simplesmente videntes, mas que foram cristãos que se deixaram tomar pela mensagem recebida e na qual reconheciam a força do Evangelho de Deus. Como todo o profeta bíblico e como toda a testemunha (*mártir*) cristã, estão dispostos a dar a vida pelo que anunciam.

Em segundo lugar, esta frase diz-nos que Deus leva a sério a atitude humana de fé, de amor e de fidelidade. Ele aceita os seus filhos e o caminho que fazem com sinceridade, mesmo que com muitas fraquezas e pecados. O amor, porventura expresso nos sacrifícios feitos em favor dos outros, o amor como dádiva, oferta, sacrifício de si mesmo é sempre caminho de redenção e é sempre gerador de vida em plenitude, pelo poder de Deus, que aceitou o sacrifício de Seu Filho mas O ressuscitou dos mortos, abrindo-nos o caminho da eternidade.

Com as suas orações e sacrifícios, que agradam ao Senhor, os Pastorinhos falam-nos dessa vida plena à qual todos nós aspiramos e na qual eles se já se encontram, pois Nossa Senhora, que prometeu levá-los para o Céu, é fiel às suas promessas.

# CELEBRAR: A EXPERIÊNCIA DA PRESENÇA DE CRISTO À LUZ DA NATUREZA SIMBÓLICA DA LITURGIA

— Bernardino Costa

O rito é uma ação dramática programada. Encontra-se na ordem do *ergon*, do operar, e na ordem do *logos*, do “recolher falando”. Trata-se de uma ação intensiva, dramática: *drao* é o “operar que absorve totalmente” desde as ideias até à ação, através da “visibilidade” das percepções e dos sentimentos mais profundos. Portanto, esta ação não deverá ser improvisada: *prografo* é “notificar com promulgação imperativa”. O rito está ligado a uma *auctoritas* (no caso cristão, ao mandamento e à autoridade de Cristo) e a uma instituição.

Simultaneamente, o rito é tecnicamente inútil e, por isso, vive da liberdade simbólica que realiza aquela lógica existente entre o *in* e o *trans* (integração vertical) e depende da sua integração na comunidade (integração horizontal). Como o jogo e a arte, não está interessado em alcançar um objetivo determinado, mas em revelar um sentido. A ritualidade, portanto,

permanece aberta a uma possível revelação e distingue-se nitidamente da magia que tenta reduzir a transcendência à imanência, manipulando-a.

Por isso, o rito funciona inteiramente na lógica simbólica, isto é, nas formas que se organizam, complicam, entrelaçam em rede, num *ordo* a que chamamos “rito”. O rito é um agir rigidamente regulado que usa uma multiplicidade de linguagens simbólicas para colocar a comunidade numa esfera que a ultrapassa, porque a transcende. O contacto com tal realidade é uma relação religiosa mais “afetiva”, não lógico-matemática, nem simplesmente causal. O rito envolve também âmbitos vitais: corpo, vida, morte, passagens, saúde-salvação. Colocando-se no centro, distancia-se da vida quotidiana, do tempo e do espaço, porque é sagrado e fonte de uma salvação que se crê, celebra e vive.

Desta consciência nasce a exigência de examinar aquilo que na liturgia é sinal, isto é, linguagem da fé, no que concerne à modalidade verbal ou não verbal desta linguagem. Observe-se que tanto os liturgistas como os estudiosos da linguagem direccionaram as suas pesquisas sobretudo para a linguagem verbal; por outro lado, ultimamente, em ambos os casos, mas sobretudo entre os semiólogos, foi-se acentuando a atenção à linguagem não verbal. Nas próximas páginas procuraremos dar atenção a este novo índice de interesse, tentando assinalar o que nos estudos sobre a linguagem não verbal poderá ser útil para a liturgia.

## 1. As linguagens não verbais

Consideremos alguns aspetos essenciais comuns entre linguagem verbal e não verbal, para assinalar, sucessivamente, a peculiaridade da segunda.

### 1.1. A linguagem verbal e não verbal

Qualquer linguagem é, antes de mais, uma composição estruturalmente organizada de sinais; os sinais, por sua vez, são uma combinação de significantes e significados; os significantes e os significados distinguem-se entre si por determinadas características que tecnicamente são chamadas marcas ou tratados. O estudo de tais marcas ou tratados tornou mais evidente que tanto os significantes como os significados dependem de regras e, mais precisamente, de grupos ou classes às quais pertencem. A variação do grupo ou do âmbito pode modificar o sentido de um termo: o significado do termo /cão/, por exemplo, varia notavelmente se se trata de uma aula de zoologia ou da descrição de uma arma de fogo. Também por este motivo não se deve falar do simples significante ou do simples significado, mas de uma rede de sinais em que os significantes e significados se combinam entre si. Tal combinação chama-se “código”.

Por sua vez, um código pode, para além do que se disse, ser diferente também no que respeita ao material do qual se compõem os seus significantes e os canais através dos quais estes são transmitidos no momento da comunicação. De facto, o código verbal é composto de significantes fonéticos dependentes de uma determinada gramática, cujo canal de transmissão é vocal-auditivo; mas se falarmos de códigos “não verbais”, cujos significantes são coisas, gestos, movimentos, etc., estes comunicam graças à sua visibilidade, ao olfato, ao tato e gosto. Também no caso dos códigos não verbais é importante o âmbito e o contexto em que são utilizados. Assim, o objeto /caveira/, que tem sempre um significado de morte, pode indicar “veneno”, sobre uma garrafa, ou “pirata”, numa bandeira. As razões do contexto valem tanto para a linguagem verbal como para a linguagem não verbal; no entanto, têm muito mais valor para a linguagem não verbal.

## 1.2. As características das linguagens não verbais

Os códigos não verbais, diversos entre eles, têm algumas características em comum<sup>1</sup>:

– *Significantes mais consistentes*. Em primeiro lugar, procedendo de modo negativo, pode-se observar que o canal vocal-auditivo ao qual recorre o código verbal «apresenta dois aspetos importantes: a) a produção do som requer uma reduzida energia física, e b) deixa a maior parte do corpo liberta para outras atividades que, portanto, se podem realizar ao mesmo tempo»<sup>2</sup>. Respetivamente, os códigos não verbais caracterizam-se por uma menor “economicidade” cénica; existe, no entanto, um maior dispêndio de energias no uso dos seus significantes. Pensemos, por exemplo, no código gestual que implica o “ver”, exigente do ponto de vista da qualidade (atenção), e o “movimento”, exigente do ponto de vista da quantidade. Numa palavra, as linguagens não verbais caracterizam-se por um maior emprego do corpo e das suas potencialidades.

– *Significados mais esfumados*. Não apenas na ordem dos significantes, mas também dos significados, há características típicas das linguagens não verbais. Os significados destes últimos são mais esfumados, menos unívocos, comparativamente com os significados das linguagens verbais. Uma sequência de sinais miméticos, uma sinfonia, uma estátua evocam uma pluralidade semântica; cada uma delas é uma «obra aberta» que estimula a interpretação daqueles que escutam ou observam<sup>3</sup>.

– *Maior solidariedade entre significantes e significados*. Esta relação mais esfumada entre significantes e significados no âmbito dos códigos não verbais conjuga-se com o facto de que tais códigos possuem um grau de convencionalidade inferior ao da linguagem verbal. Num país estrangeiro nós dizemos com os gestos aquilo que não conseguimos expressar por

1. Cf. G. BONNACCORSO, *Il rito e l'altro. La liturgia come tempo, linguaggio e azione*, Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2001, 134-137; M. BERNARD, *L'expressivité du corps. Recherche sur les fondaments de la théâtralité*, Paris 1976; F. GIANFRANCESCHI, *Il senso del corpo. Segni, linguaggio, simboli*, Rusconi, Milão 1986.

2. W. H. THORPE, «La comunicazione vocale nell'animale e nell'uomo: un confronto», in *La comunicazione non-verbale*, ed. R. H. HINDE, Laterza, Bari 1974, 46.

3. U. ECO, *Opera aperta*, Bompiani, Milão 1989, 35.

palavras; os significantes e os significados do código gestual são mais solidários entre si do que os vocábulos alemães ou franceses. Não queremos dizer que os sinais gestuais, icônicos, ou outros, sejam mais naturais, mais ligados com as coisas do mundo, mas que os significantes estão mais ligados ao modo mais comum de significar as coisas por parte do homem<sup>4</sup>.

- *Sinais escondidos*. Um fenômeno como aquele a que acenamos acima explica porque é que somos menos conscientes ao usar um código não verbal quando se indica alguma coisa ou se modelam num determinado modo os músculos da face se falamos português ou inglês. O nosso comportamento, ao utilizar o espaço, por exemplo, é um falar do qual, frequentemente, não estamos conscientes; esta “dimensão escondida” das linguagens não verbais é ainda aquela que contribui notavelmente para a construção da cultura em que vivemos. Por isso, um estudioso escreveu: «é essencial que nós aprendamos a compreender as comunicações silenciosas tal como aprendemos as palavras ditas ou impressas»<sup>5</sup>. No que concerne, pelo contrário, à aprendizagem das comunicações silenciosas, é preciso ser precavido. Em alguns casos, provavelmente, a dimensão cénica está “escondida” não por defeito de compreensão mas por exigência do âmbito de utilização. Nem tudo se pode revelar em plena luz, porque nem tudo pode ser reduzido ao campo visual do homem. Com esta última consideração retornamos à importância do contexto no qual comparece a linguagem verbal ou não verbal. E porque o contexto é constituído por diversos tipos de sinais que entram contemporaneamente no jogo de uma determinada comunicação, torna-se necessário um estudo das diversas linguagens e seu recíproco interagir. Um caso típico, neste sentido, é o contexto litúrgico, compreendido como lugar de confluência das diversas linguagens, como também um âmbito específico da cultura e da vivência humanas. Não querendo insistir longamente nesta abordagem preliminar,

4. «Se o sinal é icónico tem uma propriedade comum com alguma coisa; não a tem com o objeto, mas com o modelo percetivo do objeto» U. Eco, *La struttura assente*, Bompiani, Milão 1989, 121.

5. E. HALL, *La dimensione nascosta*, Bompiani, Milão 1988, 13-14.

procuraremos agora evidenciar o quanto de similar existe entre a comunicação litúrgica e a peculiaridade das linguagens não verbais.

## 2. Os principais códigos não verbais da liturgia

A classificação das linguagens não verbais pode ser estabelecida segundo diversas perspetivas e de modo mais ou menos detalhado. Um dos elencos mais completos e sistemáticos é aquele que nos é fornecido por J. Schermann<sup>6</sup>, o qual distingue dois grandes grupos. No primeiro grupo, que concerne ao espaço e ao tempo, encontramos os seguintes códigos:

- «local» e «topográfico»: respetivamente, os elementos arquitetónicos (templo, altar...) e os pontos de orientação (dentro e fora, sobre e por baixo de, à esquerda e à direita);
- «odológico»: o espaço como lugar do movimento, do caminhar (o percurso de ingresso e de saída da celebração, as procissões...);
- «proxémico»: as relações de proximidade ou de afastamento entre os participantes na celebração (por ex., nas celebrações penitenciais ou eucarísticas);
- «temporal»: a divisão litúrgica do tempo e as suas relações com a dimensão histórica de salvação.

No segundo grupo, que concerne ao aspeto pessoal, acústico, visual e outros, encontramos, para além da linguagem verbal da qual não nos ocupamos, os seguintes códigos:

- «pessoal» e «social»: a assembleia celebrante e os ministérios que nela se desempenham; esse, obviamente, é um código sempre presente na liturgia;

6. J. SCHERMANN, *Il Linguaggio nella liturgia. I segni di un incontro*, Cittadella, Assis 2004, 109-127.

- «musical»: a música e o canto, que envolvem os códigos acústico e vocal mas não verbal;
- «cénico»: as posições, os movimentos do corpo, os gestos e os elementos mímicos, uma riqueza da liturgia;
- «tátil»: os sinais baseados no tocar (como o abraço da paz, o sinal da cruz com o óleo na fronte);
- «ótico»: os sinais luminosos (o jogo luz/escuro na noite de Páscoa) e as cores (por exemplo, dos paramentos);
- «icónico»: tudo o que na liturgia tem valor representativo (como os quadros, os frescos, as imagens, mas também o cálice, a patena e o crucifixo);
- «olfativo»: os poucos sinais que envolvem o odor (como o incenso);
- «gustativo»: o comer e o beber (na celebração eucarística).

A presente classificação poderia sofrer algumas modificações à luz de algumas precisões estritamente semióticas. Por exemplo, os códigos tátil, olfativo e gustativo podem pertencer ao mais amplo código cénico; códigos espaciais, como o local, o topográfico e o odológico, poderiam ser reconduzidos aos códigos cénico e proxémico, dado que qualquer organização, estática ou dinâmica, do espaço é sempre fruto das distâncias e orientações (proxémica) ou das sequências de gestos e movimentos (cénica). Pensemos ainda no código icónico que atravessa muitos dos outros códigos, e o código ótico que, como os outros que estão ligados aos sentidos (gustativo e olfativo, etc.) não deveriam ser considerados isoladamente (eu “vejo” também os movimentos e o comer dos outros). Interessa-nos, pois, reconsiderar a classificação apresentada acima, à luz das características especificamente litúrgicas.

### 3. Os sacramentos como sensibilidade difusa

7. Cf. R. GUARDINI, «La funzione della sensibilità nella conoscenza religiosa», in *Scritti filosofici II*, Fabbri, Milão 1964, 137-190.

Num texto dedicado à importância da sensibilidade na experiência religiosa, R. Guardini<sup>7</sup> consagrou muito espaço à liturgia compreendida como lugar da epifania divina. A liturgia, justamente através do *exercício da sensibilidade*, desvela ao homem o mistério divino presente nos acontecimentos histórico-salvíficos. Poder-se-á acrescentar ainda mais, isto é, que a *sensibilidade*, por causa das suas características peculiares, estabelece uma relação profunda com Deus porque possibilita ao homem a *transcendência*. O ponto fulcral é constituído pelo *corpo*, como lugar imprescindível da sensibilidade. Os sacramentos, enquanto celebração litúrgica, pressupõem e organizam as dinâmicas corpóreas, os elementos naturais e as relações com os outros, impregnando-os de uma sensibilidade difusa que impede o homem de permanecer na imanência, ou seja, naquilo que denominamos o oposto da religião em geral e da fé cristã em particular.

#### 3.1. O corpo e o sacramento

8. G. MAZZOCHI, «Il corpo e la liturgia», in *Liturgia e incarnazione*, ed. A. N. Terrin, Messaggero, Pádua 1997, 287-315.

9. Cf. Y. LEDURE, *Transcendenze. Saggi su Dio e il Corpo*, Dehoniane, Bolonha 1991, 59-68.

A questão central é, portanto, a seguinte: o *corpo* é a cifra/síntese (antropológica) da *transcendência*, e a liturgia estabelece uma ligação preciosa ao mistério divino graças à sua dimensão corpórea<sup>8</sup>. Contra uma aparente oposição entre a moderna reavaliação do corpo e a antiga exigência da religião<sup>9</sup>, vai-se descobrindo cada vez mais a importância que o corpo tem para a transcendência. Não é, obviamente, o corpo como “coisa” aquilo a que nos referimos, mas aquela dimensão somática que empurra o homem para além dos limites da própria interioridade, para além dos limites daquilo

que possuí na clareza das próprias ideias. Nesta ótica, o corpo é a possibilidade concedida ao homem para se abrir ao outro, à transcendência, porque não é uma coisa mas um modo de ser que proíbe o seu encerramento e a sua autossuficiência. A corporeidade é importante por este seu “transbordar” no que concerne aos limites impostos pela razão. A “medida” que a razão impõe à vida quotidiana e ao próprio corpo não contém nem pode conter a *desmedida* da fé e da graça.

Por este motivo, a liturgia, na qual “se encontram” os sacramentos, recorre a gestos, objetos, sons, imagens, cores. Tal como a arte, a liturgia organiza essas formas sensíveis e expressivas numa “obra”, a que chamamos “rito”, na convicção de que o *conteúdo* religioso, tal como o estético, não é separável da *forma*. Não admira que alguns antropólogos (por exemplo, Durkheim) tenham reconhecido na arte e no rito dois «meios complementares»<sup>10</sup>. A peculiaridade do rito consiste no organizar das diversas formas sensíveis em lugares e tempos que diferem da vida ordinária, para melhor poder exprimir a transcendência da realidade sagrada. Recorrendo ao corpo que não se deixa objetivar e medir, assim como à desmedida que caracteriza os desejos e as paixões do corpo, o rito cria os espaços do culto e os dias de festa. Se na liturgia existem regras, é para impedir que os desejos e as paixões se percam em mil viravoltas e possam orientar-se numa escada em direção ao cume da montanha.

A «formação litúrgica» de que falava o já citado R. Guardini, e que constitui uma constante preocupação da Igreja, deveria marcar, fundamentalmente, a tal «forma litúrgica», ou seja, a configuração ritual da sensibilidade. Indubitavelmente, a preocupação com a formação litúrgica e sacramental diz respeito também aos conteúdos; mas se estes conteúdos anunciam os acontecimentos histórico-salvíficos que culminam na Páscoa de Cristo, o próprio Cristo pré-anuncia-se no som da voz e da música, no sabor do pão, no perfume das

10. Cf. R. LAYTON, *Antropologia dell'arte*, Feltrinelli, Milão 1983, 111.

flores, no contacto das mãos. O “corpo ativo”, isto é, o corpo que percebe, sente, age, não é, portanto, a ocasião do sacramento, mas o seu elemento constitutivo.

Deste modo, a estreita relação entre forma sensível e conteúdo teológico do sacramento aparece especialmente na celebração eucarística, na qual o “corpo” conjuga a ação de comer (corpo que se nutre) com a presença de Cristo (corpo que nutre). A forma sensível, expressa pelo rito da ceia, e o conteúdo teológico pertencem ao mesmo âmbito, expresso pelo dom do Senhor. A eucaristia é o mistério de um corpo presente ao corpo, de Cristo presente ao homem. No momento em que se consuma a ceia-sacrifício, conjugam-se forma e conteúdo, refeição e dom, e realiza-se a comunhão entre Deus e a sua criatura.

## **4. Experiência da Presença de Cristo à luz da natureza simbólica da liturgia**

Para uma adequada compreensão da relação entre o homem e o culto é necessário explicar o que é próprio da ritualidade cristã e o que a distingue de qualquer outro rito e de qualquer outra simbolização ou vice-versa. Do mesmo modo, devemos enfrentar o problema do fundamento de uma autêntica ritualidade cristã e de uma simbólica litúrgico-sacramental.

Ora, a liturgia cristã é inteiramente simbólica e ritual, mas o que essencialmente explica a sua referência é a Presença de Cristo, que constitui o verdadeiro «Mistério» do culto cristão<sup>11</sup>. Os símbolos simbolizam essa Presença, atuam-na e colocam-na na esfera do sensível. Entre simbolização

11. Cf. O. CASEL, *Il mistero del culto Cristiano*, Borla, Turim 1966.

e ritualização, entre significar a Presença e estar em Presença, existe, no culto cristão, uma ligação profunda que pode ser teoricamente especificada mas que efetivamente constitui uma mesma realidade.

Com efeito, a fé cristã, fundada sobre o evento da Páscoa de Cristo e reconhecendo em tal acontecimento o que dá sentido ao mundo e à história, encontra na celebração litúrgica o modo fundamental do seu dizer (linguagem) e do seu dar-se (ação). A fé existe como celebração, conjuntamente evento e símbolo, porque na atuação do Mistério de Cristo torna presente o acontecimento que se acredita na comunidade eclesial.

Situado em relação com Deus, garantia do realismo do símbolo, o homem cristão coloca-se no horizonte da revelação, mediada pelo complexo simbólico-ritual litúrgico que é linguagem e ação, para alcançar a sua verdadeira essência: criatura à «imagem e semelhança de Deus» (*Gn* 1,26). Na forma do rito litúrgico é dada ao homem a possibilidade de viver a sua verdadeira imagem. O rito revela-a, desvelando a comunhão humano-divina. É a epifania daquilo que se crê e a epifania da Presença. O culto cristão está, naturalmente, para além da esfera antropológica, mas não fora do âmbito antropológico, porque é a partir deste que o culto cristão tem sentido. A celebração assume uma forma através da qual se faz a experiência de salvação como sentido profundo do viver cristão. A celebração está na origem da fé e encontra nela o seu verdadeiro reconhecimento, porque brota do consentimento livre do homem.

Nesta ordem de ideias, e mediante os sacramentos, o cristão é corporalmente enxertado no mistério da Aliança divino-humana. Mediante o batismo, o sujeito torna-se corporalmente membro do povo da Nova Aliança; pela eucaristia, recebe corporalmente o pão e o vinho da “nova e eterna Aliança”. Esta Aliança não lhe é exterior. Membro

da Igreja, ele vive-a no mais íntimo de si mesmo, até à sua própria corporeidade. A eucaristia é, portanto, o momento e o lugar no qual cada cristão compreende o que é realmente. Mas esta “compreensão” passa através da estética e da poética da celebração sacramental, na qual a forma antropológica do celebrar e a substância teológica da celebração, graças à dinâmica simbólica, entram numa fusão singular.

Por conseguinte, na liturgia, tudo o que é humano é assumido pelo divino, santificado, sob a forma de Presença. Por outro lado, tudo o que é divino é recebido pelo homem sob a forma sacramental do seu viver. Por este motivo, a existência cristã tem uma fundamental dimensão sacramental que constitui o âmago da sua identidade mais profunda.

Mediante estes pressupostos, apresenta-se mais clara a conceção rahneriana<sup>12</sup> do símbolo, através do qual o ente, sendo substancialmente simbólico, reencontra a unidade de si mesmo quando se exprime. A liturgia realiza essa vocação inata para a transcendência através das formas não verbais e graças ao sentido teológico que lhe é oferecido pelo rito, através do qual reencontra a sua identidade crente. Naturalmente, essa transcendência não é relativa apenas aos símbolos e ritos, mas diz respeito à comunidade, ao tempo litúrgico que torna presente o tempo histórico, etc.

A celebração litúrgica, ao nível da linguagem, recorre também ao uso simbólico do gesto, da palavra e da imagem; ao nível da ação, recorre ao rito, que a situa e articula em referência ao acontecimento fundador e medeia a experiência religiosa através da corporeidade vivente. Aqui se inaugura um círculo comunicativo caracterizado por um contínuo incremento de sentido fundado pela vivência da fé e que se confirma sempre mais como reconhecimento do projeto divino que marca o seu início.

Mas a questão sobre a relação entre antropologia e liturgia remete para a relação entre antropológico e cristológico.

12. K. RAHNER, «Sulla teologia del simbolo», in *Saggi sui sacramenti e sulla escatologia*, Paulinas, Roma 1965, 51-107.

Trata-se da relação fundamental Cristo-homem posta em prática pelo rito na sua apropriação crente, que é precisamente o sacramento.

Se observarmos mais concretamente como a fé se relaciona com o rito litúrgico, é fácil notar que a fé se exprime na simbólica da liturgia e é oferecida-recebida pela simbólica sacramental da liturgia. Pertence à mesma área semântica do comer e do beber, do agir e do contemplar na liturgia. Resta o facto de que para aceder à compreensão da fé é preciso entrar no horizonte global do sentido do celebrar, isto é, daquele ver, ouvir e tocar que constituem a mediação e percepção do sentido teológico. A liturgia vive da imediatez da Presença de Cristo, vive da relação com a Revelação, mas também se realiza na relação imediata com aqueles que a celebram.

## Conclusão

«Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10). O encontro entre o invisível mistério divino que se revela («Eu vim») e a percepção humana («para que tenham vida») é mediado pela linguagem do anúncio e pelos sinais da comunhão. O princípio paradigmático da celebração cristã, a permuta-dom, coloca-se fundamentalmente sobre a mesma linha; além disso, constitui a possibilidade de abrir a semiótica dos códigos litúrgicos àquela linguagem simbólica que consente a conciliação entre o sinal e a experiência.

De modo particular nos códigos não verbais, aquela abertura é favorecida pela riqueza do “gesto”, que é simultaneamente linguagem e ação, modo de dizer (nos sinais) e modo de fazer (experiência).

Tudo isto exige que se mantenha firme o primado das duas coordenadas semióticas do gesto: o código pessoal-social,

por um lado, e os códigos cénico e proxémico, por outro. Obviamente, permanece ainda alguma coisa escondida nas linguagens litúrgicas não verbais; não escondida atrás das coisas, mas por detrás das pessoas e dos seus gestos, atrás do simples ato de “dar a paz” entre si.

Por fim, recordemos o segundo ponto da *Sacrosanctum Concilium*:

«A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, “se opera o fruto da nossa Redenção”, contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina» (SC 2).

Aquilo que emerge deste texto não é a existência de uma das duas partes em jogo, mas a realidade do seu encontro sem que nenhuma das duas perca a sua identidade, isto é, aquilo que a faz diferente da outra. Já que se fala de comunidade, é legítimo estender também aquele encontro e aquela polaridade à relação entre os diversos membros da Igreja. O “sentir o outro” do sacramento não consiste apenas no jogo entre visível e invisível, entre homem e Deus, mas também entre eu e tu, isto é, entre os diversos cristãos. É sobre esta última alteridade, de resto, que se funda a ministerialidade da Igreja.

Em conclusão, parece-nos bem manter a relação entre comunidade, sensibilidade e sacramento no plano que lhe compete, e não apenas numa boa especulação filosófico-teológica, talvez de tipo personalista, mas antes na experiência do rito. O sacramento não é ocasião para falar da sensibilidade, é sensibilidade; e a sensibilidade não está nos textos, mas nas ações, mais especificamente, nas ações litúrgicas. Não se trata

de “dizer o corpo” com a mente do crente em Deus; trata-se antes de dizer Deus com o corpo, de acreditar com os sentidos, de pensar com as ações. O sacramento é exatamente isto: sentir Deus para poder nele acreditar.



# A QUINTA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA, A 13 DE SETEMBRO DE 1917

— Luciano Cristino

Segundo a promessa que fez, na aparição de 19 de agosto de 1917<sup>1</sup>, Nossa Senhora voltou a aparecer na Cova da Iria, a 13 de setembro, pela quinta vez.

Dois dias depois, a 15, Lúcia disse ao pároco de Fátima que «no dia 13, viu a mesma mulher, vestida de branco, que lhe pareceu ser a mesma que viu, das outras vezes; [...] diz que viu um relâmpago, depois viu aquela mulher, a chegar à carrasqueira, e diz que perguntou:

– O que é que Vossemecê quer?

– *Quero dizer-te que continues a rezar sempre o terço à Senhora do Rosário, que abrande Ela a guerra; que a guerra está para acabar; para o último dia, há-de vir S. José dar a paz ao mundo, e Nosso Senhor dar a bênção ao povo; que venhas cá para o dia 13 de outubro.*

– Está aqui este menino que é mudo e mouco<sup>2</sup>, se Vossemecê o melhorar.

– *Daqui a um ano se acharia com algumas melhoras.*

– Tinha aqui muitos pedidos, uns para os converter e outros para os melhorar.

1. Luciano Cristino – *Quarta aparição de Nossa Senhora nos Valinhos a 19 de agosto de 1917*, em: *Santificados em Cristo: Itinerário temático do Centenário das Aparições – 5.º ciclo*, Fátima: Santuário de Fátima, 2014, p. 56-60.

2. No Doc. 31, de 6 de agosto de 1918, diz-se: «Está aqui esta *menina que é muda e mouca*, se Vossemecê a melhorar!» (DCF 1, Doc. 31, de 6 de agosto de 1918, 1.ª ed., p. 265; 2.ª ed., p. 255). Na transcrição dos documentos, atualizamos a ortografia.

3. No documento de 1918, o pároco identifica quem entregou à Lúcia as «duas cartas e um vidro – pequeno frasco – com água de cheiro, que lhe foram apresentadas por um homem da freguesia do Olival» (DCF 1, doc. 31, de 6 de agosto de 1918, p. 265).

4. DCF 1, Doc. 5, de 15 de setembro de 1917, 1.ª ed., p. 21 e 22; 2.ª ed., p. 40-41.

5. Da história global das aparições, conclui-se que Lúcia pediu, pela primeira vez, em julho, que Nossa Senhora fizesse um milagre. O mesmo pedido foi repetido em agosto e em setembro (cf. DCF 1, Doc. 11, de 11 de outubro de 1917, 1.ª ed., p. 87, nota 62; 2.ª ed., p. 101, nota 63).

6. DCF 1, Doc. 17, de 2 de novembro de 1917, 1.ª ed., p. 170 e 174; 2.ª ed., p. 173 e 177.

7. DCF 3-1, Doc. 211, de 27 de outubro de 1917, p. 504-505.

E a Senhora lhe respondeu:

– *Melhor alguns, outros não, porque Nosso Senhor não quer crer neles.*

– O povo muito gostava aqui duma capelinha.

– *Metade do dinheiro que juntaram até hoje, façam os andores e dêem-nos à Senhora do Rosário; a outra metade seja para ajuda da capelinha.*

Ofereci-lhe duas cartas e um vidro com água de cheiro<sup>3</sup>.

– Deram-me isto, se Vossemecê os quer.

– *Isso não é conveniente lá para o Céu*<sup>4</sup>.

A 11 de outubro, antes da última aparição, e no dia 2 de novembro, também o Dr. Manuel Nunes Formigão ouviu as videntes Lúcia e Jacinta sobre o milagre prometido. Lúcia, na primeira data, respondeu que «só uma vez é que perguntou, da última vez»<sup>5</sup>. Na segunda data, perguntou o que Nossa Senhora tinha dito, na aparição de setembro, tendo as duas videntes respondido que não se recordavam. Mas a Lúcia acrescentou: «Talvez fosse nesse dia, que [Nossa Senhora] disse que, *em 13 de outubro, havia de vir S. José com o Menino e Nosso Senhor, dar a bênção ao povo, e Nossa Senhora do Rosário com um anjinho de cada lado, e Nossa Senhora das Dores com um arco de flores*»<sup>6</sup>.

O jornal “A Ordem”, do Porto, publicou uma carta de Maria da Conceição Parente, de Alcobaça, datada de 16 de outubro, sobre as aparições: sobre o dia 13 de setembro, escreveu: «das 12 para a 1, hora antiga, estando um dia formosíssimo de sol ardente, a temperatura havia de repente baixado, dando-se um pequeno eclipse naquele astro. Havia pessoas que diziam ter visto nuvens cor-de-rosa, aqui e ali»<sup>7</sup>. É o primeiro documento em que se referem fenómenos extraordinários, nesse dia 13.

O Dr. Luís António Vieira Vasconcelos escreveu um depoimento, a 30 de dezembro de 1917: [13 de outubro], «voltei para cima, para a estrada, e aproximei-me do Snr. José Rino

e de sua esposa que estavam junto da sua “limousine”, conversando com várias pessoas. Foi então que estes meus bons amigos que, desde criança, me conhecem, pediram a minha opinião que lhes manifestei, pela forma que anteriormente expus<sup>8</sup>. Mostraram-se quase indignados e disseram-me “que, para eles, não restava a menor dúvida de que se tratava de um milagre, pois que eles, já anteriormente, no dia 13 de setembro último, ali tinham estado e tinham presenciado, no sol, extraordinários fenómenos luminosos, precisamente à hora indicada pelas pastorinhas”<sup>9</sup>.

Manuel Gonçalves Júnior, segunda testemunha do inquérito paroquial, fez um depoimento, recolhido pelo pároco de Fátima, a 31 de dezembro de 1918: «Declarou, outrossim, que também no dia 13 de setembro do mesmo ano: “na ocasião, passava, sobre a carrasqueira, um-não-sei-quê de extraordinário, parecendo flores brancas, e que outras pessoas também notaram tal fenómeno, dizendo serem estrelas”». O pároco interrompe para escrever: «Aqui, aproveito a ocasião de dizer que, neste mesmo dia treze [de setembro de 1917], por cerca das três horas da tarde, veio a minha casa, residência paroquial, o Reverendíssimo Dr. António Maria de Figueiredo, meritíssimo professor no Seminário Patriarcal em Santarém, e declarou-me que viu estrelas numa região inferior à região estelar, e que veio a minha casa, de propósito, para me fazer tal declaração»<sup>10</sup>.

No relatório final do pároco de Fátima, datado de 6 de agosto de 1918, refere os depoimentos dos videntes Lúcia, Jacinta e Francisco, em que reproduz os apontamentos que tinha tomado, ao longo dos meses, de maio a outubro de 1917<sup>11</sup>.

No seu primeiro escrito autógrafo sobre as aparições, datado de 5 de janeiro de 1922, intitulado “Acontecimentos de Fátima”, Lúcia escreve também sobre a aparição de 13 de setembro de 1917, praticamente com os mesmos termos em que se pronunciou, no dia 15 desse mês e ano, acrescentando

8. «A todas respondi, sorrindo incredulamente, que tudo era uma ‘blague’. Que como católico, me não repugnava acreditar na possibilidade de um milagre, mas que, por isso mesmo que era católico, é que não acreditava, enquanto esse milagre se não operasse por uma forma evidente, inconfundível. Que o próprio clero do concelho duvidava também, segundo me constava» (DCF 1, Doc. 28, de 30 de dezembro de 1917, 1.ª ed., p. 230; 2.ª ed., p. 224).

9. DCF 1, Doc. 28, de 30 de dezembro 1917, 1.ª ed., p. 231; 2.ª ed., p. 225.

10. DCF 1, Doc. 33, de 31 de dezembro de 1918, 1.ª ed., p. 278-279; 2.ª ed., p. 266.

11. Cf. DCF 1, Doc. 31, de 6 de agosto de 1918, 1.ª ed., p. 264-265; 2.ª ed., p. 254-255.

12. Cf. nota 18.

13. DCF 3-3, Doc. 685, de 5 de janeiro de 1922, p. 268-269.

14. DCF 4-1, Doc. 96, de 5 de junho de 1922, p. 258-262; DCF – Seleção de documentos (1917-1930), Doc. 70, p. 247-250.

15. DCF 2, Doc. 4, de 28 de setembro de 1923, p. 68.

16. DCF 2, Doc. 4, de 28 de setembro de 1923, p. 82.

17. DCF 2, Doc. 4, de 28 de setembro de 1923, p. 108.

um pormenor: «*No último mês, farei um sinal no sol*<sup>12</sup>, *para que acreditem*». [...] Se me disse mais coisas, neste mês, não me lembro»<sup>13</sup>.

O Dr. Gonçalo Xavier de Almeida Garrett, doutor em Matemática e lente substituto na Faculdade de Coimbra, começou a interessar-se, em 1917, pelas aparições e pelos fenómenos extraordinários, observados desde maio a outubro de 1917. Em 1922, publicou um opúsculo, intitulado *A miraculosa nuvem de fumo*, em que analisa este fenómeno, verificado, durante as aparições, junto da azinheira<sup>14</sup>.

No dia 28 de setembro de 1923, a Comissão Diocesana ouviu os depoimentos de várias pessoas, sobre os acontecimentos de 1917. Eis o que disseram algumas dessas pessoas sobre a aparição de 13 de setembro desse ano:

Manuel Pedro Marto: «Em treze de setembro, foi também à Cova da Iria. [...] Ouviu dizer às crianças que *Nossa Senhora havia de dizer, em Outubro, o que é que queria, e havia de fazer um milagre para que todo o povo acreditasse*»<sup>15</sup>.

Olímpia de Jesus: «Em treze de setembro, depois de as crianças partirem para a Cova da Iria, foi chamar a cunhada [Maria Rosa], para irem ambas, em segredo, isto é, de maneira que ninguém as visse. Quando o povo gritou que via sinais, não perceberam o que ele dizia, mas pareceu-lhes ver um fumozinho subir do meio do povo, ao pé da azinheira»<sup>16</sup>.

Maria dos Santos ou Maria Carreira: «Quando as crianças voltaram à Cova da Iria, disse-lhes que perguntassem à Senhora o que havia de fazer ao dinheiro. [...] Muitas pessoas ficaram com pena de que o dinheiro não se aplicasse em alguma coisa, a fazer no local, e disseram à Lúcia que pedisse autorização, que *a Senhora deu, em treze de setembro, com a condição de darem metade do dinheiro existente para a Senhora do Rosário da Fátima*. Reuniu-se a quantia de treze mil quinhentos e quarenta, em treze de setembro. E cumpriu-se o que a Senhora ordenou»<sup>17</sup>.

A 8 de julho de 1924, aquando do interrogatório oficial, na cidade do Porto, Lúcia retomou o que tinha dito ao pároco de Fátima, a 15 de setembro de 1917, e no escrito, a 5 de janeiro de 1922, sobre a aparição de setembro, repetindo a afirmação: «Ela disse que, no último mês, fazia um sinal *no sol*<sup>18</sup>, que todos haviam de acreditar». «E no mês de setembro não aconteceu mais nada? Respondeu: – Pedi outra vez que fizesse um milagre para o povo acreditar, porque diziam que eu era uma intrujona, que devia ser enforcada e queimada. A Senhora deu-me a mesma resposta da outra vez»<sup>19</sup>.

Na Segunda Memória, terminada a 21 de novembro de 1937, a Irmã Lúcia escreveu sobre a aparição de setembro: «Em este dia, a Santíssima Virgem, depois do que já tenho narrado, disse-nos: *Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia*. Escusado será dizer que obedecemos pontualmente às Suas ordens»<sup>20</sup>; a primeira vez que, passados 20 anos, se fala da corda.

Na Quarta Memória, terminada a 18 de dezembro de 1941: «Dia 13 de Setembro de 1917 [...] Começámos a rezar o terço com o povo. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e a seguir Nossa Senhora sobre a azinheira. *Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra. Em Outubro, virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo*. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer *que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia [...]*»<sup>21</sup>.

O Dr. Joseph Goulven, residente em Marrocos, obteve da Irmã Lúcia, a 30 de junho de 1946, as seguintes respostas sobre a aparição de setembro:

«Nossa Senhora disse que não curaria alguns, porque o Senhor “não tinha confiança neles”; ou, ao contrário, recusou simplesmente, sem dar explicações?». A Irmã Lúcia respondeu: «Não me lembro de Nossa Senhora ter dito isso».

18. O Padre José Pedro da Silva interrogou a Irmã Lúcia, em 1947, sobre este pormenor do sol (o sacerdote não conheceu o escrito de 5 de janeiro de 1922): «A Irmã, no interrogatório oficial, declara que Nossa Senhora, nos Valinhos, tinha dito que havia de fazer um milagre *no sol*... Tem a certeza de que Nossa Senhora disse: *no sol*? Nenhum documento mais antigo diz que fosse no sol». A Irmã Lúcia respondeu: «Conservo uma vaga ideia» (Sebastião Martins dos Reis, “D. José Pedro da Silva e o seu interrogatório sobre Fátima”, em: *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Braga: Editorial Franciscana, 1970, p. 62).

19. DCF 2, Doc. 8, de 8 de julho de 1924, p. 143-144 (redação em primeira pessoa). Cf. Doc. 7, p. 131-132 (redação em terceira pessoa).

20. *Memórias da Irmã Lúcia*, II, II, 13. Dada a diversidade de edições das *Memórias da Irmã Lúcia*, citamos a Memória com número ordinal, a parte também com ordinal e o capítulo com algarismo.

21. *Memórias da Irmã Lúcia*, IV, II, 7. A Irmã Lúcia, além do que conta da corda, nas palavras de Nossa Senhora, refere-se ao achamento da corda (*Memórias*, II, II, 12), à entrega, pelo Francisco e pela Jacinta, dos pedaços da corda, antes de morrerem (II, III, 7), e de os ter queimado, antes de ter saído de Aljustrel, em 1921 (II, III, 7).

22. Interrogatório do Dr. Goulven, em: Sebastião Martins dos Reis, *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Braga: Editorial Franciscana, 1970, p. 45. A tradução portuguesa do original francês das perguntas é do Dr. Reis.

«A Irmã Lúcia viu flores brancas ou flocos de neve a cair durante a Aparição? – Não vi».

«Nesta Aparição, Lúcia disse que o povo desejava uma capela? – Não me lembro de ter dito isso»<sup>22</sup>.

Nos relatos antigos e mais recentes, as testemunhas afirmam, frequentemente, a queda de flores brancas do céu, que se desvaneciam, logo que chegavam ao chão, naquele dia 13 de setembro de 1917.

O Dr. Sebastião Martins dos Reis estudou os diversos fenómenos extraordinários que se verificaram nas aparições de Fátima, nomeadamente a 13 de setembro de 1917: «globo luminoso, deslizando, até se poisar na carrasqueira»; «chuva de rosas brancas», etc.:

«Oiçamos uma testemunha ocular: “Pusemo-nos a caminho do local das Aparições... Ao meio-dia em ponto, o sol começou a perder o brilho... Não houve quem não notasse este facto que, desde maio precedente, se repetia sempre, no dia 13 de cada mês, à mesma hora”. Outra testemunha acrescenta que se podiam ver a lua e as estrelas do firmamento! [...] Demos a palavra a outro testemunho ocular, o Revmo. Vigário Geral de Leiria [João Francisco Quaresma, 1873-1957], que aí se encontrava com um seu amigo: “No céu azul, nem uma nuvem. Levanto também os olhos, e ponho-me, literalmente, a esquadriñar o espaço... Com grande admiração minha, vejo, clara e distintamente, um globo luminoso que se movia do nascente para o poente, deslizando, lento e majestoso, através do espaço... De repente, o globo, com sua luz extraordinária, sumiu-se aos nossos olhos. Perto de nós, estava uma pequenita vestida como a Lúcia e, pouco mais ou menos, da mesma idade. Cheia de alegria, continuava a gritar: ainda a vejo... ainda a vejo... agora desce para baixo! Passados minutos, exactamente o tempo que costumavam durar as Aparições, começou a criança de novo, a excluir, apontando para o céu:

lá sobe ela, outra vez, e continuou, seguindo o globo com os olhos, até que desapareceu na direcção do sol... Sentíamo-nos deveras felizes. Com quanto entusiasmo ia o meu colega, de grupo em grupo, na Cova da Iria e, depois, pela estrada fora, informando-se do que tinham visto! As pessoas interrogadas eram das mais diversas classes sociais; todas, à uma, afirmavam a realidade dos fenómenos, que nós próprios havíamos presenciado”. Depois de tão autorizado testemunho, escrito em carta, podemos ficar certos da verdade histórica dos factos, por que nos orientamos»<sup>23</sup>.

Chuva de rosas brancas: «Segundo o testemunho e na presença de trinta mil pessoas, a 13 de setembro do mesmo ano [1917], caiu uma nevada de rosas brancas sobre a Cova da Iria. Que se saiba, nunca se viu tal espectáculo! As minúsculas pétalas brancas desciam muito lentamente para o solo, acompanhadas por um feixe de luz misteriosa, vinda do alto. Eram, portanto, bem visíveis, a ponto de se identificarem como rosas, e não como flocos de neve. Muitos, da multidão, quiseram, embora em vão, agarrar as pequenas rosas, que se esvaíam, como por encanto»<sup>24</sup>.

O autor aduz mais algumas pessoas que presenciaram esses fenómenos, entre as quais, o pároco de Santa Catarina da Serra, no dia 13 de setembro de 1917: «um pouco afastado sobre uma pequena elevação, observava a multidão, viu esta chuva de rosas. Ficou tão maravilhado que, esquecendo que a autoridade eclesiástica ordenara que se mantivesse alheio ao caso, também começou a entoar o rosário!...»<sup>25</sup>.

A Irmã Lúcia, no 14.º apelo, subordinado ao título “apelo à perseverança no bem”, nos seus *Apelos da Mensagem de Fátima*, livro editado no ano de 2000, cita a mensagem do dia 13 de setembro de 1917 e desenvolve o tema «Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra». E sublinha:

23. Sebastião Martins dos Reis, *Fátima: As suas provas e os seus problemas*, Lisboa: Oficinas de S. José, 1953, p. 191-192.

24. *Ob. cit.*, p. 197.

25. *Ob. cit.*, p. 200. O autor debate este assunto na obra agora citada e em: *Singularidades astronómicas e atmosféricas, nas aparições de Lourdes e de Fátima*, em: *Na órbita de Fátima: Rectificações e achegas*, Évora, 1959, p. 67-105.

«A Mensagem pede que continuemos a rezar o Terço, que é a fórmula de oração que está mais ao alcance de todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, sábios e ignorantes; todas as pessoas de boa vontade podem diariamente rezar o seu Terço. [...] Por certo que, no momento, a Mensagem referiu-se à guerra mundial que então affligia a humanidade. Mas esta guerra é também o símbolo de muitas outras guerras que nos cercam e das quais precisamos de conseguir o fim, com a oração e o nosso sacrificio. Penso nas guerras que nos movem os inimigos da nossa salvação eterna: o Demónio, o mundo e a nossa própria natureza carnal. [...] “Continuai a rezar, para alcançar a paz”, que é o fruto da vitória conseguida sobre todas as tentações que nos arrastam pelos caminhos opostos à Lei de Deus. Jesus Cristo é claro: “Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos Céus” (Mt 7,21). Por isso, nos diz a Mensagem: *Continuai a rezar o Terço para alcançar o fim da guerra*»<sup>26</sup>.

26. Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, *Apelos da Mensagem de Fátima*, Coimbra: Carmelo de Coimbra, 2000, p. 143 e 150.





# O MEU ESPÍRITO ALEGRA-SE EM DEUS, MEU SALVADOR

— João Fernandes

## Cristo, “Verbo da Vida”

«O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos apalparam acerca do Verbo da vida – porque a vida manifestou-se, nós vimo-la, damos testemunho dela e vos anunciamos esta vida eterna que estava no Pai e que nos foi manifestada –, o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco» (1Jo 1,1-3).

Cristo, “Verbo da Vida”, anuncia e comunica a vida divina e eterna. Ao apóstolo Tomé, Jesus apresentou-se, afirmando: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6). E a Marta, irmã de Lázaro, disse: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim, não morrerá jamais» (Jo 11,25-26). Jesus

é o Filho que, desde toda a eternidade, recebe a vida do Pai (cf. Jo 5,26) e veio para nos tornar participantes deste dom: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância» (Jo 10,10). A revelação plena desse dom acontece aquando da Sua doação total na Cruz, que se torna fonte de vida nova para todos os homens (cf. Jo 12,32). Na verdade, na árvore da Cruz – qual árvore gloriosa –, na qual se contempla Aquele que foi trespassado e que atrai todos a Si (cf. Jo 19,37; 12,32), admira-se Aquele que se fez em tudo obediente ao Pai, e que tendo «amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (Jo 13,1), manifestando esse amor maior que dá a sua vida pelos amigos (cf. Jo 15,13). Da Cruz, fonte de vida, nasce a humanidade nova, constituída como povo da nova aliança, como povo da vida e para a vida. Observando deste modo este mistério de graça, assim expressava São João Paulo II, no número 79 da encíclica *Evangelium Vitae*: «Somos o povo da vida, porque Deus, no seu amor generoso, deu-nos o Evangelho da vida e, por este mesmo Evangelho, fomos transformados e salvos. Fomos reconquistados pelo “Príncipe da vida” (Act 3,15), com o preço do seu sangue precioso (cf. 1Cor 6,20; 7,23; 1Ped 1,19), e, pelo banho baptismal, fomos enxertados n’Ele (cf. Rm 6,4-5; Col 2,12) como ramos que recebem seiva e fecundidade da única árvore (cf. Jo 15,5). Interiormente renovados pela graça do Espírito, “Senhor que dá a vida”, tornámo-nos um povo pela vida, e como tal somos chamados a comportar-nos».

## Maria, Mãe dos discípulos do Vivente

Em estreita relação com o Evangelho da Vida, encontramos Maria. Pelo seu 'Sim' da anunciação e consequente nascimento do Redentor, Maria, mãe da Vida, tornou-se, de certo modo, mãe dos viventes, de todos aqueles por quem o seu Filho veio dar a vida. Ela é a mãe dos discípulos de Cristo, numa maternidade que se vai adensando até culminar no Calvário. Junto da Cruz estava sua mãe e o discípulo amado. «Então, Jesus, vendo a mãe e o discípulo que amava presente, diz à sua mãe: “Mulher, eis o teu filho”. Depois, diz ao discípulo: “Eis a tua mãe”. E a partir daquela hora, o discípulo a acolheu consigo» (Jo 19,26-27).

No evangelho segundo João, as duas palavras, *mulher* e *Hora*, não surgem aqui juntas pela primeira vez. Somos remetidos para o início do evangelho, no capítulo 2, para as Bodas de Caná. Mas aí ainda não tinha chegado a *Hora*. Agora a *Hora* já chegou, houve um crescendo até à Cruz, momento em que a *Hora* chega ao seu cumprimento e se clarifica a compreensão do termo *mulher*. Agora, no Calvário, os dois termos, *mulher* e *Hora*, encontrar-se-ão novamente, tornando explícito aquilo que já se pressentia lá, nas Bodas de Caná: a maternidade para com o discípulo. Na verdade, no Calvário, o termo *mulher* faz a ponte entre Maria ser mãe de Jesus e ser mãe do discípulo.<sup>1</sup>

Realmente, se olharmos com cuidado para o texto de Jo 19,25-27, observaremos que a palavra “mãe” aparece seis vezes; é a figura mais sublinhada, a nível de frequência: cinco explícitas, e uma de forma pronominal. Existe uma correspondência entre os termos do mesmo campo semântico de família: “a mãe” e “o filho”. A esta realidade une-se outra, a do discípulo. Segundo Potterie, verifica-se, se é lícito usar uma linguagem

1. Cf. U. VANNI, *L'Apocalisse. Ermeneutica, esegesi, teologia* (Supplementi alla Rivista Bibbia 17; Bologna 1988) 334-342; U. VANNI, “Maria e l’incarnazione nell’esperienza della Chiesa giovannea”, *Theotokos* 3 (1995) 312-314; A. VALENTINI, *Maria secondo le Scritture. Figlia di Sion e Madre del Signore* (Bologna 2007) 355-358; G. FERRARO, “Gesù e la madre alle nozze di Cana. Studio esegetico di Gv 2,1-11”, *Theotokos* 1 (1999) 36-39.

2. Cf. I. DE LA POTTERIE, *La pasión de Jesús según San Juan* (Estudios y Ensayos serie Teología; Madrid 2007) 106-109.

jurídica, uma transferência de propriedade: no início, é mãe de Jesus; no fim, é mãe do discípulo. A sua função maternal é dada a outro. E, nele, a todos os discípulos.<sup>2</sup>

É pertinente observar a relação entre a *Hora*, a *mãe* e o *discípulo/discípulos*, entre Caná e o Calvário, passando por Jo 16, 21.

Olhando Jo 16, 21, aí aparece a referência à *mulher*, à *maternidade* e à *Hora*, tal como em Jo 19, 25-27, e nesses dois casos Jesus salva através da sua morte. A comparação entre estas passagens leva à compreensão de que Jesus une a mulher à sua Hora: a sua Hora é também a hora de sua mãe. E nesta Hora os discípulos marcam também presença. Na verdade, inserido no *Discurso do Adeus*, em Jo 16, 21-22.32, os temas da Hora, da mulher e dos discípulos assumem um carácter comunitário em relação ao mistério pascal. Agora, junto à Cruz, realiza-se a hora de Maria como mulher, é a hora da sua maternidade em relação ao discípulo, como tipo de todos os discípulos, dos crentes, do povo eleito, da Igreja. Aqui acontece a Hora de Cristo, a hora de Maria, a hora da Igreja. Por sua vez, no confronto entre Caná e Calvário, o tema da Hora serve de inclusão, releva a associação de Maria a Jesus no mistério da salvação a favor dos homens, dos discípulos, que ao escutarem a palavra de Jesus e a acreditarem recebem o poder de se tornarem filhos de Deus.

3. Tendo em conta que aí não se encontra claramente a exclusão entre estas duas realidades. Na verdade, o chamamento ao discipulado não depende nem de relações de sangue nem sociais, mas da escolha de Deus através de Jesus. Todavia, a relação parental em si não vai contra esta realidade.

Por sua vez, A. Destro e M. Pesce, no seu estudo, pedem a nossa atenção para a relação entre *Maria*, *discipulado* e *parentela*, a partir da hipótese segundo a qual existe uma certa relação entre discipulado e parentela, no evangelho de João<sup>3</sup>. Olhando as Bodas de Caná, aí Maria aparece na sua relação materna, é a «Mãe de Jesus» (Jo 2, 1), aí há uma referência aos familiares e aos discípulos; mais, tal manifestação da glória de Jesus acontece num ambiente familiar que é a festa de casamento. No final, aparece novamente a relação entre discipulado e parentela não separados, mas convergindo

como comunidade de discípulos em direção a Cafarnaum (cf. Jo 2,12). E Maria marca também presença. Também junto à Cruz, Maria está presente, e uma irmã (parentela). Na Cruz, acontece a revelação que tem como destinatários a mãe e o discípulo amado. Junto da Cruz, o vocativo “mulher” é alvo de um processo evolutivo que já se tinha iniciado em Caná: um distanciar-se de puros laços de sangue para colocar-se no verdadeiro sentido histórico-salvífico. O significado de parentela é redimensionado nessa direção. Mãe e filho: nasce uma nova família, não de sangue mas de fé, um nascimento do alto (cf. Jo 3,3), no mistério da Hora.<sup>4</sup>

Complementar a este ponto, e continuando no capítulo 2 de João, observamos a pesquisa de J. Caba e Martín-Moreno no aprofundamento sobre a relação entre Maria e a presença dos discípulos. Caba convida a ter em conta a ordem em que aparece a referência: no início, Maria aparece em primeiro lugar (v.1) e depois aparece a referência a Jesus e seus discípulos (v.2). No fim, primeiro é Jesus (v.11), depois a mãe, e, finalmente, os irmãos e os discípulos (v.12). Segundo Caba, isto tem um sentido profundo, pois, não mencionando o seu nome, mas “mulher”, indica que o que está em questão não é a sua individualidade concreta, pessoal, mas estamos perante uma realidade mais profunda, complementar à sua realidade de mãe, numa missão própria. Mais, há uma diferença entre antes da manifestação da glória de Jesus e depois: antes, ela é nomeada em primeiro (v.1); depois, vem a seguir ao Filho, segue-o (v.12). Na verdade, Jesus, chamando-a de “mulher”, faz com que a leitura da cena passe de um nível familiar para um nível próprio da dimensão messiânica, no ambiente da Hora, que inicia em Caná, mas culminará no Calvário, com a sua morte e ressurreição. Jesus coloca a sua mãe neste nível, dando a antever a sua missão que se compreenderá no Calvário: a sua maternidade espiritual.<sup>5</sup>

4. Cf. A. DESTRO – M. PESCE, “Gesù, sua Madre, i fratelli e i suoi discepoli nel Vangelo di Giovanni”, *Atti del III Simposio di Efeso su S. Giovanni Apostolo*, IV (ed. L. PADOVESE) (Turchia: la Chiesa e la sua storia; Roma 1993) 51-78.

5. Cf. J. CABA, *Teología Joanea. Salvación ofrecida por Dios y acogida por el hombre* (Estudios y Ensayos; Madrid 2007) 106.112-118.

6. Cf. J. M. MARTÍN-MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio* (Biblioteca de Teología Comillas; Madrid 2002) 87.

7. Cf. I. DE LA POTTERIE, *Maria nel Mistero dell'Alleanza* ("Dabar", Studi biblici e giudaistici 6; Genova 1992) 206-208.

Avançando no nosso estudo, também é enriquecedor o contributo de Martín-Moreno. Para ele, os *discípulos* e *servidores*, mais que dois grupos diferentes, são as mesmas pessoas em duas imagens diversas. Os servidores representam os discípulos. Eles seguiram as palavras de Maria «fazei tudo quanto Ele vos dizer» (Jo 2,5) e acolheram as ordens de Jesus; assim, junto à Cruz, o discípulo amado acolherá as palavras de Jesus e acolherá Maria como mãe.<sup>6</sup> Na verdade, De la Potterie já tinha observado que os serventes são mencionados por um termo próprio que o evangelista reserva para denominar os verdadeiros discípulos de Jesus, como encontramos em Jo 12,26<sup>7</sup>.

Entre a mãe de Jesus e o discípulo, que a acolhe, há nova identidade, uma nova relação, assente na maternidade e na filiação, entendida em termos de *parentela* e de *discipulado*, em dinamismo de fé.

No coração da *Hora*, ao cumprir plenamente a sua obra, Jesus une a si a sua mãe, dando-lhe uma nova missão: a sua maternidade espiritual. Nas palavras que lhe dirige e ao discípulo que amava, Jesus constitui uma nova relação de maternidade e filiação. Jesus mostra ao discípulo – e, nele, a todos os discípulos – Maria, que agora passará a ser sua mãe; e esta mostra sempre ao discípulo, aos discípulos de todos os tempos, Jesus: «fazei tudo quanto Ele vos dizer» (Jo 2,5). Na verdade, entre Maria e o discípulo estabeleceu-se um forte vínculo de amor: um radical vínculo de amor maternal e um sincero amor filial. O discípulo amado, ao acolher Maria como sua mãe, fá-lo como um ato de fé em Jesus. A missão de Maria junto dos discípulos, já presente em Caná, manifesta-se plenamente junto da Cruz: ela é a mãe de todos os discípulos, da nova família nascida no momento da Cruz e por causa dela. Acolher Jesus e acolher a sua mãe como nossa mãe, na Cruz, deixaram de ser duas dimensões separadas, são agora uma só realidade.

## ***O meu Espírito se alegra em Deus, meu Salvador (Lc 1,47), que está contente!***

De junto da Cruz nasce uma alegria que não tem fim! Desta nascente de água viva jorra um cântico de vitória que proclama as maravilhas de Deus, por todos aqueles que se deixam salvar pelo Verbo da Vida e O queiram testemunhar. Assim, começa o Santo Padre Francisco a sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, no número 1: «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Aqueles que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria».

Maria junto à Cruz, junto à árvore fecunda da Vida, viu renascer sem cessar a sua alegria! Na sua dor, encontrou o segredo da esperança, da vida que não tem fim! Da vida que se partilha na maternidade alargada! Bem canta o povo de Deus, antes do descanso noturno, no final de rezar as Completas: *Rainha dos Céus, alegrai-vos, Aleluia! Porque aquele que nos trouxestes em vosso ventre, Aleluia! Ressuscitou como disse. Aleluia...*

Junto da Cruz, nenhum evangelista nos relata qualquer palavra que Nossa Senhora tenha proferido; mas o canto do *Magnificat* que a Virgem proferiu junto da sua prima Isabel, podia repeti-lo neste momento! Diante da árvore fecunda, o rosto da misericórdia divina, este hino adensa-se! A Virgem continua essa linha de santas mulheres que, em etapas decisivas da história da salvação, dão voz ao canto de louvor pelas maravilhas operadas pelo Deus Libertador. Observemos, por exemplo, o canto de Maria depois da travessia do mar, em Ex 15,21.

Na verdade, entre os exegetas coloca-se a questão: o *Magnificat* é um canto natalício ou pascal? O contexto redacional coloca-o entre o mistério da anunciação e do nascimento, e, assim, nos lábios de Maria de Nazaré, evoca o contexto natalício; mas se olharmos para além deste contexto redacional e observarmos os elementos comuns com os hinos de libertação, nomeadamente com o *Canto do Mar* em Ex 15, cantando a libertação da opressão, vemos a sua dimensão pascal: um hino que exalta Deus e que manifesta a alegria pela salvação. Cremos que este hino celebra o acontecimento de Cristo Salvador, compreendido a partir da Páscoa. Como afirma A. Valentini, «as narrações da infância são textos pascais que projetam para o nascimento e infância de Cristo a alegria e o poder do Ressuscitado [...]. O *Magnificat* é um canto de libertação e de vitória porque, com a páscoa de Cristo, “o príncipe deste mundo” foi expulso (cf. Jo 12,31)»<sup>8</sup>.

8. A. VALENTINI, *Maria secondo le Scritture. Figlia di Sion e Madre del Signore* (Bologna 2007) 141 (tradução própria).

Diante da Cruz, a alegria que enche Maria é sinal e consequência de toda a obra redentora de Deus em Jesus, à qual Deus quis associar a Virgem. Maria fez sempre a vontade de Deus e nela a alegria é completa, como tinha prometido o seu Filho Jesus: «Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu, que tenho guardado os mandamentos de meu Pai, também permaneço no seu amor. Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa» (Jo 15,10-11). É o exemplo que a Mãe dos viventes dá aos seus filhos, de sempre permanecer unida ao seu Filho, fazendo a sua divina vontade, que é a mesma do Pai do céu, e, assim, viver na alegria. Cada discípulo, membro desta família da Vida e pela Vida para que os outros tenham a vida em abundância, encontrará a alegria na medida em que aprende a doar a sua vida como o Mestre. Nesta linha podemos observar a exortação de S. Paulo, em Rm 12,1: «Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo,

santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual».

Tal como o discípulo amado que acolheu Maria, a Senhora da Vida, portadora da vontade divina, também os Pastorinhos a souberam acolher e encontraram a Vida, pautando a sua vida por seguir a vontade de Deus, fazendo experiência desta alegria plena; e, como observamos na Aparição de setembro, a alegria dos filhos faz com que Deus fique contente!



# BENDITO SEJA DEUS QUE NOS CUMULA DE BENS

— Alexandre Freire Duarte

## 1. Amor, Vida e Alegria: desde todo o sempre era o Dom

Parafraseando – nesta nossa reflexão, de estudioso em espiritualidade e mística, sobre a *Mensagem* de Fátima<sup>1</sup> – o célebre começo do Evangelho Segundo São João, talvez não fosse insensato afirmar-se que *desde todo o sempre é o Amor* (1Jo 4,8.16; C 32). O Amor formado pelas e conformador das três Pessoas Divinas do único Deus verdadeiro: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (A 117), numa eterna comunhão e vibrante circulação de generoso amor centrífugo, que configura um Deus que nunca diz “eu”. De facto, cada uma das Pessoas Divinas é um eterno olhar de amor absolutamente extático para as Outras, que, por seu lado, fazem de tal Pessoa o Seu tudo. E isto, ao som e ritmo entrelaçado de cada doação, acolhimento e retribuição que, ultimamente, fundam o Amor como o próprio Ser de Deus.

Nesta eterna respiração de amor, o Amor, e tudo aquilo que é um seu atributo, é ilimitado e não enclausurável

1. Para nos reportarmos às obras relativas à *Mensagem* seguiremos a seguinte nomenclatura: A (para *Apelos da Mensagem de Fátima*; 3.ª edição); M (para *Memórias da Irmã Lúcia*), seguido, em numeração romana, do número da mesma (de I a IV: 9.ª edição; V: 5.ª edição; VI: 6.ª edição); C (para *Como vejo a Mensagem*; 1.ª edição). Em todos estes casos, acrescentar-se-á a referência à(s) página(s).

em fronteiras alheias às decorrentes desse mesmo Amor. De facto, nesse Deus-Amor, o único limite que pode ocorrer é não ter limite; é não ter fronteiras além daquilo que o amor não permite e, assim, é estranho a Deus: a obscuridade da falta de amor ou o desamor que, em Si, é nulo (1Jo 1,5).

É neste sentido e neste contexto que a Vida adquire o seu sentido pleno: não mais uma vida parcelar, provisória ou perecível, própria de todo o ser que tem de lutar para sobreviver, mas a misteriosa Vida copiosa e magnificente com uma dimensão sem dimensão. Ou seja, e regressando à nossa paráfrase inicial: *desde todo o sempre é a Vida* (Dt 5,26; A 60). A Vida humilde que, como atributo do Amor e assim sobre a referida circularidade de dom e acolhimento entre a alteridade das Pessoas divinas, estabelece o cenário para a eterna movimentação de um verdadeiro altruísmo subsistente. Por outras palavras: de uma dança a que os teólogos chamam de *perichóresis* ou “mover à volta”, naquilo que evoca uma “mútua intimidade” que traz à consideração a imagem de um alegre e animoso redopiar, como que valsador, de três Pessoas.

Eis uma Alegria dançante que ocorre quando cada uma d’Estas nada retém de Si para Si nem da Outra para Si. E isto, porque o Amor, sendo verdadeiro, é, respetivamente, maximamente simples e casto – configurando, por conseguinte, a pureza e a santidade divinas (Is 6,3; A 196) que entretecem a dita misteriosa Alegria numa Vida livre, desapropriada e dadivosa. De facto, ser “simples” é não ter dobras sobre si e, por seu lado, “casto” é não prender nada do outro a si. Ou seja, e insistindo na já nossa conhecida paráfrase: *desde todo o sempre é a Alegria* (1Tm 1,11). A Alegria que, não sendo senão outro atributo do Amor que Deus é, não pode ser senão como o Amor e a Vida que a permitem: comunicativa, expansiva e desbordante.

Para além disto e por um gesto soberanamente livre, que em nada nega que na esfera do Amor o amor só possa ser comunicativo, tal comunicação faz com que o Amor, a Vida e a Alegria divinas não fiquem limitadas a Deus. Ela permite que Este, sem perder o que quer que seja de Si, Se transborde, num ato criador amoroso (*A* 74) e deleitoso, no criar o Cosmos sem o recurso a nada que lhe seja pré-existente (*2Mac* 7,28). Uma Criação que, numa posição de alteridade unível sempre necessária ao próprio amor – e que é também a sua meta –, recebe o seu ser de Deus-Amor.

Disse-se ato “deleitoso”, e é-o. Porém, para que a alteridade criatural face a Si possa ocorrer, Deus, sem deixar de ser Infinito, como que apaga-Se para que o distinto de Si – uma Criação que até O pode rejeitar, e, assim, a Cruz é uma possibilidade aceite desde sempre (*Ap* 13,8) – possa existir. O ato criador, operado pela Palavra e o Espírito (*Sl* 33,6), é, assim, um ato de amor humilde que recorda, a quem o esqueceu, que a Humildade está no próprio centro do Amor.

A «Trindade é a base, o princípio e o fim [...] de todo o nosso ser e de toda a nossa vida» (*C* 39): é a origem absolutamente gratuita da vida que se encontra na existência e que é, por parte d’Ele e com a Sua graça, querida para progredir para uma abundância criatural que, com as devidas proporções, seja semelhante à divina. E progredir também pela ação do ser humano, que, como parte integrante da sua realização de ser criado à imagem semelhante de Deus (*Gn* 1,26-27; *A* 80), está chamado a caminhar, por processos diligentes de desenvolvimento criativo, para graus cada vez mais complexos de conhecimento e amor ao Criador e, assim, satisfazer a ânsia da demais Criação por Deus (*Rm* 8,22). Por outras palavras: de graus cada vez mais apurados a nível de duas realidades: de acolhimento consciente e de cooperação, igualmente consciente, na construção de tal vida e, conjuntamente, de uma alegria da existência (*Sl* 65,14) que se encontra,

precisamente, no amor que se expressa singularmente no «servi-Lo, louvá-Lo, adorá-Lo e amá-Lo» (A 56).

Um amor, mormente ao Criador e a quem também é imagem semelhante do Mesmo – os demais seres humanos –, que pressupõe uma liberdade que, sendo análoga à divina, não é temida por Deus. Ela é, antes, por Ele desejada, estimada e servida (*Jo* 13,1-5). Com efeito, sendo Deus, pelas razões que referimos, o eterno e ilimitado Amor, Vida e Alegria, isso revela que Ele não é egoísta e, assim, não nos considera como Seus rivais, mas, sim, como Seus companheiros. Eis o que já nos permite dizer que, misteriosamente, o Amor, a Vida e a Alegria de Deus também passam pelo amor (*1Jo* 4,12; A 258), a vida (*Jo* 17,3; *M* VI,46) e a alegria (*Is* 62,5; *M* IV,142) do ser humano, que estão em nós como vocações.

## 2. O Deus que nada tem: o Dom dando-se

Criada por Deus como um dom, a Criação não foi deixada “à sua sorte”. Ele continua a sustê-la e promovê-la amorosamente (A 74) numa existência voltada para Si (*Rm* 11,36; A 61) em Cristo Jesus (*Cl* 1,17; *C* 16). Voltada para Si, não menos porque Deus, desde o sempre do Seu desígnio amorosamente criativo (*Pr* 8,22-30; A 79), desejou estabelecer com a mesma como que uma relação conjugal (*Is* 54,5). E isto, através dos seres humanos criados pelo Seu «amor eterno» (A 216) e com quem sempre quis impacientemente deleitar-Se (*Pr* 8,31), inclusive apesar da infidelidade dos mesmos que fazem diminuir «o amor [para com Deus]» (A 255). Sim, é verdade: Deus cria para constituir com a Criação, e através do ser humano que é o encanto especial de Deus, uma como

que sponsal união (*Os* 2,16; *A* 82) que equipare os amados. De facto, se, pela constatação de sermos criaturas, podemos descobrir que somos dependentes de Deus na ordem da natureza, podemos tornar-nos igualmente conscientes de que esta dependência só foi querida por Ele, por um lado, como condição da nossa existência, e, por outro, visando uma equiparação no amor (*Jo* 17,21; *2Pe* 1,4; *A* 67).

O amor, e mais ainda o amor do Amor que «antecipou-se e prolonga-se sempre com maior intensidade» (*A* 79), não varia em função da oscilação da resposta do amado (*MI* 3,6) nem tem “segundas intenções” (*SI* 92,16); ele deseja ardentemente (*Lc* 22,15) a união com o objeto desse mesmo amor em que a intimidade absoluta, de pertença mútua (*Ct* 2,16), está sempre na distância infinita. E isto, pois cada amante desapega-se de si para se dar ao amado num espaço de radical liberdade onde ambos possam fazer a vivência das suas autenticidades. Eis uma intimidade que foi sendo articulada ao longo das várias Alianças estabelecidas por Deus: com Adão, Noé, Abraão e até um Moisés que recebeu a Lei como um dom pedagógico (*Gl* 3,23ss).

É justamente neste contexto que, para a consumação desta intimidade de união nupcial, Deus, depois de Se ter dado no ato criador, fez com que «o Céu inteiro se move[sse]» (*A* 255) e deu-Se ainda mais no maior êxtase e êxodo que jamais houve: a Incarnação que O fez viver entre nós (*Jo* 1,14; *A* 119). Por outras palavras: deu-Se gratuitamente nesse mistério que se dilata até à loucura de amor da sofrida Cruz (*1Cor* 1,23; *MI*,40). Uma Cruz – dadora da morte ao instinto egocêntrico de preservação da humanidade, para possibilitar a eternização das pessoas (*Jo* 6,58; *A* 51) n’Aquele Único que, possuindo a imortalidade (*1Tm* 6,16; *C* 26), a dá, ao dar-Se em alimento (*Jo* 6,47ss; *C* 12) – na qual também se revela a imensidão imprevista da bondade eterna (*SI* 107,1) e beneficente (*Rm* 5,20) de Deus que se tornará «o modelo do nosso amor» (*A* 257).

No mencionado mistério, Deus, sem diminuir o que era, elevou o ser humano à sua plena realização no único Homem que, em sentido pleno e consumando a procura divina pela humanidade (*Gn 3,9*), jamais existiu. A saber: Jesus de Nazaré (*Jo 19,5*), o Homem novo (*Ef 2,15*) suscitado segundo o desígnio primordial de Deus (*Ef 4,24*): verdadeiro Deus e verdadeiro ser humano (*A 75*), numa união, sem mistura, entre a humanidade e a Divindade que O configura como único Mediador entre Deus e o ser humano (*1Tm 2,5*). Eis um facto que nos deve fazer compreender que o Natal é o aniversário do nascimento da verdadeira humanidade, aquela face à qual a de Adão, na qual nós também nascemos, não foi senão um esboço.

Na realidade, não pode haver maior dom do que aquele em que o que é dado, já de modo gratuito, não é senão o próprio dador, que, neste caso, sendo Deus-Amor, Se esforça por Se apagar humildemente atrás do que oferta: Ele mesmo, como que disfarçado e «escondido» (*M IV,155*) nos ferimentos da Cruz (*Jo 19,35*), na brisa suave do Espírito (*Jo 3,8*), nas pobres espécies do pão e do vinho (*Mc 14,22-23*), etc. E isto, para não exigir nem forçar o sujeito a estabelecer, fora da lógica da liberdade e do amor, uma tentativa extrínseca de correspondência no dom. Face a isto, todos os Seus bens e bênçãos – a vida, os amigos (*MI,37*), os Sacramentos (*MII,72*), a saúde (*M II,108*), a Igreja (*A 65*), a alimentação (*M V,20*), o perdão (*M II,70*), o trabalho (*M II,94*), os nossos talentos (*M II,67*), a nossa família cristã (*M VI,86*), a paz (*M IV,168*), a natureza em que vivemos e que nos encanta (*MI,40*), a morte reconciliada com Deus (*M IV,164*), etc. – não são senão, e pela ação do Espírito Santo, consequência desta doação do Amor incarnado até ao fim amoroso de Si (*Jo 13,1*). Aquele Amor incarnado que culmina na doação, ainda e sempre amorosa, d'Aquele mesmo Espírito Santo que é o Dom por excelência do Crucificado-Ressuscitado (*Jo 20,22*) que grava, em nossos

corações e pelo mesmo Espírito (2Cor 3,3; A 157), a, há muito prometida (Jr 31,30), Sua Lei interna (Gl 6,2) do Amor (Jo 13,34; A 158) que, sintetizando e consumando toda a Lei (Mt 22,40; Cl 3,14; M V,43), «permanece imutável como Ele» (A 46).

De facto, Deus não tem “coisas” para nos dar: Deus-Amor apenas tem a Si mesmo para Se nos oferecer – e oferecer em frágeis vasos de barro (2Cor 4,7). Assim, quando nós, optando pelo desamor e suas «friezas, esquecimentos, indiferenças e desprezos» (A 160), recusamos a Sua oferta num Jesus (Jo 3,17ss; A 75) em que habita corporalmente a plenitude da Divindade (Cl 2,9; A 160), tal oferta não pode ser reparada senão por um dom e amor maiores. A saber: um amor como que ainda mais infinito de perdão – palavra que, justamente, significa “dom pleno” e implica a noção de uma recriação –, que levou Jesus até à doação da Sua vida (Jo 10,15; A 124) numa Cruz que é o «pedestal [...] [de] toda a obra salvífica de Deus» (M VI,141). Uma Cruz que mostra, uma vez mais, que não é Deus que é uma ameaça para nós; nós é que somos uma ameaça para Ele ao fecharmos o nosso coração e levando-O, mais e mais, a tal instrumento de suplício. Um instrumento onde, frágil e desarmado – como é próprio de todo o amor onnipotente que “não pode tudo”, mas, sendo mais forte do que a Sua própria força (Sb 12,18) e assim amorosamente «tudo vence» (M VI,127), “pode com tudo” –, comunicou, por uma pura graça misericordiosa tão própria de Si (M VI,76), o já dito Dom pascal por excelência.

Este Dom divino foi entregue, uma vez mais e numa discrição total, sem a exigência de qualquer contrapartida, apenas esperando, quiçá contra toda a esperança e naquilo que é a condição de reconhecimento do mesmo, a aceitação do Mesmo. A aceitação – o “faça-se”, como o de Maria (Lc 1,38; C 36) – que na sua recetividade ativa toca a atividade dadora da própria palavra criadora – o mesmo “faça-se”,

agora divino – (Gn 1,3). Falamos, é evidente e como já apropriadamente mencionámos, do Espírito Santo. Do Espírito do Amor que é, como dizemos no *Credo*, o dador da Vida (Jo 3,5) e que, nos dando a compreender o mistério do amor (Jo 16,13), nos mostra que tudo de importante nos chega pelo nosso interior deposto num amar que é «possuir o maior dom de Deus, porque é possuir o próprio Deus» (A 120). Mas não só: e que permite ainda que cada um de nós, se não O extinguir (1Ts 5,19), receba aquela Vida a que, sendo Jesus e por Ele tendo sido trazida (Jo 10,10; A 82), nós aspiramos. Parafraseando, mais uma vez, o primeiro versículo do Evangelho Segundo São João, quiçá possamos dizer que, se quisermos acolher tamanho dom incondicional e gratuito (1Jo 4,10) do amor do Amor, *para todo o sempre será a vida plenificada pela Vida* (1Jo 2,25; A 121).

Em consideração ao que tem sido afirmado, podemos, e até devemos, dizer que todas as dádivas e bênçãos divinas, que decorrem de um desejo divino de fazer a humanidade plena de vida e integralmente sanada, são um e um só: o Amor que Deus é a chegar até nós por Cristo Jesus no e pelo poder do Espírito. E isto é verdade inclusive para os, assim denominados, “Sete Dons do Espírito Santo” (Is 11,2ss). Aqueles que não são senão os Seus próprios dons- e benefícios-charneira, ao redor dos quais gravita a miríade de Seus demais dons, que também decorrem da – soberana e cuidadosa – refração do libérrimo “Dom único” do Amor nas circunstâncias vitais de cada um.

De salientar que isto tem um pressuposto e um fruto nucleares. O pressuposto é que tais dons, sempre irrevogáveis e livres (Rm 11,29; M II,118), devem ser acolhidos e subsequentemente cuidados de um modo desprendido e – sob pena de perecerem (Gn 12,11-20) – pró-comunicante (1Pe 4,10). Este facto, pois qualquer dom divino, que brota da Comunhão divina, é para a comunhão: seja, como já vimos, em Deus, seja, no que agora nos foca, entre a humanidade e Deus e, de modo

mais conscientemente frequente, entre os membros desta (1Cor 12,7). Já o efeito de tais dons do Espírito, através de Cristo Jesus, é o de nos humanizarem, comunitária e organicamente, à medida da plenitude (Ef 4,13) d'Aquele único Homem. Aquele que, por ser Deus-Filho humanado, foi, como quando a Sua Pessoa estava em Deus (Jo 1,2; A 78), totalmente pró-existente para com o Pai (Heb 10,9) e para connosco (Jo 10,11). Com efeito, aquilo que devemos ser enquanto seres humanos, plenos de vida e realizados em profundidade, está sempre diante de nós. Em concreto: num Jesus Cristo que, sendo plenamente humano por ser plenamente divino, nos mostra que a medida da nossa vida está mais além da epiderme da nossa espécie, pois essa mesma medida está em Deus.

As sempre dinâmicas dádivas de Deus não nos são comunicadas senão para, por condescendência divina, nos transformarem e capacitarem a sermos como Cristo. E isto, ao nos convertermos a viver segundo a e a ser movidos pela nossa dimensão espiritual (1Cor 2,15). Mais: e esta guiada (Gl 5,25; A 157) pela lógica amorosa da ação do Espírito Santo, quando Este conduz, com a nossa anuência e a partir do mais íntimo do nosso ser, as nossas decisões. Não todas, evidentemente, mas as que surgem do desejo amoroso de contentar e deliciar (Zc 3,17), em agradecimento desinteressado – isto é, sem outro motivo, além do de querer ser mais gratuitamente agradecido, que negasse a gratuidade –, o amor do Deus-dadivoso (1Jo 4,19; A 216). Ou seja: as decisões pascais que conduzem à nossa autenticidade.

Eis uma lógica amorosa que pauta a nossa existência pelos Seus frutos virtuosos (A 159). Ou, melhor – e como nos diz o texto bíblico de Gl 5,22, que usa, expressamente, o termo “fruto” no singular –, pelo único fruto que, agora sendo consequência da colaboração ativa da liberdade humana com a dadivosa graça divina, não é senão, mais uma vez, o amor (A 158-159). Um amor que dá coerência, orientação e elevação

a todos os demais elementos que de si procedem e cumula a nossa vida da efetividade de tudo o que Deus tem para nos dar. Um amor – ativo, comunicativo e promotor do amado em total gratuidade (1Cor 13,5) – que será, como sabemos, a única realidade que nos levará à nossa liberdade e à nossa verdade, que são vislumbradas a uma Luz que, sendo a que nos permite ver a luz (Sl 36,10), nos permite conhecer «mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos» (M IV,174).

De facto, Jesus, pelo Espírito que nos lembra e ensina tudo (Jo 14,26; A 119) e dá o dom da filiação adotiva de Deus (Rm 8,15; M VI,97), leva-nos ao nosso centro e pede-nos um esforço sincero de verdade e de autenticidade (Jo 16,13) ante nós e o Deus que é o único que «sabe o que somos» (A 118). Só sendo quem somos genuinamente é que Deus, que é Verdade (Jo 3,33), pode fazer de nós Seus Templos (1Cor 3,16; A 99) onde «habita a Santíssima Trindade» (A 99), e, se nos encontramos com Ele, a nossa vida vai assumindo uma Sua que, sobretudo na Eucaristia, nos é dada. Na verdade, o Deus-Amor, que é a Trindade (Mt 28,19; M II,79), livra-nos de um deus exterior a nós e revela-nos um Deus interior que é a Liberdade absoluta, pois é o Absoluto que dá sentido à nossa liberdade amorosa.

Eis o “único” milagre que Jesus fez: revelar o amor do único Deus Vivo e Verdadeiro, sobre o Qual temos edificado estas palavras. O Deus-Amor que logra o que logra não por ameaças mas – como Maria, Sua mensageira, em Fátima (C 31) – pedindo com bondade deferente, amor exigente, ternura graciosa e insistência paciente que O acolhamos (Ap 3,10). E isto, para nos co(m)-construirmos na única verdadeira aventura que merece ser por nós vivida: fazermo-nos, no e pelo amor, homens à imagem do Homem (1Pe 2,21; A 92) e, n’Este e por ser a única Imagem de Deus (Cl 1,15), de Deus. Daqui, e retornando à nossa paráfrase que está a servir como que de refrão para estas reflexões espirituais, porventura

possamos aduzir que *para todo o sempre será o amor plenificado no Amor* (1Cor 13,8; A 81).

### 3. Viver a Desejar: o Dom vivido

O que vimos, antes e sobretudo a partir da perspectiva divina, a respeito da configuração participativa (*Heb 3,14*) com Jesus Cristo e a consumação, em nós, dos dons do Espírito – que poderão culminar numa união vital (*Gl 2,20*) e inseparável (*Rm 8,35*) com Jesus, «tornando-nos um com Cristo» (A 93), a ponto do amor se tornar a «vida da pessoa» (A 257) – supõe algo mais. De facto, a abundância de vida desejada e pretendida por Deus para a Criação em geral e, particularmente, para aqueles seres em que Ele pôde incarnar – nós, seres humanos – solicita previamente um desejo. Um desejo que se trata de algo que cada um – se a isso der o seu sim, não fechando os ténues murmúrios de uma sua consciência habitada por Deus (*Is 30,21*; A 197) e a ser educada por Jesus Cristo (*Mt 11,29*) – poderá descobrir a brotar de cada uma das mais ínfimas partículas do seu ser e que, mesmo quando aparentemente saciado, apenas estará dormente. A saber: o desejo, que se revelará de amor de, a e/ou por Deus (*Sl 63,2*; A 81), a Quem cada um poderá dizer: «mergulho em Ti e me abismo no amor do Teu ser» (A 124). Na realidade, esse desejo é conatural à natureza humana, não menos do que por sermos criados à imagem semelhante desse Deus-Amor (*Gn 1,26*; A 80) e, assim, sermos um abismo (*Sl 130,1*), escavado pelos braços da Cruz que marca toda a humanidade (A 130), e que só o Infinito, Ele mesmo sequioso do nosso amor (*Jo 4,7*), pode preencher.

Eis um desejo – pelo menos implícito e mais ou menos ardente e/ou custoso, que já é uma faculdade outorgada

pelo Criador – pelo Deus-Amor e, inerentemente, pelo Seu misterioso e providencial plano amoroso (A 78) de vida abundante para a humanidade (Jo 6,35). A saber: aquele Jesus que é Deus unido à nossa natureza, para – vivendo, morrendo e ressuscitando e, assim, se tornando foco de convergência de tudo (Ef 1,9-10; A 201) – nos unir a Deus (Jo 17,21; C 32) e sarar-nos do nosso desamor (1Pe 2,24) que nos leva a «abri[r] uma lacuna no amor» (A 255). Um plano que, sendo Deus Amor, não pode ser algo de alheio e/ou imposto, a partir de fora, a esta humanidade, mas que é – esse plano – o próprio Deus-Filho feito o ser humano perfeito em Maria de Nazaré (Lc 1,30ss; C 39). Estamos aqui perante um desejo que dá ânimo esperançoso à transformação de mentalidade (Rm 12,2) que, em cada um, precisa de ser levada a cabo para a sua configuração (Rm 13,14) com o Salvador e, assim, «sermos revestidos da [Sua] dignidade» (A 70).

Daqui constatamos que a realização plena dos genuínos desejos do ser humano – condensáveis no amor, vida e alegria e, nestes, na realização autêntica de si mesmo como um todo – não pode ser substancialmente real e plena senão num encontro gratuito. Um encontro com esse mesmo Deus, libertador (2Sm 22,2) e consumidor (Jo 19,30), e o Seu desígnio para a humanidade, que, como já foi dito, não é senão um Jesus comunicador pascal do Espírito. Um Jesus Cristo que, por ser tão divino quão humano, insere o ser humano, para todo o sempre e na Sua humanidade, na própria eterna vida divina (Ef 2,5-6) e, assim, nos revela que dois são os nossos mundos: o humano e o divino. Ou seja: cada ser humano só começa a alinhar por aquilo que o faz genuinamente alegre e realizado se iniciar a tomar o seu lugar no ritmo da dança intradivina. A dança que o faz participar, admiravelmente, da própria natureza divina (2Pe 1,4; A 74) que, não sendo senão Amor, se uniu, esponsal e perduravelmente, à natureza humana por uma Pessoa sem limites.

De facto, a humanidade de Jesus é uma humanidade totalmente livre, desprovida de barreiras e esvaziada de si própria. E isto porque na raiz da união daquelas naturezas, que constitui propriamente a Incarnação-pascal, está um despojamento absoluto da humanidade de Jesus. Da humanidade de Alguém cujo verdadeiro Eu é uma Pessoa Divina (*Jo* 17,5) e que, dessa forma, só existe à escala de um universal (*Mt* 28,20; *A* 68) que é, histórica e particularmente, visível nos mais despojados (*Mc* 14,7 e, depois, *Mt* 25,34-40; *C* 49). Um universal que indo até às próprias raízes da Sua vida divina levada na torrente da dança divina atrai a tal dança (*Jo* 12,32) – que é o nosso «centro de atração» (*A* 138) – todo o ser humano que, em qualquer tempo e espaço e sem qualquer aceção de pessoas (*Act* 10,34), queira livremente acolher e cuidar de tamanho dom (*Ap* 22,17) que decorre de uma primazia fontal do dar-Se divino.

Temos aqui o que, ultimamente, fundamenta a máxima que o Autor do Livro dos *Actos dos Apóstolos* (*Act* 20,35) diz que São Paulo refere que Jesus Cristo mencionou. Aclare-se: que, tal como na Alegria de Deus à imagem de Quem já vimos que somos criados, há mais alegria em dar do que no acolher. Um acolher que, não obstante – na esfera espiritual e sendo já um amar –, sabemos que é fundamental, pois nada temos de espiritualmente essencial que não tenhamos recebido (*1Cor* 4,7). E este facto, porque todo o nosso ser é oferecido, em última análise, por um Deus que – dando-Se, doando-Se e comunicando todos os Seus dons perfeitos (*Tg* 1,17) – nos permite *ser* e *ser doadores* «aos outros [d]o tesouro da graça e da felicidade que tem em si [...]: o amor» (*A* 257).

Esta realidade revela que, a partir da nossa relação com Ele, o acolher – que é um ser pelo outro – já é um dom e, dessa forma, o dom já é um poder acolher. Repare-se, então, e dado que só Deus é origem radical e fontal do dom, que, para a doação não ser autonociva num orgulho endeusante (*Is* 14,13-14) que

«engana-nos e não nos deixa ver o bem que desprezamos, nem o mal que fazemos» (A 155), devemos, como já foi dito, sempre prescindir do pensarmos que somos nós próprios a origem do que damos. De todos os modos, somente nessa doação alegre – que, como já vimos, para ser máxima, e num reconhecimento de que não nos pertencemos (1Cor 6,19; A 100), deve chegar a ser de nós mesmos – acabaremos por vivenciar duas realidades importantíssimas para a vida espiritual. Por um lado, a alegria genuína; e, por outro, a raiz da verdadeira tristeza dos pobres deste Mundo, que não é a de não terem, mas a de não terem nada para dar e/ou partilhar, levando a que Deus, devido à Sua própria natureza, Se faça próximo deles de uma forma especial (Lc 6,20; C 14).

Na realidade, só viveremos a Alegria do Senhor (Jo 15,11 e A 86) acolhendo a ordem e lógica da amorosa “insensatez” de Deus que subverte a lógica e a ordem da desamorosa “sensatez” humana (1Cor 1,23ss; C 25). Tendo o *Magnificat* de Maria (Lc 1,46-55; M II,67) como padrão insuperável do que anelamos referir, respetivamente: a grande alegria amorosa do dar centrifugamente aos demais – e, assim, do não ter e, consequentemente, ser tido, pela dita “sensatez”, entre os últimos dos últimos – e o falso contentamento desamoroso do apropriar-se centripetamente deles – e, dessa forma, ter e, consequentemente, ser contado, por tal “sensatez”, entre os primeiros dos primeiros. Trata-se, em suma, de converter-se (Mt 3,2) a um viver cristicamente, num fluxo de alegria, que me descentra dadivosamente e me faz esquecer de mim (Mt 6,25-34), para, abnegadamente (Lc 9,23; C 23) e enquanto fruto do amor (A 218), adorar só a Deus (Ex 34,14; C 20) e a todos «servir e dar gosto» (A 41; Mc 10,43ss). E, correlativamente, não mais subsistir num sobreviver, no vórtice de um contentamento ilusório, que me centra “captivamente” em mim e me faz querer ser conhecido de todos (Act 8,9ss), para, ambiciosamente (Lc 9,25)

e fruto do desamor, me fazer passar como que por deus (2Ts 2,4; C 54) e por todos ser servido (Mt 23,5ss; M VI,100).

Eis uma múltíplice (Fl 4,4) alegria pascal (Jo 20,19-20) que – por ser pascal, já não é meramente deste mundo, mas é também a do Seu dador que, Sendo a Alegria substancial, nos espera nela quando nos dá o Seu perdão – surge num estado particular. O de encanto e espanto pelo beijo divino-humano que – fazendo-a compaginável com o sofrimento e até com a morte espiritual positiva, pois algoz do egoísmo – nos pede o amor excêntrico aos demais (Jo 13,35; A 179). Mais uma vez parafraseando Jo 1,1, quiçá se possa referir que, a partir do Amor que a possibilita, *para todo o sempre será a alegria plenificada na Alegria* (Is 51,11; A 116), pois estaremos eternamente fora de nós no cume duma liberdade que ousou amar mais e melhor.

Vimos, anteriormente, que a configuração com Jesus Cristo tinha um pressuposto: um desejo vivo por Deus, que permitisse começar a viver o desejo divino de que tivéssemos a vida e a vida em abundância (Jo 10,10; A 124). Agora é preciso referir que tal identificação, pelo amor que d'Ele nos reveste (Rm 13,14), com Cristo – que, de seres humanos em esboço, nos levará a começar a viver uma humanidade nova, plena e expandida (Ef 4,23) que, ultimamente, só se encontra n'Ele mesmo – tem um contrapeso existencial. Um contrapeso nada barato para o nosso egoísmo: devemos, em consequência de uma purificação reconciliatória do nosso desamor pelo perdão realizado por Jesus e acolhido no nosso coração, desejar ser amorosamente dóceis a esse Espírito sem jamais O entristecermos (Ef 4,30).

É de vincar novamente que tal docilidade não se relaciona com um princípio exterior a nós, mas com uma Pessoa que habita e atua no nosso espírito (1Cor 6,19) para consumir a nossa vida, o nosso amor e a nossa alegria – que devemos ter e ser –, através da co(m)-construção da nossa verdade,

numa união de amor com Deus. Um amor que revela que o bem não é fazer algo, mas, sempre, o amar a alguém, donde o objeto do bem tem sempre um rosto e um coração que deve ser amado num gesto que, por ser de amor decorrente do Amor, tem uma dimensão de eternidade (1Cor 13,8). Ou seja: a aduzida purificação amorosa (C 35) – que, de uma mera sobrevivência existencial, agarrada a si até ao desprezo dos demais (Lc 18,11-12; A 97), nos começa a levar para a Vida essencial e desapropriada de Si, que, ultimamente, é Deus – só será uma purificação, nada agradável para o nosso egoísmo, do que em nós ainda não é amor. E este facto, na medida em que a perfeição que Deus deseja de nós não é senão neste amor (Ef 1,4; A 201).

De facto, o dom divino de desejar identificar-se com Jesus Cristo é começar a viver segundo os Seus valores, critérios, atitudes, comportamentos (Fl 2,5; A 78) e, sobretudo, uma vontade que era o Seu alimento (Jo 4,34; A 177). E isso graças ao Espírito (2Cor 3,18) que O inspirou, O fazia estremecer de felicidade (Lc 10,21) e d'Ele, «tomado de compaixão pelos que sofrem e seguro de que toda a ocasião é boa para fazer o bem» (A 174), fez ser o médico do nosso espírito (Mc 2,17; A 173). Eis que o finito do ser humano se adapta ao Infinito de Deus em Jesus, do mesmo modo que o Infinito de Deus em Jesus Se adaptou ao finito do ser humano, pela ação do Espírito Santo, que quando derramado nos nossos corações (Rm 5,5) os dilata (Sl 119,32) e lhes permite fazer o que, sem Jesus, jamais poderiam (Jo 15,15; A 131).

Efetivamente, Jesus Cristo, enquanto mestre (Mt 23,8; A 170ss) e manancial de salvação eterna (Heb 5,9), é terapeuta especialmente da dimensão espiritual do ser humano. Um terapeuta compassivamente desejoso de sarar a nossa natureza – afligida pelos pecados decorrentes de um egoísmo que, gerando uma «quebra no amor» (A 256), nos remeteu para a terra do esquecimento (Sl 88,13) de que tudo

é dom e, assim, do coração ou «espírito “empedernido”» (A 77; Ez 36,26) –, carregando em Si os nossos desamores (1Pe 2,24). E isto ao ponto, inconcebível fora da lógica do amor gratuito e desmedido, de ter sido feito pecado por nós (2Cor 5,21) de modo a, morrendo numa doação libérrima de Si (Jo 10,18), dar morte a tais desamores que, desfigurando a imagem de Deus que somos, nos fazem carecer da glória divina (Rm 3,23): o Seu Amor, Vida e Alegria. Mas não só: e dar morte, para todo o sempre (Heb 9,12), à morte espiritual negativa deles resultante (1Cor 15,55-56), pois eles não participam da Sua ressurreição para Deus-Amor que, pela vida do Espírito nos Seus santos (Rm 8,11), traz à vida quem estava morto (Rm 4,17).

Aquela, antes aduzida, assunção de uma vida segundo Cristo é o que se deve chamar, com toda a propriedade, de terapia espiritual, que – note-se bem, e como nunca acontece no amor e no Amor que, Deus sendo, O comove ante o nosso sofrimento (Ex 3,7) – não acontece de modo “mágico”. Isso seria destruir o próprio amor. Tal terapia precisa de ser acolhida, mediante o sujeito querer ser sanado – sacramentalmente, certamente, mas igualmente pelo arrependimento (2Cor 7,10; M IV,181), a vivência dos mandamentos (Jo 12,50; A 209), a esperança em Deus (Dn 13,60; A 78) e o dom da oração (Tg 5,15; A 93) que, note-se, também têm uma função profilática – e cuidar de tal sanação. A saber: o reencaminhar por amor – e seguindo o modelo que é Deus em Jesus Cristo (Ef 5,1-2) e em desenvolvimento da sempre humilde (Ef 2,8-9; A 168) fé, comunicada ou fortalecida em nós pelo Batismo como «base de toda a vida espiritual» (A 60) – a energia espiritual que irrompe do nosso coração (Lc 6,45; A 64-65). Um reencaminhar, no horizonte do descrito na última passagem bíblica referida, esta energia de uma orientação apartada de Deus (Sb 1,16-2,20) – aquilo a que podemos denominar de afetos ou «paixões desordenadas» (A 64) – para uma polarizada em Deus (1Cor 10,31) pelos

«caminhos da santidade» (A 257) – o que se pode apelidar de afetos ordenados ou virtudes.

Tem-se falado especialmente de curas da dimensão espiritual do ser humano – aquelas que mais têm a ver com a ação central de Jesus –, sendo daí compreensível que se queira perguntar: pode o Deus que cura todos os males (*Sl* 103,3) sanar física e psiquicamente? Sem dúvida: se o amor é o constituinte do ser que partilha do Ser, uma comunicação particular do amor de Deus que age em cada instante presente (*Jo* 5,17) pode, sem lesar as leis naturais por Si elegidas «desde o princípio [...] [para] cada um dos seres que existem» (*C* 16; *Sb* 11,20), operar curas físicas e psíquicas (*Tg* 5,16; A 173-174) que, normalmente, podem e devem ser procuradas junto de especialistas que são parte integrante da providência divina (*Sir* 38,1-15). Mas isto pressupõe algo: é que sendo Deus Amor, Ele não pode nem deixar de amar, nem impedir que o ser humano ame; donde, sendo o livre-arbítrio um pressuposto para o amor – pois não há amor onde há coação –, é fundamental que o ser humano, na linha de Jesus (*Jo* 6,38), o oriente totalmente para a liberdade. Liberdade essa que não é plena senão quando totalmente abandonada, com confiança ou fé (*Lc* 5,20; A 76), nas mãos de Deus que, de outro modo, estariam radicalmente atadas.

## 4. Perder é ganhar: o Dom ressuscitante e sanante

Feita a digressão, necessariamente demasiado simples, que deixámos no último parágrafo do pretérito apartado, retomemos o fio da nossa reflexão. E façamo-lo atestando que a supramencionada reorientação fundamental do sujeito para Cristo Jesus aponta para algo de capital. Em concreto: trata-se

de optar por um amor ao Pai e à alegria (*Jo* 2,12) e tristeza dos demais (*Jo* 11,35) que, formando uma sensibilidade atenta aos sinais de Deus, é diametralmente oposto àquilo que o nosso egoísmo pretende e a que Jesus disse, frontalmente e durante os Seus histórico-simbólicos “40 Dias de Deserto” (*Mt* 4,1-10), “não”. A saber: à riqueza, ao poder e ao prestígio e, inerentemente, a tudo o que orbita estas três realidades.

Amar, e até porque não se identifica com o sentimento passageiro e volátil a si homónimo, não é fácil. E não o é, porque é, na pegada de Cristo Jesus e em qualquer circunstância, um querer, efetivo e genuíno (*1Jo* 3,18), promover gratuitamente o amado pelo desprender-se de si e dar-se a ele. E isto, de modo a querer o que este – na sua autenticidade já moldada, pelo menos, pelo germen do amor – quer (*1Cor* 10,24), aceitando suportar (*1Cor* 13,7) todas as consequências que isso possa comportar para nós (*Mt* 16,24; *C* 17). Ou seja: amar passa por, através de uma decisão livre que permite o crescimento da nossa humanidade à imagem da de Cristo, morrer ao egoísmo. Àquele egoísmo que podemos até pensar ser o nosso verdadeiro “eu”, mas que, na verdade, não é mais do que o nosso malsão “eu” carnal (*Gl* 5,20) encerrado, falsamente e numa genuína auto-asfixia secante do nosso espírito (*Mt* 23,27), sobre si mesmo. E isto para que, em nós, o amado possa viver e constituir, connosco, uma vida em comum (*Act* 4,44-45). Em síntese, que supõe o dito e que sê-lo-á ainda: amar é morrer em amor pelo amado (*Rm* 5,8).

Aqui temos o grande segredo da passagem da vida da sobrevivência para a Vida essencial: só perdendo-se o querer, ilusoriamente, preservar a existência pelo aduzido agarrar-se a si se ganha a Vida (*Mt* 16,25). A Vida igualmente decorrente de se viver cristicamente os mandamentos (*Mt* 19,17; *C* 19), compendiados nos dois supremos (*Mc* 12,29ss; *C* 20). E isto, de um modo esquecido de si e de eventuais recompensas (*Lc* 14,14) para, como já evocámos, e não se importando

com o ser o último dos últimos (Lc 14,8), se servir alegre e amorosamente a todos (Gl 5,13-14; A 41), pois descobriu-se que Deus basta (2Cor 12,9).

Por outras palavras: só perdendo-se, por decisões pascais, a vida “captativa”, egoísta e espiritualmente morta (1Tm 5,6), que, destruindo o amor, não pode ter parte num Deus que é Amor, se ganhará a vida oblativa, altruísta e, nesta e ultimamente, a Vida. Aquela vida que não é senão um genuíno participar (Gl 2,19-20), certamente apenas antecipado, na plenitude de Deus-Trindade pelo dar-se ao outro (1Jo 3,23-24), não para comprar a salvação ou fazer dele um instrumento desta, mas porque a salvação já chegou até nós (Jo 4,42). Se isto assusta, digamo-lo de modo mais ameno: dar algo não é perder esse algo, é vivê-lo; donde, perder a própria vida na sua doação é a única forma de viver, pois a vida no amor existe para ser dada (1Jo 3,16) e, assim, não há o dom do êxtase sem a graça do êxodo.

Digamos, aqui, que Maria é um notável exemplo humano do que vimos acerca do perder que é ganhar. Efetivamente, só passando do considerar, numa lógica de exclusividade, o seu eventual filho esperado, e depois vivido, como “o meu filho” acolhido na fé (Lc 1,38) para, numa abertura à sua missão e à d’Ele, O ver e entregar como “o nosso Deus” no amor (Jo 19,26-27; A 179) é que ela tudo ganhou. Mais: e que de si brotou, por um lado, o *Magnificat* (Lc 1,46-55) e, por outro e na continuidade com este mesmo hino, o seu silêncio no pós-Pentecostes.

Falámos de novo, há momentos, em “decisões pascais”: aquelas em que, pela graça, se morre a todo o egotismo, que decorre da sabedoria humana (Tg 3,14ss), para, naquilo que sana a raiz das nossas enfermidades espirituais, ressuscitarmos ao amor que só é maior do que a morte se for maior do que a vida (Jo 12,25). Uma “ressurreição” que, respeitando o seu tempo próprio (Ct 2,7), também

comunicamos ao amado ao fazê-lo reconhecer-se estimado como ímpar e precioso na sua dignidade (*Act* 3,6-7). O motivo para isto é simples: tal ressurreição ocorre num jorro de vida e alegria comunitária – recorde-se que o grão de trigo morre só, mas só renasce numa espiga (*Jo* 12,24) – que, assim, se torna um bom critério para tudo avaliar e orientar o nosso agir (*1Ts* 5,21). Eis, portanto, uma morte vivificante e beatificante que pode, e deve, ser vivida no acolhimento explícito e sacramental do perdão (*Jo* 20,21ss; *Tg* 5,16; *A* 111) que sucede ao arrependimento e conversão que advêm da vivência do imenso amor de Deus por nós (*Ez* 16,62-63; *A* 88-89).

Como verificamos, a morte amorizante, vivificante e alegre tem efeitos primeiramente em nós, mas não só. De facto, e em consequência da vertente sanante da fé e do amor (*Lc* 7,47ss; *A* 88) que eleva aquela outra virtude teologal à sua gratuidade (*1Cor* 13,5), tal vida através da morte permitir-nos-á algo muitíssimo fecundo. E fecundo também porque, numa homenagem à gratuidade dos dons recebidos de Deus (*Sl* 107,1), será algo realizado sem se esperar reconhecimento nem reciprocidade e, dessa forma, fazendo-nos como que divinos (*Mt* 5,46ss). Em concreto: sermos – sempre discretamente e reconhecendo que o amor humilde (*Jo* 13,13ss; *A* 168) é a única realidade que nos permite aproximar, sem o profanar, do mistério da pessoa do outro por quem Cristo também morreu (*1Cor* 8,11) – como que “parteiras” de Deus no amado (*1Tm* 1,2). Num amado, assim, a principiar a converter-se (*M* II,81) pela libertação de si mesmo e abertura ao reconhecimento da sua nobreza infinita, que lhe é dada por Deus mas visibilizada pelo nosso amor que lhe diz algo de divino como: é bom que existas (*Ez* 16,6). Eis aqui – fruto de um movimento, análogo ao de Deus, de difusão do que se é, ama, vive e alegra (*M* III,124) – um curativo “dar a vida” ao amado, por lhe darmos a nossa própria vida; recordando que, se não há vida sem sangue, podemos afirmar que o dar

a vida pode chegar, invertendo-se o *slogan* conhecido, ao dar o sangue como sinal de amor incondicional (*Rm* 3,25; *Fl* 2,17).

Deus – note-se – também aqui tem a iniciativa: nós, devido às escravidões do nosso egoísmo (*Jo* 8,34; *A* 259), que nos faz preocupar apenas connosco, estamos petrificados (*Ez* 11,19) e alienados de nós mesmos e de um Deus sempre nosso companheiro (*Lc* 24,13-21). Todavia, Este vem, se O desejarmos acolher connosco (*Lc* 24,29), erigir, fortalecer e vivificar a Sua morada no nosso coração, para que, sanados do egoísmo que coíbe a Sua máxima presença ativa em nós, nos tornemos o Santuário da Sua Presença (*1Cor* 3,16). Até aí, estamos fora de nós; mas, a partir daí, estamos em nós ao estarmos num Deus que está, frágil e nu, em nós (*C* 18).

Com as coisas postas assim, torna-se ainda mais claro que – mormente para nós cristãos, que seguimos o exemplo do Mestre que disse que o maior amor é morrer por quem se ama (*Jo* 15,13) – ganhar só é possível mediante o perder. Quer dizer: só ganhamos, sempre gratuita e imerecidamente (*Ef* 2,8-9), o começo da vida crística quando, entregando aos demais a nossa pessoa por amor, perdermos o universal instinto de apego à sobrevivência (*A* 138), «porque, sem espírito de renúncia própria, não entraremos na vida eterna» (*A* 109). Deveras, nós não acedemos ao nosso ser autêntico senão comunicando-nos pelo dom de nós mesmos que nos transforma numa porção real do Reino de Deus que é «o Reino do Amor» (*A* 81). Amar dando(-se) ou, pura e simplesmente, não ser (*1Cor* 13,2): eis aquilo que será, eventualmente, o «grande mar de fogo» (*M* III,121) do inferno.

Efetivamente, o inferno será a real possibilidade de recusa – por quem, totalmente «definha[do] [e] sec[o]» (*A* 68), não tiver em si um átomo de amor que se renda ao humilde amor de Deus-Amor – do perdão amoroso divino e do viver-se, eternamente, amando a Ele e aos demais. Diante dessa dramática possibilidade de decidirmos, no limite do

inimaginável, dizer definitivamente “não” a Deus, a Este talvez não lhe reste – com o Seu coração comovido (Os 11,8) e o Seu rosto coberto de lágrimas, que são o próprio Jesus em Cruz, e não querendo senão respeitar o nosso livre-arbítrio (Sir 15,14-15) – senão aceitar essa nossa decisão (Jo 3,18-19; A 210) a germinar em nós há muito (C 16). De facto, podemos dividir a nossa relação com Deus num antes e num próprio “face a face” com Ele (1Cor 13,12). Antes, e no que nos une amorosamente a Si (1Jo 2,17; A 161) e nos faz ser «família de Deus» (A 182), devemos dizer, do fundo do coração (Ef 6,6) e com toda a alegria de estar «a dargosto a Deus» (A 123; Jo. 8,29), “faça-se a Tua vontade” (Mt 6,10; A 202). No “face a face”, será Ele a dizer-nos “faça-se a tua vontade” «entre duas realidades bem distintas» (A 138): a salvação que Ele deseja oferecer-nos definitiva e plenamente ou a perdição que Ele não deseja para ninguém (1Tm 2,4; 2Pe 3,9; C 113) e que é «para Nossa Senhora objeto de uma grande preocupação» (C 50).

Recuando um passo, para melhor avançarmos na nossa reflexão, é de notar que a plenitude de vida, desejada por Deus para nós e por nós quando nos abrimos ao desejo de Deus, passa pelo amor a Este e ao próximo (1Jo 4,21) até ao sacrifício de si (A 81). Para entendermos bem esta afirmação, é preciso ter em conta dois factos. Por um lado, “sacrifício” quer dizer “tornar sagrado”. Por outro, a única realidade que, de algum modo – e por ser oposta ao Amor que Deus é e ao amor que d’Ele dimana e dá vida e alegria –, em nós não é sagrada é o egoísmo e o pecado que dele decorre, não por um mau uso da liberdade, mas por uma recusa de usar a mesma. Assim, e como temos vindo a ver, “sacrifício” é toda a ação que – só na e pela misericórdia (Mt 9,13; A 89) que brota do «amor puro a Deus e ao próximo» (A 85; C 36; M I,50) numa gratidão, que acende um «lume no peito» (M I,56) que participa no fogo que ardia por Cristo (Lc 12,49; A 147), ao amor benéfico

divino – dê morte àquilo que, em nós, ainda não é amor, vida e alegria (*Sl* 51,18-19; *C* 22).

Como vemos, nesta descrição cristã de sacrifício não há referência ao sofrimento, pois, por um lado, o essencial é o dom de si no amor e, por outro, neste amor o sofrimento não tem a última palavra, pois esta é a fecundidade e a possível comunhão. Mas não enganemos. De facto, e tal como já foi dito, dar morte ao egoísmo no dar-se amorosamente – eventualmente total até ao “perdão” misericordioso (*A* 146; *Lc* 6,36), «generoso, completo e sacrificado» (*A* 87; *Cl* 3,13) que pode levar à morte (*Ex.* 32,32; *A* 217) aceite pelo amor, inclusive a quem odeia o amor (*Mt* 5,44; *A* 68), no que, na esfera humana, realiza a humanização mais abrangente (*Mt* 5,45; *A* 203) – é, quiçá, aquilo que mais sofrimento implica. Não, num primeiro estrato, a nível físico, mas, certamente, a nível psíquico e, sobretudo, espiritual; todavia, sempre bem longe daqueles despicientes sacrifícios (*Cl* 2,21; *M II*,94) alheios ao facto de que Deus não nos pede sacrifícios alheios àquilo que nos impede de amar, viver e alegrar.

Na realidade, e em síntese, sacrificar-se cristãmente é deixar que e cultivar para que – por vezes, rapidamente, com uma ou outra forma de penitência que ajuda o aduzido reencaminhar dos afetos (*Lc* 10,13; *A* 108-109) – o Deus-Amor, e o amor a Ele e aos demais que Ele possibilita (*Jo* 4,11.21), esteja no centro do nosso coração. Um coração renovado (*Sl* 51,12) que leva a tudo fazer, com beneficência e liberalidade que agradam a Deus (*Heb* 13,15-16; *A* 198), por amor (*1Cor* 16,13); a que «os nossos trabalhos [sejam] revestidos assim da caridade» (*A* 47). Eis o culto desejado por Deus segundo a nossa verdadeira natureza (*Rm* 12,1); o culto, em espírito e verdade (*Jo* 4,24; *A* 106) e incessantemente orante (*1Ts* 5,17 e *M II*,78), a Ele oferecido «nos braços da cruz de cada dia em união com a Cruz de Cristo» (*A* 103). Este aspeto só será possível se – graças aos dons curativos de Deus, que acolhidos na fé

poderão dimanar generosamente do nosso amor e alegrar um Deus (2Cor 9,7) que nos deseja associar ao Seu labor de amor (1Cor 3,8) – formos, pelo «amor [que] é o íman de atracção das almas» (A 179), uma transparência de uma Presença. Uma Presença que nos capacita a sermos: um espaço onde se respira luz; um co(m)-criador; um co(m)-libertador; e alguém, tendencialmente, sempre melhor no amor aos demais.

Com este respaldo, podemos, agora, afirmar que se a essência do sacrifício é o amor, a verdade é que não há amor verdadeiro que não comporte, em si mesmo, algum sofrimento (Ct 8,6-7; C 37; A 255), porventura nada pequeno, sobretudo quando reconhecemos que um amor que se reserva e não se dá até ao fim (Lc 21,1-4) não é amor. Sejamos francos: não querer o sacrifício e o sofrimento decorrentes do amor é não querer amar – pois «aquele que ama sacrifica-se pela pessoa amada» (A 82) – e, assim, estar a recusar a vida e a alegria. A partir daqui, talvez possamos entrever um mistério dito e redito por muitos místicos: não só que a alegria verdadeira se encontra num dar que, para ser pleno, precisa de ser um dar-se desinteressadamente (Lc 10,29-37), mas, sobretudo, que não há maior alegria humana, nem maior alegria que nos aproxime da Alegria de Deus-Amor e seja o mais franco testemunho d’Este, do que, como Ele, sofrer por amar efetivamente (Act 5,40-41; 2Cor 12,10; M I,61). De facto, a maior alegria – que é dar-se no amor agradecido e retribuente ao de Deus e traduzível pela máxima «amor com amor se paga» (A 81) – é também, se bem que indiretamente e como franca rutura do apego a si, a de um certo sofrimento de amar a quem se ama, como parte integrante desse amar.

A este respeito, e pelos motivos apresentados precedentemente, há que afirmar que toda a suposta alegria que não passe por uma forma de sofrimento decorrente de um, bem discernido, amor cristificante (Cl 1,24; A 179) – que nos expropria dos nossos egocentrismo e vontade meramente

própria (Mt 26,39; A 182) – é exatamente o que dissemos. A saber: uma alegria suposta e falsa (Qoh 2,1), fruto da ilusão néscia provinda da arrogância (Ab 1,3), que jamais logrará dar a vivenciar que, no amor, o sofrimento por amor não é estorvo à alegria mas parte desta mesma. Uma pseudo-alegria que até poderá contentar os estratos mais superficiais do nosso egoísmo (Is 5,11-12) entregues às mais diversas «falsas divindades – que nada são, nada valem, nada podem fazer por nós» (A 216; Sl 115,4-8) –, mas jamais levará o sujeito «vítima da ignorância» (A 91) a penetrar naquela alegria plenificável na Alegria. Numa Alegria divina que já vemos, cada vez melhor, ser também resultante da nossa participação e permanência (1Jo 3,24), sempre e eternamente crescente a partir da Cruz, na Vida de Deus, pela vivência do amor que decorre do Amor que Ele é.

A Cruz de morte e ressurreição está, vemos, sempre presente e é a base da vida cristã (1Cor 15,14) que alegra a Deus, fazendo notar a ligação estreita que existe entre a Cruz e a Alegria, a Vida e o Amor e, evidentemente, o amor, a vida e a alegria, pois o “perdão” que dela provém é o que gera a vontade de «agradecer a Deus os Seus benefícios» (A 147): ao Amor com amor, à Vida com vida, à Alegria com alegria.

## 5. A festa com o Anfitrião: o Dom celebrado

A vida e, inerentemente, a fé cristã são realidades só vivíveis em lógica de agradecimento livre e gratuito (1Ts 5,18) pelo Amor, a Vida e a Alegria que nos foram comunicadas e possibilitaram e co(m)-construíram o nosso amor, a nossa vida e a nossa alegria, que nos recordam que «a ninguém mais

devemos tanto como a Deus» (A 72). De facto, se, na lógica de amor salvífico e como já foi mencionado, o Dador Se esforça por Se apagar no Seu dom que, sendo máximo, é Ele mesmo, o recebedor, esse, e na mesma lógica, sente em si o anelo ardente de fazer visível o Dador (Sl 150,1-6). Pois bem, um dos gestos mais significativos, a nível simbólico, para expressar o agradecimento – e também as três realidades divinas que o motivaram e se desdobram nas demais três realidades divino-humanas a si análogas – é a festa. Isto é, aquele ato em que há um verdadeiro regozijo afetoso, familiar ou, pelo menos, social. Festejar é, de facto, compartilhar alegria, esperança, vida, confiança e amor que já são, em si mesmos, reconciliadores.

No contexto cristão, este ato, que tem a sua fonte em Deus e que do lado humano surge da alegria de se saber pecador salvo e liberto para a liberdade no amor, assume os contornos de um gesto celebrativo comunitário (1Jo 1,7), pois «os homens não foram criados como seres estranhos entre si, chamados a ignorarem-se mutuamente, mas seres solidários e irmãos que se amam, auxiliam e reúnem à volta do Pai» (A 145). Um gesto que – compaginável com dificuldades e tribulações (2Cor 1,4), já que estas apontam para uma Cruz orientada para a Alegria absoluta – testifica que as bodas entre Deus e a humanidade (Is 62,24-25), levadas a cabo em Jesus de Nazaré, já são, também em nós, uma realidade verdadeira que «começa já» (M IV,135), embora ainda à espera da sua consumação. Uma realidade que – como encontro apaixonado, por um lado, do desejo e da sede de Deus pela humanidade que se sacia na vida humana plena (Jo 19,28) perdida logo em Adão (Gn 3,9; A 153) e, por outro, da sede e do desejo da humanidade por Deus que se sacia em Deus (Sl 42,3; A 86) – se consumará no Céu (Ap 19,7ss), que «permanece para sempre» (M VI,137). É justamente isto que talvez nos permita dizer que: se Deus é a esperança do ser humano (1Tm 1,1), o ser humano é como

que a esperança de um Deus que aspira, com ternura e desvelo, de um lado, a ser liberto dos limites em que, incessantemente, estamos tentados a encerrá-Lo (*Jb* 42,7) e, do outro, a que o Seu amor seja, em nós, o mais efetivo possível (*1Jo* 4,12) e que todo o Seu rebanho seja reunido (*Mt* 18,10-14).

Pois bem, o aduzido Céu, reaberto na Cruz (*Lc* 23,43), não é senão uma comunhão celebrativa entre três Pessoas Divinas, uma das Quais, após a sua Morte/Ressurreição e para Deus viver sempre entre os seres humanos e reciprocamente (*Ap* 21,1), “inseriu” nessa comunhão eterna, que põe fim à peregrinação humana (*Heb* 13,14) na constituição do seu «Corpo Místico» (*M* VI,97; *1Cor* 12,12ss), a humanidade da Sua Pessoa divina. Aquela humanidade glorificada que, como já vimos, escolhe (*Jo* 15,16; *M* VI,141) e leva consigo (*Jo* 12,32) todos aqueles que aceitarem seguir, livre e responsavelmente (*Lc* 13,34), esse apelo feito o Caminho (*Jo* 14,6; *A* 77-78) estreito do amor (*Mt* 7,12ss; *C* 16) para Deus – «para a vida que não fenece, para o amor que não morre, para a felicidade que não tem fim» (*A* 123) – e que, assim, rematará a própria Ascensão do Senhor. Eis aqui, nesta noção de festa como celebração, uma realidade que partilhamos, não com quem queremos mas com todos aqueles a quem Deus convidou alegremente e que aceitaram o Seu convite. O convite a – entrando pela porta escancarada (*Ap* 4,1) do ardente amor do «Coração de Cristo» (*A* 147) tão próximo do «Coração Imaculado de Maria» (*M* II,79) – saciarem a sua sede (*Ap* 22,17), numa celebração eterna, do amor desse Deus, e na qual não haverá mais motivos para tristeza (*Ap* 21,3-4). E isto, se seguirem, para acederem a tal celebração – à qual Deus preside, como Anfitrião e, até, como Cenário de uma Celebração contínua no suceder dos dias e ciclos litúrgicos –, o seu coração cristificado, depois de colocarem a chave do Amor na porta da sua vida.

De facto, se há uma festa e celebração móvel na vida cristã, essa é a da nossa vida quotidiana vivida, alegre

e amorosa, em lógica de ação de graças. Eis uma celebração que torna – e sempre as condimentando com a alegria de uma vida desapropriada de si e focada em Deus também através dos demais – uma habitação numa casa, uma refeição numa ação de graças e um estrangeiro numa pessoa amiga, de quem nunca nos apartamos sem um último olhar de respeito (1Pe 2,17) admirativo por ter passado a fazer parte duma história mútua, que passou a estar interconectada no amor. Por estas três metamorfoses, dá para entender que a Eucaristia – que é, na sua base humana, uma refeição co(m)-partilhada num espaço determinado e, na sua dimensão divino-humana, o cume da liturgia crística (Act 13,2) – é a celebração cristã central (1Cor 11,25; A 110ss).

Aquela que também precisa de ser pautada numa sua preparação, em lógica de explicitação do perdão intuído subjetivamente no amor divino (Lc 7,37-38; A 88), pela reconciliação sacramental com Deus (2Cor 5,20; A 111) que celebra a recriação operada por Este em Cristo (2Cor 5,19). Aquela em que entregamos a Deus a única realidade que, em nós, não nos foi dada, de uma forma ou de outra, por Ele: o nosso pecado, o nosso desamor, que, ao ser por Ele perdoado numa sanção de amor (Act 3,19), O faz, juntamente com toda a celestialidade, comover-Se de alegria e rejubilar (Lc 15,7-10). Aquela que, desabrochando do encontro do silêncio admirativo e contemplativo de dois amores (Ap 8,1), contém em si as demais celebrações cristãs e a razão pela qual elas são celebradas.

Ela, efetivamente, anuncia e faz presente e ativo, por palavras e sacramento: i) o Deus-Amor (1Jo 4,8.16); ii) o Seu desígnio de Amor (Jo 17,4ss; A 161) que, da Sua parte, é «para connosco um dar-Se, entregar-Se, desvelar-Se e descer por amor, para nos elevar, engrandecer, aperfeiçoar e identificar-nos com Ele» (A 256); iii) a sanção amorosa das feridas espirituais que infligimos neste e n'Aquele e, por refluxo, em

nós e nos demais (*1Jo* 1,9); *iv*) a proclamação viva e operante do dom das Escrituras, semeadoras de vida incorruptível (*1Pe* 1,23) e que se cumprem, progressivamente e pela nossa vida em Cristo, também em nós (*Lc* 4,21); *v*) a Nova e Eterna Aliança de amor operada, em e por Jesus, entre o Amor-dom que Deus é e – numa sua perenização em Cristo, que aceita ficar nos sacrários «esperando a nossa humilde correspondência» (A 42) – o dom da humanidade com todas as suas circunstâncias (*Mt* 26,26ss; A 111-112); *vi*) a co(m)-edificação da paz (*1Pe* 5,14); *vii*) a nossa amorosa transformação n'Aquele que, transformando os nossos dons do pão e do vinho no que Ele é, apenas para nos devolver a nós próprios, nos assume e esconde em Si (*Cl* 3,3; *M* II,72); *viii*) a vida de celebração amorosa que, de tal Aliança, deve pautar uma Igreja «da caridade [e] do amor» (A 67) que deve ser sempre uma realidade em doação alegre de si (*Mt* 28,19-20; A 212); *ix*) e, enfim, a expectativa da manifestação plena, em comunhão de amor com todos os Seus Santos, da Beleza salvífica de Deus (*Sl* 26,8). E isto, como é evidente, em dinâmica trinitária, pois a Eucaristia é, por excelência, a matriz da progressiva vitalização (*Jo* 6,51; A 98) e inserção de cada um de nós na trinitária Dança divina (*1Jo* 1,3; *1Cor* 1,9; *Fl* 2,1; *C* 18) a que a teologia chama de “divinização” por participação (*2Pe* 1,4) e que nós, dado que Deus é Amor, preferimos denominar de “amorização” pela graça pela qual «partilharemos de todos os Seus dons» (A 216).

Em síntese, podemos dizer que na liturgia e, de modo particular, na Eucaristia de uma Igreja chamada a ser como a antecipação do Éden Novo em que viveremos plenamente todos os dons de Deus e Deus como Dom e «onde a vida não fenece, a alegria não tem limites e o amor é eterno» (A 260) temos algo de comovente e admirável. Temos a celebração comunitária, e a dever ser continuamente missionária, ao redor de uma Cruz viva, de que o Amor, a Vida e a Alegria

de Deus são o amor, a vida e a alegria do ser humano; e, sem querermos enveredar pelo facilitismo do “vice-versa” na descrição daquilo que ultimamente humaniza o ser humano, de que o amor, a vida e a alegria do ser humano são o Amor, a Vida e a Alegria de Deus.



# EM VÓS ESTÁ A FONTE DA VIDA (SL 36,10)

— *Luísa Maria Almendra*

A expressão do Sl 36,10 sintetiza de modo surpreendente a convicção do salmista, expressa nos vv.6-8, onde o louvor se eleva à proclamação da certeza de um Deus que é incessante e inabalável no seu amor:

*Sl 36,6-10*

<sup>6</sup> Senhor, a tua bondade chega até aos céus,  
e a tua fidelidade, até às nuvens.

<sup>7</sup> A tua justiça é como os montes altíssimos,  
os teus juízos são como o abismo profundo.  
Tu salvas os homens e os animais, Senhor.

<sup>8</sup> Ó Deus, que maravilhosa é a tua bondade!  
Os humanos refugiam-se debaixo das tuas asas.

<sup>9</sup> Podem saciar-se da abundância da tua casa;  
Tu os inebrias no rio das tuas delícias.

<sup>10</sup> Em ti está a fonte da vida  
e é na tua luz que vemos a luz.

Difícilmente encontraremos um outro lugar bíblico onde se expresse com igual veemência a energia de Deus.<sup>1</sup> Nem mesmo em textos marcantes como Ex 34,6-7, onde a narrativa bíblica afirma com grande eloquência: «Senhor! Senhor! Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de

1. New Interpreter's Bible 823.

bondade e de fidelidade» ou até mesmo o *Sl* 33,5, onde Deus é louvado no seu amor supremo: «Ele ama a retidão e a justiça; a terra está cheia da sua bondade».

No *Sl* 36,5-6 o autor demora-se no louvor, sublinhando aspetos fundamentais do caráter de Deus: o amor desmedido e infinito, onde convergem a absoluta confiança, a firmeza e a fidelidade (cf. *Sl* 57,11; 71,19; 89,25; 98,3). A poesia desdobra-se em imagens, onde a dependência humana deste amor de Deus se assemelha à dependência da fertilidade da terra que aguarda pelas águas que escorrem dos montes. A menção explícita ao abismo profundo torna-se metáfora do poder inesgotável deste amor que, segundo o salmista, se realiza numa salvação de contornos cosmológicos (céus, nuvens, montes, abismos, homens e animais). O caráter de Deus afirma-se no âmbito de uma estrutura do universo, onde tudo e todas as criaturas dependem do amor de Deus para a sua existência e futuro. Textualmente, o próprio autor faz questão de sublinhar esta dependência ao colocar o nome de Deus no início do v.6 e no final do v.7. Para ele, o desejo humano de refugiar-se em Deus manifesta o reconhecimento da dependência que o ser humano assume do amor singular e inaudito de Deus (v.8). O agir do ímpio, pelo contrário, caracteriza-se, precisamente, pelo oposto: uma autossuficiência que leva à negação da existência do próprio Deus (vv.1-2) e à opção de seguir o seu próprio caminho (vv.3-4). Por isso, o salmista não hesita em terminar o seu louvor afirmando que o caminho do malfeitor não subsistirá.

A linguagem do Salmo 36 é simbólica e pretende expressar, poeticamente, a convicção de que a vida é um dom que se recebe de Deus e se nutre no reconhecimento deste próprio Deus, princípio e fundamento de tudo o que existe (cf. *Sl* 23,5-6; *Is* 55,1-3).<sup>2</sup> Ocorre indicar que, na linguagem bíblica, esta imagem do amor de Deus como “fonte de vida” encontra um eco indiciador no Livro dos Provérbios («O temor do

2. Cf. J.L. MAYS, *Psalms. Interpretation* (John Knox; Louisville 1994) 157: «It is this receiving from God that occurs in complex and related ways – through common life, liturgy, and the inner world of the spirit – that the psalm seeks to describe».

Senhor é fonte de vida; Ele afasta dos laços da morte», 14,27), chegando mesmo a designar a própria sabedoria («O ensinamento do sábio é uma fonte de vida, para evitar os laços da morte», 13,14; «O bom senso é a fonte da vida para quem o possui; o castigo dos insensatos é a sua insensatez», 16,22; «Águas profundas são as palavras de um homem, são torrente transbordante, fonte de sabedoria», 18,4). Esta linguagem sapiencial aparece focalizada no reconhecimento da sabedoria como “fonte da vida”, mais do que na sua identificação. Esta identificação emerge, com particular relevância, em *Jr* 2,13; 17,13 («Porque o meu povo cometeu um duplo crime: abandonou-me, a mim, fonte de água viva, e construiu cisternas para si, cisternas rotas, que não podem reter as águas... Tu, Senhor, és a esperança de Israel, todos os que te abandonam serão confundidos. Os que de ti se afastam serão escritos na terra dos mortos, porque deixaram o Senhor, fonte da água viva»). Contudo, sublinhe-se que a expressão “fonte de vida”, em Jeremias, toma a forma de “fonte da água viva”, sugerindo uma associação entre “vida” e “água viva”. Pela boca do profeta, Deus toma a palavra e declara que o seu povo não só abandonou o seu Deus pelo que é vazio e nada, como se tornou incapaz de o reconhecer como “fonte de vida”.<sup>3</sup> Ao trocar o seu Deus por outros deuses, Israel resvalou de “uma fonte de água viva” para “cisternas furadas”, incapazes até de reter as suas águas estagnadas e improdutivas. O apelo implícito é o de incitar à compreensão da diferença entre uma contínua “água viva” – Deus – e uma água estagnada que desaparece gradual e inevitavelmente das cisternas – outros deuses. Textualmente, este apelo é legitimado pela realidade de um povo que viveu, desde as suas origens, sob o cuidado e a ternura de Deus (cf. *Jr* 2,6-7).

Em *Jr* 17,13, o autor interrompe a denúncia profética do abandono de Deus (1-5) e do coração errante e perverso, com um momento de exaltação de um Deus que ele entrevê num trono de glória e como a grande esperança de Israel (12-13).

3. Cf. *Jr*, New Interpreter's Bible 599.

4. Alguns autores sugerem que a expressão hebraica, normalmente traduzida por “esperança de Israel”, pode ser igualmente traduzida por “poço de Israel”, associando a esperança a uma água que sustém o ser humano que se mantém fiel a Deus. Esquecer este poço é igual a morrer de sede; morrer sem esperança. (Jr 17; New Interpreter’s Bible 709).

Todos os que o abandonam rejeitam uma “fonte de água viva”, permitindo que os seus nomes sejam escritos na terra; i.e., no *Sheol*, entre os mortos.<sup>4</sup> O texto imerge numa sequência de ecos onde os nomes «escritos na terra» (v.13) retomam a referência ao pecado «escrito no coração» (v.1); os que se «abandonaram e afastaram de Deus» (v.13) reassumem os que «não souberam reconhecer a água» que sustém aqueles que creem no Senhor (v.8) e a “fonte de água viva” que é o próprio Deus (v.13). De novo, revisitada e afirmada como uma água corrente, fértil e capaz de gerar vida, que identifica Deus.

Esta compreensão profética de Deus como “fonte de água viva”, reelaborada de um modo veemente pelo salmista na expressão «Em ti está a fonte da vida» (Sl 36,10), alicerça-se num aprofundamento constante das *Escrituras*. São elas quem nos desvela um Deus que se acredita ser origem e “fonte de vida” (*Deus criador*); um Deus que se assume como realização plena naquele que veio “para que tenham a Vida” (*Jesus Cristo*). Por isso, a nossa tentativa de tocar a profundidade da expressão “em ti está a fonte da vida” subentende uma unidade da revelação bíblica, onde o Deus criador é o Deus salvador; o sujeito, único exclusivo, da expressão “em ti...”.

## 1. Um Deus criador que é origem e desejo de vida

A narrativa bíblica abre o imenso quadro narrativo de um Deus fonte de vida com as narrativas da criação. A sua imensa beleza e complexidade levam-me a fixar-me numa expressão de Gn 2,7 que me parece crucial: «soprou sobre ele o sopro da vida». Deus fonte de uma vida que é partilha da sua própria vida. Esta compreensão atinge um momento singular quando

este Deus criador exige que o ser humano, criado e vivificado no sopro da própria vida de Deus, seja capaz de assumir a única via de existência desta vida comunicada por Deus: a relação de amor e de fidelidade com o seu Deus («coloco diante de ti a vida», *Dt 30,15*).

### **«Soprou sobre ele o sopro da vida». Deus origem e sentido da vida.**

As narrativas de *Gn 1-3* sobre a criação do mundo, de Adão e de Eva constituem uma espécie de património religioso sobejamente conhecido por todos os cristãos. É praticamente impensável considerar a relação com Deus sem as imagens de um Deus criador do mundo e da humanidade. Na sua superfície narrativa, elas aparecem envoltas numa beleza e singeleza únicas, que parece protegê-las de qualquer questionamento. No entanto, estas narrativas foram desde sempre e continuam a ser um desafio a uma incessante compreensão de Deus.

A informação dos estudos exegéticos, mais ou menos detalhada, que chega à maioria de todos os crentes tem ajudado a entender que não estamos perante uma cronologia de acontecimentos, semelhante a uma cronologia histórica, tal como aquela que podemos encontrar nos nossos livros de história ou nas nossas biografias atuais. Em *Gn 1-3* não estamos diante de um relato histórico vulgar. O autor ou os autores bíblicos que estão por detrás destas narrativas pretendem abraçar um projeto de teologia histórica. Isto é, de compreensão de Deus na origem e na história do mundo e da humanidade.

Depois de um “esboço mítico” de passagem da situação inicial de caos à de um mundo onde se diferencia a luz das trevas, a noite do dia e a terra das águas, o primeiro ser humano macho e fêmea (*Gn 1-2*)... a narrativa bíblica revê a criação do primeiro ser humano, como um ser que Deus modela a partir

5. Cf. A. dos SANTOS VAZ, *O sentido último da vida projectado nas origens* (Eds. Carmelo; Marco de Canaveses 2011) 78.

6. Segundo os estudos de A. dos Santos Vaz, o verbo hebraico *yāšar* (formar, plasmar, modelar) é o verbo mais indicado para sublinhar de modo antropomórfico e mítico a ação criadora do ser humano por Deus, em contacto direto com a matéria, sem intermediários e assistentes, tal como aparece nos mitos sumérios e acádicos. Em Gn 2-3 o significado deste verbo parece estar ancorado numa outra motivação. Nos mitos de origem mesopotâmicos a criação do ser humano só se julgava acabada numa segunda fase, com a sua civilização e com a “fixação do seu destino” ou com a atribuição do seu papel na ordem mundial estabelecida pela divindade. Na narração bíblica, que parece adotar esta percepção, isso vai acontecendo até ao fim, numa narrativa onde a criação total do ser humano é um processo, mais do que um ato único. Motivo que parece justificar a omissão do verbo *br’* (criar), à semelhança de Gn 1,26-27 [cf. A. dos SANTOS VAZ, *O sentido último da vida projetado nas origens* (Eds. Carmelo; Marco de Canaveses 2011) 82].

7. Cf. IBIDEM, 78.

8. Cf. New Interpreter’s Bible 340-344.

da argila do solo (*’adam* modelado da *’adamah*, cf. Gn 2,7). A criação do ser humano é contemplada como tendo origem num ato pessoal criador divino, mediante a transformação da matéria preexistente.<sup>5</sup> Trata-se de uma visão retida pela fé de Israel, onde a já sentida relação do ser humano com Deus o levava a dizer-se criado por Ele. Ao utilizar a expressão “modelou o ser humano”, o narrador bíblico sublinha o ato moroso e amoroso de Deus que cria e deseja o ser humano, estabelecendo uma relação intrínseca entre criador e criado/ /modelado.<sup>6</sup> A imagem final é a de um ser humano que nunca poderá existir verdadeiramente fora de uma relação com o seu criador. Deus criador, origem absoluta do ser humano, é o seu sentido definitivo.<sup>7</sup>

Quando tentamos estabelecer uma relação entre as duas narrativas bíblicas de criação (Gn 1,1-31 e 2,1-25), ressaltam inúmeros aspetos que definem o ser de Deus criador e do ser humano criado. Um deles é o facto de ter sido modelado da argila do solo e simultaneamente ter sido criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27). Um outro aspeto, não menos relevante, é o de ter sido feito da mesma substância que a da terra e simultaneamente ter sido colocado como aquele que a dominará (Gn 2,7). Estes aspetos, entre outros, estabelecem de um modo admirável a identidade do ser humano: é argila, mas também imagem de Deus.<sup>8</sup>

Como ato de consolidação da criação do ser humano, Deus sopra sobre ele «o sopro da vida» (Gn 2,7). Este *nišmat hayyîm* (“sopro de vida”) não é o ar em sentido geral, que sentimos inspirar ou expirar, mas o sopro da vida do próprio Deus. O sopro de vida que faz Deus existir e que ele partilha com o ser humano e todos os seres vivos. O que distinguirá o ser humano dos animais é este ato de soprar. Todos partilham o sopro da vida; no entanto, Deus sopra unicamente sobre o ser humano, assinalando a proximidade e intimidade que construirá com ele.<sup>9\*</sup> Deus é origem e fonte de vida, pelo seu

ato criador, que define desde o início a singularidade da relação que ele estabelece com o ser humano, partilhando o seu ser, constituindo-o à sua semelhança e partilhando com ele o poder de dominar sobre toda a criação (*Gn* 1,28).<sup>10</sup>

### **«Coloco diante de ti a vida». Deus que perpetua a vida na relação de fidelidade.**

As narrativas da criação e as narrativas subsequentes não se atrevem a esconder a ameaça constante que o ser humano é para o dom da sua própria vida, nem o modo como Deus criador assegura a subsistência deste dom da vida. Cite-se a este propósito Caim, que não resiste à tentação do ciúme e tira a vida ao seu irmão (*Gn* 4,1-16); mas também a atitude de Deus que, perante a corrupção dos seres humanos, se “arrepende de ter feito o ser humano” e decide fazê-los desaparecer. Porém, conserva um par humano e de todas as espécies viventes (*Gn* 6,5-22), que possam dar um novo começo à vida sobre a terra (*Gn* 9,1-17). Esta ameaça que o ser humano atrai sobre o dom da sua própria vida e a fidelidade de Deus ao dom inicial reemergem, de um modo veemente, nas palavras que Deus dirige ao povo de Israel, colocando-o perante uma escolha entre a morte e a vida (*Gn* 30,15-17). Israel não é como um outro povo; é um povo “escolhido”, é um povo com quem Deus estabelece uma aliança particular (Abraão, *Gn* 17,1-27); Moisés, *Ex* 19,3-20,21), diferente da aliança com Noé e nele com toda a humanidade e todo o ser vivente (*Gn* 9,1-17). A escolha entre a vida e a morte deixam de depender do simples agir humano, para adquirirem um outro enquadramento: o da relação singular e exclusiva com um Deus único, criador e libertador.

É perante um Deus criador e libertador, um Deus de aliança e de dom da vida, da terra e da lei, que Israel é chamado a fazer uma escolha entre a vida e a morte. Os termos hebraicos

9. Cf. A. COUTO, *Pentateuco. Caminho de vida agraciada* (Lisboa 2003) 227-228. Esta intimidade aparece expressa na literatura rabinica na imagem de um “beijo” que Deus oferece ao ser humano, distinguindo-o dos animais. Estes também são modelados a partir do solo (*Gn* 2,19), também possuem o sopro da vida (*Gn* 6,6.17; 7,15.22) e também são chamados seres vivos (*Gn* 1,20.21.24.30), mas nunca participam desta proximidade e intimidade com o seu criador.

10. Cf. New Interpreter's Bible 345-349.

*hayyîm* (vida) e *māwet* (morte) recebem do enquadramento narrativo de aliança um significado que extravasa a sua simples dimensão existencial.

*Dt 30,14-20:*

«<sup>14</sup> Porque esta palavra está muito perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a cumprires. <sup>15</sup> Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, e a morte e o mal; <sup>16</sup> Porquanto te ordeno hoje que ames ao Senhor teu Deus, que andes nos seus caminhos, e que guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, para que vivas, e te multipliques, e o Senhor teu Deus te abençoe na terra a qual entras a possuir. <sup>17</sup> Porém se o teu coração se desviar, e não quiseses dar ouvidos, e fores seduzido para te inclinares a outros deuses, e os servires, <sup>18</sup> então eu vos declaro hoje que, certamente, perecereis; não prolongareis os dias na terra a que ides, passando o Jordão, para que, entrando nela, a possuais; <sup>19</sup> Os céus e a terra, eu hoje tomo por testemunhas contra vós, de que vos tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, <sup>20</sup> amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos à sua voz, e achegando-te a ele; pois ele é a tua vida, e o prolongamento dos teus dias; para que fiques na terra que o Senhor jurou a teus pais, a Abraão, a Isaque, e a Jacó, que lhes havia de dar.»

A narrativa bíblica é muito clara na relação que estabelece entre o dom da vida e a relação de amor e de fidelidade. Se Israel souber amar a Deus e manter-se fiel, afastando-se de todas as outras formas de idolatria, viverá; caso contrário, morrerá no seu próprio devaneio. A perfeita correspondência ao amor e a fidelidade de Deus são a fonte e a garantia da vida e, com ela, a garantia do dom da posse da terra. Trata-se, portanto, de um

momento crucial de toda a narrativa bíblica. Deus criador não é apenas fonte de vida e de uma existência material, mas Deus criador é fonte de vida enquanto dom e relação recíproca de amor e de fidelidade com esta própria vida criada.<sup>11</sup> O conhecimento que Israel construiu a partir das maravilhas realizadas por Deus no Egito e do seu cuidado providencial durante a caminhada no deserto (*Dt* 29,1-2.4-5) constituem a sua base de apoio. Israel, agora, deve ser capaz de tirar as suas próprias conclusões sobre a identidade deste Deus e saber distingui-lo dos ídolos.

Na verdade, a sua resposta a Deus tinha já sido dada na narrativa do Livro do Êxodo (*Ex* 24,3.7), sugerindo que todo e cada membro do povo estão implicados nesta relação de aliança, amor e fidelidade. No Livro do Deuteronómio, a ênfase da narrativa recai em Israel que é livre de escolher e não na demonstração de uma incompatibilidade entre servir o Deus de Israel e simultaneamente outros deuses. No entanto, existe uma tensão narrativa onde se tenta convencer Israel de que só há, verdadeiramente, uma escolha plausível e viável. Israel é livre de escolher, mas será uma loucura e uma autodestruição escolher situar-se fora da única fonte de vida: a sua relação de amor e de fidelidade com o seu único Deus. É importante que Israel seja livre na sua escolha, mas também que saiba escolher bem e, sobretudo, que entenda a incompatibilidade de amar e ser fiel ao seu Deus e simultaneamente adorar outros deuses. O autor não retoma a resposta de Israel a Deus, feita no Livro do Êxodo, sugerindo uma compreensão que Israel fará posteriormente de que esta escolha é algo em permanente realização e não um ato pontual.<sup>12</sup>

11. Cf. T. A. LENCHAK, "Choose life". A Rhetorical-Critical Investigation of *Deuteronomy* 28,69-30,20 (Ed. PIB; Roma 1993) 237-242.

12. Cf. T.A. LENCHAK, "Choose life" 240.

## 2. Deus que em Jesus é a realização plena de vida

Quando chegamos às Escrituras cristãs do NT, o testemunho de Deus como origem e fonte da vida aparece plenamente assumido. Entre a multiplicidade de testemunhos narrativos selecionamos duas expressões, colocadas na boca de Jesus, que oferecem às Escrituras judaicas do AT uma dimensão última e plena de Deus como fonte da vida. A primeira situa-se em Jo 10,18 («Ninguém me tira a [vida], sou eu que a dou livremente») e a segunda em Jo 14,6 («Eu sou o caminho, a verdade e a vida»).

### «Ninguém me tira a [vida], sou eu que a dou livremente». Deus que em Jesus é dom de vida

A unidade narrativa de Jo 10,1-18 continua as palavras de Jesus iniciadas em Jo 9,41 sobre o cego de nascença e a incredulidade dos fariseus. Trata-se de um dos últimos discursos públicos do ministério de Jesus, dos quais se destaca o discurso de despedida, dirigido integralmente aos seus discípulos.<sup>13</sup> O autor usa a expressão «em verdade, em verdade, Eu digo a vós» para assinalar as duas partes do discurso: a primeira em 10,1-6 e a segunda em 10,7-18. Esta segunda parte consiste numa série de quatro declarações de «Eu sou!», seguidas por uma conclusão (10,17-18).<sup>14</sup> O foco narrativo concentra-se na afirmação da identidade de Jesus como o «bom pastor», em complemento à imagem da «porta» oferecida na primeira parte (10,7.9).

É sobretudo esta imagem do “bom pastor” que estabelece um diálogo com as palavras do profeta Ezequiel (Ez 34,11-16), onde o adjetivo grego «bom» (*kaloj*) pode assumir ambos os

13. Cf. G. R. O'DAY, *The Gospel of John. Introduction, Commentary and Reflections*, in *The New Interpreter's Bible*, IX (Abingdon Press; Nashville, TN 1995) 666.

14. Alguns autores sugerem que uma comparação com Jo 6 ajuda a entender esta unidade narrativa de Jo 10,7-16, onde se repetem, igualmente, uma série de declarações «Eu sou!» (6,35.41.48.51). [cf. HOSKYNs, *The Fourth Gospel* (Faber and Faber; London 1947) 367].

significados de bom modelo ou de verdadeiro. Este diálogo intertextual sugere que a compreensão de Jesus, como um verdadeiro “bom pastor”, provém da imagem de Deus, “bom pastor”, tal como ela nos aparece descrita no profeta Ezequiel: um pastor que cuida das suas ovelhas; as reúne dos lugares dispersos, as alimenta e ampara principalmente as mais débeis, as feridas e as perdidas. Jesus como “bom pastor” identifica-se a si mesmo como a realização das promessas de Deus.

Em *Jo* 10,14-16, Jesus explica que esta imagem do “bom pastor” se refere aos seus ministério e relação com o Pai, mais do que a uma relação entre pastor e ovelhas, tal como sugerem os vv.11-13. Este aspeto aparece corroborado pelo uso semelhante do verbo conhecer, que nos vv.14b-15a sugere o conhecimento que emerge da relação e não um simples conhecimento cognitivo. A verdadeira medida e modelo de conhecimento é o mútuo conhecimento entre Deus e Jesus. Jesus é “bom pastor” não apenas por causa da sua relação com as suas ovelhas, mas principalmente por causa da sua relação com Deus.<sup>15</sup>

Estas observações ajudam-nos a contextualizar a afirmação de Jesus em *Jo* 10,17-18. O autor bíblico abandona a metáfora do pastor e faz Jesus falar diretamente sobre a relação entre a sua morte e a sua relação com Deus. A certeza do amor de Deus pelo mundo (*Jo* 3,16) e por Jesus (*Jo* 3,35) recebe uma nova dimensão: Deus-Pai ama Jesus porque assume a sua vontade plenamente no dom de si mesmo (*Jo* 10,18). O fundamento do mandamento do amor, que Jesus dá aos seus discípulos (13,34), de saberem amar-se uns aos outros tal como ele os amou, é este dom que Jesus faz da sua vida. O amor de Deus assume-se na sua plenitude neste dom de Jesus, que ele pede, igualmente, aos seus discípulos.<sup>16</sup>

Em *Jo* 10,17-18, o dom da vida de Jesus é um ato de livre escolha e de profunda relação com Deus-Pai. Jesus não é uma simples vítima ou mártir contra sua vontade. Aliás, os vv.17-18 sugerem a inseparabilidade entre a morte de Jesus e

15. É possível considerar algo muito semelhante em *Jo* 10,15b na relação que a narrativa estabelece entre a morte de Jesus e a morte das suas ovelhas: Jesus não morre apenas por causa da sua relação com as suas ovelhas, mas por causa da sua relação com Deus [cf. G.R. O'DAY, *The Gospel of John. Introduction, Commentary and Reflections*, in *The New Interpreter's Bible*, IX (Abingdon Press; Nashville, TN 1995) 670].

16. Alguns autores pensam que é errado ver em *Jo* 10,17 um sentido causal (“porque”), como se Jesus vencesse o amor de Deus através da sua morte. Pelo contrário, a sua morte é que é a expressão definitiva da relação de amor que existe e define quem ele é e o modo como ele realiza a vontade de Deus no mundo [cf. *IBIDEM*, 671].

a sua ressurreição. A vida de Jesus estará incompleta até este retorno ao Pai. O poder que ele refere foi-lhe dado por Deus, sublinhando a completa união entre a ação de Deus e a de Jesus. É neste sentido que Jesus é “caminho, verdade e vida”; dom firme e pleno, selado na relação com o Pai. Por isso, os cristãos desde muito cedo entenderam e insistiram em dar testemunho de Jesus Cristo, à semelhança do Pai, como uma “fonte de vida”: origem e dom.

### **«Eu sou o caminho, a verdade e a vida». Deus que em Jesus Cristo é Vida plena**

A afirmação que Jesus faz em *Jo* 14,6 abre o seu grande discurso de despedida, dividido por um número significativo de autores em quatro momentos: (1) 14,1-31, «Não vos deixarei órfãos»; (2) 15,1-7, «Permanecei no meu amor»; (3) 15,18-16,4a, «Eu vos escolhi...»; (4) 16,4b-33. O primeiro e o último momento oferecem alguns ensinamentos sobre questões colocadas pelos discípulos, enquanto os dois momentos centrais colocam apenas alguns dos últimos ensinamentos de Jesus. Perante a iminência da sua partida para o Pai, Jesus consola os discípulos, sublinhando a sua relação com o Pai e a importância da relação dos seus discípulos com Deus, assegurada pelo Paráclito. A imagem da vinha-videira-ramos consolida o mandamento do amor; o tema que une estes dois primeiros momentos.

Este contexto narrativo oferece às palavras de Jesus uma solenidade que não se reduz a uma mera afirmação de identidade a um nível simplesmente simbólico. O uso do termo «caminho» (*ò do, j*) em *Jo* 14,6 parece retomar a afirmação «Para onde eu vou, vós conheceis o caminho» feita no início (*Jo* 14,4). Na verdade, as palavras dos discípulos demonstram esta sua confusão, ao relacioná-las com o tema do destino. No

entanto, o autor assinala bem a sua diferença ao iniciar a frase com a insigne expressão “Eu sou...”. O caminho de que Jesus fala não é meramente geográfico, mas a própria identidade de Jesus. Conhecer este caminho é conhecer o próprio Jesus.<sup>17</sup>

A singularidade do uso do termo “caminho” prolonga-se nos termos “verdade” (*avlhqeia*) e “vida” (*zwh*), usados para descrever a identidade de Jesus. Aparentemente, “verdade e vida” parecem clarificar o modo como Jesus é o “caminho”.<sup>18</sup> São dois termos que, neste texto de evangelho, normalmente transportam um conteúdo especificamente cristológico. Reconhecer Jesus como verdade significa acreditar que a Palavra se tornou carne, oferecendo a verdade de Deus ao mundo, na pessoa de Jesus (*Jo* 1,4.17-18). É reconhecer que a relação com Jesus é uma relação com a verdade libertadora de Deus (8,31-32). Jesus é o “caminho” porque nele e através dele nós nos encontramos com a verdade de Deus.<sup>19</sup>

Quando Jesus se identifica a si mesmo como “a Vida” ele repete a revelação que fizera de si mesmo, na narrativa de Lázaro, em *Jo* 11,25. Nesta revelação, Jesus assume o poder que Deus tem de dar a vida e serve como a surpreendente chave do anúncio escatológico do evangelho: Jesus é a vida, porque Ele é o dom da vida definitiva de Deus ao mundo (*Jo* 3,15-16; 5,21.26; 10,28-29; 11,25-26; 12,50). Deste modo, o autor deste texto de evangelho consegue uma ponte teológica extraordinária com as narrativas bíblicas da Criação (*Gn* 1-3). A vida que o Deus criador comunica ao primeiro ser humano encontra uma realização plena e última na vida que ele oferece a todos na pessoa do seu filho Jesus Cristo.

17. Alguns autores defendem que esta metáfora do caminho deve ser relida e compreendida, à semelhança do uso joanino de *logos*, no âmbito de um pensamento judaico, onde «caminho» (*derek*) descreve o estilo de vida do sábio (*Pr* 2,8.20) ou a vida de acordo com a Lei ou a vontade de Deus (*Sl* 119,1.3.5.27.33), do qual se destaca o *Sl* 86,11, onde a imagem do “caminho” é expressão da união do crente com Deus [cf. R.E. BROWN, *The Gospel According to John* (XIII-XXI) (AB 29; Doubleday; New York, NY 1970) 628-629].

18. Cf. R.E. BROWN, *The Gospel According to John* (XIII-XXI) 621.

19. Cf. G.R. O'DAY, *The Gospel of John* 743.

## Conclusão

Este breve mas singular percurso bíblico não pretende esgotar o conteúdo do louvor do salmista, quando afirma “Deus, fonte de vida”, mas deixar alguns traços relevantes de leitura intertextual, capazes de nos ajudar a entender e a assumir esta expressão de fé e de louvor como cristãos. A nossa fé cristã num Deus criador, enquanto origem de relação e de fidelidade, assume a sua plenitude numa relação e fidelidade com a pessoa de Jesus Cristo, enquanto dom definitivo de vida e relação com Deus.

O cristianismo não se limita a reproduzir o tema bíblico de Deus como fonte da vida, mas à luz da ressurreição de Jesus Cristo é impelido a reformular a percepção de um Deus que é origem e dom de vida. Jesus Cristo não é dom de uma vida comum, mas de uma vida plena e definitiva de comunhão com Deus. A ressurreição de Jesus Cristo por Deus emerge como modelo de uma existência nova, divinamente habilitada, neste mundo. É certamente neste sentido que Paulo, em *Rm* 6,1-11, assegura aos cristãos que a sua união com Cristo na morte significa uma destruição virtual da sua tendência ao pecado e que a sua união a Cristo ressuscitado conduz a uma vida nova e os fará viver para Deus em Jesus Cristo («Assim vós também: considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus», *Rm* 6,11).

O Deus em quem acreditamos é, verdadeiramente, a fonte da vida! Esta certeza deve animar toda a nossa fé cristã, sobretudo quando somos colocados perante os poderes da morte de milhares de pessoas inocentes e das inúmeras ameaças à vida, aos valores e à vida de toda a humanidade. Só esta certeza pode erguer, de um modo construtivo, a esperança e o agir cristão perante as ameaças à vida e à convivência dos povos, das etnias, das religiões e das culturas.

# ALEGRAI-VOS NO SENHOR

— Isidro Lamelas

«Alegrai-vos sempre no Senhor!» (Fl 4,4). Este apelo insistente do Apóstolo Paulo («Repito: Alegrai-vos!») ressoa como eco da voz do Mestre: «Para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja perfeita» (Jo 15,11; cf. Jo 16,20.24; 17,13). Cristo é, pois, a realização da alegria anunciada (cf. Is 9,1-3; 25,6-9) e a antecipação da plenitude da alegria prometida.

Por isso, a tonalidade dominante do “Evangelho” anunciado e vivido pelos cristãos só pode ser a alegria, porque o Evangelho de Jesus Cristo é uma “Boa Notícia” e cada cristão é um testemunho da Boa Nova do Amor e da alegria daquele que diz: «Se me amásseis, alegrar-vos-íeis» (Jo 14,28).

A alegria é, pois, uma palavra chave do léxico judaico-cristão. Desde o *Livro do Génesis*, em que Deus se alegra com a obra das suas mãos (Gn 1,18.21.25.31), até ao *Apocalipse*, que encerra a Bíblia como uma porta que se abre para uma alegria sem sombra nem fim (21,1-4), passando pelos *Salmos* e os *Evangelhos*, em que as obras de Deus são cantadas e anunciadas como “maravilhas” e jubilosa notícia, mesmo nas horas de escura provação, a alegria é o tema de fundo e o final feliz de toda a *historia salutis*.

Dizia Chesterton que a alegria é um “gigantesco segredo cristão”. Mas talvez ande demasiado adormecido este “gigante” que, precisamente por ser o “segredo” dos cristãos, não poderá permanecer secreto (cf. Mt 5,14-16). Resquícios de heresia jansenista acabaram por dar razão aos filósofos da suspeita que,

como F. Nietzsche, acusaram o cristianismo de ter matado a genuína alegria de viver. E muitos dos nossos contemporâneos continuam a pensar que para desfrutar a vida há que ignorar ou eliminar Deus.

No percurso que propomos ao leitor, tentaremos mostrar quão errado é pensar e agir assim, já que o Deus de Jesus Cristo, longe de negar a vida, é o Deus dos vivos e da “vida em plenitude”. Para tal, daremos voz às fontes mais antigas do cristianismo, isto é, aos pastores, teólogos e escritores dos primeiros séculos, a quem chamamos “Padres da Igreja”. Eles são, de facto, os testemunhos mais qualificados da revelação e tradição cristãs e melhor do que ninguém nos conduzem às fontes da genuína alegria.

## Há alegrias e alegrias

Tomamos como ponto de partida algo em que tanto os antigos como os contemporâneos estão de acordo: todos buscamos a alegria e a felicidade. A diferença reside nos meios ou no caminho escolhido para lá chegar, como bem no-lo mostram a vida e as palavras de S. Agostinho:

«Se perguntarmos a duas pessoas se querem ser militares, poderá suceder que uma delas responda que quer e outra que não quer; se, pelo contrário, lhes perguntarmos se querem ser felizes, sucederá que ambas dizem imediatamente, sem qualquer hesitação, que desejam sê-lo, e não é por outro motivo que um quer ser militar e o outro não quer senão o de serem felizes. Será porque um sente alegria numa coisa e outro noutra? Assim como todos estão de acordo em quererem ser felizes, assim também estariam de acordo em querer sentir alegria, se lhes perguntassem

isso, e a esta alegria chamam vida feliz. Ainda que um o consiga por um caminho e outro por outro, só há, porém, um objetivo que todos se esforçam por atingir: a alegria. Porque isto é uma coisa que ninguém pode dizer não ter experimentado, por isso mesmo, ao encontrá-la na memória, ela é reconhecida quando se ouve a expressão “vida feliz”»<sup>1</sup>.

1. AGOSTINHO,  
*Confissões*, X, 21, 31.

Um contemporâneo de Agostinho, mas de língua grega, diz o mesmo por outras palavras:

«Todos têm sede de prazeres, todos buscam a alegria; é este o objetivo de toda a palavra, ação e preocupação. Por este motivo viaja o comerciante: para reunir riquezas, mas acumula riquezas para poder gozar. Por esta razão combate o soldado, e madruga o camponês... Se todos desejam a felicidade, nem todos, porém, a podem alcançar, porque não conhecem o caminho que a ela conduz»<sup>2</sup>.

2. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Sobre as estátuas*, 18, 1.

Quer isto dizer que as vias da alegria e da felicidade não são tão óbvias como no-lo parecem mostrar as mil e uma promessas de “vida feliz” apregoadas pela literatura e “guias espirituais” contemporâneos. Não porque o caminho seja desconhecido, mas porque a maioria prefere seguir a via mais curta e ilusória das alegrias efémeras que nos prometem os bens exteriores ou materiais, em vez de buscar a sabedoria numa vida segundo o espírito. Estes “dois caminhos” eram para a sabedoria antiga inconciliáveis: «Se desejas a alegria, não a busques nas riquezas, nem no bem estar, nem na fama, nem no prazer, nem na mesa farta ou vestes de luxo, ou em campos férteis... mas busca a sabedoria segundo Deus, busca a virtude»<sup>3</sup>.

3. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Sobre as estátuas*, 18, 4.

Se tivermos em conta que a virtude das virtudes é o amor /caridade, sempre de mão dada com a alegria, voltamos

4. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Carta* 68.

5. AGOSTINHO,  
*Sermão* 76,4.

6. Cf. CÍCERO, *Tusculanas*,  
4,66; A. BORDES, *Le  
vocabulaire de la joie et du  
bonheur dans les Enarrationes  
in Psalmos et sa signification  
pour saint Augustin*, Dijon 1971.

7. Cf. AGOSTINHO,  
*A cidade de Deus*, XIV,8.

8. AGOSTINHO, *Comentário  
aos Salmos*, 26,2,7: «Vere  
felix est, non si id habeat  
quod amat; sed si id amet  
quod amandum est».

a um terreno de consenso: «Nada se pode comparar ao amor. O amor é a raiz, fonte e pai de tudo o que é bom. É virtude que nunca diz: “basta”, que é alegria e traz paz a quem o busca com coração sincero»<sup>4</sup>. S. Agostinho concorda, mas adverte que «a caridade sem alegria não pode ser verdadeira caridade»<sup>5</sup>.

Os Padres da Igreja conhecem a distinção que os antigos estabeleciam entre *laetitia* (*laetare*) e *gaudium* (*gaudere*), usando este último vocábulo para exprimir uma alegria profunda e interior<sup>6</sup>, enquanto *laetitia* designa uma “paixão” ou agitação da alma vista, como tal, negativamente, sobretudo entre os estoicos<sup>7</sup>. *Laetitia* é, assim, uma alegria exterior por oposição a *gaudium* que exprime a alegria interior, considerada, por isso, menos positiva. S. Agostinho usa, contudo, os dois termos em sentido positivo, demarcando-se da atitude estoica e valorizando, tanto na oração como na vida cristã, as manifestações “exteriores” da alegria. A *laetitia* acaba por ser a manifestação visível do *gaudium*.

Parece ainda ter razão o bispo de Hipona quando sustenta que o que distingue o homem não é tanto aquilo que este pensa ou faz, mas aquilo que ama. Melhor ainda, «é realmente feliz não quem possui o que ama, mas quem ama o que merece ser amado»<sup>8</sup>.

Em função dos “dois amores” que presidem às “duas cidades” ou sociedades (*amor sui* – *amor Dei*) temos então duas alegrias ou dois tipos de alegria, correspondentes a dois “mundos” e “modos de vida”: a que é buscada pelos que centram a sua vida e esperança nos bens passageiros, e a dos que buscam os bens eternos e neles colocam sua esperança:

«Há dois mundos a que correspondem duas formas de vida; há igualmente duas formas de alegria: a deste mundo e a do mundo futuro, onde se enraízam nossas esperanças. É bem-aventurado quem busca os bens da eternidade, aceitando as tristezas da vida presente e passageira

e privando-se das suas alegrias e prazeres, porque espera bens maiores»<sup>9</sup>.

9. GREGÓRIO DE NISSA, *Sobre as Bem-aventuranças*, 3,6.

A alegria verdadeira que conduz à “felicidade eterna” e às “alegrias duradoiras”, que já se experimentam no presente, tende assim a ser contraposta às «alegrias deste mundo que conduzem à tristeza»<sup>10</sup>. Por isso, nem a alegria é sempre um bem, nem as lágrimas são sempre um mal. Orígenes, comentando o passo paulino de *Rm* 12,15 – «alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram» –, prossegue nestes termos:

10. AMBRÓSIO, *Homilia sobre Filipenses*, 4,4.

«Devemos, também neste caso, ter presente uma importante e devida distinção. Pois não é a qualquer alegria que a alegria do cristão se deve associar, nem a qualquer pranto se devem juntar nossas lágrimas. Efetivamente, se vir alguém alegrar-se por ter ganho muito dinheiro ou por ter aumentado seu património ou pela excelência de honras mundanas, não devo felicitar tais pessoas, pois bem sei que a tristeza e as lágrimas se seguem a alegrias deste tipo. Por isso, não é nestes bens que nos devemos alegrar, uma vez que o próprio Senhor não permitiu aos seus discípulos alegrar-se ainda que vissem os demónios obedecer-lhes, mas diz-lhes: *Não vos alegrais porque os demónios se submetem a vós; mas alegrai-vos*, diz Ele, *porque vossos nomes estão inscritos no livro da vida* (Lc 10,20). Se, portanto, verificamos que alguém realiza uma obra, seja ela qual for, digna de ser inscrita no céu, uma obra de justiça, ou de caridade, de paz ou de misericórdia, e que foi realizada de forma a merecer constar do livro da vida, devemos alegrar-nos com tais pessoas»<sup>11</sup>.

11. ORÍGENES, *Coment. Ep. Romanos*, IX,15. Conforme ensina S. Gregório de Nissa, numa das suas homilias *Sobre as Bem-aventuranças*, «Não são as lágrimas que o Verbo chama bem-aventuradas, mas o conhecimento do bem e a doçura de nos sabermos privados de algo que buscamos» (III).

O primeiro exercício é, pois, o do discernimento prático, pois sabemos que há alegrias «cheias de amargura»<sup>12</sup>, como bem ilustram estas palavras de S. João Crisóstomo:

12. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homílias sobre a Primeira*  
*Epístola a Timóteo*, 2,3.

«Nem sempre a alegria é coisa boa: também os ladrões se alegram quando cometem um furto, ou o adúltero quando contamina o leito do próximo, o avaro quando comete uma injustiça, o homicida quando mata o seu irmão. Não basta, portanto, sentir alegria, mas que ela seja justa, e nunca nos alegrarmos à maneira do ladrão ou do adúltero»<sup>13</sup>.

13. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homílias sobre o Evangelho*  
*de Mateus*, 58,5.

Há que escolher todos os dias entre as alegrias passageiras e as que duram *sempre*; entre o gozo que assenta nos bens transitórios deste mundo e sua acumulação egoísta e o contentamento que se funda na caridade e partilha dos mesmos bens, como no-lo ensina a parábola do rico avarento e do pobre Lázaro, assim comentada por S. Ambrósio: «Abrir as mãos ao pobre e socorrer o necessitado é semear naquele jardim sempre a florir que é a alegria eterna»<sup>14</sup>. Pelo contrário, quem se comporta como o rico da parábola (cf. *Lc* 16,19-31), deixando-se seduzir pelo «gozo dos bens presentes... e tira da miséria dos pobres incitamento para o próprio folguedo... ignorando quem está em necessidade» será, no fim, excluído do Reino de Deus<sup>15</sup>.

14. AMBRÓSIO, *Comentário*  
*ao Salmo* 118, 14,34.

15. Cf. AMBRÓSIO,  
*Comentário ao Evangelho*  
*de Lucas*, 8,18.

As alegrias terrenas não são más em si mesmas. Só passam a sê-lo quando nos fazem esquecer o próprio autor de todos os dons terrenos e celestes, engano recorrente na vida dos homens:

«Ele dá-te a terra e tu, que amas a terra e de terra foste feito, alegras-te. Se te alegras, quando Ele te dá a terra, quanto mais devias alegrar-te, quando Aquele que fez

o céu e a terra é Ele próprio que se dá a ti? Portanto, Deus deve ser amado gratuitamente»<sup>16</sup>.

16. AGOSTINHO,  
*Sermão 91,3,3.*

O mal não está em apreciar e gozar dos bens temporais, mas «em amar uma criatura que me leva a esquecer o Criador». Numa das suas homilias aos fiéis de Hipona, Agostinho ilustra tal insensatez com um eloquente exemplo: «Imagina que dás um anel à tua mulher e, desde então, ela só pensa no anel e ama tanto este que deixa de te amar a ti!»<sup>17</sup>.

17. AGOSTINHO, *Sermão 2,11.*

E voltando ao trecho de *Fl* 4,4, o Hiponense adverte os seus fiéis para a urgência de escolher entre a alegria do mundo e a alegria *no Senhor*:

«O Apóstolo manda que nos alegremos, mas *no Senhor*, não no mundo... uma vez que o homem não pode servir a dois senhores, quem quiser ser amigo deste mundo, como ensina a Escritura, será considerado inimigo de Deus (cf. *Tg* 4,4). Estes dois modos de alegria são muito diferentes entre si e mesmo contrários. Quando nos alegramos segundo o mundo, não nos alegramos no Senhor; quando nos alegramos no Senhor, não nos alegramos segundo o mundo. Que a alegria no Senhor predomine, para que se dissipe o alegrar-se segundo o mundo. Que a alegria no Senhor cresça sempre e diminua a alegria segundo o mundo».

Poderá parecer radical a posição do pregador de Hipona, ao incompatibilizar as alegrias do mundo com a alegria *no Senhor*, mas logo a seguir ele mesmo explica o alcance das suas palavras:

«Não dizemos isto para que, enquanto estamos neste mundo, não disfrutemos das alegrias verdadeiras, mas para que, embora permanecendo neste mundo, gozemos

18. AGOSTINHO,  
*Sermão 171,1.*

já no Senhor. Mas há quem diga: “estou neste mundo para gozar e é nele que o devo fazer”. Então, e pelo facto de estares no mundo, não vives no Senhor?”<sup>18</sup>

19. AGOSTINHO,  
*Sermão 171,4.*

E, mais adiante, no mesmo *Sermão*, como que querendo dissipar más interpretações, Agostinho explica o que entende por gáudio do mundo: «alegrar-se pela injustiça, com o que é torpe, desonra, infâmia... a maldade impune, luxúria adúltera, frivolidades, excessos de vinho, desrespeito sem castigo... eis a alegria do mundo»<sup>19</sup>.

Para o crente, a felicidade presente é inseparável da futura e as alegrias do mundo são sempre imperfeitas e ameaçadas por diversos motivos. Esta própria experiência de finitude cria no coração humano uma abertura a outra fonte de felicidade que a fé demonstra só se encontrar em Deus.

20. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Carta 25.*

Só uma vida livre de falsas expectativas e apegos pode dar à luz uma vida feliz. Por isso, continua João Crisóstomo, «há que romper os laços, desatar os nós, quebrar as cadeias e viver livre e expeditamente. Só assim colheremos frutos da alegria que daí deriva, e obteremos com mais felicidade o céu»<sup>20</sup>.

21. No sentido que Victor W. Turner confere a estes conceitos: cf. VICTOR W. TURNER, *O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura*, Petrópolis 1974, 201-244.

Esta perspetivação escatológica da vida cristã introduz na mesma o fator “surpresa” sob a forma de uma tensão e inversão/reversão<sup>21</sup> dos valores que estruturam o dia a dia social de um mundo que quer alegrar-se sem Deus:

«Eis mais uma grande surpresa: a tristeza torna-se ganho e alegria proveitosa. Os flagelos da vida trazem alegria e não dor, e as dores, por sua vez, preparam essas grandes coroas do céu. Mas há ainda outra surpresa: para o mundo tanto da tristeza como da alegria derivam os maiores danos; ao contrário, para os homens espirituais, tanto a alegria como a tristeza são fonte de grande riqueza. Explico como: O mundo alegra-se ao ver um inimigo na desgraça, mas esta alegria trar-lhe-á graves penas. O justo

entristece-se pela queda de um irmão e esta tristeza é penhor de grande misericórdia da parte de Deus»<sup>22</sup>.

22. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Sobre as estátuas*, 18,2.

Tal inversão ou re-hierarquização dos valores no mundo presente comporta uma relativização dos “bens” deste mundo que nos podem assegurar apenas “alegrias fugidias”:

«Quem se gloria nas coisas da terra é semelhante aos que saboreiam a alegria fugidia de um sonho. De que poderemos, realmente, gloriar-nos? Da força física? Mas esta não está dependente de nós e não é motivo de gloriar-se... podemos dizer o mesmo da juventude, da beleza, do poder, dos prazeres: em suma, de todos os bens da vida presente. Mas a grande e incomparável alegria está em gloriar-se em Deus e no amor que temos por Ele»<sup>23</sup>.

23. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homilias sobre os Salmos*, 5,5.

A forma como alguns autores cristãos, inspirados na ética estoica, abordam o tema da alegria e do sofrimento parece desvalorizar tanto uma como a outra: «A dor e a alegria são [– diz João Crisóstomo –] uma questão de “opiniões”»<sup>24</sup>. Querem contudo sublinhar que a experiência do sofrimento não se contrapõe à alegria ou vice-versa, e cada um destes sentimentos ou experiências tem mais a ver com a atitude e conduta de vida do que com o que sucede na vida, pois são experiências sobretudo interiores:

24. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homilias sobre a Carta aos Hebreus*, 20,2.

«A felicidade, por sua própria natureza, não está nas ações em si mesmas, mas na intenção dos homens. É realmente assim, e muitos que nadam em ouro pensaram que não valia a pena viver, enquanto outros que estavam na penúria mais negra passaram seus dias na mais alegre letícia»<sup>25</sup>.

25. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Ep. 83,138* (PG 56, 148).

26. JULIÁN MARÍAS,  
Entrevista a J. Lauand, in  
*Videtur* 8, 2000. <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm> (07/04/2015).

Viajando para os nossos dias, vem-nos à mente a sentença do filósofo Julián Marías: «No mercado de Olinda, que é um mercado pobre, há mais alegria do que em toda a Suíça!»<sup>26</sup>.

## Alegrar-se no Senhor

27. CLEMENTE ROMANO,  
*Carta aos Coríntios*, XXXIII,1.

A alegria assume diversas dimensões e degraus que não são alheios aos obstáculos reais que parecem querer impedi-la. Contudo, o homem ou mulher crente sabem que Deus é a fonte da vida, enquanto tal, e, por isso, origem de toda a alegria. Experimentam essa alegria, em primeiro lugar, por se saberem criatura de Deus e reconhecerem todas as suas obras. De facto, o Criador e Senhor da vida é alegria e, como ensina Clemente Romano (séc. I): «o próprio Criador e Senhor de todas as coisas também se regozija com as suas obras»<sup>27</sup>. É sobretudo no homem, sua “imagem”, criado «com suas mãos puras e irrepreensíveis» (*ibid.*), que Deus se regozija:

«Pois assim disse Deus: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. E Deus fez o homem: homem e mulher os fez* (Gn 1,26-27). Tendo pois acabado de fazer todas estas coisas, louvou-as e bendisse-as dizendo: *Crescei e multiplicai-vos* (Gn 1,28). Vemos que todos os justos foram adornados com boas obras e o próprio Senhor, ornando-os com suas obras, se alegrou»<sup>28</sup>.

28. CLEMENTE ROMANO,  
*Carta aos Coríntios*, XXXIII,5-7.

O homem é, pois, a alegria de Deus, assim como Deus é a alegria do homem. O primeiro grande motivo da alegria do crente brota desta consciência reacendida pela fé de se saber obra de Deus e destinatário primeiro das suas graças e dons (*mirabilia Dei*). A especificidade da alegria cristã tem assim fundamentalmente a ver com a sua fonte e origem: a bondade

de Deus é o tesouro do homem. Comentando a expressão do Salmo 118,14: «No caminho dos sinais da tua vontade me alegrei como no meio de toda a riqueza», Santo Ambrósio continua a falar aos homens de hoje:

«Há quem encontra a sua felicidade no ouro, na prata ou nas roupas luxuosas, ou nas propriedades, nas vinhas, nos olivais, nas cearas ou nas obras de arte de pintura ou escultura: cada um tem a sua fonte de alegria. O homem que vive segundo o Espírito alegra-se *no caminho dos sinais da vontade* celeste, como se possuísse todo o património, como se fosse rico de tudo»<sup>29</sup>.

29. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 2,32.

Quem quiser alcançar a verdadeira alegria deverá, portanto, escolher Cristo como mestre e segui-lo no cumprimento da vontade do Pai. Comentando outro versículo do Salmo 118 (v.111: «Procurei como herança os sinais da tua vontade, para sempre, porque eles são a alegria do meu coração»), S. Ambrósio prossegue: «Quem não exultaria por ter buscado, como herança, o céu e a terra?... Quem não exultaria em ter buscado Deus, de quem o homem que lhe é fiel diz: *A porção da minha herança é o Senhor?* (Sl 72,26)»<sup>30</sup>.

30. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 14,44.

Alegria cristã emana dessa “Vida em abundância” trazida por Jesus Cristo, e é uma proposta de vida nova a partir do manancial sobreabundante que é Deus, tal como se manifesta em Cristo.

Como ensina S. Ireneu (séc. II), «é impossível viver sem vida e não há vida senão pela participação em Deus, e a participação em Deus consiste em ver a Deus e gozar da sua bondade»<sup>31</sup>. Esta é a verdadeira fonte da alegria do crente. Primeiro porque o próprio Deus exprime a sua alegria no seu Filho que, por sua vez, se regozija na vida do homem: *Gloria Dei vivens homo* («a glória de Deus é o homem vivo»), diz Ireneu de Lião nesta famosa afirmação que fica incompleta se

31. IRENEU, *Contra as heresias*, IV,20,5.

32. IRENEU, *Contra as heresias*, IV,20,7.

não lhe acrescentarmos a segunda parte: *vita autem hominis visio Dei* («e a vida do homem consiste na visão de Deus»<sup>32</sup>).

Se esta “visão” de Deus remete sobretudo para a esperança futura, ela alimenta, desde já, a vida presente na qual se manifesta a “bondade de Deus”. S. Agostinho di-lo melhor que nós, quando reza assim:

33. AGOSTINHO, *Confissões*, X,1,1.

«Que eu te conheça, ó conhecedor de mim, *que eu te conheça, tal como sou conhecido por ti* (1Cor 13,12). Ó força da minha alma, entra nela e molda-a a ti, para que a tenhas e possuas sem mancha nem ruga (Ef 5,27). Esta é a minha esperança; por isso falo e nesta esperança me alegro, quando experimento uma *sã alegria*»<sup>33</sup>.

34. Cf. AGOSTINHO, *Confissões*, IX,4,10.

A alegria cristã é, pois, fundamentalmente interior, na medida em que não se nutre nem depende de coisas ou pessoas fora de nós, mas nasce deste encontro consigo e com Deus<sup>34</sup>. Tal alegria ninguém nem coisa alguma no-la pode tirar, porque não se alicerça no “ter”, mas no “ser”, como bem nos explica S. João Crisóstomo:

«Imagina que diante de ti passam homens maus, orgulhosos, avaros que açambarcam tudo, e alguém diz: “que felizes e invejáveis!” Há que responder e tapar a boca a quem assim fala. Pergunta a quem diz isso; proque são felizes? Porque têm um cavalo magnífico e com um freio em ouro, e possuem muitos servos e vestem-se luxuosamente e comem e bebem diariamente com fartura? Mas será que são felizes por isso? Ou dignos de pena e lágrimas? A verdade é que não os poderás louvar por algo que seja seu, mas por coisas que estão fora deles: pelo seu cavalo, pelo freio, pelas vestes, coisas que nada têm a ver com ele. E que tristeza maior pode suceder que admirar alguém pelo seu cavalo e o freio de seu cavalo, pela beleza

de seus vestidos ou pelos muitos empregados, e a ele propriamente não poder tributar-lhe qualquer elogio? Que pobreza maior que não ter bem algum próprio que possa levar deste mundo, sem ter que se adornar com galas exteriores? Porque o ornamento e riqueza próprios não são os nossos empregados e vestidos ou cavalos, mas a virtude da alma, a riqueza das boas obras e a confiança perante Deus»<sup>35</sup>.

35. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Sermão sobre as Calendas*, 3.

Portanto, «só é verdadeiramente feliz quem possui o que tem valor supremo, quem participa dos bens que nada lhe pode tirar»<sup>36</sup>, e vive totalmente confiado a Deus.

36. BASÍLIO, *Homilia sobre o Salmo 1*, 1,3.

É neste sentido que S. Paulo exorta os cristãos a «alegrar-se sempre no Senhor» (*Fl* 4,4). João Crisóstomo, um entusiasta admirador e seguidor do Apóstolo das Gentes, explica-nos assim as palavras paulinas:

«*Alegrai-vos no Senhor*. É como se dissesse: “Vivei de modo a permanecer na alegria”. Quando, portanto, as coisas de Deus não encontram em vós nenhum obstáculo, alegrai-vos. Eis o sentido destas palavras. A não ser que a preposição “no” tenha aqui o significado de *com*, e então o sentido seria o seguinte: alegrai-vos sempre com o Senhor. *Repito ainda: alegrai-vos*. São palavras de alguém que tem confiança e quer mostrar que a alegria nunca abandona quem está no Senhor»<sup>37</sup>.

37. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homilias sobre a Carta aos Filipenses*, 14,1.

Mas como é possível *alegrar-se sempre no Senhor*? Como reconhece o mesmo Padre da Igreja, «alegar-se não é difícil, mas alegrar-se continuamente parece impossível... Se alguém perdeu o filho ou a mulher, ou o amigo mais chegado; se alguém caiu doente ou sofre provações de todo o tipo: ofensas, fome, peste, problemas familiares... Como é possível alegrar-se sempre?»<sup>38</sup>

38. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Sobre as estátuas*, 18,1.

A resposta é dada pelo mesmo “Boca de ouro”: a quem realmente confia em Deus, nada pode separá-lo da “fonte da alegria”:

«Paulo não diz apenas: *Alegrai-vos sempre*, mas estabelece também a causa desta letícia incessante, dizendo: *Alegrai-vos sempre no Senhor*. Quem se alegra *no Senhor* não pode perder tal felicidade por nenhum acontecimento. Porque todos os outros motivos que nos trazem gozo são perecíveis e passageiros, e facilmente se perdem... O temor de Deus, em contrapartida, tem estas duas características: é seguro e inabalável, e transborda de tanta alegria que nada pode ofuscar. Quem, portanto, teme a Deus e nele confia alcançou a raiz da felicidade e apoderou-se da fonte de toda a alegria»<sup>39</sup>.

39. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Sobre as estátuas*, 18,2.

A alegria que radica *no Senhor* para *sempre* e resiste a toda a prova: «nem a morte, nem a perda dos bens ou a doença, nem a humilhação nem os desprezos, nada disto pode entristecer o justo, antes o alegrará»<sup>40</sup>.

40. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Sobre as estátuas*, 18,2.

E, comentando Jo 16,22, onde Jesus promete aos seus discípulos que *ninguém* lhes *tirá a alegria*, Crisóstomo volta a falar com a mesma clareza para os homens do seu e nosso tempo:

«São palavras breves mas ricas de imensa consolação. Mas que significa dizer: *ninguém vos tirará a vossa alegria*? Se tens riquezas, muitos te poderão tirar a alegria que delas deriva: o ladrão que arromba a casa, o servo que se apodera daquilo que lhe é confiado, o estado que to confisca ou o invejoso que tenta prejudicar-te. Se tens poder, muita coisa pode tirar-te a alegria que daí deriva: terminado o poder, finda o prazer; e até durante o exercício do poder sucedem muitas coisas que trazem dificuldades e preocupações que limitam a tua alegria. Se tens saúde

física, pode vir uma doença que te tira a alegria que dela deriva. Se tens beleza e prosperidade, vem a velhice que te entrava e tira a alegria. Se gozas de uma mesa ricamente guarnecida, chega a noite e cessa a alegria do convívio. Todos os bens desta vida são estritamente vulneráveis e não podem proporcionar-te uma alegria duradoura. Em contrapartida, com as virtudes interiores sucede precisamente o contrário. Se dás esmola, ninguém te pode tirar o mérito: ainda que um exército, rei, mil delatores ou burladores te rodeiem por toda a parte, não poderão privar-te da riqueza que depositaste no céu, e a alegria que daí deriva dura eternamente... Se elevas uma oração incessante e intensa, ninguém pode tirar-te o fruto, que também neste caso tem as suas raízes no céu e está seguro contra todo o dano, é inexpugnável. Se sofres uma maldade e retribuís com o bem, se és insultado e suportas com paciência, se és difamado e bendizes, obténs méritos que permanecem para sempre, e ninguém te poderá tirar a alegria que daí deriva; pelo contrário, cada vez que o recordares alegrar-te-ás e colherás uma grande letícia»<sup>41</sup>.

41. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Sobre as estátuas*, 16,6.

S. Agostinho vai, como de costume, mais a fundo, explicando que a alegria *no Senhor* é o próprio Senhor que é alegria e *se alegra em nós*. Comentando as palavras de Jesus registadas em Jo 15,11: «Digo-vos isso para que a minha alegria esteja em vós, e que a vossa alegria seja perfeita», prega assim aos seus fiéis:

«Em que consiste a alegria de Cristo em nós, senão no facto de que Ele se digna alegrar-se em nós? E em que consiste a nossa alegria perfeita, senão em estar em comunhão com Ele? Por isso tinha dito a Pedro: *Se não te lavar, não terás parte comigo* (Jo 13,8). A sua alegria em nós é, portanto, a graça que Ele nos concede, e esta graça é a nossa

alegria. Ele mesmo goza desta alegria desde toda a eternidade, desde que nos escolheu, antes da criação do mundo (cf. Ef 1,4). Não podemos, pois, dizer que a sua alegria não era perfeita, uma vez que não houve tempo algum em que Deus não se tenha alegrado de forma perfeita. Mas essa alegria não estava então em nós, porque nenhum de nós existia para a poder ter, nem a começámos a ter apenas quando viemos a este mundo. Mas sempre estava com Ele que, na inefável realidade da sua preexistência, se alegrava por nós que viríamos a ser seus. Quando pousava sobre nós o seu olhar e nos destinava, a alegria que Ele nutria por nós era perfeita; efetivamente, nessa alegria não havia qualquer temor que o seu desígnio não pudesse cumprir-se. Nem tão pouco quando o seu desígnio começou a realizar-se diminuiu a sua alegria que o torna feliz; se assim fosse, poder-se-ia dizer que Ele se tornou mais feliz por nos ter criado. Isto, irmãos, não pode ser: a felicidade de Deus, que não seria menor sem nós, não se tornou maior connosco. Portanto, a sua alegria pela nossa salvação, que estava nele desde que pousou sobre nós o seu olhar e nos destinou, começou a estar em nós quando nos chamou: e justamente chamamos “nossa” esta alegria que nos tornará felizes para sempre. Esta nossa alegria cresce e progride cada dia, e, mediante a perseverança, tende para a sua perfeição. Esta começa na fé dos que renascem, e atinge o seu cumprimento no prémio dos que ressuscitarão. Creio ser este o significado das palavras: *Disse-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja perfeita*: a minha alegria esteja em vós; a vossa alegria *seja perfeita*: de facto, a minha alegria foi sempre perfeita, mesmo antes de serdes chamados, quando já sabia que vos chamaria; esta alegria acende-se em vós quando em vós começa a realizar-se o meu desígnio. A vossa alegria será perfeita quando fordes felizes (*beati*);

não o sois ainda, assim como, antes, não existíeis e fostes criados»<sup>42</sup>.

42. AGOSTINHO, *Sermão* 83,1.

Justifica-se a longa citação para ilustrar como, num sermão ao povo, Agostinho expõe a mais elevada teologia sobre a alegria cristã, isto é, *alegria em Cristo*, ou da alegria como dom que é o Próprio Cristo. Como disse Paulo VI, «a alegria cristã é por essência participação na alegria insondável, ao mesmo tempo divina e humana, que há no coração de Jesus Cristo»<sup>43</sup>.

43. PAULO VI, *Gaudete in Domino*, II.

Tocamos, assim, o sentido mais profundo e essencial da afirmação de Paulo: *Alegrar-se no Senhor* é muito mais que uma experiência emotiva ou estado de alma motivado por um otimismo fácil ou “tonto”; é um bem-estar que resulta do deixar que o Senhor viva em nós (cf. *Gl* 2,20). É Ele, o Senhor Ressuscitado, o *lugar* da nossa vida e o critério dos nossos “sentimentos”: «Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus» (*Fl* 2,5). Cristo que vive em nós *alegrar-se* em nós com o mesmo júbilo do Espírito.

Não nos esqueçamos que a alegria é fruto do Espírito Santo que, por sua vez, é o alimento do espírito humano: «Sem dúvida, o espírito alimenta-se daquilo com que se alegra»<sup>44</sup>. Se «a alegria e a tristeza são como uma espécie de manjar doce e amargo»<sup>45</sup>, os cristãos podem *alegrar-se sempre*, acolhendo e restituindo o Dom recebido. A alegria é pedida *sempre* precisamente enquanto dom e fruto do Espírito (*Gl* 5,22; *Rm* 14,17). Se o Espírito é o modo de Deus estar presente no mundo, a alegria cristã pode dizer-se que é o fruto ou resultado dessa presença vivida e sentida.

44. AGOSTINHO, *Confissões*, XIII,27,42.

45. AGOSTINHO, *Confissões*, X,14,21.

É, aliás, significativa a raiz comum, em grego, de “alegria” (*chara*) e “graça” (*charis*): graça e alegria caminham, de facto, lado a lado. A alegria é a forma cristã (*em Cristo*) de viver na graça ou reconhecidos pela sobreabundância de Deus

manifestada especialmente em Cristo. E é por isso que «há mais alegria em dar do que em receber» (Act 20,35).

É, pois, o “Dom” recebido que alegra o coração do homem. Em Jesus Cristo, Deus faz-nos partícipes dos seus dons em plenitude, mostrando-nos que a raiz profunda da felicidade humana bem como a possibilidade da plenitude desta se encontram em Cristo. Não admira que já nos finais do séc. I, S. Inácio, bispo de Antioquia, se dirija aos cristãos de Éfeso saudando-os «em Jesus Cristo, nossa perfeita alegria» (*Efés. Inscr.*). Em contrapartida, aos cristãos de Roma o mesmo Santo Mártir faz votos de que «se alegrem perfeitamente em Jesus Cristo, nosso Deus» (*Rom. Inscr.*); e, numa outra *Carta* dirigida à Igreja da Magnésia, fala da «alegria pura que é Jesus» (*Magn. 7,1*); e ainda, escrevendo aos cristãos de Filadélfia, pressupõe que a “alegria” da Igreja se alicerça «na paixão do nosso Senhor e na sua ressurreição» (*Filad. Inscr.*). Todas estas palavras foram escritas, recorde-se, por um prisioneiro a caminho do martírio por causa da fé em Cristo. Assim se sublinha, desde os primeiros escritos cristãos, o fundamento cristológico da alegria “perfeita”.

Por outro lado, os Padres da Igreja reconhecem que a alegria não é exclusiva dos cristãos. Bastaria recordarmos-se que já Abraão «exultou por ver o dia do Senhor, viu-o e encheu-se de alegria» (*Jo 8,56*). Comentando este passo joanino, S. Ireneu reconhece que muitos profetas e justos do Antigo Testamento já gozaram de uma “alegria modesta”, «sabendo que viria o Rei... mas aqueles que o viram presente e obtiveram a liberdade e gozaram dos seus dons experimentaram uma alegria maior, um júbilo mais pleno, porque gozam da vinda do Rei» (IV,34,1).

Cristo é a nossa alegria na medida em que é o cumprimento de todas as profecias e promessas; mas também porque Cristo é a plenitude de todos os dons e o “tudo” da vida do homem, como bem no-lo ensina S. Ambrósio de Milão:

«Em Cristo nós temos tudo...  
Se queres curar tuas feridas, Ele é o médico.  
Se ardes de febre, Ele é a fonte.  
Se necessitas de ajuda, Ele é a força.  
Se temes a morte, Ele é a Vida.  
Se foges das trevas, Ele é a Luz.  
Se tens fome, Ele é o alimento: *Provai e vede como o Senhor é bom.*  
*Bem-aventurado o homem que nele espera (Sl 34,9)»<sup>46</sup>.*

46. AMBRÓSIO, *Sobre a virgindade*, 16.

É, pois, feliz quem espera e crê em Jesus Cristo, “fonte” da vida abundante e da abundância partilhada. No *Sermão* 28, tomando como mote o versículo do Salmo 104 que diz: «alegre-se o coração dos que procuram o senhor», S. Agostinho fala de uma alegria que nenhum alimento ou prazer material, ainda que lícito, pode saciar; essa alegria é Cristo:

«Quando nos nossos banquetes se servem algumas iguarias saborosas, logo se alegram as caras dos que procuram o alimento. Quando diante de nós se apresentam quadros de várias cores e agradavelmente pintados, logo se alegram os olhos dos que procuram ver algo estético. Alegram-se os ouvidos dos que procuram a melodia. Alegra-se o olfacto dos que procuram os bons odores. *Alegre-se o coração dos que procuram o Senhor.* Sem dúvida que cada realidade, que se apresenta diante dos nossos diversos órgãos dos sentidos, deleita cada um dos sentidos... Ora, para o nosso coração, o Senhor é luz, é voz, é odor e é alimento. E, pelo facto de Ele não ser nada disto, é que Ele é tudo isto. E, pelo facto de Ele ser o criador de tudo isto, é que Ele não é nada disto. Ele é luz para o nosso coração, e por isso lhe dizemos: *Na tua luz veremos a luz* (Sl 35,10). Ele é som do nosso coração, e por isso lhe dizemos: *Far-me-ás ouvir uma palavra de gozo e de alegria* (Sl 50,10). É odor para o nosso

coração, e é por isso que se diz acerca dele: *Nós somos o bom odor de Cristo* (2Cor 2,15). Mas se vós, por terdes jejuado, andais à procura de alimento, *Felizes os que têm fome e sede de justiça* (Mt 5,6). Ora do próprio Senhor Jesus Cristo se disse que se fez para nós *justiça e sabedoria* (1Cor 1,30). Eis que o manjar já está preparado. Cristo é justiça que nunca falta... É alimento que, referindo-se a si mesmo, diz: *Eu sou o pão vivo que desceu do céu* (Jo 6,51). É alimento que restabelece e que não se acaba. É alimento que não desaparece, quando se consome. É alimento que sacia os famintos e permanece inteiro. Quando fordes daqui para as vossas mesas, não podereis comer nada assim. Ora, uma vez que viestes para receber este manjar, comei-o bem. Mas quando fordes embora, digeri-o bem... Entendei e saboreai o que ouvistes. Avaliai como e quão grande é o que acabastes de ouvir e apreciái como são maiores as coisas que se referem a Deus. Ele supera toda a luz, todo o som, todo o pensamento. É a Ele que é preciso desejar, é por Ele que é preciso suspirar com amor, para que se *alegre o coração dos que procuram o Senhor*»<sup>47</sup>.

47. AGOSTINHO, *Sermão* 28,1-2. Cf. *Sermão* 159,2,2.

## Alegria da encarnação

A fé dos cristãos e da Igreja nasce e centra-se na paixão e ressurreição de Cristo, fonte da máxima alegria, como veremos. Depressa, porém, os discípulos de Cristo perceberam que o mistério consumado na Páscoa requeria e decorria do grande evento da encarnação. Na verdade, Jesus Cristo é realização da promessa messiânica do Antigo Testamento: «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz... multiplicaste o povo, deste-lhe grande alegria; eles alegraram-se na tua presença

como se alegram os ceifeiros na ceifa, como se alegram os que repartem os despojos» (Is 9,1-2).

A alegria há muito esperada passa, portanto, através do Verbo feito carne, através do qual a alegria de Deus se comunica ao mundo. Jesus Cristo é, por isso, a «alegria plena» ou «perfeita» (Jo 15,11; 16,24; 1Jo 1,4), enquanto plenitude da profecia.

Alegrear-se no Senhor é, antes de mais, viver no novo *kairos* marcado pela manifestação do Verbo de Deus na carne e na história dos homens. Este é o maior dom que Deus ofertou à humanidade para que ela chegue à plenitude da sua vocação: «Deus fez-se homem para que o homem venha a ser Deus»<sup>48</sup>, ou «para nos tornar participantes da natureza divina» (2Pe 1,4). Ou, ainda, segundo S. Atanásio, «o Verbo fez-se “portador da carne” para que os homens possam tornar-se “portadores do Espírito”»<sup>49</sup>.

Esta é a grande boa nova pregada insistentemente ao povo cristão pelos Padres da Igreja: «para fazer deuses aos que eram homens, Aquele que era Deus fez-se homem», enuncia Agostinho, num sermão natalício<sup>50</sup>. Gregório, bispo de Nissa, ensina a mesma doutrina, lembrando que Deus «se uniu ao nosso ser, para que, graças à sua mistura com o divino, o nosso ser se possa tornar divino»<sup>51</sup>, ou «para que a humanidade fosse divinizada»<sup>52</sup>.

A humanidade sabe agora melhor do que nunca qual a sua vocação: vir a participar da condição divina, mediante o Verbo que se fez carne: «Para nos levar a ser o que Ele mesmo é»<sup>53</sup>.

Percebemos assim melhor a razão pela qual todo o Novo Testamento é um clamor de júbilo pelo mistério do Verbo feito homem<sup>54</sup>. A Virgem Maria é a pioneira desta alegria em Cristo, porque a primeira a receber a notícia e a acolher no seu seio o Verbo de Deus: «Alegra-te, cheia de graça!», disse-lhe o anjo da anunciação (Lc 1,28). A partir de então, todo o anúncio “cristão” se tornou “Boa Nova” da alegria. João Batista “saltou de

48. Cf. ISIDRO P. LAMELAS, *A salvação como divinização na Patrística grega*, in *Mysterium Redemptionis. Congresso Internacional de Fátima*, Fátima 2002, 316-318.

49. ATANÁSIO, *Sobre a Encarnação*, 8.

50. AGOSTINHO, *Sermão* 192,1.

51. GREGÓRIO DE NISSA, *Hom. in Cant.* XXV,2 (PG 44, 788).

52. GREGÓRIO DE NISSA, *Hom. in Cant.* XXXVII,12 (PG 44, 126).

53. IRENEU, *Contra as heresias*, V, Prefácio: «Propter immensam suam dilectionem factus est quod sumus nos, ut nos perficere esse quod est ipse».

54. Cf. PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 5. Veja-se, por exemplo, a insistência no convite à alegria, durante a última ceia (Jo 15,11; 16,20-21; 22,24; 17,13). Jesus fala da sua alegria que assegura a nossa, que nos é oferecida como seu dom.

alegria” ainda no ventre materno, ao receber a visita da Mãe de Jesus que, por sua vez, expressou o seu júbilo, no *magnificat* proclamado em nome de toda a humanidade: «A minha alma glorifica o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus meus Salvador» (Lc 1,46-47).

Mas da alegria da encarnação participaram também os *humildes* pastores e, neles, todos os pobres a quem o anjo disse: «Anuncio-vos uma grande alegria, hoje nasceu para vós um Salvador» (Lc 2,11). Desde logo, portanto, a boa notícia vinda de Deus anuncia um Salvador e a salvação para todos. Pobres e ricos, ignorantes e sábios, pois também os Magos, «ao verem a estrela, sentiram imensa alegria» (Mt 2,10).

A primeira razão da alegria cristã reside nesta proximidade de Deus que se anuncia e realiza no Verbo feito Carne, o *Emanuel*.

Poderíamos reunir uma extensa antologia da pregação patrística onde a exortação à alegria pela encarnação de Deus é o mote principal. A título de amostra, citamos apenas alguns desses testemunhos que, como Paulo, não se cansam de repetir o mesmo convite: «Alegremo-nos, rejubilem e alegrem-se os povos»<sup>55</sup>. Apela-se a uma alegria a que se associam toda a terra e todas as criaturas: «Hoje a Verdade brotou da terra, Cristo nasceu de uma criatura. Alegrai-vos e festejai»<sup>56</sup>; mas também toda a humanidade, sem aceção de pessoas: «Exultem as virgens (solteiras): uma virgem deu à luz Cristo. Exultem as viúvas, a viúva Ana reconheceu Cristo ainda menino, exultem as casadas: Isabel, casada, profetizou que o Senhor Jesus Cristo ia nascer. Ninguém fica de fora sem dar testemunho daquele que é a salvação de todos»<sup>57</sup>.

No *Sermão* 184, pregado no dia 25 de dezembro, Agostinho insiste no mesmo tom jubiloso:

«Celebremos o nascimento do Senhor com a participação e ar festivo que nos merece. Exultem de alegria os homens, exultem as mulheres: Cristo nasceu homem, mas nasceu

55. AGOSTINHO,  
*Sermão* 190,1,1.

56. AGOSTINHO,  
*Sermão* 192,1.

57. AGOSTINHO,  
*Sermão* 370,2. Cf. IDEM,  
*Sermão* 192,2.

de uma mulher: ambos os sexos são honrados... exultem os jovens que seguem a Cristo e os que buscam o matrimónio... exultai justos: nasceu o autor justificador; exultai débeis e enfermos: nasceu o salvador; exultai cativos: nasceu o redentor; exultai servos: nasceu o Senhor; exultai homens livres: nasceu o libertador; exultai todos os cristãos: nasceu Cristo»<sup>58</sup>.

58. AGOSTINHO,  
*Sermão 184, 2, 2.*

São célebres os *Sermões* natalícios de S. Leão Magno, papa entre 440 e 460. Também nestes abundam os apelos fervorosos ao júbilo pelo mistério da encarnação:

«Nasceu hoje o nosso Salvador. Alegremo-nos! Não pode haver tristeza quando nasce a vida; a qual, destruindo o temor da morte, nos enche com a alegria da eternidade prometida. Ninguém está excluído da participação nesta alegria; a causa desta alegria é comum a todos, porque nosso Senhor, aquele que destrói o pecado e a morte, não tendo encontrado ninguém isento de pecado, a todos veio libertar. Exulte o santo porque está próxima a vitória; rejubile o pecador, porque é convidado ao perdão; reanime-se o pagão, porque é chamado à vida. Efetivamente, chegada a plenitude dos tempos... o Filho de Deus tomou a natureza do género humano para a reconciliar com seu autor... Por isso é que, quando o Senhor nasceu, os anjos cantaram em alegria “glória a Deus nas alturas” e anunciaram “paz na terra aos homens de boa vontade”. Porque veem a Jerusalém celeste ser formada de todas as nações do mundo, obra inexprimível do amor divino, que, se dá tanto gozo aos anjos nas alturas do céu, que alegria não deverá dar aos homens cá na terra?»<sup>59</sup>.

59. LEÃO MAGNO, *Sermões sobre o Natal*, 1,1-2.

É como se toda a humanidade dançasse ao som dessa melodia cantada pelos anjos a que se associam, de boa vontade, os

60. LEÃO MAGNO,  
*Sermões sobre o Natal*, 8,1.

homens: «Quando todas as palavras divinas nos exortam a que nos alegremos sempre no Senhor, não há dúvida que hoje [dia de Natal], que o mistério do seu nascimento brilha para nós com mais clareza, somos mais copiosamente incitados à alegria espiritual»<sup>60</sup>.

61. LEÃO MAGNO,  
*Sermões sobre o Natal*, 2,1.

O nascimento de Jesus assinala “a plenitude dos tempos” e a aurora da “nova redenção” que é motivo de felicidade duradoura: «Exultemos no Senhor, irmãos caríssimos, e regozijemo-nos com júbilo espiritual porque alvorou para nós o dia da nova redenção, dia preparado desde os tempos antigos, dia e felicidade eterna»<sup>61</sup>. No mesmo sermão, S. Leão Magno explica a razão concreta de tamanha felicidade: «Porque Deus onipotente e clemente, cuja natureza é bondade, cuja vontade é poder e cuja Ação é misericórdia... prescreveu os remédios para salvar os homens e anunciou à serpente a futura descendência da mulher, que pela sua virtude lhe esmagaria a orgulhosa cabeça, isto é, Cristo que havia de encarnar» (*ibid.*).

62. LEÃO MAGNO, *Sermões sobre a Epifania*, 2,1.4.

E, pregando sobre a Epifania do Senhor, toma como mote *Fl* 3,4: «Alegrai-vos no Senhor, caríssimos irmãos, digo de novo: alegrai-vos», para terminar com esta exortação à alegria: «celebrems com as almas em júbilo os princípios da nossa feliz esperança»<sup>62</sup>.

O regozijo dos crentes é maior depois de Cristo porque nele se consuma toda a obra de Deus em benefício da humanidade:

«A divina bondade sempre olhou, de vários modos e de muitas maneiras, pelo bem do género humano, e são muitos os dons da sua providência que na sua clemência outorgou nos séculos passados. Porém, nos últimos tempos, superou toda a habitual abundância da sua benignidade, quando, em Cristo, a própria Misericórdia desceu aos pecadores, a própria Verdade aos extraviados, e a própria Vida aos mortos; de modo que o Verbo, coeterno e igual ao Pai, assumiu a humanidade da nossa natureza para a unir

à sua Divindade, e Deus nascido de Deus, também nasceu homem fazendo-se homem»<sup>63</sup>.

63. LEÃO MAGNO,  
*Sermões sobre o Natal*, 4,1.

Na sua encarnação e paixão pela humanidade, o próprio Filho «que veio a este mundo por amor alegra-se por ser amado; requer ser amado aquele que ama todos porque é amor»<sup>64</sup>. São palavras de S. Ambrósio de Milão, segundo o qual o Filho de Deus, encarnando, «tomou sobre si a minha tristeza, para me fazer dono da sua alegria, e desceu com os nossos passos até à morte, para nos fazer regressar com seus passos à vida»<sup>65</sup>.

64. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 5,46.

65. AMBRÓSIO, *Comentário ao Evangelho de Lucas*, 10,56.

Para não cansarmos o leitor, recordemos apenas mais uma homilia patrística, de S. Cromácio de Aquileia (séc. IV):

«Disse o anjo aos pastores: *Anuncio-vos uma grande alegria porque hoje, na cidade de David, nasceu para vós o Salvador, Cristo Senhor* (Lc 2,11). Que alegria maior pode haver que esta que o anjo anuncia aos pastores, isto é, que o Rei da glória, Cristo Senhor da majestade eterna, quis nascer da Virgem para a salvação da humanidade? Pelo nascimento do Senhor experimentaram grande alegria não apenas os pastores, mas também os anjos... Escutemos, também nós, este anúncio com alegria celeste e alegremo-nos com fé, com devoção e com santidade de coração»<sup>66</sup>.

66. CROMÁCIO DE  
AQUILEIA, *Sermões litúrgicos*, 32,5.

Se pudéssemos espriar-nos por outras fontes e géneros literários, muito mais haveria de belo e relevante a expor. Pensemos, por exemplo, nos textos litúrgicos ou nos poemas de Romano Melode, um poeta siríaco do século VI, onde abundam exuberantes expressões de alegria motivadas pela celebração da natividade do Senhor: «Apiedando-se dos que choram Ele nos diz: cessai vossas lágrimas, porque o autor da alegria é Deus, gerado antes dos séculos»<sup>67</sup>. «Ao Misericordioso [Jesus] convinha-lhe uma terna mãe que nos diz também: “cessai vossas lamentações, eu serei vossa advogada junto do meu Filho; acabai com

67. ROMANO MELODE,  
*Hinos para o Natal*, XI,11.

68. ROMANO MELODE,  
*Hinos para o Natal*, XI,10.

69. ROMANO MELODE,  
*Hinos para o Natal*, XIII,6.  
Cf. XIII,5: «Entraí filhos  
na alegria da Mãe de Deus».

70. ROMANO MELODE,  
*Hinos para o Natal*, XIII,13.

71. AGOSTINHO,  
*Sermão* 193,1.

72. *Corpus Scriptorum  
Christianorum Orientalium*,  
Paris-Louvaina, 187,105,37.

a tristeza, porque eu dei ao mundo a Alegria; porque foi para vencer o reino da dor que Ele veio”»<sup>68</sup>. «Hoje a alegria manifestou-se, hoje o erro foi vencido»<sup>69</sup>. Uma alegria que é celebrada no céu e na terra: lá, os anjos cantam, cá, a humanidade dança: «A alegria acaba de nascer numa gruta. Hoje os coros dos anjos rejubilam, e todas as nações celebram a Virgem imaculada, porque ela deu à luz o Salvador; homem Adão dança»<sup>70</sup>.

Cristo nasceu homem para restituir à humanidade e a toda a criação a sua beleza e dignidade e, por isso, todas as criaturas erguem a sua voz em expressão de alegria universal pelo facto de céu e terra, Deus e humanidade, se abraçarem para sempre. A partir de agora, anjos e homens podem cantar juntamente a beleza do cosmos que se exprime num único hino de louvor: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade» (*Lc* 2,24). Num sermão natalício, S. Agostinho comenta assim esta doxologia angélica:

«É uma voz de festa e de rejúbilo não apenas para a mulher que dera à luz o Salvador. Era, de facto, digno e sumamente devido que por tal nascimento felicitassem a Mãe e fizessem festa não apenas as mulheres comuns com felicitações humanas, mas os anjos com louvores divinos. Proclamemos, pois, também nós com a máxima alegria possível... proclamemos também nós, com um coração cheio de fé e com voz pia: *Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade*»<sup>71</sup>.

Se a alegria foi grande na Anunciação e concepção do Verbo, foi ainda maior no nascimento do *Emanuel*. Confirma-o, segundo S. Efrém (séc. IV), o facto de «um só anjo ter anunciado a sua concepção, enquanto o seu nascimento foi anunciado por uma multidão de anjos»<sup>72</sup>. O mesmo autor celebra em seus poemas a alegria «daquela noite em que anjos e arcanjos cantaram um novo hino àquele que desceu à terra. Todo o mundo

ecoa em hinos de louvor»<sup>73</sup>. A terra inteira e toda a Igreja participam desta festa universal: «Alegrai-vos; manifesta, ó terra, a tua alegria na nossa festa!, cante a Igreja cânticos de alegria e louvor e agradeça o Menino que trouxe a total libertação»<sup>74</sup>.

S. Gregório de Nazianzo, pregando sobre a Natividade de Jesus, alinha pelo mesmo diapasão:

«Jesus Cristo nasceu, rendei-lhe glória! Cristo desceu dos céus, correi para Ele! Cristo está sobre a terra, exaltai-o! *Cantai ao Senhor, terra inteira. Alegria no céu; a terra exulte de alegria!* (Sl 96,1.11). Do céu, Ele vem habitar no meio dos homens; estremecei de temor e de alegria: de temor, por causa do pecado; de alegria, por causa da nossa esperança. Hoje, as sombras se dissipam e a luz se eleva sobre o mundo; como outrora no Egito envolto em trevas, hoje uma coluna de fogo ilumina Israel. O povo que estava prostrado nas trevas da ignorância, contempla hoje essa imensa luz do verdadeiro conhecimento, porque *o mundo antigo desapareceu, todas as coisas são novas* (2Cor 5,17). A letra recua, o espírito triunfa (Rm 7,6); a prefiguração passa, a verdade aparece (Col 2,17). Aquele que nos deu a existência quer também inundar-nos de felicidade; essa felicidade que o pecado nos havia feito perder, a incarnação do Filho nos devolve... Tal é esta solenidade: saudamos hoje a vinda de Deus ao meio dos homens para que possamos, não chegar, mas regressar junto de Deus; a fim de que nos despojemos do homem velho e nos revistamos do Homem novo (Col 3,9), a fim de que, mortos em Adão, vivamos em Cristo (1Cor 15,22)... Celebremos pois este dia, cheios de uma alegria divina, não mundana, mas uma verdadeira alegria celeste. Que festa, este mistério de Cristo! Ele é a minha plenitude, o meu novo nascimento!»<sup>75</sup>.

73. *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*, 187,95,3.

74. *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*, 187,102,21.

75. GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Discurso* 38: Para a Natividade.

## Alegria (*Exultet*) da Páscoa

Se a alegria pelo nascimento de Jesus é grande, ainda maior é a explosão de júbilo humano e cósmico que resulta da ressurreição. Jesus, já antes da sua morte, prometera aos seus Apóstolos e discípulos que “o seu coração se alegraria” com a sua *própria alegria*: «Falei-vos assim para que a minha alegria esteja em vós» (Jo 15,11), e seriam possuídos por uma alegria que “ninguém lhes poderia roubar”: «Chorareis e lamentar-vos-eis, enquanto o mundo se alegrará. Estareis tristes, mas vossa tristeza converter-se-á em alegria... agora estais tristes, mas eu hei de ver-vos de novo e o vosso coração se alegrará e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo 16,20.22).

O Mestre anuncia, assim, uma inversão da situação, atribuindo, por um lado, às tristezas presentes experimentadas pelos discípulos um teor transitório; por outro, conferindo à alegria do mundo um valor ilusório, pois só a alegria do Senhor é verdadeira e segura. Jesus ilustra esta mudança de *status* com a experiência da “mulher que está para dar à luz”: primeiro, entristece-se «porque a sua hora chegou»; quando, porém, dá à luz o seu filho, esquece os sofrimentos «pela alegria de ter vindo ao mundo um homem» (Jo 16,21).

A morte e ressurreição de Jesus é este “parto”, doloroso mas libertador, que, na “sua hora”, deu ao mundo o Homem novo que é Cristo ressuscitado, fonte da nossa alegria.

As páginas do Evangelho estão permeadas pela brisa beatificante desta alegria que passa dos anjos a Maria Madalena, aos apóstolos, a Paulo, aos discípulos, e a toda a Igreja (cf. Mt 28,8; Jo 20,20).

Depois da ressurreição, os Apóstolos experimentaram essa “grande alegria” prometida (Jo 20,20; Lc 24,41), que será “plena” quando Jesus regressar ao Pai (Jo 17,13). As palavras e comportamento dos discípulos depois da Páscoa confirmam a realização da promessa<sup>76</sup>.

76. Leia-se o discurso de Pedro: Se «o Senhor está sempre na minha presença, com Ele a meu lado não vacilarei. Por isso, o meu coração se alegra e a minha alma exulta e até o meu coração descansa tranquilo» (Act 2,25-26; Sl 16,8-9).

A “passagem” da tristeza à alegria é o efeito primeiro que se opera na Páscoa de Cristo: «Uma vez que os discípulos, ouvindo-o, estavam de algum modo tristes, disse-lhes: *É bom para vós que eu me vá. Se o grão de trigo não morrer fica só, mas se morrer dará muito fruto* (Jo 12,24)»<sup>77</sup>.

A ressurreição inaugura uma nova era para a humanidade, marcada pela alegria e esperança renascidas da Vida em abundância. Desde que tal Boa Nova se estendeu pelo mundo, essa alegria e esperança está ao alcance de todos, como afirma S. Justino, o primeiro cristão filósofo, que morreu mártir sob Marco Aurélio:

«Mas, nos nossos tempos, Jesus Cristo foi crucificado, foi morto e ressuscitou e, depois de ter subido ao céu, estabeleceu seu Reino; e graças à mensagem proclamada em seu nome pelos Apóstolos em todos os povos, reina agora a alegria em todos aqueles que esperam a incorruptibilidade por Ele anunciada»<sup>78</sup>.

Cristo crucificado e ressuscitado “presente” é a nova esperança dos homens, que, nele, podem também vencer a morte. Um contemporâneo de S. Justino garante que «àqueles que na paciência e pelas boas obras buscam a imortalidade, Ele [Cristo] dará a vida eterna, a alegria, a paz, o repouso e uma multidão de bens que *nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração do homem alcançou*»<sup>79</sup>.

Tal como relativamente à pregação natalícia, também no que concerne à pregação pascal abundam os apelos à festa e à celebração jubilosa:

«Eis o dia em que os raios sagrados da luz de Cristo resplandecem, a mais flamejante luz do Espírito irradia e os tesouros celestes de glória e da divindade se abriram; A noite imensa e obscura foi aniquilada, as sombras das trevas

77. ORÍGENES, *Páscoa*, II, 49. «A vossa tristeza mudar-se-á em alegria (Jo 16,20)... Durante aquele um pouco tempo em que não viam Jesus, eles procuravam-no... choravam... mas a sua tristeza converter-se-ia em alegria, quando se cumpriram estas palavras: *mais um pouco de tempo e me vereis* (Jo 16,16)» (ORÍGENES, *Com. Ev. João*, XXXII,31).

78. JUSTINO, *Primeira Apologia*, 42,4.

79. TEÓFILO, *A Autólico*, I,14.

foram destruídas por esta luz, a penumbra triste da morte foi vencida. A vida estendeu-se a todos os seres e todos são colmados de uma grande luz... Que os céus festejem e narrem a glória de Deus (Sl 18,1)... que os anjos e os arcanjos do céu festejem, e que todo o povo faça festa... Que se associem à festa o coro dos astros... Que o ar e o mar festejem; que a terra faça festa porque foi regenerada pelo sangue divino; que todas as almas humanas festejem, porque redimidas por um novo renascimento!»<sup>80</sup>

80. *Homília sobre a Santa Páscoa*, 1-2 (SC 27,116-120).

A Páscoa é, pois, a grande festa do céu e da terra, e até os infernos celebram o “dia que o Senhor fez”, juntamente com todas as criaturas:

«O dia que o Senhor fez abarca e penetra tudo: terra e infernos! A luz que é Cristo não se deixa conter por barreiras, nem impedir pelos elementos ou trevas do mundo. A luz de Cristo é um dia sem noite, um dia sem fim que resplandece por toda a parte, em toda a parte brilha e habita... Na ressurreição de Cristo todas as criaturas são glorificadas. Até o sol brilha com mais vigor neste dia: não devia também ele associar-se à alegria da ressurreição, ele que se tinha entristecido aquando da morte de Cristo?... Devemos, pois, irmãos, alegrar-nos neste santo dia... Que ninguém se exclua desta alegria, por causa do seu pecado. Bem sabeis que a alegria e a vitória são mais fortes do que o cativo do pecado e as cadeias do mal»<sup>81</sup>.

81. MÁXIMO DE TURIM, *Homília 57*, segundo PL 53, nas edições mais recentes.

O anúncio de Cristo ressuscitado coincide, como vemos, com o anúncio da grande libertação de todas as penas e cadeias da humanidade. É “uma multidão de bens” e “riquezas” que agora estão ao alcance de todos. Uma abundância de dons que inaugura um tempo novo, mas que vai muito para além deste tempo. Conforme prega S. Ambrósio, Cristo morreu e ressuscitou

«para vivificar a miséria da condição humana com a eterna riqueza da sua ressurreição e afastar definitivamente a escravidão dos homens, iluminar a cegueira dos corações, e anunciar o ano do Senhor, agora alargado a todos os séculos futuros»<sup>82</sup>.

82. AMBRÓSIO, *De fide*, 4,9,113.

Numa belíssima homilia de S. João Crisóstomo que ainda hoje se lê nas Igrejas Ortodoxas na noite pascal, reencontramos a mesma exortação à alegria pascal, sublinhando essa sobreabundância de Deus:

«Alegre-se todo o homem amante de Deus nesta festa radiosa.

Entre jubiloso o servo fiel na alegria do seu Senhor.

Quem carregou o peso do jejum, venha agora colher a recompensa.

Quem trabalhou desde a primeira hora, receba agora o justo salário.

Quem chegou depois da terceira hora, celebre esta festa com gratidão.

Quem chegou apenas depois da sexta hora, apresse-se também: não será prejudicado.

Se alguém tardou até à nona hora, venha sem hesitar.

E não se envergonhe o operário da hora duodécima: o Senhor é generoso.

O último recebe tanto como o primeiro.

Acolhe na sua paz o operário da última hora,

Da mesma forma que acolhe o que madrugou para o trabalho.

Do último tem compaixão, ao primeiro deixa saciado.

A este dá, ao outro agracia...

Entrai todos na alegria do vosso Senhor!

Primeiros e últimos, ricos e pobres,

os que vigiaram e os que se deixaram dormir,

vós que jejuastes e vós que não jejuastes,

alegrai-vos hoje!  
O festim está pronto, vinde todos (Mt 22,4)!  
O vitelo gordo está servido, que ninguém se vá embora  
com fome.  
Saciai-vos todos no banquete da fé, vinde servir-vos do  
tesouro da misericórdia.  
Que ninguém lamente a sua pobreza, porque o Reino  
chegou para todos;  
que ninguém chore as suas faltas, porque o perdão brotou  
do túmulo;  
que ninguém receie a morte, porque a morte do Salvador  
dela nos libertou.  
Aquele que a morte tinha agarrado destruiu-a,  
Aquele que desceu aos infernos despojou-os...»<sup>83</sup>.

83. JOÃO CRISTÓSTOMO,  
*Homilia pascal.*

O anúncio da ressurreição ressoa desde a “primeira hora” e  
“primeiro dia que o Senhor fez”, como uma “Boa Nova” jubilosa  
que quer chegar a todos os povos e despertar os corações adormecidos pela desilusão das promessas frustradas ou pela nuvem densa das tristezas deste mundo, como bem no-lo mostram estas palavras que Romano Melode põe na boca do Ressuscitado:

«Que a tua língua, mulher, divulgue esta notícia,  
e explique aos filhos do Reino que esperam a ressurreição  
da Vida.  
Corre, Maria, a reunir à pressa os meus discípulos.  
Eu tenho em ti uma trombeta de voz potente:  
Soa um canto de paz aos ouvidos temerosos dos seus  
amigos escondidos;  
Desperta-os a todos do sono,  
para que venham ao meu encontro e acendam as tochas.  
Vai, e diz: “O Esposo despertou, saindo do túmulo, sem  
nada deixar lá dentro.  
Expulsai de vós, ó apóstolos, a mortal tristeza,

pois ressuscitou aquele que dá aos  
homens caídos a ressurreição”»<sup>84</sup>.

84. ROMANO MELODE, *Hino XL, Sobre a ressurreição*, 12.

Este júbilo incontido de toda a humanidade regenerada é celebrado especialmente no *Exultet* que a Igreja canta na noite de Páscoa e ecoa durante todo o tempo pascal. É uma alegria que celebra a vitória da vida sobre a morte e anuncia o acesso à plenitude de vida nova prometida e, agora, oferecida na paixão e ressurreição de Cristo:

«Exulte de alegria a multidão dos Anjos,  
Exulte a assembleia celeste,  
Ressoem hinos de glória para anunciar o triunfo de tão  
grande Rei.  
Rejuble também a terra, inundada por tão grande luz,  
Porque a luz de Cristo, Rei eterno, dissipa as trevas de todo  
o mundo.  
Alegre-se a Igreja, nossa mãe, adornada com o resplendor  
da glória do seu Senhor,  
Ressoem neste templo as aclamações  
do povo de Deus em festa»<sup>85</sup>.

85. *Missal Romano*.

Toda a liturgia é a celebração desta alegria renovada que brota do mistério pascal. A pregação da Igreja de ontem e de hoje não faz mais que refletir e irradiar essa alegria pascal que contagia terra e céu:

«Celebram esta vigília [pascal] do Senhor os anjos no céu,  
os homens na terra e as almas dos justos nos infernos.  
Celebram os anjos no céu porque com a sua morte Cristo  
destruiu a morte, espezinhou os infernos, salvou o mundo  
e libertou o homem. Celebram-na justamente porque  
a salvação do mundo é alegria para os anjos. Porque se há  
alegria entre os anjos por um pecador que se converte, como

se lê no Evangelho (cf. Lc 15,7), quanta mais alegria pela redenção do mundo inteiro. Celebram a mesma alegria também os homens na terra, porque pela salvação do género humano Cristo sofreu a morte para que, morrendo, vencesse a morte. Celebram a alegria pascal também os justos nos infernos porque Cristo desceu aos infernos para que aí deixasse de reinar a morte do inferno...»<sup>86</sup>.

86. CROMÁCIO DE  
AQUILEIA, *Sermões litúrgicos*,  
16: sobre a Vigília pascal, 2.

Segundo o mesmo Padre da Igreja, esta alegria em Cristo ressuscitado, comemorada na grande noite pascal e em cada domingo, é ainda mais abrangente, pois é celebrada pela própria Trindade: «Devemos ir ainda mais longe: celebram esta vigília pascal também o Pai com o Filho e com o Espírito Santo. Efetivamente, segundo a vontade do Pai o Filho sofreu a morte para que, morrendo, nos desse a vida. Esta vigília é, portanto, não apenas a festa dos homens e dos anjos, mas também a festa do Pai, do Filho e do Espírito Santo, porque a salvação do mundo é alegria da Trindade»<sup>87</sup>.

87. *Ibidem*.

A Boa Nova de Cristo é esta plenitude de dons oferecida, desde o presente, a todos os que esperam a “vida eterna” que por ser *vida* não deve morrer e por ser *eterna* não pode ser interrompida.

«Por isso – dizem os cristãos desde a primeira hora – nós festejamos o oitavo dia em alegria, no qual Jesus ressuscitou dos mortos»<sup>88</sup>. Na *Didascália dos Apóstolos* (do começo do século IV) é feita a veemente recomendação: *peccati reus est omnis qui animam suam afligit prima sabbati*, isto é: «comete pecado quem ao domingo está triste»<sup>89</sup>.

88. *Epístola de Barnabé*, XV,9.

89. *Didascália dos Apóstolos*,  
V,20,11 (F.X. Funk I,  
Paderborn 1905, 298).

Este o motivo que levava os mártires a encarar a morte com alegria e a confessar “não poderem viver sem celebrar o mistério do Senhor” (*Sine Dominico non possumus*)<sup>90</sup>. Invoquemos apenas dois ilustres exemplos no masculino e no feminino: o mártir Policarpo, bispo de Esmirna (155), enfrentou o martírio «cheio de júbilo e coragem, e seu rosto irradiava alegria»<sup>91</sup>.

90. *Actas dos Santos*  
*Saturnino e companheiros*, 11.

91. *Martírio de Policarpo*, XII,1.

No martírio das santas Perpétua e Felicidade (séc. III) descreve-se assim o momento crucial da sua *passio*: «Chegou, por fim, o dia da vitória e Perpétua e Felicidade passaram da prisão para o anfiteatro, como se fosse o céu, radiantes de alegria e com rostos felizes, comovidos não pelo temor, mas pela alegria»<sup>92</sup>.

92. *Martírio das santas Perpétua e Felicidade*, 18.

A alegria pascal chega ao seu ápice no dia do Pentecostes, no qual se cumpre a promessa do envio do Consolador (*Jo* 16,7). É a plenitude da alegria pascal em toda a Igreja, pois «a alegria é fruto do Espírito Santo» (*Gl* 5,22). E, de facto, os *Actos dos Apóstolos* confirmam que «os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo» (*Act* 13,52). Eles sabem que, a partir de agora, o «reino de Deus não é questão de comida ou bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (*Rm* 14,17).

Podemos então dizer que o Espírito Santo é o coração de Deus que, depois do Pentecostes, bate no coração da Igreja e em cada cristão batizado e crismado. É este «amor de Deus que, derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado» (*Rm* 5,5), nos leva a rejubiliar, como diz Orígenes: «se quem crê é movido pela força do Espírito Santo, terá sempre a plenitude da alegria e da paz».

## A alegria da conversão

O Evangelho é o anúncio da alegria da salvação *em Cristo*: «Acreditando nele... vós rejubilais com uma alegria indizível e gloriosa, porque alcançais o fim da vossa fé, isto é, a salvação das vossas almas» (*1Pe* 1,8-9).

Se o pecado ou afastamento de Deus gera tristeza, a conversão constitui um motivo forte da alegria: «Haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende...» (*Lc* 15,7; cf. 15,9; 15,22-32). Este tema da alegria pela conversão, assim introduzido pela pregação de Jesus, percorre toda a literatura cristã

e deveria levar-nos a revalorizar a dimensão festiva da nossa espiritualidade penitencial.

Também neste ponto a mensagem de Fátima está em total sintonia com o Evangelho. A Senhora de Fátima aparece aos Pastorinhos com um semblante triste devido aos pecados do mundo. Os Pastorinhos querem “consolar” Nosso Senhor ofendido, rezando pela conversão dos pecadores ou simplesmente expressando o seu gozoso amor por Jesus: «Gosto tanto de dizer a Jesus que o amo»<sup>93</sup>.

Deus, como Pai que quer o bem de seus filhos, “entristece-se” quando estes se afastam dele e alegra-se pelo seu “regresso”. Os Padres da Igreja, sempre inspirados nas Escrituras, ensinam que tanto o Pai como o Filho são os primeiros a celebrar a alegria do “regresso” do pecador: «Alegra-se o Pai pelo regresso do pecador; mas antes alegra-se o Filho por ter encontrado a ovelha perdida, para que saibas que um só é o gáudio do Pai e do Filho»<sup>94</sup>.

As parábolas da misericórdia (cf. *Lc 15*) ilustram esta “alegria maior” pelo pecador que se converte. É o próprio Senhor que diz «alegrai-vos comigo» (*Lc 15,10.23*): isto é, Deus alegra-se pelo nosso “regresso” e convida-nos a participar da mesma alegria. Não há alegria superior à que advém do reencontro com o Pai e de todos os demais bens que daí derivam:

«Que alegria é maior do que aquela resultante da reconciliação com Deus, nosso Pai e Senhor, da revelação da verdade e reconhecimento dos erros passados, do perdão dos pecados cometidos no passado? Que gozo maior do que aquele que deriva do desprezo dos prazeres mundanos, da verdadeira liberdade, de uma consciência pura, de uma vida regrada, da total ausência de medo da morte?»<sup>95</sup>

S. Agostinho experimentou e exprimiu como ninguém esta passagem da inquietude à alegria, e das lágrimas ao júbilo (suas e de sua mãe), aquando da conversão ou regresso à fé da

93. Cf. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO, *Conversão*, in *Enciclopédia de Fátima*, Fátima 2007, 253-156.

94. AMBRÓSIO, *Comentário ao Evangelho de Lucas*, 7,133.

95. TERTULIANO, *Sobre os espectáculos*, 29,1. Para Tertuliano, os prazeres e alegrias do “espetáculo” deste mundo nada têm a ver com a verdadeira alegria (cf. *Ibid.* 15) e o verdadeiro *spectaculum* da fé e da esperança cristã (cf. *Ibid.* 30).

Igreja. Confessa, de facto, que, quando foi ter com sua mãe e lhe revelou a decisão tomada, ela «exultou e ficou radiante de contentamento», porque, continua o filho de Mónica, Deus «converteu suas dores numa alegria muito mais intensa de quanto tinha desejado»<sup>96</sup>. Nas suas *Confissões* refere-se recorrentemente à alegria que lhe trouxe a conversão a uma vida nova a que Deus, por sua infinita graça, o tinha conduzido e explica-nos, recuperando as parábolas evangélicas da misericórdia, o porquê dessa “alegria maior” pelo pecador arrependido:

96. AGOSTINHO, *Confissões*, VIII,12,30.

«Deus de bondade, que se passa no homem para ele se alegrar mais com a salvação de uma alma sem esperança e liberta de maior perigo do que se a esperança sempre tivesse estado com ela ou o perigo fosse menor? Pois também tu, ó Pai misericordioso, te alegras mais por uma pessoa que faz penitência do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência. E nós ouvimos com grande alegria, quando ouvimos como, nos ombros exultantes do pastor, foi trazida de volta a ovelha que se desgarrara, e como a dracma foi restituída aos teus tesouros, regozijando-se as vizinhas com a mulher que a encontrou, e arranca-nos lágrimas a alegria da solenidade da tua casa, quando na tua casa se lê acerca do teu filho mais novo, que *estava morto e voltou a viver, tinha-se perdido e foi encontrado*. Alegras-te, na verdade, em nós e nos teus anjos, santos pela tua santa caridade»<sup>97</sup>.

97. AGOSTINHO, *Confissões*, VIII,3,6.

Agostinho vê nessa sua nova alegria da conversão um dom precioso da misericórdia divina<sup>98</sup> que o retirara dos «angustiantes suspiros, lágrimas, perturbação e inquietude»<sup>99</sup>, para o conduzir a uma vida nova, em que a felicidade ou verdadeira alegria consiste em viver em Deus, por Deus e para Deus:

98. AGOSTINHO, *Confissões*, X,24,35: «Estas são as minhas santas delícias que, por tua misericórdia, me deste, olhando para a minha pobreza».

99. AGOSTINHO, *Confissões*, IV,7,12.

«Longe de mim, Senhor, longe do coração do teu servo, que se te confessa, longe de mim considerar-me feliz, com qualquer alegria com que me alegre. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que desinteressadamente te servem, cuja alegria és tu mesmo. E a vida feliz consiste em sentir alegria junto de ti, em ti, por ti: esta é a vida feliz e não há outra. Aqueles, porém, que julgam que há outra vida feliz, perseguem outra alegria que não a verdadeira. Contudo, a sua vontade não se afasta de uma certa imagem de alegria»<sup>100</sup>.

100. AGOSTINHO,  
*Confissões*, X,22,32.

Devemos alegra-nos pelas graças e benefícios que Deus concede à nossa vida, sem nos fixarmos, contudo, apenas na vida pessoal. O cristão deve reconhecer e alegrar-se também pelos benefícios que contempla na vida dos outros, mormente pela graça da conversão e libertação do mal<sup>101</sup>. O cristão ora pelos pecadores, sabendo-se um deles, e alegra-se com a sua conversão: «Se verificamos que alguém, convertido do erro, abandona as trevas da ignorância para a luz da verdade, e merece a remissão dos pecados e a graça do Espírito Santo, devemos alegrar-nos com tais pessoas»<sup>102</sup>.

101. Cf. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homilias sobre os*  
*Salmos*, 117,6; 125,1.

102. ORÍGENES, *Comentário*  
*à Carta aos Romanos*, IX,15,1.

Como sugerem as citadas palavras de Orígenes, o primeiro grande motivo de júbilo é a passagem das “trevas da ignorância” para “a luz da verdade”. Ninguém melhor do que S. Agostinho nos pode, mais uma vez, explicar essa ligação direta entre a alegria e a verdade:

«Afinal não é certo que todos queiram ser felizes, porque aqueles que não querem sentir alegria em ti, o que é a única vida feliz, não querem realmente a vida feliz... Com efeito, pergunto a todos se preferem encontrar a alegria na verdade ou na falsidade: não hesitam em dizer que preferem encontrá-la na verdade, como não hesitam em dizer que querem ser felizes. Pois a vida feliz é uma alegria que vem

da verdade. É uma alegria que vem de ti, que és a Verdade (Jo 14,6), ó Deus, que és a minha luz, salvação da minha face, ó meu Deus. Todos querem esta vida feliz, todos querem esta vida que é a única feliz, todos querem a alegria que vem da verdade. Conheci, por experiência, muitas pessoas que queriam enganar, mas ninguém que quisesse ser enganado. Onde é que, então, eles conhecem esta vida feliz senão onde conhecem também a verdade? E amam a verdade porque não querem ser enganados, e, quando amam a vida feliz, que não é outra coisa senão a alegria que vem da verdade, amam de facto também a verdade, e não a amariam se dela não houvesse algum conhecimento na sua memória. Porque é que, então, não sentem alegria na verdade? Porque é que não são felizes? Porque se ocupam mais empenhadamente em outras coisas que os fazem infelizes, em vez de os fazer felizes aquilo de que tenuemente se lembram. Por enquanto, ainda há um pouco de luz entre os homens; caminhem, caminhem, para não serem apanhados pelas trevas... Feliz será, pois, se, sem que nenhuma infelicidade o perturbe, se alegrar unicamente com a Verdade, em virtude da qual são verdadeiras todas as coisas»<sup>103</sup>.

103. AGOSTINHO,  
*Confissões*, X,23,33-34.

Quem vive na mentira e rege a sua vida pelos caminhos de falsas verdades nunca poderá, portanto, dizer que é feliz ou que vive na alegria. Voltemos a escutar a pregação de S. Agostinho:

«Enfim, repara naquilo que se segue: *Foi gravada em nós, Senhor, a luz do teu rosto. Deste alegria ao meu coração* (Sl 4,7). Ao meu coração e não à minha despesa, não à minha arca, mas ao meu coração. Repara que *foi gravada em nós, Senhor, a luz do teu rosto*. Com efeito, alguém adquire ouro e coloca-o na arca. Alegra-se o seu coração, mas com aquilo que é vão, não com a verdade. Queres ver como é em vão

que se alegra quem assim se alegra e quem presume que é verdadeiro aquilo que é falso? Esse tem a arca cheia, sai da sua casa e, onde quer que ande, alegra-se, porque a sua arca está cheia. Um outro teve a arca cheia e perdeu o que tinha, porque lho roubaram. Ele não o sabe e continua a alegrar-se, não sabe que o ouro desapareceu e continua a alegrar-se. Como é que podia ser teu aquilo que não estava em ti? Eis que o ouro já desapareceu e tu ainda te alegras. Estás a alimentar uma esperança vã. Porquê, se não porque procuras o que é vão? Para quê? Em vista de que benefício e com que vantagem? Eis que perdeste tudo, embora tenhas amado aquilo que perdeste. Mas como é que te arruinaste? Volta, pois, ao bem supremo, para que possas dizer: *Foi gravada em nós, Senhor, a luz do teu rosto* (Sl 4,7); *Deste alegria ao meu coração*. Aí está a razão porque me alegro, o bem está no interior, esconde-se na arca interior. Não é possível que percas isto contra a tua vontade»<sup>104</sup>.

104. AGOSTINHO,  
*Sermão 72,13.*

A verdadeira alegria é, pois, interior e brota da conversão das coisas exteriores ao tesouro e templo interior onde mora Deus.

## Alegria e santidade

A alegria é, por isso, uma componente essencial e imprescindível da vida cristã. O cristão vive o seu dia a dia num dinamismo de renovado otimismo porque se sabe “escolhido” e amado por Deus: «Alegrai-vos, porque os vossos nomes estão escritos no céu» (Lc 10,20). A verdadeira alegria não se prende, portanto, com sucessos fáceis nem se resume a motivos e momentos de felicidade passageiros: é uma alegria que não

é do domínio do fazer, mas do ser e do saber-se “inscrito” no plano salvífico de Deus. Assim é a alegria dos santos.

Não é por acaso que, na tradição cristã, “santo” e “bem-aventurado” são muitas vezes sinónimos. Ora “bem-aventurado” significa “feliz”. Na primeira homilia *Sobre as Bem-aventuranças*, S. Gregório de Nissa começa por recordar que «a alegria é própria de quem chamamos bem-aventurado, na medida em que lhe é prometido o gozo e o júbilo» (3).

O dito atribuído a S. João Bosco que afirma que “um santo triste é um triste santo” deveria corrigir-se em semelhantes termos: “um santo triste não existe, porque se é santo não pode ser triste e se é triste não deverá ser santo”.

O santo é “feliz”, não apenas porque virá a gozar ou já goza da “bem-aventurança eterna”, mas porque já vive neste mundo a “perfeita alegria”<sup>105</sup>, não obstante as lágrimas da vida que nos mostram que todas as alegrias terrenas são imperfeitas. O santo é aquele que vive na alegria de Deus e que canta pedindo ao Senhor: *Tu esto nostrum gaudium* («Sê, Tu, a nossa alegria!»)<sup>106</sup>.

Esta noção aparece já magnificamente formulada num dos poemas mais belos da primitiva literatura cristã. Falamos das chamadas *Odes de Salomão*, uma recolha de poemas de autor desconhecido, datável do séc. II, que é como que um *magnificat* colocado na boca do cristão vocacionado à santidade: «Tal como a impetuosidade da ira contra a iniquidade, assim a impetuosidade da alegria para com o amado; Ele recolhe os frutos sem obstáculos. A minha alegria é o Senhor e é para Ele que eu corro e como é belo o meu caminho!»<sup>107</sup>.

Efetivamente, como ensina S. Ambrósio, «quem acolhe Cristo dentro de sua casa é saciado com a alegria mais extraordinária de gozos sem medida»<sup>108</sup>. S. Agostinho terá ouvido o bispo Ambrósio dizer algumas vezes isto, até que um dia experimentou, ele próprio, como eram verdadeiras tais palavras: «Ó minha alegria que tardaste em chegar!»<sup>109</sup>; «...Tu, a verdadeira alegria para mim»<sup>110</sup>.

**105.** Expressão já usada por INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Efésios*, Inscr. Alegria que é «perfeita em Cristo». Cf. IDEM, *Carta aos Magnésios*, 7,1.

**106.** Hino antigo cantado ainda hoje na *Liturgia das Horas*, durante o tempo da Quaresma, na Hora intermédia, III.

**107.** *Odes de Salomão*, VII,1-2.

**108.** AMBRÓSIO, *Comentário ao Evangelho de Lucas*, 5,16.

**109.** AGOSTINHO, *Confissões*, II, 2, 2.

**110.** AGOSTINHO, *Confissões*, VII,7,11. *Ibid.* VIII,5,10: «Começava a ter vontade de te servir sem retribuição e querer fruir de ti, ó Deus, única alegria segura».

A alegria dos santos brota da sua experiência de só em Deus e Cristo se sentirem saciados, pois «todos os que acolhem o Verbo no íntimo do seu ser não podem voltar a ter fome nem sede, porque restaurados pela abundância do alimento e da fonte celeste»<sup>111</sup>.

111. AMBRÓSIO,  
Comentário ao  
Evangelho de Lucas, 5,17.

Tal alegria tem a ver com este impulso que os move para o “Amado” (cf. *Ct* 2,8) ou para o verdadeiro Amor que os torna maximamente amáveis e felizes no Caminho abraçado que é o próprio Cristo (cf. *Jo* 14,16). Esta é «a alegria dos santos, os únicos que verdadeiramente dela se vestiram»<sup>112</sup>. E, mais à frente, o poema continua: «Aos bem-aventurados a alegria nasce do seu coração, a luz daquele que neles habita»<sup>113</sup>. A alegria cristã é mais perfeita porque “nasce do coração”, como reflexo da Luz que nele habita. Tal alegria exprime-se, nomeadamente, em expressões jubilosas como estas:

112. *Odes de Salomão*, XXIII,1.

113. *Odes de Salomão*, XXXII.

«Dos meus lábios brota um hino ao Senhor,  
porque sou o seu bem.  
Canto um santo cântico,  
porque meu coração está nele.  
Sua cítara está em minhas mãos  
e os cânticos do seu repouso não terão fim...  
Quem poderá compor cânticos ao Senhor?  
Quem será capaz de os interpretar?  
Quem poderá explicar as maravilhas do Senhor!...  
Mas basta saber e ficar tranquilo,  
como curso de água de fonte abundante,  
Ele corre para matar a sede dos que o buscam.  
Aleluia!»<sup>114</sup>.

114. *Odes de Salomão*, XXVI.

É esta sede de Deus que faz os santos. Ou melhor, os santos são aqueles que descobriram que Deus “corre” ao seu encontro, e, por isso, correm também para Ele com o entusiasmo dos sedentos das fontes abundantes. Assim se compreende também que

haja muitas vias e dimensões de santidade, pois, como afirma S. Agostinho, «a Fonte supera o sequioso» (*Fons vincit sitientem*)<sup>115</sup>.

115. AGOSTINHO,  
*Sermão 159,9.*

Essa fonte sobreabundante que sacia todas as fomes e sedes do mundo e dos homens é Cristo. Mas é, ao mesmo tempo, uma fonte e torrente que dá mais fome e mais sede, ao mesmo tempo que sacia. A vida de santidade neste mundo é esta constante tensão (*epektase*) entre uma sede já saciada e um desejo de saborear na plenitude o Sumo Bem que é Deus. Como ensina S. Gregório de Nissa, «todos aqueles que levam nas suas entranhas o desejo de Deus nunca estão saciados. Assim a alma, agora unida a Deus, declara que não está satisfeita, pois quanto maior é o gozo, mais forte é o desejo»<sup>116</sup>.

116. GREGÓRIO DE  
NISSA, *Comentário ao  
Cântico dos Cânticos*, 24.

Não se trata já do desejo dos bens visíveis que denunciam a nossa penúria e egoísmo, mas de outro Bem que coincide com a Bem-aventurança. Esta a razão pela qual a alegria cristã está sempre ligada às bem-aventuranças evangélicas.

Isto não significa que a alegria evangélica seja apenas promessa escatológica ou adiada para o futuro na plenitude e beatitude eternas. Já no presente e neste mundo essa alegria pode ser saboreada e partilhada. Na verdade, a alegria perfeita que não se encontra neste mundo, devido às provações do presente, é almejável precisamente nessas mesmas provações e através dos reais sofrimentos da nossa peregrinação terrena. Efetivamente, para o discípulo de Cristo, o caminho da alegria é também o caminho da cruz, assim como as vias da bem-aventurança passam pelas lágrimas, sofrimentos e perseguições.

Perceberam-no muito bem os três Pastorinhos, que experimentaram a alegria inefável da luz e do amor de Deus em circunstâncias de prova e adversidades.

## ***Sobria ebrietas: O vinho da alegria***

Na tradição judaico-cristã, o vinho assume um significado quase sempre positivo, como expressão da «alegria que alegra os deuses e os homens» (Jz 9,13; cf. Sl 103,15; Ecl 9,7). Tanto no Antigo como no Novo Testamento, o vinho aparece relacionado com a felicidade, a vida em plenitude, o banquete do Reino. Jesus, ao identificar-se com “a videira”, assume-se como essa plenitude de vida oferecida aos “ramos” a Ele unidos (Jo 15,5).

Não surpreende, pois, que os Padres da Igreja recorram à metáfora do vinho e da *ebrietas* para falar da alegria espiritual. Um dos documentos mais antigos da literatura cristã, *O Pastor*, de Hermas, faz da alegria um *mandamento* da vida dos batizados, contraposta à tristeza, contrária ao Espírito Santo:

«Reveste-te, pois, de alegria que é sempre agradável a Deus e também Ele nela se compraz. De facto, todo o homem alegre pratica e pensa o bem e desdenha da tristeza. O homem triste, em contrapartida, age sempre mal: Faz o mal, primeiro porque entristece o Espírito Santo que foi dado ao homem alegre; segundo, porque quem entristece o Espírito Santo comete uma iniquidade, pois não ora nem louva a Deus. De facto, a prece do homem triste nunca pode subir ao altar de Deus»<sup>117</sup>.

117. HERMAS, *O Pastor*, 42,1-2.

Logo a seguir explica-se por que razão a oração do triste não sobe ao altar:

«Porque a tristeza se instalou no seu coração. Sendo assim, uma vez que a tristeza se misturou com a oração, não permite que a oração suba pura ao altar. Tal como o vinagre e o vinho, misturados no mesmo vaso, não mantêm o mesmo sabor agradável, assim também a tristeza, misturada com o Espírito Santo, não é capaz da mesma oração.

Purifica-te, portanto, de tal tristeza má e viverás para Deus. Todos os que sacudirem de si a tristeza e se revestirem de alegria total viverão para Deus»<sup>118</sup>.

Assim como “o vinagre e o vinho, misturados, não mantêm o bom sabor”, também a tristeza não deve adulterar a alegria do Espírito Santo.

A metáfora da *sobria ebrietas* é recorrente sobretudo para exprimir o cume da alegria que deriva da união com Cristo<sup>119</sup>. A alma, atraída pelo Verbo-Cristo, inebria-se da sua Palavra e dos sacramentos, contemplando nestes já as realidades eternas: «Os teus pensamentos, os teus sacramentos, são melhor que vinho, desse vinho que, embora tenha em si doçura, letícia, prazer, conserva uma alegria mundana (*laetitia saecularis*), enquanto em ti há uma alegria espiritual (*iucunditas spiritalis*)»<sup>120</sup>.

O tema da “sóbria embriaguez” (*sobria ebrietas*), introduzido por Orígenes ao comentar o *Cântico dos Cânticos* (5,1), foi retomado por S. Ambrósio e Padres da Igreja posteriores para falar da relação mística da alma com Cristo, seu Esposo. Trata-se de um estado ou experiência espiritual de entusiasmo e alegria que resulta da contemplação das realidades divinas e do saborear os dons sobreabundantes da graça de Deus<sup>121</sup>.

Ao compreender e saborear a inestimável riqueza e abundância dos benefícios divinos, o homem experimenta uma “bebedeira sóbria” de alegria. Comentando o passo do *Cântico dos Cânticos* que diz «Comei, meus caros amigos, bebei e inebriai-vos» (5,1), Ambrósio prossegue:

«É boa a ebriedade que produz uma espécie de êxtase que transporta o espírito para lugares melhores e agradáveis e faz que o nosso ânimo esqueça as suas preocupações e se alegre com o vinho que dá prazer. É boa a ebriedade do convite espiritual: *É maravilhoso o cálice que inebria* (Sl 22,5). E num outro podes ler: *inebria os teus rebentos*,

**118.** HERMAS, *O Pastor*, 42,3-4. S. Francisco de Assis compara a tristeza ao pó com que o Maligno tenta ensombrar as almas; por isso, o *Poverello* aconselha o cristão a «defender-se e reagir pela alegria» (TOMÁS DE CELANO, *Vida segunda*, 125). Devemos ao *Poverello* uma das páginas mais belas sobre a “perfeita alegria” evangélica.

**119.** Cf. JAN POLIKARP NOWAK, *De sobrietate et ebrietate in primaeva Ecclesia*, Roma 1994.

**120.** AMBRÓSIO, *De sacramentis*, 5,2,7.

**121.** Cf. JACQUES LACARRIÈRE, *Les hommes ivres de Dieu*, Paris 1975, *passim*.

*multiplica as tuas gerações.* Isto porque a ebriedade da terra (quando bem embebida pela chuva do céu) faz germinar as sementes e multiplicar os frutos. Assim também a palavra de Deus, que desceu do céu como uma chuva, logo que inebria as veias desta nossa terra e do nosso ânimo e espírito com uma proclamação operada por Deus, reativa a paixão pelas diversas virtudes e torna perfumados os frutos da fé e de uma piedade pura. E é então justo que se diga: *Visitaste a terra e a inebriaste* (Sl 64,10). Efetivamente, visitou-a, assumindo um corpo para curar os doentes; inebriou-a com a graça espiritual para dar aos que sofrem uma carícia de alegria»<sup>122</sup>.

122. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 13,23-25.

Como vemos, a *ebrietas* de que se fala pode coincidir com essa “carícia de alegria” que o Esposo concede ao seu amado, ou com o êxtase contemplativo. Esta alegria inebriante está, porém, ao alcance de todo aquele que escuta a palavra de Deus e a acolhe com generosidade no seu coração, donde nascem sentimentos de doçura e alegria:

«A alma convida o esposo para o seu jardim. O esposo vem e alegra-se por ter encontrado um alimento mais substancial e também mais delicioso. Há, de facto, por assim dizer, um pão da palavra e um mel da palavra: uma pregação é mais veemente, enquanto outra é mais agradável. Também existe um tipo de fé mais fervente, como o vinho, e uma outra mais esplendente e cândida como o leite. Cristo come este alimento dentro de nós, bebe esta bebida e, tomado pela embriaguez deste bebida, incita-nos a passar das coisas inferiores para as superiores e melhores. Escutando estas palavras a alma alcança a embriaguez dos mistérios celestes, e, como que embebida em vinho, vendo-se quase em êxtase e em estado de espanto, diz: *Durmo, mas o meu coração está desperto* (Ct 5,2)»<sup>123</sup>.

123. AMBRÓSIO, *Isaac*, 5,49-6,50.

Esta alegria é chamada “espiritual” porque é dom e fruto do Espírito (Gl 5,22) que faz daquele que se deixa habitar por Ele um homem novo, comparável aos “odres novos”, capaz de conter o “vinho novo da graça dos divinos mistérios”. Deixando-se penetrar pelo orvalho da Palavra, da oração e da penitência, o homem espiritual experimenta uma alegria imensa, porque vive já na “embriaguez do Espírito”<sup>124</sup>. «Há também [– insiste S. Ambrósio –] a palavra do Espírito mais fervente, que inebria como o vinho e alegra o coração do homem»<sup>125</sup>.

A linguagem da *iucunditas spiritalis* (prazer, alegria, felicidade) que provém de Orígenes (séc. III) terá grande futuro na mística cristã. Sobretudo na Eucaristia e na Palavra, Cristo é esse alimento e bebida inebriante, fonte de graça, que sacia e nos cumula de alegria: «Alegremo-nos em tal alimento de que o profeta diz: *coloca a tua alegria no Senhor* (Sl 36,4). Este alimento é apreciado por aqueles que compreenderam com admirável inteligência os prazeres mais elevados, aqueles que podem conhecer o puro e superior gozo da mente»<sup>126</sup>.

Mas algo de semelhante poderíamos dizer também da Palavra e seu acolhimento da parte do crente. A prepósito da expressão salmódica: «Alegro-me com a tua promessa, como quem acha um grande despojo» (Sl 118,162), S. Ambrósio comenta que «é bom estremecer sob a Palavra de Deus, se isso produzir júbilo: o homem que as palavras de Deus fazem tremer é o homem que depois exulta na Palavra de Deus»<sup>127</sup>. E, continua o bispo de Milão, «é precisamente por este motivo que exultando diz: *Darei ao meu ouvido alegria e letícia: Exultarão os ossos humilhados* (Sl 50,10)... Assim David se alegra ao ouvir que virá o perdão dos pecados. E com ele todos os ossos do justo dirão: *Senhor, quem como tu?* (Sl 34,10), e assim *exultarão os ossos humilhados*, isto é, os justos que se submeteram [à conversão]»<sup>128</sup>.

Esta alegria da Palavra deve ecoar também na palavra proferida e escutada. Refletindo sobre 2Cor 6,11 («a nossa boca abriu-se para vós... o nosso coração se dilatou»), Ambrósio

124. Cf. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 11,14.

125. AMBRÓSIO, *De bono mortis*, 5,20.

126. AMBRÓSIO, *De officiis*, I,31,164.

127. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 21,10.

128. AMBRÓSIO, *Apologia do Rei David*, 13,60.

129. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 4, 27.

faz ver que mediante a escuta da Palavra de Deus, o coração humano “se dilata” ao ponto de se tornar capaz de «hospedar o Pai, o Filho e o Espírito Santo» e só nesta «largueza de coração a Sabedoria é cantada»<sup>129</sup>.

130. AGOSTINHO, *Confissões*, V, 13, 23.

S. Agostinho quando, em 384, chegou a Milão descobriu, pela primeira vez, esta alegria, ao ouvir pregar o bispo Ambrósio: «E fui para Milão, para junto do bispo Ambrósio, famoso entre os melhores em toda a terra, teu devoto adorador, cujos discursos naquele tempo distribuíam ao teu povo zelosamente a flor do trigo, e a alegria do azeite, e a sóbria ebriedade do vinho»<sup>130</sup>.

Neste novo contexto biográfico, o filho de S. Mónica narra um episódio banal, mas que lhe bateu no fundo da alma. Num certo dia, cruzou-se nas ruas de Milão com um mendigo bêbado de vinho e de contentamento. Agostinho preparava-se para fazer o discurso oficial da “*rentrée* universitária” (no dia 22 de novembro de 384, aniversário da proclamação de Valentiniano II como Imperador) e via-se consumido pela angústia de tal responsabilidade. Perante aquele “mendigo já bem bebido e cheio de alegria”, Agostinho questiona-se sobre a verdadeira alegria e felicidade humanas e os motivos das mesmas:

«Como eu era miserável e como fizeste com que eu sentisse a minha miséria naquele dia em que, preparando-me para recitar ao imperador um panegírico em que diria muitas mentiras, e, mentindo, fosse aplaudido por aqueles que o sabiam, e o meu coração anelava por tais coisas e ardia na febre dos pensamentos que o consumiam, passando por uma rua de Milão reparei num pobre mendigo já bem bebido, creio eu, folgazão e cheio de alegria. Eu gemi e falei, com os amigos que estavam comigo, sobre as muitas dores da nossa insensatez, porque com todos os nossos esforços, em que eu então me afadigava, arrastando sob o agulhão das paixões o fardo da minha infelicidade e aumentando-o porque

o arrastava, nada mais pretendíamos senão atingir uma alegria estável, onde aquele mendigo tinha chegado antes de nós, que talvez nunca lá chegaríamos. Eu, por tão difíceis caminhos e rodeios, para chegar à alegria de uma felicidade efêmera, suspirava por aquilo que ele tinha alcançado com umas moeditas, poucochinhas e mendigadas. Com efeito, não tinha ele uma alegria verdadeira: mas eu, com aquelas ambições, buscava uma coisa muito mais falsa. E ele, pelo menos, estava feliz, e eu angustiado; ele seguro, eu cheio de medo. E se alguém me perguntasse se eu preferia exultar ou recluir, eu responderia: “Exultar”. E se de novo perguntasse se eu preferia ser como ele ou como eu era nesse tempo, preferia ser eu, consumido de preocupações e receios. Mas respondia isso por perversidade; ou por verdade? E não devia antepor-me a ele por ser mais douto, pois que daí não me vinha alegria, mas daí procurava com que agradar aos homens, não para os ensinar, mas apenas para lhes agradar... Afastem-se, pois, da minha alma os que lhe dizem: “Há uma diferença no motivo da alegria de cada um. Alegria-se o mendigo com a bebedeira, tu deseavas alegrar-te com a glória.” Com que glória, Senhor? A que não está em ti. Com efeito, assim como a sua alegria não era verdadeira, assim também a glória não era verdadeira, e mais arruinava a minha mente. Ele, naquela mesma noite, havia de digerir a sua embriaguez, eu tinha dormido e tinha-me levantado, e havia de dormir e de me levantar com a minha; vê quantos dias! Há uma diferença no motivo da alegria de cada um, eu sei, e a alegria da esperança fiel está incomparavelmente distante daquela vaidade. Mas também entre nós havia distância: é que ele era mais feliz, não tanto porque se desfazia em contentamento, ao passo que eu me desentranhava em preocupações, mas também porque ele adquirira o vinho desejando felicidade aos outros, enquanto eu procurava o orgulho mentindo-lhes»<sup>131</sup>.

131. AGOSTINHO, *Confissões*, VI,6,9-10.

Naquele pobre homem aparentemente feliz devido ao vinho, Agostinho via-se a si mesmo e cada homem, enganado por alegrias que, como a bebedeira, passam depressa, seguindo-se a ressaca da tristeza. Mas será que, já neste mundo, não se pode experimentar a verdadeira alegria? Esta a pergunta que continua no coração do jovem Agostinho e de todo o homem que busca a felicidade.

## Alegria na tribulação

132. CLEMENTE  
ALEXANDRINO,  
*Stromata*, VII,49,3.

133. CLEMENTE  
ALEXANDRINO,  
*Stromata*, VII,35,6.

134. Cf. CLEMENTE  
ALEXANDRINO,  
*Stromata*, VII,35,7.

135. CLEMENTE  
ALEXANDRINO, *Stromata*,  
I,III,8,1. Cf. *Ibid.* I,III,1,1-3.

136. CLEMENTE  
ALEXANDRINO,  
*Stromata*, IV,43,2.

«Toda a vida do cristão é uma festa»<sup>132</sup>. Esta sentença de Clemente Alexandrino poderá parecer pecar por ingénuo otimismo. Ela não quer, contudo, significar que a vida do crente seja apenas feita de dias e acontecimentos luminosos. Significa, sim, acreditar que Deus está sempre presente na própria vida: «trabalha louvando-o, viaja cantando-o e vive conforme a nova forma de vida»<sup>133</sup>. O cristão convicto (“gnóstico”) é um homem “feliz” (*hilarós*) porque ciente dos bens que Deus lhe concede<sup>134</sup>, e porque seguro do amor e filantropia de Deus: «O homem, portanto, criado por Deus, é amável por si mesmo, e o que é amável em si mesmo é familiar àquele para o qual é amável por si mesmo»<sup>135</sup>.

Mais ainda, o discípulo de Cristo sabe que a sua vida passa pela Páscoa do Senhor, «Ele que é a vida e quis sofrer por nós, para que pela sua paixão vivamos»<sup>136</sup>. Desde então, «Cheios de alegria e de Espírito Santo» (*Act* 13,52), os discípulos do Ressuscitado alegram-se inclusive nas tribulações (cf. *Act* 5,41; *2Cor* 7,4; *Cl* 1,24; *Fl* 2,17-18).

Uma das novidades distintivas da conceção cristã da vida relativamente à cultura pagã antiga (e contemporânea) reside no facto de integrar a dor e o sofrimento no conceito de “alegria”, vista e vivida à luz do acontecimento pascal.

Comentando o sacrifício oferecido por Abraão, Orígenes lê alegoricamente todo o episódio, lembrando que cada crente deve gerar e dar à luz, «como fruto do Espírito, a alegria e a paz»:

«Tu geras a alegria quando consideras que tudo é alegria nas múltiplas provações que advêm sobre ti, e ofereces esta alegria a Deus em sacrifício. Quando tu te aproximas de Deus na alegria, Ele restitui-te o que lhe ofereceste e promete-te: *Ver-me-eis de novo e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria* (Jo 16,22.17)»<sup>137</sup>.

137. ORÍGENES, *Homilias sobre o Génesis*, VIII,10.

Já vimos que a alegria não reside, como a mentalidade dominante quer fazer crer, no *ter*, mas no *ser*. Ela não é, de facto, material, mas essencialmente espiritual e, por isso, assim como nenhum “bem” material, por maior que seja, pode comprá-la ou conquistá-la, também nenhum tipo de “mal” do mundo pode roubar essa alegria: «Tende como motivo de grande alegria o serdes submetidos a muitas provações» (Tg 1,2).

Os pregadores e catequistas antigos levavam muito a sério a realidade da experiência humana quotidiana. Conheciam bem os sofrimentos e angústias a que estavam sujeitos os seus semelhantes. E como não tinham fármacos para os eliminar ou atenuar, procuravam encontrar um sentido positivo, integrando-os no todo da vida presente e futura.

S. Paulo é apresentado como *exemplum* desta alegria ascética ou da ascese jubilosa, quando «alegre nas enfermidades, aflições, perseguições, carências, se gloriava da sua indigência; na fome e na sede, no frio e na nudez, nas perseguições e nas angústias que outros suportavam revoltados... precisamente nisto ele se alegrava»<sup>138</sup>. Inspirando-se em S. Paulo, S. João Cristóstomo recorda que «a alegria e a dor são dois remédios igualmente necessários para o coração humano»<sup>139</sup>. Significa isto, por um lado, que podemos tirar bom proveito de ambas, por outro, que Deus não nos abandona no sofrimento, antes,

138. BASÍLIO MAGNO, *Regra breve*, 193.

139. JOÃO CRISÓSTOMO, *Homilias sobre o Evangelho de Mateus*, 53,3.

pelo contrário, como garante o Apóstolo, «Deus consola-nos em todas as tribulações» (2Cor 1,4); «não retirando-nos as tribulações, mas *nas* próprias tribulações, e fá-lo sempre: *em todas as tribulações*», comenta Crisóstomo, que daqui conclui:

«Deus faz isto não de vez em quando, mas constantemente... *em todas* as nossas tribulações e não numas sim e noutras não: *em todas*. Para que também nós possamos consolar os demais nas suas tribulações com a mesma generosidade que Deus nos ofertou. Ao consolar-nos, Deus obriga-nos a consolar os nossos irmãos... a nossa consolação torna-se assim consolação do próximo»<sup>140</sup>.

140. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homilias sobre a Segunda*  
*Carta aos Coríntios*, 1,3.

A fé não livra das tribulações, mas leva-nos a suportá-las positivamente, isto é, dentro de uma dinâmica solidária: se todos sofremos, podemos sofrer uns com os outros e se sofremos em Cristo e com Cristo que connosco padece, encontraremos consolação (2Cor 1,5: «assim como os sofrimentos de Cristo abundam em nós, assim também por Cristo é abundante a nossa consolação»<sup>141</sup>).

141. 1Pe 4,13: «Na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos para que também na manifestação da sua glória possais ter uma alegria transbordante».

O exemplo de Paulo e as suas palavras permanecerão o modelo e regra de todo o discípulo de Jesus que sabe que não há alegria sem provações nem provações sem a consolação da alegria que é o alimento da vida cristã:

«Nutrem-se, pois, destes alimentos aqueles que neles se alegram, mas neles não se alegram aqueles cujo ventre é o seu deus (Fl 3,9). Com efeito, também naqueles que tais coisas proporcionam, o fruto não é aquilo que dão, mas com que intenção dão. Por isso, vejo claramente qual o motivo da alegria daquele que servia a Deus e não ao seu ventre, vejo-o e com ele muito me congratulo. De facto, Paulo recebera dos Filipenses aquilo que eles lhe tinham enviado por meio de Epafrodito (Fl 4,18); mas vejo o motivo

da sua alegria. E aquilo de que se alegra é aquilo de que se alimenta, porque, falando com verdade, diz: *Alegrei-me muito no Senhor, porque finalmente refloresceste em ter por mim o mesmo gosto que tínheis; mas enfastiastes-vos*. De que te alegras, pois, ó grande Paulo? De que te alegras, de que te alimentas, ó homem renovado no conhecimento de Deus, segundo a imagem daquele que te criou... O que é que te alimenta? A alegria. Ouvirei o que se segue: *Contudo, diz, fizestes bem em tomar parte na minha tribulação* (Fl 4,14). Disto se alegra, disto se alimenta, porque lhe fizeram bem, não porque foi aliviada a angústia»<sup>142</sup>.

142. AGOSTINHO,  
*Confissões*, XIII,26,39-40.

A alegria em Cristo é o “alimento” do homem novo que sabe que tanto as tristezas como as alegrias deste mundo passarão, pois já foram superadas definitivamente por alguém. Nada, portanto, de masoquismo espiritual: não é o sofrimento enquanto tal ou qualquer tipo de mágoa que produz alegria espiritual, mas só as tribulações suportadas por e em Cristo e no Espírito Santo:

«Não é próprio das tribulações trazer-nos alegria. Esta só pode vir de um sofrimento suportado por Cristo e do divino orvalho do Espírito que transforma em paz a fornalha das tribulações. ‘Com alegria’, não, porém, uma alegria qualquer, mas uma inesgotável alegria que só se entende porque tem o Espírito Santo como autor»<sup>143</sup>.

143. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Comentário à primeira Epístola aos Tessalonicenses*, I,2.

Enquanto fruto do Espírito Santo: *Gaudium fructus... Spiritus Sancti* (Gl 5,22)<sup>144</sup> que nos comunica a sobreabundante riqueza da graça divina, a alegria cristã só será consoladora para os homens e mulheres “espirituais”: «Uma vez repletos da alegria do Espírito e da suave doçura da letícia, seremos espirituais»<sup>145</sup>.

144. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 14,46.

145. AMBRÓSIO, *Comentário ao Salmo 118*, 11,13.

Quem vive no Espírito, vive «na alegria do Espírito Santo, apesar das tribulações» (1Ts 1,6), tal como S. Paulo que «transbordava de alegria em toda a tribulação» (2Cor 7,4; cf. 6,10).

Comentando Fl 4,4 e 1Ts 5,16 («Alegrai-vos sempre no Senhor...»), Orígenes diz:

«Não custa dar fruto do Espírito que é a alegria quando ninguém nos provoca tristezas. Mas quando as circunstâncias nos trazem sofrimento... quem, com base na ajuda que é segundo o Logos progredir a tal ponto de se alegrar também nos momentos de descontentamento, recordando a exortação: *Alegrai-vos sempre*, então será bem-aventurado dando o fruto da alegria»<sup>146</sup>.

146. ORÍGENES,  
*Comentário ao Evangelho  
de Mateus*, XVI,29.

A prepósito do mesmo passo paulino, a pregação de João Crisóstomo expõe o mesmo ensinamento:

«A alegria nunca abandona quem está no Senhor. Mesmo quando se é esmagado pela opressão e sofrimento, esse não perde nunca a alegria. Escutai o que diz Lucas sobre os Apóstolos: *Eles saíram do sinédrio alegres, porque considerados dignos de ser fustigados pelo nome de Jesus* (At 5,41)»<sup>147</sup>.

147. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homilias sobre a Carta  
aos Filipenses*, 14,1.

O que dá alegria aos Apóstolos é o facto de «sofrerem por Cristo. Há maior alegria nos sofrimentos assim suportados por Cristo do que em todas as alegrias da terra. Quem ama a Cristo entende isto»<sup>148</sup>. E, mais à frente, o mesmo Padre da Igreja reitera a mesma noção:

148. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homilias sobre os Actos  
dos Apóstolos*, 13,9.

«Eis o que fazia a alegria dos Apóstolos, uma alegria ainda maior do que a dos milagres. Não está escrito em parte alguma que os Apóstolos se alegrassem por terem operado prodígios; em contrapartida afirma-se que regressavam alegres por terem sofrido ultrajes pelo nome de Jesus. Ele

mesmo os tinha formado para tais sentimentos: *Não vos alegréis porque os demónios vos obedecem* (Lc 10,20). A verdadeira alegria consiste em sofrer por Cristo»<sup>149</sup>.

**149.** JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Homilias sobre os Actos dos Apóstolos*, 31,1.

Só “quem ama Cristo entende isto” de forma correta. Efetivamente, o cristianismo não é a religião da cruz, mas do Crucificado que ressuscitou. Não foi o cristianismo que inventou a cruz ou o sofrimento, mas inventou a coragem e a alegria de “levar a cruz todos os dias” *seguindo* Jesus até à vitória sobre a morte. Podemos dizer que a cruz não é confessional, mas o crucifixo sim: todo o homem terá inevitavelmente que carregar a sua. Mas o Evangelho do Crucificado acende uma luz sobre esse mistério obscuro, abrindo uma porta de esperança a todo o homem que sofre. É por isso que os cristãos continuam a rezar o Rosário: as contas de “rosas” que nos levam à cruz, com a qual termina o nosso “terço”, mostram-nos que as alegrias e as dores são como que os espinhos das rosas que, na cruz, culminam na vida em plenitude dada a todos nós em Cristo.

Assim se compreende a coragem e regozijo dos mártires, mesmo perante as penas e provas por que passam. Unidos a Cristo e animados pela esperança por Ele assegurada, «suportam os maus tratos deste mundo, com a alegria de quem sabe que hemos de alcançar Deus»<sup>150</sup>. Assim se entende também a coragem e fortaleza dos Pastorinhos de Fátima que, no meio de todas as provas e adversidades, mantiveram o seu testemunho, como naquele interrogatório na Câmara de Ourém, durante o qual «enquanto interrogavam Jacinta, Francisco dizia com imensa paz e alegria: “Se nos matarem, como dizem, daqui a pouco estamos no céu. Mas que bom!”»<sup>151</sup>.

**150.** INÁCIO DE ANTIOQUIA,  
*Aos Magnésios*, 1,1-2.

**151.** Cf. *Memórias de Lúcia*, 132.

Este sacrifício do “corpo” a que o crente se expõe não tem a ver com nenhum tipo de misantropia ou dualismo maniqueu. Nasce, sim, de uma fé comprometida e da experiência de enamoramento por Cristo: «Do mesmo modo se comportam os amantes, quando sofrem pelas pessoas amadas: aceitam

152. JOÃO CRISÓSTOMO,  
*Elogio de S. Inácio*, 10.

jubilosos padecer e parecem felizes no seu desejo quanto mais intoleráveis são as penas que sofrem»<sup>152</sup>.

Os monges, que se consideraram os herdeiros e continuadores da mística do martírio, viram na tristeza um dos principais inimigos “mortais” da vida espiritual e, por isso, a combatiam de todos os modos. A um desses monges que lhe perguntava «em que consiste a alegria no Senhor? E em que ações nos devemos alegrar?», S. Basílio respondeu assim: «Alegrar-se no Senhor é alegrar-se com viver segundo o mandamento do Senhor, para a glória de Deus. Quando pomos em prática os mandamentos do Senhor, ou sofremos algo pelo nome do Senhor, devemo-nos alegrar e congratular-nos mutuamente»<sup>153</sup>.

153. BASÍLIO MAGNO,  
*Regra breve*, 193.

E, num sermão que tem como mote *1Ts* 5,16-18 («Alegrai-vos sempre...»), o mesmo S. Basílio responde à objeção dos que ripostam que «não é possível estar sempre alegre no meio de uma vida cheia de imprevistos», nestes termos: «em primeiro lugar, Paulo fala para aqueles que vivem em Cristo ou sabem que Cristo vive neles e vivem quotidianamente unidos ao Sumo Bem». A alegria cristã é, por isso, sobretudo interior e profunda, porque fruto desta comunhão com Deus em Cristo, mas é também um caminho que conduz precisamente a essa experiência de encontro e abandono unitivo a Deus:

«A alma, uma vez tomada pelo desejo do Criador e habituada a experimentar o amor das suas belezas, já não perderá aquela sua grande alegria e serenidade com as multiformes mudanças das paixões da carne, mas antes será para ela um acréscimo de alegria o que para muitos continua a ser doloroso»<sup>154</sup>.

154. Cit. por MARIO GIRARDI, *Gioia, dolore, persecuzione in Basilio di Cesarea*, in AA.VV., *Dizionario di Spiritualità Biblico-Patristica*, 27: *Gioia-sofferenza, persecuzione nei Padri della Chiesa*, Roma 2000, 172.

Como vemos, estamos já no patamar mais elevado da verdadeira alegria que pressupõe um itinerário de ascese, isto é, de distanciamento das passageiras alegrias do mundo, para a duradoira e maior alegria em Deus.

À luz do que fica dito, poderemos entender melhor a valorização positiva do sacrifício na mensagem de Fátima. Se o pecado ofende a glória de Deus, o sacrifício repara e ajuda a desentristecer o Senhor ofendido pelos pecados do mundo distraído em vãs alegrias<sup>155</sup>. Vivido na fé e caridade, isto é, *em Cristo*, o sacrifício do justo é co-redentor e, como tal, caminho de superação de todo o pecado.

155. Cf. JOSÉ CARLOS DA SILVA CARVALHO, *Sacrifício*, in *Enciclopédia de Fátima*, Fátima 2007, 507.

## A alegria escatológica

Outra característica fundamental da alegria cristã é a sua dimensão escatológica, ou o facto de ser uma “alegria paciente” e cheia de esperança: «Alegres na esperança, pacientes nas tribulações» (Rm 12,12)<sup>156</sup>. O povo de Israel já rejubilava por “caminhar para a casa do Senhor” ou para a terra prometida (Is 35,9; 51,11), para gozar de uma “alegria eterna” (Is 61,7; 66,10). Esta alegria singular emana de ver realizada a sua esperança (Is 25,9).

156. Cf. AGOSTINHO, *Comentário aos Salmos*, 67,6.

Os cristãos, porque veem em Cristo a plena realização das promessas, têm acrescidas razões para esperar na consumação da plenitude dessa alegria na “casa do Pai” e na Pátria celeste, onde Jesus nos “prepara um lugar” (Jo 14,1-2).

Com este horizonte por diante, a *forma mentis* que emerge da fé cristã opera, como já vimos, uma verdadeira reversão de valores e de *status*: os que agora riem chorarão depois, os que agora choram rirão por fim (cf. Mt 5,4); «Os que semeiam em lágrimas, colhem com alegria» (Sl 126,5).

Comentando Jr 20,8 (segundo os LXX), Orígenes diz: «Há uma promessa de riso... *Bem-aventurados os que agora choram... porque sorrirão...* Se agora a minha palavra é amarga por causa das tribulações, sei que, no fim, será o sorriso dos bem-aventurados»<sup>157</sup>. Segundo S. Ambrósio, «alegrar-se é uma característica própria dos perfeitos (*perfectorum... laetare*)»<sup>158</sup>. Tal afirmação

157. ORÍGENES, *Homilias sobre Jeremias*, XX,6.

158. AMBRÓSIO, *Comentário ao Evangelho de Lucas*, 10,23. Cf. AGOSTINHO, *Confissões*, IX,10,23.

surge no contexto do passo evangélico: «Servo bom, foste fiel em pouco, dar-te-ei poder sobre muito, entra na alegria do teu Senhor» (Mt 25,21).

A alegria do discípulo de Jesus radica no “além” que Cristo tornou presente e acessível a todos os que nele creem e o amam: «Se me amásseis, ficaríeis alegres por eu ir para o Pai... vou para aquele que me enviou... porque vos disse isto, a tristeza apodejou-se do vosso coração» (Jo 14,28; 16,5.6). «O Verbo de Deus, por condescendência para connosco, humilhou-se na sua dignidade, e, uma vez entre os homens..., vai deste mundo para o Pai, para que nós aí o contemplemos na sua plenitude... sob a sua guia, seremos livres de toda a miséria e nos alegraremos»<sup>159</sup>.

A alegria no Senhor é, pois, esta alegria com futuro, é gáudio da salvação eterna e de uma vida em plenitude com todos os santos. Clemente Alexandrino, fazendo eco de Mt 5,8 («Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus»), garante que «deixando de contemplar através de espelhos», seremos «convidados para o espetáculo luminoso e totalmente puro, do qual se saciam as almas extraordinariamente inflamadas de amor. Gozam eternamente a eterna letícia: assim é a contemplação dos “corações puros”»<sup>160</sup>.

Tal como a alegria presente, também a alegria futura é um dom e convite do Senhor: *Intra in gaudium Domini tui*. Então, diz Ireneu, «o nosso rosto verá o rosto de Deus e exultará de alegria inefável, porque verá verdadeiramente a sua “Alegria”»<sup>161</sup>.

Num Sermão pregado durante o tempo pascal, S. Agostinho compara a alegria do tempo em que se canta o *Aleluia* com o incomparável e incansável júbilo da cidade futura:

«Quanta alegria, quanta alegria, irmãos, na vossa assembleia, quanta alegria nos salmos e hinos, quanta alegria na memória da paixão e ressurreição de Cristo, quanta alegria na esperança da vida futura. Se tanta alegria infunde em nós o que esperamos, como será quando o alcançarmos?

159. ORÍGENES, *Sobre a oração*, XXIII,1.

160. CLEMENTE ALEXANDRINO, *Stromata*, VII,13,1.

161. IRENEU, *Contra as heresias*, V,7,2.

Nestes dias, quando cantamos o *Aleluia*, o nosso espírito parece transformar-se. Não nos parece saborear algo já da cidade suprema? Se tamanha alegria infundem em nós estes dias, quanto mais não será naquele dia em que nos será dito: *vinde, benditos de meu Pai, recebei em herança o reino* (Mt 25,34)»<sup>162</sup>.

162. AGOSTINHO,  
*Sermão 229B, 2.*

A alegria pascal é já (mas também *apenas*) uma antevisão do júbilo prometido para a vida futura.

É oportuno recordar que os cristãos antigos (tal como os Pastorinhos de Fátima e a catequese dos nossos pais) entendiam de forma muito realista esta promessa de vida nova no céu. Na pátria celeste reencontraremos os nossos familiares e amigos com quem compartilharemos da mesma alegria que já ninguém pode tirar nem fazer cessar: «Que alegria tão grande para eles e para nós chegar à sua presença e abraçá-los; que prazer desfrutar aí do reino do céu sem temor de morrer e que felicidade tão grande e perpétua com uma vida sem fim!»<sup>163</sup>.

163. CIPRIANO DE  
CARTAGO, *De mortalitate*, 26.

A mesma esperança concreta é afirmada pelo autor de uma homilia anónima do século II:

«Portanto, pratiquemos a justiça, para sermos salvos no fim. Bem-aventurados os que obedecerem a estes mandamentos! Ainda que tenham que sofrer por um breve tempo neste mundo, colherão o fruto imortal da ressurreição. Sendo assim, não se entristeça o piedoso, se padece no tempo presente, pois o espera esse outro tempo de boa-venturança. Voltará a viver no céu com os pais e regozijar-se-á durante toda a eternidade, sem quaisquer penas»<sup>164</sup>.

164. PSEUDO-CLEMENTE,  
*Segunda Carta aos*  
*Coríntios*, 19,3-4.

Conforme nos explica S. Agostinho, a esperança, tão importante nesta vida, desaparecerá quando virmos Deus face a face: então será a alegria perfeita e sem fim, no repouso que sucederá à inquietação do tempo presente, inquietação essa que

nasce do receio de virmos a perder a alegria. Por isso, a Igreja, no tempo presente, que é como o tempo que precede a Páscoa, louva e suplica a Deus no meio das alegrias e dores; mas na esperança certa do tempo da eternidade que é a Páscoa realizada:

«A meditação, na nossa vida presente, consiste em louvar Deus, porque a alegria eterna da nossa vida futura será um louvor de Deus, e ninguém se pode adaptar à vida futura se não se exercitar desde agora. Agora louvamos Deus, mas também o suplicamos. O nosso louvor é alegria, mas a nossa súplica comporta choro; porque nos é prometido algo que não possuímos ainda, e porque o autor da promessa não engana encontramos alegria na esperança... Há, portanto, dois tempos: o tempo atual que decorre em tentações e provações desta vida; e um segundo tempo que será em segurança e alegria sem fim. Dois tempos foram também instituídos para nós: Antes da Páscoa e depois da Páscoa. O tempo anterior à Páscoa é marcado pelas provações em que estamos agora; o tempo que celebramos nos dias que se seguem à Páscoa significa a felicidade que no futuro será nossa»<sup>165</sup>.

165. AGOSTINHO,  
Comentário aos Salmos, 148,1.

É esta alegria na esperança que transfigura a vida do crente, na medida em que falamos numa esperança *fundada* em Cristo Ressuscitado e *fundante* da vida do cristão. Ela é já alegria, mas é, ao mesmo tempo, desejo de uma alegria maior e de uma vida em plenitude.

A fé cristã leva-nos a acreditar que o melhor está para vir e que, no fim, será a plenitude da alegria. Uma alegria inigualável e inexprimível a que se associarão a Virgem Maria, com os anjos e santos, como no-lo mostram estas palavras de S. Ambrósio dirigidas especialmente às virgens consagradas que nesta terra se esforçam particularmente por antecipar já a vida celeste:

«Qual não será esse triunfo, quão grande alegria de anjos aplaudindo, pelo facto de merecerem habitar no céu aqueles que viveram no mundo uma vida celeste. Então também Maria com o tamborete em mãos incitará os coros das virgens que cantem ao Senhor, porque atravessaram o mar do mundo vencendo as tempestades. Então exultarão dizendo: *Irei ao altar do meu Deus, a Deus que alegra a minha juventude* (Sl 42,4)»<sup>166</sup>.

**166.** AMBRÓSIO, *Sobre as virgens*, 2,17; Cf. CIPRIANO, *De mortalitate*, 26.

S. Agostinho exprime de modo particularmente inspirado essa alegria do “Sábado sem fim” experimentada pelos habitantes da Cidade de Deus<sup>167</sup>. O filho de Mónica, que experimentou múltiplos caminhos em busca da felicidade, sabe que esta não se encontra nesta terra:

**167.** AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, XXII,30,5; IDEM, *Sermão* 45,10.

«E o que é que eu hei de esperar? Durante quanto tempo é que eu hei de esperar? Não esperes nada aqui, não é desta terra o que tu procuras. Eu sei que queres ser feliz. Quem é que o não quer? Procuras uma coisa boa, mas não a procuras no local próprio. Se ouvires que o ouro é bom e que só pode ser encontrado debaixo da terra, agarras logo na enxada e comesças a cavar na tua casa. Se alguém te perguntar o que procuras, responderás: “ouro”. Mas ele, que bem sabe onde se encontra o ouro, responder-te-á: “Procuras uma coisa boa, mas não onde deves”. Procuras ser feliz, queres encher-te de alegria, queres saciar-te com coisas boas, sobretudo para não passares necessidade e para que não te falte nada. É uma coisa grandiosa, mas não é aqui. Eu digo-te como o poderás alcançar... Descontenta-te contigo mesmo, compunge-te no teu leito, muda de vida. *Oferece um sacrifício de justiça e espera no Senhor* (Sl 4,5-6). Nele encontrarás o que procuras. Quando chegares até Ele, encontrarás tudo ali, porque possuirás Aquele de quem se diz: *Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta* (Jo 14,8)»<sup>168</sup>.

**168.** AGOSTINHO, *Sermão* 72,10.

Mais uma vez, a plenitude da alegria é o Senhor e a vida feliz consistirá na sua visão e fruição.

Tal esperança escatológica opera, no tempo presente, uma “reversão” subversiva já expressa por S. Paulo, quando apela à «perseverança nas tribulações... *como tristes* e, não obstante, sempre alegres» (2Cor 6,10) e aconselha a que vivam «aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que se alegram, como se não se alegrassem» (1Cor 7,30), e que S. Agostinho comenta assim:

«Aqui na terra só poderemos esperar trabalhos, angústias, tribulações, tentações. Onde está então a alegria? Na esperança futura. Diz efetivamente o Apóstolo: *alegrai-vos sempre*. No meio de tais tribulações, sempre alegres, embora tristes: sempre alegres porque o mesmo Apóstolo disse: *parecendo tristes, mas sempre alegres*. A nossa tristeza *parece*; mas a nossa alegria *não parece*, mas *é*: é porque é certa na esperança. E porque é que a nossa tristeza *parece*? Porque passa como um sonho... Para nós a tristeza *parece* mas a alegria *não parece*, como diz o Apóstolo: *Parecem tristes, mas sempre alegres*»<sup>169</sup>.

169. AGOSTINHO,  
Comentário aos Salmos, 48,5.

170. AGOSTINHO,  
Comentário aos Salmos, 6,11.

E só por isso se pode afirmar que «são felizes os que choram... porque serão consolados»<sup>170</sup>. De facto, os humildes (e humilhados pelo pecado do mundo) são os que acolhem mais docilmente o Reino, este tesouro pelo qual se dá tudo com alegria (Mt 13,34). O próprio Jesus exultou de alegria porque o Pai se revelara, por Ele, aos pequeninos (Lc 10,21). Por estes “mais pequeninos”, seus “amigos”, dá a vida, «a fim de lhes comunicar a alegria que brota do seu amor» (Jo 15,9-11). Os “pequeninos” são, por isso, os primeiros a experimentar as bem-aventuranças e a alegria do Evangelho.

A experiência e espiritualidade dos Pastorinhos de Fátima comprovam este dinamismo “subversivo” do Evangelho.

## Maria, causa da nossa alegria

Maria de Nazaré foi a primeira, de entre os homens e mulheres, a experimentar a perfeita alegria de que até aqui temos falado. Desde que o Anjo da Anunciação lhe bateu à porta com esta saudação: «Alegra-te, ó cheia de graça!» (Lc 1,28-29), a Mãe de Jesus é na terra, poderemos dizer, o sorriso de Deus. “Feliz porque acreditou” (Lc 1,45), Ela é o paradigma da Igreja jubilosa e do crente feliz. Por isso os cristãos a invocam como “Causa da nossa alegria” e motivo de tantas festas em que, na Mãe, o povo cristão quer celebrar o Filho que no seu ventre foi gerado para rejúbilo do mundo inteiro. Por ter sido escolhida por Deus para ser a mãe daquele que nos veio trazer “a alegria plena” (Jo 15,11), ela foi a primeira a expressar, em nome da humanidade nova, o *Magnificat* que melhor exprime essa alegria plena do Senhor (Lc 1,46).

A voz daquela mulher anónima que gritou “do meio da multidão” «Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram» (Lc 11,27) continua por isso a repetir-se em muitas melodias e vozes na Igreja. De facto, a tradição cristã associou sempre a Virgem Maria às alegrias e dores do Verbo feito carne. Aquela que «todas as gerações chamariam bem-aventurada» (Lc 1,48) foi a primeira a experimentar a plenitude da Alegria do Espírito Santo, desde a Anunciação ao Pentecostes.

A Mãe do Senhor, tantas vezes celebrada como “Senhora das dores”, é também aclamada como *Mater plenae sanctae laetitiae* e *Causa nostrae laetitiae*; e a tradição popular celebra as “Alegrias de Nossa Senhora” nos “mistérios gozosos” do Rosário.

Orígenes e muitos autores na sua senda contrapõem Eva, como mãe da tristeza (por causa do pecado), a Maria, causa da nossa alegria<sup>171</sup>. E um antigo hino siríaco atribuído a S. Tiago de Sarug (451-521) exprime bem essa convicção da Igreja e de todas as gerações:

171. Cf. ORÍGENES, *Comentário ao Evangelho de Lucas*, SC 87, 473-475.

«Ela [Maria] é bem-aventurada:  
Recebeu o Espírito que a tornou imaculada,  
tornando-se templo onde habita o Filho do Altíssimo...  
Ela é bem-aventurada: por meio dela foi restaurada a  
estirpe de Adão e foram reconduzidos os que tinham  
abandonado a casa do Pai...  
Ela é bem-aventurada: os limites do seu corpo albergaram  
o Ilimitado que enche os céus sem que estes o possam  
conter.  
Ela é bem-aventurada: dando a nossa vida ao comum  
Progenitor que gerou Adão, renovou as criaturas decaídas.  
Ela é bem-aventurada: trouxe em seu regaço a Imensidão  
que rege o mundo, beijou-o e acariciou-o.  
Ela é bem-aventurada: ofertou aos prisioneiros um  
libertador que dominou o seu carcereiro.  
Ela é bem-aventurada: Seus lábios tocaram aquele cuja  
chama ofusca os anjos de fogo.  
Ela é bem-aventurada: Nutriu, com o seu leite, aquele que  
dá vida a todos os mundos.  
Ela é bem-aventurada: Porque todos os santos devem a sua  
felicidade ao seu Filho.  
Bendito o Santo de Deus que de ti nasceu»<sup>172</sup>.

172. TIAGO DE SARUG,  
*Hino à Mãe de Deus*.

Maria é a mulher verdadeiramente feliz, o modelo da perfeita alegria cristã que concilia o gáudio e a dor, as lágrimas e a beatitude, a cruz e a ressurreição. Ciente disso, a piedade cristã introduziu, em paralelo com a devoção das “sete dores de Nossa Senhora”, a devoção dos “Prazeres” ou “alegrias de Nossa Senhora”<sup>173</sup>.

**173.** A tradição franciscana introduziu o costume da "oração das sete alegrias", também conhecida como "Rosário franciscano" ou "Coroa seráfica". É uma devoção em honra de Nossa Senhora dos Prazeres (ou da *Alegria*), cuja festa era

comemorada na segunda-feira da segunda semana do Tempo Pascal, ou seja, logo a seguir à oitava da Páscoa (precedida pelo Domingo de "Pascoela"). Frei Lucas Wadding (1588-1637), cronista da Ordem dos Frades Menores, descreve assim a origem desta devoção: «Naquele tempo (1422), foi admitido na Ordem dos xFrades Menores um certo jovem, que tinha uma devoção à Santíssima Virgem Maria. Ele tivera o costume de enfeitar a estátua da Virgem com uma coroa de flores. No noviciado, não podendo juntar as flores, resolveu voltar ao mundo; mas antes de sair foi ao altar da Virgem para despedir-se dela e pedir-lhe protecção, quando a Virgem lhe apareceu e lhe disse: "Não fiques triste e não desanimes por não poderes colocar mais a coroa de flores na minha estátua. Vou ensinar-te uma maneira de trocar este piedoso costume por outro que me agradará mais e terá mais mérito para a tua alma. Em lugar das flores que logo murcham poderás tecer para mim uma coroa com as flores das tuas orações, que ficarão sempre frescas e poderás encontrá-las facilmente. Reza um Pai-Nosso e dez Ave-Marias enquanto vais meditando na alegria que senti, quando o anjo me anunciou a Encarnação do Filho de Deus. Repete essas mesmas orações, enquanto meditas no gozo que experimentei com a visita a minha prima Isabel. E volta a rezá-las enquanto pensas na suprema alegria que encheu o meu coração, quando dei à luz o Cristo Salvador, sem dor e sem perder minha virgindade. Recita as mesmas orações, uma quarta vez, em memória do gozo que senti quando apresentei meu Divino Filho à adoração dos

Magos. Repete-as pela quinta vez, enquanto recordas a alegria que fez estremecer a minha alma, quando, depois de procurar Jesus, com profunda dor, durante três dias, O encontrei no Templo, entre os doutores. Recita pela sexta vez um Pai-Nosso e dez Ave-Marias, participando comigo no gozo que experimentei ao contemplar meu Divino Filho, saindo gloriosamente da sepultura, no domingo de Páscoa. Por fim, repete essas orações pela sétima vez, enquanto te alegras comigo na minha gloriosíssima e jubilosa Assunção ao céu e, também, quando fui coroada como Rainha do céu e da terra. Se recitares essas orações como te ensinei, podes ter certeza, querido filho, que me tecerás a mais linda e agradável coroa que te merecerá graças inumeráveis." O novício imediatamente começou a rezar aquele Rosário com muita devoção, tal como Nossa Senhora lhe tinha ensinado. Enquanto estava absorvido nesta devoção, o Mestre de noviços entrou silenciosamente e viu o que estava acontecendo: o anjo tecia uma grinalda de rosas e, depois de cada dez rosas, enfiava um lírio dourado. Quando a grinalda estava pronta, colocou-a na cabeça do novício. Ai, o mestre pediu ao jovem que lhe contasse o que estava fazendo. O novício lhe disse que estava rezando o Rosário como a Santíssima Virgem lhe havia ensinado a fazê-lo. Então, o mestre compreendeu o significado da visão que acabara de presenciar. Como resultado, o costume de rezar esta Coroa da Virgem Santíssima espalhou-se por toda a Ordem Franciscana. Os frades logo a propagaram por toda a parte» (LUCAS WADDINGUS, *Annales Monorum*, X, 70-71).

Maria mostra-nos que se pode ser feliz servindo, e que “permanecer junto à cruz” poderá ser a maneira mais profunda de estar perto de Jesus e da vida que Ele nos promete. Ela é, por isso, também a “consoladora dos aflitos” e quem melhor nos ensina a consolar os que mais sofrem ou necessitam de um coração materno ou palavra amiga. Por isso nos exorta S. Ambrósio: «Haja em cada um de nós a alma de Maria, para te magnificar, Senhor. Haja em cada um de nós o espírito de Maria, para exultarmos em ti, ó Deus». Pois, continua Ambrósio, todo aquele que imitar Maria, «magnifica o Senhor como ela o fez»<sup>174</sup>.

174. AMBRÓSIO, *Comentário ao Evangelho de Mateus*, 7.

Tomando como mote a saudação do anjo Gabriel, que se dirigiu a Maria com um *chaîre*, que significa, “alegra-te” (Lc 1,28), muitos pregadores terminavam os seus sermões com os chamados *chairetismoí* a Maria (*gaudet Maria!*). Para não nos alongarmos, citamos apenas o exemplo de um desses pregadores patrísticos: Teodoto, bispo de Ancira, na primeira metade do século IV:

«Alegra-te, Maria, Virgem Bem-aventurada,  
saudamos-te com a saudação que te dirigiu o anjo Gabriel,  
enviado de Deus:

Alegra-te, ó nossa desejável alegria,  
Alegra-te, ó júbilo da Igreja,  
Alegra-te, ó nome que inspira doçura,  
Alegra-te, rosto que irradia graça e beleza...  
Alegra-te, ó mãe cheia de esplendor e de luz,  
Alegra-te, puríssima mãe de santidade,  
Alegra-te, fonte limpidíssima de torrente vivificante,  
Alegra-te, ó nova mãe mediadora da nova geração.  
Alegra-te, inefável mãe de um mistério insondável,  
Alegra-te, novo livro de uma nova escritura,  
Alegra-te, aurora da luz de Cristo...  
Alegra-te, ó Mãe que nos abres ao mistério de Deus»<sup>175</sup>.

175. TEODOTO DE ANCIRA, *Homilia IV*, 3.

E num outro hino, atribuído a S. João Crisóstomo:

«O Anjo chega junto da Virgem e diz: “Alegra-te, cheia de graça!”

Interpela a serva como uma senhora  
e como se já se tivesse tornado a Mãe do Senhor.

“Alegra-te, cheia de graça!”

A primeira das tuas antepassadas, Eva, desobedecendo,  
mereceu a condenação de dar à luz filhos na dor;

Tu, ao contrário, és saudada com o convite à alegria.

Eva gerou Caim, e com ele vieram ao mundo a inveja e a morte.

Tu, ao contrário, dás ao mundo um Filho que dá a Vida e a imortalidade.

Alegra-te e exulta!

Esmaga a cabeça da serpente!

Alegra-te, cheia de graça!

Porque a maldição terminou,

a corrupção foi dissipada e a tristeza sucumbiu,

A alegria floresce e realiza-se a felicidade anunciada pelos profetas...,

Bendita és tu entre as mulheres!»<sup>176</sup>.

<sup>176</sup>. *Eclogae de liberorum educatione*, Homilia XXXVII (PG 62, 765-766).

## Conclusão: A alegria de um povo

177. AGOSTINHO,  
*Confissões*, VIII,4,9.

«Porque, na verdade, quando a alegria é de muitos, mais abundante é a alegria em cada um, porque se animam e inflamam uns aos outros»<sup>177</sup>, na Igreja podemos experimentar que esta alegria é de muitos. Em primeiro lugar, porque a ela se aplicam com toda a justiça as palavras do profeta: «Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz. Irrompe em cânticos e gritos de alegria...» (*Is* 54,1; *Gl* 4,27), como no-lo explica a mais antiga homilia conhecida: «Ao dizer *Alegra-te, ó estéril que não dás à luz*, fala de nós, porque a nossa Igreja era estéril antes que lhe desse filhos. E quando diz *Irrompe em cânticos e gritos de alegria*, tu que nunca sofres trabalho de parto, quer significar que, como uma mulher no parto, não nos devemos cansar de oferecer as nossas orações a Deus com simplicidade... porque o nosso povo parecia desamparado e abandonado por Deus; mas agora, tendo acreditado, tornámo-nos mais numerosos do que os que pareciam ter Deus»<sup>178</sup>.

178. PSEUDO  
CLEMENTE, *Homilia*, 2.

O dinamismo da nova evangelização passará, portanto, pela recuperação da alegria do Evangelho e do entusiasmo jubiloso do anúncio e da catequese (a *hilaritas* de que fala S. Agostinho). Num mundo que parece jazer no pranto ou na tristeza disfarçada com fulgores de alegria passageira e enganadora, regada, muitas vezes, com analgésicos de muito tipo, cabe à Igreja e a cada cristão serem portadores da jubilosa notícia do Reino novo de Cristo que, não obstante os calvários do mundo ou o “vale de lágrimas” que atravessamos, nos assegura sempre a vitória da vida sobre a morte e da glória sobre o pranto. Urge, pois, que a Igreja introduza uma oitava obra de misericórdia: “alegrar os tristes”, começando pelos seus filhos que perderam a alegria de ser cristãos e pedras vivas do templo de Deus. Urge pregar insistentemente como S. Agostinho: «*Canta e caminha... que o teu caminho seja um canto e tudo em ti, lábios, coração e conduta celebre a alegria do Senhor*»<sup>179</sup>. É verdade

179. AGOSTINHO, *Sermão*  
34,1.6; *Sermão* 256,3.

que o nosso canto é ainda o canto do caminho e dos peregrinos, mas de peregrinos que partilham a mesma alegria e olham o mesmo horizonte aberto pelas *Bem-aventuranças*.

Esta poderá e deverá ser a maior tarefa dos cristãos hoje no mundo: restituir aos homens a alegria verdadeira que receberam de Cristo e do Espírito Santo. Uma alegria que nunca será perfeita sem Deus, e jamais será duradoira se buscada apenas “de fora”, no ter e não no ser. Também aqui a intuição agostiniana continua atual: «não devemos buscar a alegria fora... mas dentro, onde se encontra a luz do rosto de Deus»<sup>180</sup>.

180. AGOSTINHO,  
*Comentário aos Salmos*, 4,8.

Conforme propõe o Concílio Vaticano II, a Igreja terá que anunciar com novo vigor “a alegria e a esperança” (*Gaudium et Spes*), ciente de que, para tal, terá que se alegrar ela mesma *no Senhor*. Paulo VI disse-o muito bem na exortação apostólica *Gaudete in Domino* e o Papa Francisco reiterou-o na *Evangelii gaudium*.

Disposmos, pois, de excelentes textos e “exortações” sobre a alegria cristã, falta talvez uma pedagogia ou mistagogia da alegria que passa por gestos, modalidades e momentos de experiência forte de Deus e do seu Amor incondicional. Faz-nos falta uma espiritualidade pascal e uma via sacra da alegria que nos ajude a levar a sério o Pentecostes e os dons e frutos do Espírito Santo, fonte da nossa alegria.

Não haverá outro modo de superar o grande obstáculo que, nos nossos dias, continua a dificultar a missão da Igreja e fazer com que muitos homens e mulheres se afastem ou tardem a aderir à fé: isto é, a suspeita que paira no ar levantada por uma espiritualidade jansenista que esquece que a quinta-essência da fé cristã é a vida: *Ut vitam habeant*. Eu vim, diz o Senhor, *não para tirar a vida, mas para a dar e dá-la em abundância*.



# ALEGREMO-NOS E FAÇAMOS FESTA

— *Carlos Aquino*

«O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa» (Sf 3,17).

«...dou graças a Deus, oferecendo-lhe a fé do nosso bom Povo português. [...] que não fariam, se vissem diante de si o próprio Jesus Cristo?» (Memórias da Ir. Lúcia, 13 de setembro de 1917)

O chamamento à alegria e o convite a que se faça festa constituem um dos mais urgentes apelos e um dos mais profundos desafios à vivência plena e fecunda da identidade cristã e da missão dos crentes no mundo.

A alegria e a festa são, na verdade, dinamismos identitários do homem e da Igreja. Expressam a sua mais profunda vocação e missão.

A alegria cristã vem do íntimo, da razão de fé e de vida com Deus, fonte e fecundidade da alegria e centro irradiante da festa, conforme exprime a tocante palavra do profeta Sofonias: na Sua misericórdia por nós, Ele dança e nela nos recria

na alegria e em festa dando-nos a vida para sempre. Exulta pela nossa vida, renovando-nos no Seu amor.

Sabemos que o aprofundamento destes temas se impõe cada vez mais à nossa sociedade e também se vai impondo aos países altamente industrializados e consumistas, defensores de uma cultura muito marcada pelos valores materialistas, hedonistas e relativistas onde se oferecem continuamente modelos alienantes de festa e onde, não raras vezes, a alegria é reduzida a um efêmero prazer proposto como sentimento de quem tem muito dinheiro e bens materiais, a uma simples sensação eufórica, abstrata e sem conteúdo.

Recuperar o valor profundo da alegria e da festa, como resposta à própria busca de sentido, constitui, pois, um significativo desafio para o qual as palavras de Jesus “Eu vim para que tenham vida”, sugeridas no presente ano pastoral e no contexto do 6.º ciclo do Itinerário Temático para a celebração do Centenário das Aparições de Fátima como lema a aprofundar, podem sobremaneira contribuir como luz e força dinamizadora para a edificação de uma vida nova, boa, bela e feliz.

“Ali apareciam todas as misérias da pobre humanidade”, relata-nos, de modo impressionante, a vidente Lúcia: o pedido de cura de um filho aleijado, um outro cego, um surdo, o pedido de regresso dos maridos e filhos da guerra, o pedido pela conversão de um pecador, implora-se o dom da saúde. E sobre todos, por Maria, é derramado o amor de Deus, que acolhido na fé dá vida e alegria, que se tornam expressão de louvor dos corações agradecidos em festa.

Uma reflexão de Romano Guardini nos ajudará a situar melhor na perspectiva por que desejamos orientar o nosso trabalho a respeito da alegria e da festa, realidades a recuperar como parte essencial da identidade do crente chamado a testemunhar agora e sempre a boa e alegre notícia, a verdade perene do Evangelho:

«Queremos fazer com que o nosso coração se torne jubiloso. Não alegre, que é coisa absolutamente diversa. Ser alegre é um facto externo, barulhento, que rapidamente se esvai. O júbilo, pelo contrário, vive no íntimo, no silêncio e está profundamente radicado. É o irmão da seriedade: onde está um, está a outra.

Todos e cada um podem possuí-lo, a título igual, seja qual for a sua natureza. Também deve ser independente de horas boas ou más, de dias vigorosos ou fracos. Aqui, queremos meditar sobre o modo como podemos abrir-lhe o caminho. Não provém do dinheiro, de uma vida cómoda ou do facto de sermos reverenciados pelas pessoas, embora possa ser influenciado por tudo isto. A verdadeira fonte da alegria está radcada mais profundamente, isto é, no próprio coração, na sua intimidade mais remota. Aí habita Deus, e o próprio Deus é a fonte da verdadeira alegria».<sup>1</sup>

1. R. GUARDINI, *Lettere sulla autoformazione*, Brescia, 1971, p. 7, cit. A. CENCINI, *A alegria, sal da vida cristã*, Ed. Paulinas 2009, p. 12.

## 1. A festa como modo de compreender o dom da vida

«Aquele dia será para vós um memorial, e vós festejá-lo-eis como uma festa em honra do Senhor.»

(Ex 12,14)

O homem é por natureza um *homo festivus*. Ele vive não apenas para refletir, pensar e trabalhar mergulhado nas inquietações próprias que a vida tece, mas também para celebrar, descansar, cantar, dançar, orar. A festa é, pois, um facto antropológico rico e complexo, um fenómeno típico das

2. D. CESARINI, *Sulla filosofia della festa. Elementi per una definizione*, in AA.VV., *Il giorno del Signore*, Cittadella, Assis 1988, p. 19. Sabe-se que este tema da festa foi profundamente estudado nas ciências sociais a partir de Émile Durkheim (1893) e considerado como um momento no qual uma comunidade se reconhece como tal e experimenta a sua própria coesão; a festa é também considerada como um lugar, circunscrito, da expressão dos excessos e das transgressões. A festa mede o tempo social e ordena o calendário, opõe-se radicalmente ao tempo de trabalho. Dela fazem parte um conjunto de ritos coletivos reconhecidos e vivenciados pela comunidade. Exprime-se numa linguagem profundamente simbólica. Para maior desenvolvimento sobre a dimensão antropológica da festa pode consultar-se: M. AUGÉ, *El Domingo, fiesta primordial de los cristianos*, San Pablo 1995, p. 10-17. Consulte-se também para maior aprofundamento: M. AUGÉ – A. NOCENT – M. ROONEY – I. SCICOLONE – A. CHUPUNGCO – A. TRIACCA, *O Ano Litúrgico*, in *Anámnesis* 5, Ed. Paulinas 1991, p. 11-56.

3. BENTO XVI, *Páscoa – À noite lágrimas. De manhã alegria*, in *Esplendor da glória de Deus, Meditações para o Ano Litúrgico*, Ed. Franciscana, p. 79.

experiências e dos comportamentos humanos. Como refere um autor, a festa pode ser considerada como «um complexo de celebrações comunitárias extraordinárias, em equilíbrio entre a espontaneidade e a norma, entre a alegria e a seriedade, entre a libertação e o descanso»<sup>2</sup>. Ela é, na verdade, um modo excelso de compreender e celebrar o dom da vida. Na perspectiva bíblica, a vida não se reduz à sua dimensão biológica. Ela é, antes de mais, uma bênção, fruto da ação permanente por meio da qual Deus mantém o existir do mundo e o guia para o seu futuro. O homem não é dono da vida que recebe, expressão de gratuidade e de generosidade. A vida é dom e promessa, depende da fidelidade e do amor de Deus, fonte de toda a vida. É vocação e abertura ao transcendente. A vida é criada. Neste enquadramento compreende-se melhor a sábia meditação de Bento XVI: «a festa alcança a medida fundamental da existência humana, sendo antevisão da liberdade eterna, sinal de esperança e de paz no meio das tribulações dos dias terrenos»<sup>3</sup>.

Em todas as religiões, a festa é um elemento essencial do culto, exprimido na alegria. Assim o resume também o *Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia*:

«A festa – todos sabem – corresponde a uma necessidade vital do homem e mergulha as suas raízes na aspiração à transcendência. Através de manifestações de alegria e de júbilo, a festa é afirmação do valor da vida e da criação.

Enquanto interrupção da monotonia do quotidiano, das formas convencionais e da sujeição à necessidade do ganha-pão, a festa é expressão de liberdade íntegra, de tensão para a plena felicidade e de exaltação da pura gratuidade. Enquanto testemunho cultural, põe em destaque o génio peculiar de um povo, os seus valores característicos e as expressões mais genuínas do seu folclore. Enquanto momento de socialização, a festa é ocasião de

dilatação das relações familiares e de abertura a novas relações comunitárias».<sup>4</sup>

Na perspectiva bíblica e, depois, na reflexão cristã, a festa<sup>5</sup> concebe-se como um significativo momento em que se torna possível “fazer experiência” dos acontecimentos nos quais Deus realizou e realiza a salvação.

Na dimensão bíblica a festa adquire duas características particulares: remete-nos primeiramente para o passado (é memorial/*anamnesis* da ação salvadora de Deus, celebração das *mirabilia Dei*); depois, torna esse evento narrado pela memória da fé um facto atual, com toda a sua força de dom e de proposta de vida. Na perspectiva cristã, sublinha-se ainda de modo significativo a sua dimensão escatológica, isto é, a celebração desses acontecimentos como “antecipação” da plena e definitiva “gratuidade” e “liberdade” a que o homem é chamado e que deseja alcançar na comunhão plena e definitiva em Deus, fonte da vida.

É bem significativa a referência da Constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium* (SC) a respeito da festa:

«Por tradição apostólica, que nasceu do próprio dia da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina dia do Senhor ou Domingo. (...) O domingo é, pois, o principal dia de festa a propor e a inculcar no espírito dos fiéis; seja também o dia da alegria e do repouso» (SC 106).

Neste horizonte também o *Catecismo da Igreja Católica* sublinha:

«Este dia [o domingo] tornou-se para os cristãos o primeiro de todos os dias, a primeira de todas as festas, o dia do Senhor» (n.º 2174);

4. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia*, Ed. Paulinas 2003, p. 182-183 (232).

5. Para o aprofundamento sobre esta temática pode consultar-se: S. MAGGIANI, *Festa/Festas*, in *Dicionário de Liturgia*, Ed. Paulinas, S. Paulo 1992, col. 460-480; A. M. DI NOLA, *Festa*, in *Enciclopedia delle religioni* II, Vallecchi, Florença 1970, col. 1585-1589; E. COSTA Jr., *Celebrazione - festa*, in L. PACOMIO, *Dizionario teológico interdisciplinare* I., Marietti, Turim 1977, col. 516-527; F. ALACEVICH - S. ZAMAGNI - A. GRILLO, *Tempo del lavoro e senso della festa*, S. Paulo 1999.

«O Domingo, Dia do Senhor, é o dia principal da celebração da Eucaristia, porque é o dia da Ressurreição. É o dia por excelência da assembleia litúrgica, o dia da família cristã, o dia da alegria e do descanso do trabalho. É o fundamento e o núcleo de todo o ano litúrgico» (n.º 1193);

«É por isso que a Páscoa não é simplesmente uma festa entre outras, é a festa das festas, a solenidade das solenidades, tal como a Eucaristia é o sacramento dos sacramentos [...]. O mistério da Ressurreição em que Cristo aniquilou a morte penetra no nosso velho tempo com a sua poderosa energia até que tudo lhe seja submetido» (n.º 1169).

O fundamento, a perfeição e a plenitude da festa, na perspectiva cristã, é o evento pascal de Jesus Cristo – a sua morte, ressurreição e glorificação. A celebração do Seu mistério pascal constitui a verdade e profundidade da festa, donde brota a vida para sempre e onde a mesma é orientada para o encontro e a comunhão com Deus. O objeto específico da festa cristã, celebrada pela Igreja, que é o seu sujeito, assembleia convocada e reunida na fé em nome do Senhor, encontra-se especialmente na Eucaristia, memorial perene da Páscoa, da salvação realizada por Deus no dom da entrega do Seu Filho.

Acontecimento celebrado no dia memorial da Páscoa, e no primeiro dia de cada semana, o domingo. Por isso, vivido na sua verdadeira dimensão, o domingo não pode deixar de ser um dia de grande alegria. É o “Dia que o Senhor fez para nós”, dia em que somos convocados ao júbilo porque Jesus Cristo, nossa vida, ressuscitou e continua vivo connosco a chamar-nos e a dar-nos a vida. Neste dia, sentimo-nos especialmente amados por Deus que no Filho nos redimiou e salvou.

*A Introdução Geral ao Missal Romano e as Normas gerais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário* apresentam-nos também

o sentido litúrgico da festa e as orientações para a sua celebração (cf. AL 10; IGMR 53, 66, 115, 346 e 354).

Uma das características fundamentais da festa cristã, memorial da Páscoa eterna, é a alegria.

Na reflexão cristã, a alegria<sup>6</sup> constitui uma verdadeira bênção divina. Vale a pena revisitar-se a Exortação Apostólica do Papa Paulo VI *Gaudete in Domino*, onde se pode recolher, segundo o nosso parecer, três considerações importantes a respeito deste tema.

A primeira é a de se considerar a alegria como a expressão mais elevada da felicidade a que Deus chama e de que faz participar as suas criaturas.

«O homem experimenta a alegria quando se encontra em harmonia com a natureza e, sobretudo, no encontro, na companhia e na comunhão com outrem. Com muito mais razão, pois, chegará ele a conhecer a alegria e a felicidade espiritual, quando o seu espírito entra na posse de Deus, conhecido e amado como o bem supremo e imutável»<sup>7</sup>.

A alegria é um dom de ordem espiritual, experiência exultante de libertação e de restauração, que tem como origem o amor misericordioso de Deus manifestado em Cristo Jesus:

«por essência a alegria cristã é participação espiritual na alegria insondável, conjuntamente divina e humana, que está no coração de Jesus Cristo glorificado»; «a alegria propriamente espiritual, que é fruto do mesmo Espírito Santo; essa alegria consiste em o espírito humano experimentar repouso e uma satisfação íntima na posse de Deus, Trindade Santíssima, conhecido pela fé e amado pela caridade que promana dele »<sup>8</sup>.

6. Sobre a alegria pode ler-se: *Alegria*, in *Christos*, Enciclopédia do Cristianismo, Ed Verbo, Lisboa-S. Paulo 2004, p. 59; PAULO VI, Exortação Apostólica *Gaudete in Domino*, in Exortações Apostólicas do Papa Paulo VI, Ed. Paulinas 2014; FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas 2013; A. CENCINI, *A alegria, sal da vida cristã*, Ed. Paulinas 2010.

7. PAULO VI, *Gaudete in Domino*, II, p. 15; III, p. 24.

8. PAULO VI, *Gaudete in Domino*, II, p. 15; III, p. 24.

9. PAULO VI, *Gaudete in Domino*, conclusão, p. 53.

Por fim, considera-se que a alegria é fruto da fé, do facto de sermos cristãos, de vivermos como Igreja, e que nos dá um novo modo de olhar os homens e de olharmos a Deus. «No próprio Deus tudo é alegria porque tudo é dom». Alegria celebrada no grande e privilegiado lugar de fortalecimento da vida, o Sacramento da Eucaristia, «ápice, aqui neste mundo, da Aliança entre Deus e o seu povo: sinal e fonte da alegria cristã e preparação para a festa eterna»<sup>9</sup>.

Mais recentemente, o Papa Francisco na sua profética Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* refere-nos que «a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria» (n.º 1); «A nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante» (n.º 5); «a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária» (n.º 21).

Reconhecendo que a *lex orandi est lex credendi*, parece-nos também bastante significativas as palavras rezadas pela fé na celebração litúrgica no contexto do Tempo pascal, coração da grande festa cristã, a respeito do dom da alegria.

No canto do Precónio Pascal, ao iniciar-se a solene Vigília pascal, cantamos: «alegre-se a Igreja como mãe adornada com os fulgores de tão grande luz» – reconhecendo que a fonte da verdadeira alegria é Jesus Cristo Ressuscitado, a Luz que vence as trevas e a noite da morte. Ele é a fonte da verdadeira alegria porque derrama a Graça do amor de Deus, que vence a morte.

No Prefácio Pascal I sugerido para a celebração, continuamos a rezar que a fonte da alegria é a Páscoa do Senhor: «Na plenitude da alegria pascal exultam os homens por toda a terra»; o mesmo se afirma nas orações da Coleta: «todos os anos nos alegrais com a solenidade da Ressurreição de Cristo»; Vós «nos destes a conhecer o alegre anúncio da Ressurreição

do Senhor»; «ajudai o vosso povo com a abundância da graça celeste para que alcance a liberdade perfeita e goze um dia no céu a alegria que já começou a saborear na terra»; «A alegria deste tempo pascal nos fortaleça e defenda no caminho da salvação».

Nesta alegria pascal celebrada nos santos mistérios se antecipa, verdadeiramente, o gozo da eternidade, da comunhão em Deus.

Dinamizados pelo Espírito também pedimos: «Aceitai os dons da vossa Igreja em festa: vós que lhe destes tão grande alegria fazei-a tomar parte na felicidade eterna»; «dai-nos a graça de resistir às seduções do pecado para merecermos chegar às alegrias eternas»; «fazei que os santos mistérios nos alcancem as alegrias eternas»; «concedei que em todo o tempo possamos alegrar-nos com estes mistérios pascais de modo que o acto sempre renovado da nossa redenção seja para nós causa de alegria eterna».

A alegria é dom de nos sabermos em Jesus Cristo, amados e vivificados por Deus: «Exulte sempre o vosso povo, Senhor, com a renovada juventude de alma de modo que alegrando-se agora por se ver restituído à glória de adopção divina aguarde o dia da Ressurreição na esperança da felicidade eterna».

A alegria não é um sentimento vazio, é fruto do Espírito em nós, que nos faz pedir com confiança abertos às surpresas de Deus: «Fazei que o vosso povo ame o que mandais e espere o que prometeis para que, no meio da instabilidade deste mundo, fixemos os nossos corações onde se encontram as verdadeiras alegrias»; «dai aos vossos fiéis uma santa alegria, para que livres da escravidão do pecado possam chegar à felicidade eterna»; «Fazei-nos exultar em santa alegria e em filial acção de graças porque a Ascensão de Cristo, Vosso Filho é a nossa esperança».

A Deus, fonte e dador da alegria, que «Santificais [santifica] os pecadores e alegrais [alegra] os infelizes», pedimos:

«Concedei-nos a graça de viver dignamente estes dias de alegria em honra de Cristo ressuscitado de modo que a nossa vida corresponda sempre aos mistérios que celebramos»; «Concedei-nos a graça de encontrar sempre a alegria no Vosso serviço porque é uma felicidade duradoira e profunda ser fiel ao autor de todos os bens».

## 2. A Liturgia, momento central da vida e da fé

«Este é o Dia que o Senhor fez para seu júbilo e sua alegria».

(Salmo 118)

Sendo a Liturgia o lugar por excelência da comunicação de Deus com os homens em Cristo pelo Espírito, dos homens com Deus e dos homens entre si, ela é, inequivocamente, o cume e a fonte da verdadeira identidade cristã, da vida em Cristo.

É aí que, na verdade, o cristão se alimenta e robustece a sua fé, reanima e fortalece a amizade com o Senhor; aí se edifica a comunhão e a unidade e se realiza a verdade da caridade. Na liturgia a comunidade se constrói na Palavra Vivente e no Espírito.

Na Liturgia, Deus oferece-Se e dá-Se de modo profundo. A Liturgia é a ativa presença de Deus. Ela é «aquela fonte pura e perene de “água viva”, da qual cada pessoa sedenta pode haurir gratuitamente o dom de Deus»<sup>10</sup>.

A Liturgia cristã nasce do mistério de Cristo, Verbo de Deus feito carne pelo poder do Espírito Santo. É efetivamente em Jesus Cristo, celebrado na Liturgia, que Deus no Seu mistério se revela plenamente.

10. JOÃO PAULO II, *Spiritus et Sponsa*, Carta Apostólica no XL Aniversário da Constituição SC, Roma 2004, p. 84.

«Há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, Ele próprio homem, que se entregou a si mesmo como resgate por todos» (1Tm 2,5).

Esta síntese luminosa do Apóstolo Paulo resume toda a economia da redenção realizada no mistério de Cristo. É este mistério, consumado na cruz, que cada celebração da liturgia cristã evoca e torna presente nos ritos. Celebrar Cristo na Liturgia é viver desta memória não como simples recordação psicológica onde se evocam imagens e pensamentos passados, mas é o tornar presentes os efeitos da salvação realizada uma vez para sempre no ato supremo de amor de Cristo, na sua entrega na morte; representá-los e revivê-los memorialmente como momentos profundos de graça, de santificação, de libertação e de redenção onde se opera, de novo, a salvação.

Por isso, «nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo o que se referia a Ele em todas as Escrituras, celebrando a Eucaristia, na qual se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte e dando graças a Deus pelo seu dom inefável em Cristo Jesus, para louvor da sua glória, pela virtude do Espírito Santo» (SC 6). É, pois, no mistério de Cristo, centro e fonte de todas e de cada uma das ações litúrgicas, que se realiza o desígnio de Deus, concebido «desde antes da criação do mundo, [...] o mistério da sua vontade, [...] para se realizar na plenitude dos tempos», a saber, «instaurar todas as coisas em Cristo, tudo o que há nos céus e na terra» (Ef 1,4-10).

Jesus Cristo é a Liturgia cristã, o mistério de Deus manifestado, o mistério celebrado para que sejamos possuidores da vida plena, da vida que vence a morte.

Neste sentido merece particular atenção a definição da Encíclica *Mediator Dei*, escrita pelo Papa Pio XII, em 1947: «a sagrada liturgia constitui, portanto, o culto público que o nosso Redentor, Cabeça da Igreja, rende ao Pai e o que

11. PIO XII, *Mediator Dei*,  
AAS 39 (1947) 528-529.

a sociedade dos fiéis rende ao seu fundador e por meio dele, ao eterno Pai, isto é, o completo culto do Corpo místico de Jesus Cristo, ou seja, da cabeça e dos seus membros»<sup>11</sup>.

É na Liturgia que a vida dos homens se reencontra com a sua fonte perene para se tornar o rio da vida que desagua no oceano de Deus. Por isso, na perspetiva do Concílio Vaticano II, a Liturgia «é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Baptismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no sacrifício e comam a Ceia do Senhor [...] Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a quem se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja» (SC 10).

Porque o ato litúrgico da celebração cristã não é um discurso, mas uma acção onde vivemos o mistério da salvação, a Liturgia celebrada neste sentido conduzir-nos-á sempre a uma experiência de fé mais profunda, onde se desvelará a identidade própria da comunidade eclesial e a existência real de cada cristão. De facto, a Liturgia ajuda não só a despertar a fé, mas dá sentido e profundidade à fé. Ela é manifestação da vida da Igreja. A Liturgia contribui para que a Igreja seja «simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na acção e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina» (SC 2). Mais ainda, a Liturgia faz com que a ordem da realidade seja respeitada, pois «o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a acção à contemplação e o presente à cidade futura que buscamos» (SC 2). Na verdade, através dos ritos que celebra, graças aos sacramentos que oferece, na memória que faz do evento da salvação, no anúncio

dos tempos futuros que a animam, a Igreja vive aquilo que é, quando celebra e vive daquilo que celebra, quando não deixa de caminhar com todos os homens.

Por isso, «em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua Esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao eterno Pai. Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo místico de Jesus Cristo – cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral» (SC 7).

A Liturgia é cume e fonte da identidade e vida cristã porque é celebração memorial e viva do mistério de Cristo, da Sua Páscoa e da vida da Igreja, Seu corpo e Esposa, enquanto esta é o sacrifício espiritual incorporado ao sacrifício de Cristo, se oferece na oferta de Cristo ao Pai, com Ele e por Ele, e assim se torna verdadeira comunhão com o Pai no Espírito, que dá vida.

A celebração atualiza este mistério de graça na Palavra e nos sinais. A Liturgia abre a uma novidade de vida, purifica as próprias raízes do homem, transformadas e alimentadas pela novidade da vida do Ressuscitado, possibilita a verdadeira experiência da libertação, da *Koinonia* e da salvação. Epifania de Cristo e eclesial, a Liturgia consciencializa a Igreja do seu ser e do seu agir, e é ali que a mesma melhor manifesta o seu ser sacramental, sacerdotal, profético e real, a sua identidade mais profunda.

A Liturgia cristã exprime e reaviva a fé da comunidade confirmando a nossa unidade e comunhão com o Senhor Ressuscitado, vivo e presente. Tudo o que é verdadeiramente humano pode ter sentido e relevo na celebração cristã porque ela tudo ilumina com a luz da fé. Por outro lado, é na Liturgia que toda a nossa vida é reatada à revelação da salvação

realizada pelo Senhor Jesus. Ela insere-nos verdadeiramente na vida do Senhor, para que seja vida em nós.

### 3. A alegria e a festa no repouso do “Dies Domini”

«Tenho em Javé a minha alegria».

(Salmo 104)

Parece importante, neste enquadramento, podermos recolher alguns desafios para a nossa vida sobre o dom da alegria cristã e da festa. Fazemo-lo a partir dos apelos deixados pelo Santo Padre João Paulo II na sempre atual e interpelativa Carta Apostólica *Dies Domini* – “O Dia do Senhor”<sup>12</sup>.

Sublinhamos da leitura desse extraordinário Documento os seguintes apontamentos:

1. O repouso festivo como tempo propício para se fortalecer o corpo e se alimentar o sentido da festa profundamente radicado no coração do homem.

A festa será tanto mais autêntica quanto mais puder oferecer à pessoa um verdadeiro sentido de vida não confinado simplesmente aos valores terrenos. É bem significativa a este respeito a reflexão do Papa:

«Impõe-se amplamente o costume do “fim-de-semana”, entendido como momento semanal de distensão, passado, talvez, longe da morada habitual e caracterizado, com frequência, pela participação em atividades culturais,

12. JOÃO PAULO II, *Dies Domini*, Carta Apostólica, Ed. Paulinas 2004 (6.ª ed.).

políticas e desportivas, cuja realização coincide precisamente com os dias festivos. Trata-se de um fenómeno social e cultural que não deixa, por certo, de ter elementos positivos [...]. Isto é devido, não só à necessidade do descanso, mas também à exigência do festejar que está dentro do ser humano. Infelizmente quando o Domingo perde o significado original e se reduz a um puro “fim-de-semana”, pode acontecer que o homem permaneça fechado num horizonte tão restrito, que não mais consiga ver o céu. Assim sendo, ainda que bem trajado, torna-se intimamente incapaz de “festejar”» (n.º 4).

2. O repouso festivo como espaço onde se deve cultivar a abertura a verdadeiras e profundas experiências espirituais.

Ao interromper-se o ritmo habitual da vida de trabalho, a pessoa pode encontrar-se melhor a si mesma e procurar encontrar-se melhor com o seu mundo interior, a serenidade e a paz. O repouso e a festa não são esquecimento e arquivamento da fadiga do trabalho e da luta da vida, mas um certo cumprimento de tudo isso, valorizado e saboreado com justo distanciamento, à imitação de Deus criador. É sobretudo na procura dos valores espirituais que o homem pode encontrar-se a si mesmo como o *homo sapiens*, cuja sabedoria ilumina as grandes questões sobre a existência humana. Na verdade, a festa coloca a pessoa humana para lá de qualquer visão puramente instrumental e utilitária da existência.

«Portanto o dia do repouso tem razão de ser primariamente porque é o dia abençoado por Deus e por Ele santificado, isto é, separado dos demais dias para ser, de entre todos, o dia do Senhor. Para compreender plenamente

o sentido desta santificação [...] é necessário contemplar o texto no seu conjunto que mostra com nitidez como toda a realidade, sem exceção, tem a ver com Deus. O tempo e o espaço pertencem-lhe. Ele não é Deus de um dia só, mas de todos os dias do homem. Assim, pois, se Ele santifica o sétimo dia com uma bênção especial e faz dele o seu dia por excelência, isto deve entender-se precisamente na profunda dinâmica do diálogo de aliança, ou melhor, no diálogo espusal» (n.º 14).

3. O repouso festivo pode ser assumido e vivido como tempo de fazer germinar o próprio projeto de vida

A festa contribui em sumo grau para se descobrir o sentido da própria identidade e do significado da existência. O silêncio, a meditação, a oração são meios com os quais a pessoa pode verificar o caminho de maturidade a partir das escolhas fundamentais da própria vida. Para um cristão, o Dia do Senhor constitui sempre uma experiência pascal que empenha o crente a prosseguir no caminho do êxodo.

A alegria da fidelidade ao amor de Deus torna-se juntamente com a dor da fragilidade e do pecado conteúdo explícito da Páscoa celebrada semanalmente.

O repouso festivo torna-se para o crente empenho moral para verificar à luz da Palavra do Senhor o caminho já percorrido e, a partir do encontro com o Senhor, programar objetivos para continuar a caminhada futura.

«Vivido assim, o Domingo inteiro, e não apenas a Eucaristia dominical, torna-se uma grande escola de caridade, de justiça e de paz. A presença do Ressuscitado no meio dos seus converte-se em projeto de solidariedade, urgência de renovação interior, impulso para alterar as

estruturas de pecado onde se encontram enredados os indivíduos, as comunidades e às vezes povos inteiros. Longe de ser evasão, o Domingo cristão é antes “profecia” inscrita no tempo, profecia que obriga os crentes a seguir os rastros d’Aquele que veio para “anunciar a Boa nova aos pobres, para proclamar a liberdade aos cativos e, aos cegos, o recobrar da vista; para mandar em liberdade os oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor”» (n.º 73).

Respigamos destas considerações alguns princípios importantes:

- A festa nasce da exigência de reviver o mistério da Páscoa do Senhor. Esta exigência encontra na celebração cristã, principalmente na Eucaristia, o seu momento central e insubstituível;
- O encontro entre a memória da Páscoa e o descanso do trabalho reacende no coração do crente uma festa onde a fé e a vida determinam o ritmo da alegria cristã. Para o cristão o convite à festa no Dia do Senhor nasce duma dupla motivação: descansar do trabalho e dar qualidade à vida física e restabelecer a experiência pascal da vida. Por isso o repouso festivo é instrumento de libertação das dificuldades da existência;
- A festa é tempo da reconstrução da vida na comunhão vital com Cristo. Quanto mais se abre ao amor pascal de Cristo tanto mais a alegria experimentada alcança o sabor da plenitude e da eternidade.

«Não existe qualquer oposição entre a alegria cristã e as verdadeiras alegrias humanas. Pelo contrário, estas ficam enaltecidas e encontram o seu fundamento último precisamente na alegria de Cristo glorificado, imagem perfeita e revelação do homem segundo o desígnio de Deus» (n.º 58);

«O Domingo deve dar oportunidade aos fiéis para se dedicarem também às actividades de misericórdia, caridade e apostolado [...]. Assim, a Eucaristia dominical não só não desvia dos deveres da caridade, mas pelo contrário, estimula os fiéis “a tudo o que seja obra de caridade, de piedade e de apostolado, onde os cristãos possam mostrar que são a luz do mundo, e que glorificam o Pai diante dos homens”» (n.º 69).

O cristão que vive intensamente o seu «ser em Cristo nova criatura» (2Cor 5,17) promoverá sempre e fecundamente o sentido do repouso festivo como uma singular oportunidade para afirmar e crescer cada vez mais na fidelidade à sua identidade cristã. Esta manifesta-se particularmente na celebração festiva da fé e na alegria enquanto acolhimento da Graça, dom do amor do Eterno.

“Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra”.

# QUEM PERDER A SUA VIDA... SALVÁ-LA-Á

O SACRIFÍCIO DE SI: UMA  
SURPREENDENTE ALTERNATIVA  
DE FELICIDADE PARA A VIDA

— António Valério

«O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem».

(Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 2)

## Introdução

«Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.»

(Mt 5,16)

Brilhe a luz. Como no início, quando o espírito de Deus pairava sobre as águas da terra informe e vazia e se ouviu a primeira palavra criadora do mundo. O início da criação veste-se de luz, que afasta as trevas e começa a fazer ver os contornos das coisas, o espaço do ser onde a vida terá lugar. O sentido da luz é o desvelamento das possibilidades, sem o qual não é possível uma orientação na paisagem da vida.

A noite é o espaço do medo e da aventura. É o tempo das fábulas e do fantástico. À noite, sonha-se. Muitas vezes é o momento da meditação que resume a experiência do dia. A noite dá a tranquilidade que torna possível dedicar-se às coisas interiores. A noite é tempo de espera e silêncio, onde existe lugar para o escondido e os segredos são murmurados. É tempo para encontrar espaços na alma que possam vencer o medo, para ter coragem quando esta parece faltar. As noites escrevem longas histórias que procuram devolver um significado àquilo que acontece. É um tempo de não-ação cheio de ação, a um outro nível – meditativo, afetivo.

E a noite existe porque existe o dia. Sem a noite, não teríamos as cores do pôr-do-sol ou da aurora, talvez os lugares mais belos da criação, onde tantos trocam palavras de amor e promessas de beleza. Em cada biografia, existe a luz do fim do dia como ponto de chegada de uma história apaixonada, ou as cores do amanhecer que trazem a esperança feliz do fim de um pesadelo noturno. O encanto destes momentos vive da sua brevidade: são escassos esses minutos, nos quais se tem

o privilégio de tocar a enormidade do desejo e a concretização de um espaço a habitar sem olhar aos seus limites. Tudo parece possível e a vida perde a sua terrível contingência.

Talvez o momento atual<sup>1</sup> seja este espaço de luz colorida que faz a passagem entre a noite e o dia. Mas hoje, mais que nunca, para o homem que vive nesta fronteira, a luz de passagem é feita por luzes artificiais, próprias de um estilo de vida urbano e estranho a uma vida caracterizada por ritmos nos quais o quotidiano se espalhava serenamente. O paradigma atual poder-se-ia apresentar como a noite de uma época e o raiar de outra. Na verdade, após um tempo em que um determinado sistema teve a pretensão da universalidade e da totalidade, onde tudo se podia explicar dentro de limites pré-estabelecidos, sucede um outro tempo, caracterizado por «grandes mudanças, de uma mobilidade permanente, de um *estado líquido* que se torna estilo coletivo de pensamento e de vida»<sup>2</sup> e, por isso, multiplicam-se as aproximações e perspectivas, por parte dos diversos sujeitos, grupos e culturas, que explicam parcialmente a realidade. Cada momento de passagem na história é uma aventura em direção ao desconhecido e um convite a deixar-se tocar por aquilo que surge à nossa frente, como oportunidade de uma reconfiguração dos próprios pressupostos.

## 1. Um tempo favorável

O primeiro ponto desta reflexão é considerar o tempo atual como um “tempo favorável” no qual qualquer tipo de atitude paralisante de defesa deve ser superado no sentido de algo novo que está a nascer<sup>3</sup>, olhando os desafios do presente como espaço concreto da experiência da fé.

1. A descrição apresentada tem como horizonte a cultura ocidental, própria dos países de grande tradição cristã-católica e hoje em processo de descristianização. Nesse sentido, não abrange muitas realidades culturais de outras partes do mundo.

2. F. COSENTINO, *Un Dio possibile – cristianesimo, immaginazione e “morte di Dio”*, Studi e Ricerche – sezione teologica, Assisi, 2009, p. 13.

3. Cf. C. THEOBALD, “È proprio oggi il ‘momento favorevole’ – per una lettura teologica del tempo presente”, in *La Rivista del Clero Italiano*, 5, 2006, p. 356-372. Neste artigo, Theobald apresenta uma interessante proposta de leitura teológica do momento presente, tomando em consideração a passagem através de três diferentes portas na fé – humana, cristã e eclesial –, como resultado da intuição pastoral do Concílio Vaticano II, segundo as categorias da *conversão* e *descentramento* no que se refere à “secularização interna do cristianismo”.

## O sujeito pós-moderno numa cultura pós-cristã

Certamente que uma perspetiva positiva não elimina um olhar crítico sobre a realidade e os seus problemas. Uma das preocupações centrais deve ser a relação entre a vida concreta das pessoas e o modo como estas refletem sobre aquilo que lhes acontece. Mas surge um grande obstáculo: a dificuldade, por parte dos sujeitos, de fazer esta reflexão. De facto, não há distinção entre aquilo que acontece exteriormente e o que se vive internamente. A fronteira entre interno e externo foi suprimida pelos ritmos de uma existência acelerada, já planificada e sem capacidade de parar e *tomar o pulso* aos acontecimentos.

A vida pós-moderna divide-se de modo complexo e, ao mesmo tempo, estruturado entre casa e trabalho, estudo e tempo livre, família e amigos, religião e pensamento. Não há tempo, nem (o que preocupa mais) necessidade de dar a cada coisa o seu lugar relativo num conjunto de atividades, emoções e factos geridos interiormente. Não existe um *interesse* que possa ligar e dê um sentido fundante e totalizante à vida tal como esta se apresenta. E, assim, temos um homem dividido, mas que não se dá conta da sua divisão de uma existência marcada pelos trabalhos do dia-a-dia e de cada momento. Um sentido fraco de felicidade substitui uma vida que deseja ser autêntica e cheia de sentido por alguns mecanismos de suportação e resgate da complexidade opressiva da vida. Sem pensar muito, chega-se a um *entertainment* vital e pontual, a uma «zona estetizante da vida, menos segura, mas também mais ligeira e menos trabalhosa, numa zona franca protegida do cansaço do quotidiano»<sup>4</sup>.

O facto de tudo estar ali à mão, através de uma ideologia já estabelecida, reforça a ilusão de que a felicidade existe se se tem aquilo que se deseja<sup>5</sup>, de um modo tal que se descure qualquer tipo de preocupação com o futuro ou os valores interpessoais

4. C. DOTOLÒ,  
*Un cristianesimo possibile – tra postmodernità e ricerca religiosa*,  
*Giornale di Teologia*, 324,  
Brescia, 2007, p. 68.

5. A propósito desta ideologia do ter e do sucesso, é muito iluminadora a expressão de M. P. Gallagher: «Human reality is reduced to a perpetual fantasy», como descrição da dificuldade em superar os horizontes já pré-estabelecidos pela cultura na oferta de uma felicidade superficial. Em M. P. GALLAGHER, *Free to believe – Ten steps to faith*, London, 1987, p. 36.

ou comunitários, ou seja, fica somente «o *eu mínimo* que não deve dar contas a ninguém, a não ser, egoisticamente, à *lógica do desejo*»<sup>6</sup>. Portanto, o contexto atual, essencialmente, cria enormes dificuldades à tentativa de acordar um sujeito adormecido e paralisado para a possibilidade de um novo horizonte, onde a fé possa dar um contributo a uma consciência e a um empenho mais livre de elementos que bloqueiam uma vida mais autêntica.

Mais ainda, no que diz respeito à fé como elemento integrador da vida, damos-nos conta de que a cultura pós-moderna é também *pós-cristã*, uma expressão já bastante comum, que significa o divórcio entre o vivido concreto e a sua moldura existencial, caracterizada pelo ambiente cultural marcado pelos pressupostos próprios da assim chamada *cristandade*. Porém, determinados elementos da cristandade, como, por exemplo, a autoridade eclesiástica e a moralidade cristã, coexistem hoje com instituições típicas da era pós-cristandade, como a ciência e filosofia modernas, a economia, a tecnologia, a publicidade, o mundo do trabalho, a complexa realidade dos *mass media* e da internet, criando uma «concorrência entre os vários universos simbólicos ou significações globais da realidade e das suas respetivas instituições, cada uma das quais pretendem dar um sentido e uma estruturação à vida de cada dia»<sup>7</sup>.

A este fenómeno de separação e concorrência entre a esfera da fé e o conjunto da sociedade dá-se o nome de *secularização*, um fenómeno complexo abundantemente tratado por muitos autores, entre os quais Charles Taylor, que assume uma grande importância na caracterização do nosso tempo como «idade secular»<sup>8</sup>.

A principal intuição de Taylor é a de colocar a possibilidade da fé e as diversas formas de religião ao nível das disposições pertencentes a uma sensibilidade espiritual que não é sempre explicitamente religiosa, mas que procura, de diversos modos,

6. C. DOTOLO, *Un cristianesimo possibile*, p. 69.

7. M. MIRANDA, *Ejercicios espirituales y mundo de hoy*, Manresa, 8, Bilbao-Santander, 1992, p. 67.

8. C. Taylor apresenta três aceções de secularização: a) Os diversos espaços da atividade social – económica, política, cultural, educativa, profissional, recreativa – que já não têm Deus ou qualquer outro tipo de realidade última como referência, com a consequência de que cada esfera tem a sua própria racionalidade e a religião foi removida destas esferas entretanto autónomas; b) «Uma diminuição da crença e da prática religiosa, no afastamento das pessoas de Deus e da Igreja»; c) A mais decisiva segundo Taylor, «a transição de uma sociedade na qual a fé em Deus era incontestada e, além disso, não problemática, a uma em que é considerada como uma opção entre outras e muitas vezes como a mais difícil de abraçar», pondo o centro do problema ao nível da escolha consciente e baseada na «experiência e busca moral, espiritual e religiosa». É também esta terceira aceção a mais interessante para a nossa reflexão. C. TAYLOR, *Letà secolare, Campi del sapere*, Milano, 2009, p. 12-15.

um sentido para a própria vida e uma resposta às grandes questões da existência.

Se bem que a secularização seja principalmente um fenómeno social, na fratura mais ou menos evidente entre a vida e a fé, também por parte das instituições religiosas, como a Igreja, se pode encontrar um tipo específico de secularização que C. Theobald chama “secularização interna”. Esta é um fenómeno «pelo qual o processo de regressão do sistema religioso (e da sua influência) no conjunto da sociedade é progressivamente aceite e julgado legítimo pelo próprio grupo religioso»<sup>9</sup> e implica, necessariamente, uma revisão e redefinição da própria identidade e missão. Nesta tomada de consciência por parte dos grupos religiosos e, especificamente, da Igreja, será necessária uma nova reflexão e proposta de um estilo de presença no meio de uma sociedade com estas características.

Resumindo, a complexidade do fenómeno da secularização tem dois aspetos que se tocam e remetem mutuamente: a cultura comum das pessoas e a cultura das instituições religiosas, que partilham os mesmos pressupostos, mesmo que de um ponto de vista diverso e com expectativas diferentes.

### Um estilo de vida fechado na imanência

Uma questão importante é a do estilo de vida que não permite uma abertura à dimensão transcendente, que se pode explicar fenomenologicamente por aquilo que Cosentino chama *secularização da consciência*, isto é, «uma nova tonalidade que toca a consciência do homem, os afetos profundos, os estilos de vida, as fontes interiores e espirituais de cada homem»<sup>10</sup>.

O contexto cultural no qual aparece esta tonalidade foi já descrito acima, e pode sintetizar-se num relativismo da verdade, na dificuldade de pensar num sentido global

9. C. THEOBALD, “È proprio oggi il ‘momento favorevole’”, p. 358.

10. F. COSENTINO, *Un Dio possibile*, p. 51.

para a vida, condicionado por um imaginário empobrecido por «modelos impostos por uma determinada televisão, a pressa que caracteriza especialmente as nossas metrópoles, a mentalidade decorrente da eficiência e da produção, o primado do aparecer e da exterioridade»<sup>11</sup>.

Portanto, o espaço afetivo-existencial onde deveria ser possível uma descoberta e surpresa do transcendente está ocupado por outras realidades, ou é praticamente inexistente. Este primado do exterior e o não cuidado pelo interior conduz o homem a uma existência superficial. Este viver à superfície não é o resultado de uma escolha de contornos morais, mas de um ambiente onde se nasce e se move. O grande problema do diálogo e do contacto com este estilo de vida está em ser quase como uma conversa entre surdos, na qual cada um quer oferecer ao interlocutor algo de que o outro, de facto, não sente necessidade.

Assim, é importante avançar para a consciência do denominador comum a todos<sup>12</sup>, seja crentes, seja não crentes, isto é, a pós-modernidade como o ambiente inevitável onde o Evangelho deve encarnar. É tarefa da teologia refletir sobre estas questões e dar-se conta de que o ambiente pós-moderno é uma oportunidade para a fé, a qual «não se refugia na base igual de um ser imutável, mas *ex-põe-se* às peripécias dos tempos, confiando que nenhuma época está privada da graça, pelo contrário, cada época é uma porta que se abre ao mistério cristão»<sup>13</sup>.

## Uma nova e frágil busca espiritual

Um aspeto surpreendente que caracteriza a cultura de hoje na sua relação com a religião é o surgimento de uma nova sensibilidade espiritual. Esta tem como origem uma rutura existencial e racional com determinadas ideologias

11. F. COSENTINO, *Un Dio possibile*, p. 51.

12. Este aspeto da pertença de todos, sejam crentes ou não crentes, ao mesmo ambiente cultural é referido por A. Matteo de um modo muito desafiador e que faz refletir: «Quando Deus se torna acessório, estranho, estrangeiro, inimigo até, então, com toda a honestidade, não podemos não nos dizer pagãos». In A. MATTEO, *Come forestieri – perché il cristianesimo è diventato estraneo agli uomini e alle donne del nostro tempo*, Soveria Mannelli, 2008, p. 12.

13. E. SALMANN, *Contro Severino – incanto e incubo del credere*, Casale Monferrato, 1996, p. 316.

antirreligiosas e um centramento no sujeito e nas suas necessidades vitais. O sujeito pós-moderno encontra-se desiludido com a mentalidade demasiado racionalista e científica, com o progresso científico e a sua falta de resposta às últimas questões. Desiludido diante de tremendas injustiças provenientes de uma mentalidade económica sem critérios, juntamente com a devastadora exploração do meio ambiente e as consequentes catástrofes ecológicas. Todos estes fatores acabaram por abrir o indivíduo a outras dimensões.

Porém, o ponto de referência desta nova sensibilidade é o próprio indivíduo e as suas necessidades. Na medida em que as ideologias científicas e políticas (e também religiosas, nas suas várias formas de fundamentalismo) perdem o seu sentido, o homem, inevitavelmente, deixa de ter confiança na verdade, a qual já não é definida por uma estrutura, mas passa a ser definida pelo próprio indivíduo. É óbvio que tal passagem de sentido das estruturas para o indivíduo não garante que ele se sinta seguro nas suas escolhas e acaba por criar para si mesmo um espaço ao abrigo dos riscos desta nova situação. Este novo espaço vital procura sobreviver às contrariedades das incertezas quotidianas. Agora, no meio de uma vida despedaçada por compromissos, tarefas e relações superficiais, torna-se mais importante uma busca de harmonia, que acabe por funcionar como uma «necessidade de compensação»<sup>14</sup> e que diminua a sensação de incerteza e risco. Portanto, um novo tipo de espiritualidade aparece como resposta a esta necessidade, mas ao mesmo tempo vem acompanhada pela «imediatez da referência, se bem que arbitrária, a escolhas de tipo religioso e/ou ético, certamente na linha de uma conceção social que tem a sua medida no sistema da necessidade»<sup>15</sup>. Além disso, a perda de referências e de valores institucionais e esta mesma lógica do desejo criaram uma regra que se pode sintetizar num «aquilo que se pode fazer deve ser feito»<sup>16</sup>. Assim, assistimos a esta difícil conciliação entre a busca de equilíbrio e a luta

14. C. DOTOLLO, *Un cristianesimo possibile*, p. 130.

15. C. DOTOLLO, *Un cristianesimo possibile*, p. 133.

16. A. MATTEO, *Come forestieri*, p. 32.

continua contra os obstáculos, a satisfação dos próprios desejos. E a vida, mais que uma harmonia, torna-se um drama quase insuportável<sup>17</sup>.

Em resumo, assistimos, de facto, àquilo que C. Taylor define como uma *redescoberta do espírito*, afirmando que as grandes questões do sentido da vida não estão de todo ausentes na cultura atual, e as pessoas «têm fome de respostas sobre todas estas questões e, quer tenham consciência disso ou não, sentem a necessidade de as ver respondidas por alguém»<sup>18</sup>. Cabe certamente à Igreja é à teologia dar estas respostas, de um modo compreensível e que vá de encontro a estas necessidades espirituais. Coloca-se o desafio de contar uma nova história que seja motivadora deste mesmo sentido.

17. A propósito deste caráter agónico da existência hodierna, A Matteo, citando U. Galimberti, sublinha um dos desafios do novo paganismo que caracteriza a cultura atual, falando em termos de “contenção do trágico”, entendido como a coragem grega de viver, graças ao domínio de si mesmo, ao conhecimento e à virtude. Cf. A. MATTEO, *Come forestieri*, p. 11. Certamente, um apelo que não se deve deixar passar ao lado.

18. C. TAYLOR, “La secolarizzazione fallita e la riscoperta dello spirito”, in *Vita e Pensiero*, 6, 2008, p. 31-32.

## 2. Uma nova história

O tempo que vivemos não é, de todo, um tempo impermeável à novidade constante do Evangelho. Como nunca o foram nenhum tempo e circunstância ao longo dos dois mil anos de história da Igreja. Pelo contrário, como vimos, contém muitos pressupostos que o dispõem a tal abertura. Estes pressupostos são constituídos por uma sensibilidade não tematizada, de um nível implícito, gerada pelas próprias circunstâncias vitais do homem: entre o individualismo e as experiências rituais de comunidade, entre a indiferença própria da não-crença e a sede de uma resposta englobante de toda a vida, entre a tecnologia e o sagrado, entre a cidade e a natureza. É tarefa do falar e agir cristãos dedicar-se a tornar mais conscientes os mecanismos internos da cultura, insistindo numa «cura da imaginação», segundo a expressão de M. P. Gallagher<sup>19</sup>.

O imaginário refere-se a toda uma dimensão não racional, mais do tipo afetivo e existencial. O imaginário toca o nível

19. M. P. GALLAGHER, “Recupero dell’immaginazione e guarigione delle ferite culturali”, in *Studia Patavina*, 51, 2004, p. 613-630.

20. F. COSENTINO, *Un Dio Possibile*, p. 63.

21. E. SALMANN, *Presenza di Spirito – il cristianesimo come gesto e pensiero*, «Caro salutis cardo», Studi, 13, Padova, 2000, p. 108.

22. A noção de *identidade narrativa* é apresentada por Ricoeur como a conciliação de dois aspetos da existência, ou seja, o aspeto da permanência, ou identidade-mesmidade, com o aspeto da descontinuidade e diversidade. Esta conciliação faz-se através da operação de transposição do evento acontecido segundo um modelo causal e externo à noção de evento como fazendo parte da constituição do cruzamento entre o sujeito e a personagem. Assim, «a personagem retira a sua própria singularidade da unidade da sua vida considerada como a totalidade temporal, essa mesma singular, que a distingue de outro qualquer» (p. 239) e, portanto, «o conto constrói a identidade da personagem, e pode ser chamado a sua identidade narrativa, construindo a identidade da história contada. A identidade da história faz a identidade da personagem» (p. 239-240). Cf. P. RICOEUR, *Sé come un altro*, Di fronte e attraverso, 325, Milano, 1993, 2005<sup>4</sup>, p. 231-244.

23. A. MATTEO, *Come forestieri*, p. 27-29.

24. P. RICOEUR, *Sé come un altro*, p. 241.

das disposições e dos desejos, mostra a própria configuração do mundo, da sua complexidade na quotidianidade. Portanto, é necessário «desbloquear os desejos, curar a imaginação, despertar os sonhos, suscitar as perguntas, evocar as possibilidades»<sup>20</sup> presentes na cultura e fazer destas o ponto de contacto existencial com a proposta da fé.

É necessário fazer do discurso cristão uma nova narrativa, a partir do uso de novas metáforas. De facto, aquilo que é próprio do cristianismo é o seu carácter de anúncio, Palavra transmitida e encarnada nas biografias de todos os tempos e lugares. E. Salmann explicita assim esta dimensão: «[...] o cristianismo é acontecimento hermenêutico, o seu acontecer – pensando apenas na ressurreição – dá-se apenas na palavra, através da palavra, pela palavra», que, «por seu lado, é interpretada de um modo sempre original, de tal modo que o sentido de Deus e do homem se explicitam conjuntamente e a inspiração torna-se verdadeira e se produz»<sup>21</sup>.

Na verdade, em cada biografia, a transformação até à autenticidade realiza-se e concretiza-se a partir de um conto, um próprio caminho de identidade narrativa<sup>22</sup>.

Uma vida é uma história, uma memória, tem necessidade de ser recontada e narrada. Num tempo em que «já não existem mais histórias»<sup>23</sup>, ou seja, as grandes narrativas modernas, é a própria vida que se deve constituir como tendo um sentido, um impulso vital, um «fim da história»<sup>24</sup>.

É triste, por isso, que alguém chegue ao fim da vida e não tenha nada para dizer. Chegará um momento em que a pessoa se perguntará acerca da qualidade da sua narrativa existencial, da *poiesis* da sua existência. O que resta de mim, no fim de tudo? Que eternidade pus no meu tempo? Certamente estas perguntas, mais cedo ou mais tarde, surgirão com toda a sua força e urgente desejo. Como escrever, portanto, a própria biografia do modo mais autêntico e pleno possível?

A estas perguntas, uma nova reflexão sobre o cristianismo constituirá uma resposta e uma proposta, uma nova narrativa para a possibilidade de um tipo de relação entre Deus e o homem, que não é apenas doutrina mas deve «ter a sua resolução em vida, em tensão vital entre premissas e promessas, entre medos e confiança, entre resistência e impulso, entre carne e espírito: numa palavra, em cristianismo»<sup>25</sup>.

25. A. MATTEO, *Della fede dei laici - il cristianesimo di fronte alla mentalità postmoderna*, Soveria Mannelli, 2001, p. 161.

### 3. O horizonte da plenitude humana: Jesus Cristo

Após o que se poderia chamar de descrição deste tempo atual, nas suas dificuldades, mas também nas suas promessas, poderíamos sintetizar que o que mais move o coração do homem é a busca da sua realização pessoal, o desejo de encontrar paz, segurança e harmonia que lhe permitam habitar o mundo. De muitos modos a busca da felicidade sintetiza este desejo. A grande questão é: o que significa viver esta felicidade, qual o modelo que deve inspirar os homens e as mulheres de hoje?

Para a fé cristã, a resposta é muito clara: na Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, é afirmado, logo ao início, que, «na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente»<sup>26</sup>. É Jesus Cristo o modelo da humanidade, é n'Ele que a busca do sentido da vida, da identidade da pessoa humana deve ter o seu ponto de partida e o seu ponto de chegada, a realização humana que, em termos teológicos, se exprime como salvação ou santificação.

Jesus revela-se a Si mesmo como o Filho, no qual cada um de nós é filho e irmão dos outros e, assim, toda a vida humana se define pela santificação do nome de Deus, que é Pai. E,

26. *Constituição Dogmática Gaudium et Spes*, 22.

sendo Pai, constitui-nos como filhos. A primeira definição da relação Deus-homem é, por isso mesmo, *filiação*. Somos filhos amados de Deus Pai. Tal como cada um de nós recebe dos seus pais a vida, assim também recebemos o dom de ser filhos de Deus. Dom absolutamente gratuito. Santificar o nome de Deus Pai é dispor a nossa vida para sermos verdadeiros filhos de Deus. Os que vivem da sua vida, os que nascem de uma dádiva amorosa. Estamos ainda na realidade anterior a todas as vicissitudes da vida, somos filhos amados de Deus desde sempre e para sempre.

O desenvolvimento da nossa vida é ainda o crescimento e a realização do Reino de Deus. A vinda do Reino não é um acontecimento espetacular, nem vistoso. As parábolas do Reino são parábolas de crescimento: grão de mostarda, fermento na massa, semente que cresce lentamente na terra. O Reino de Deus não se impõe, mas cresce dentro dos nossos processos vitais, nos dias luminosos e nos dias escuros. A vinda do Reino acompanha a vida, nada fica fora da sua realização.

E assim, como filhos amados que amadurecem o Reino nas suas vidas, a vontade de Deus pode ser feita. Cumprir a vontade de Deus não é um voluntarismo cego, uma urgência de eficácia, mas tem o seu início na consciência agradecida de um Dom.

A vontade de Deus é libertação dos nossos esquemas e preconceitos que veem a felicidade dependente dos acontecimentos da vida. Não há nada que não possa ser caminho de felicidade, se formos suficientemente agradecidos e conscientes do dom que cresce de forma escondida e invisível, mas que cresce continuamente.

É legítimo que tenhamos resistências, que o sofrimento e a desilusão nos coloquem questões muito sérias acerca da vontade de Deus. E o cristão também sofre, também sente o peso da vida. O facto de ter fé e boa vontade não lhe tira as

dificuldades. Mas, então, o que é que a fé acrescenta a um cristão?

A fé não dá respostas, não é uma ideologia, não dá sentido ao mundo, não é a solução de todos os problemas, é antes o próprio problema, a pergunta, o início do caminho.

A fé coloca o cristão no ponto de decisão acerca da própria vida. Nos momentos definitivos e nos momentos mais pequenos e quotidianos. A fé é ser alimentado por uma esperança e confiança que vê em tudo a possibilidade de fazer a vontade de Deus, na Terra como no Céu.

A fé faz cruzar a nossa horizontalidade com a verticalidade de Deus. É muito significativo que o símbolo cristão por excelência, que é a cruz, assuma como sua definição o cruzamento destas duas hastes.

Dois vetores que se cruzam e têm como centro o próprio Coração de Cristo. É este Coração que define a vida de Jesus, o Verbo encarnado, como o homem perfeito que cumpre a vontade de Deus em tudo o que foi proposto à sua liberdade. E a consequência, o seu preço, foi a entrega da vida por amor. É do seu lado aberto que nasce uma proposta nova para a vida de todos os homens e todas mulheres de todos os tempos e lugares. Uma comunidade de filhos unidos por um único objetivo: que o nome de Deus seja santificado, que o Reino de Deus venha, que a sua vontade seja feita. Haverá uma missão diferente para a Igreja? A fé tem como horizonte e destino um símbolo cruel e doloroso, mas que é a expressão do estilo de vida de Jesus, como protótipo do estilo de vida do cristão.

A fé conduz-nos inexoravelmente a este cruzamento de divindade e humanidade na sua máxima expressão. E aí a horizontalidade da morte leva à verticalidade da vida, a horizontalidade da tristeza leva à verticalidade da alegria, a horizontalidade da dor leva à verticalidade da consolação. Um cristão não evita a vida, mas é capaz de a agarrar em tudo o que ela propõe. A Vida é assim a experiência fascinante

e arriscada de optar radicalmente por um modo de vida diferente, livre, disponível.

Encarnar o Evangelho na nossa história é assumir como seu motor a vontade de Deus que deseja a salvação, agarrar a humanidade e tirá-la dos seus túmulos, para a fazer nascer para a vida nova. Este nascimento da vida nova acontece em nós por motivo da ressurreição, a fonte da certeza da fé que não é racional, nem científica, nem arrogante. Uma fé que, mesmo nas dúvidas, se mantém sempre atenta a todas as concretizações de um horizonte mais alto e mais vasto. No fundo, a fé é sempre boa-disposição e o cristão terá sempre de ser uma pessoa bem-disposta, no seu verdadeiro sentido.

## **4. A Mensagem de Fátima como motivo de configuração com a Cruz de Cristo**

Chegamos ao fim desta reflexão ligando os pontos anteriores com a mensagem de Fátima: em primeiro lugar, percebemos a contextualização cultural (ocidental) daquilo que hoje se poderá entender como a realização humana e os modos como tal realização está, ou não, a ser conseguida. De seguida, olhámos para a meta e horizonte que dá sentido à busca da realização humana, o elemento central da fé cristã e da Revelação em Jesus Cristo, Deus feito homem. Nas mais diversas circunstâncias históricas e culturais, nas mais distintas biografias de homens e mulheres, o Mistério Pascal de Cristo foi motivo de uma nova luz sobre os acontecimentos do presente e inspirou grandes movimentos dentro da espiritualidade de cada tempo, que traduziram de forma notável a força desse Mistério Pascal.

No início do século XX, três crianças fizeram uma experiência de Deus que as conduziu ao centro do mistério da salvação. Com elas, milhões de pessoas até aos dias de hoje, através da Mensagem de Fátima, conseguem encontrar este mesmo sentido, percebendo que «todas as espiritualidades se encontram ao pé da Cruz de Cristo»<sup>27</sup>. A Cruz, como o sinal do amor de Cristo que derrama o seu sangue por nós, traduz Deus em gestos humanos, é a experiência fundante da predileção de Deus pela humanidade: «tanto amou o mundo que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna»<sup>28</sup>.

O exemplo de Cristo, totalmente despojado de si, entregue em sacrifício pelos outros, é o ponto fulcral da dimensão sacrificial da Mensagem de Fátima, sem o qual não se pode entender o modo como os pastorinhos viviam a oferta de si mesmos, no quotidiano da vida e na simplicidade dos seus gestos. Tudo nasce de um amor absoluto de Deus, da experiência deste mesmo amor e, ao seu modo, os pastorinhos vão percebendo que «no dom humano do amor até à morte se manifesta o amor absoluto»<sup>29</sup>. Mesmo não tendo derramado o seu sangue, eles souberam «carregar com a culpa alheia, introduzindo uma bondade maior, substituindo a vontade de mal com uma vontade maior de bem»<sup>30</sup>. Neste sentido, a Cruz de Cristo transparece na vida destas crianças de um modo surpreendente.

O que mais chama a atenção é que uma tal atitude, própria daquilo que poderíamos chamar de “testemunho cristão em fase adulta”, aparece nos pastorinhos sem nenhuma preparação prévia, uma catequese sólida, um conhecimento detalhado das verdades da fé ou dos desafios da Igreja do início do século XX, num mundo abalado pela I Grande Guerra. Estas crianças simplesmente viviam o seu dia a dia, até que uma manifestação do Céu as encheu do amor de Deus<sup>31</sup>, a tal ponto de não conseguirem passar um

27. F. VARILLON, *A alegria de crer e de viver*, Editorial AO, p. 105.

28. Jo 3.

29. H. U. BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, Assírio & Alvim, p. 89.

30. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, p. 235.

31. Nas suas memórias, Lúcia fala de uma profundíssima experiência do amor de Deus: «Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus será o vosso conforto) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos», in *Memórias da Irmã Lúcia*, p. 174.

32. Nas mesmas Memórias, Lúcia fala de como a sua prima Jacinta vivia a dimensão do sacrifício com uma alegria e prontidão desarmantes; por exemplo: «Brincávamos um dia, sobre o poço já mencionado. A mãe da Jacinta tinha ali uma vinha pegada. Cortou alguns cachos e veio trazer-no-los, para que os comêssemos. Mas a Jacinta não esquecia nunca os seus pecadores. – Não os comemos – dizia ela – e oferecemos este sacrifício pelos pecadores. Depois correu a levar as uvas às outras crianças que brincavam na rua. À volta, vinha radiante de alegria. In *Memórias da Irmã Lúcia*, p. 57.

momento sem viver radicalmente a vida segundo o estilo da Cruz de Cristo. Era esta a sua maior alegria<sup>32</sup>.

Ao olhar para o exemplo de vida dos pastorinhos, podemos cair na conta de que a cultura de hoje, em muitos aspetos, vive a mesma falta de referência de uma catequese sólida, de um interesse profundo dos dramas da humanidade e dos desafios da Igreja. A passagem para uma época pós-cristã não deixa de provocar alguma perplexidade nas gerações mais antigas, que olham as novas gerações e constataam que uma série de conceitos, hábitos e linguagem do mundo católico perdeu o seu sentido e lugar. Além disso, também nos damos conta de como a auto-referencialidade dos indivíduos e das culturas fecham as pessoas aos grandes dramas dos homens e das mulheres de hoje, especialmente se estiverem longe ou forem apenas mais uma notícia entre a quantidade enorme de informação que nos chega. Com as devidas diferenças, não é difícil encontrar algum ponto de contacto entre a *infantil ignorância* dos pastorinhos, longe de todos estes grandes temas e a *globalização da indiferença*, nas palavras do Papa Francisco. Explicando: quer numa, quer noutra situação não se apresentam à partida as disposições necessárias para uma fecunda ação evangélica ou para um estilo de vida moldado pela Cruz de Cristo.

Mais ainda, não pode deixar de chamar a atenção que os textos das Aparições, escritos no início do século passado, aconteçam na moldura cultural da chamada *cristandade*, mas, ao mesmo tempo, num contexto de forte oposição à Igreja e a todo o tipo de manifestações do religioso. O tempo atual talvez não tenha já este tom de oposição tão feroz, mas não é certamente o tempo propício para uma adesão ao Evangelho. Com o seu anacronismo próprio, estes textos têm hoje uma excecional força e atualidade. Isto porque, entre estes dois contextos, existe uma diferença decisiva.

Os pastorinhos foram diretos ao essencial: a sua vida faz sentido pleno se for vivida em proveito dos outros, pois «a renúncia a nós mesmos é o sacrifício mais difícil para a pobre natureza humana, porque é necessária romper a obsessão do eu e deixar que prevaleçam os outros, que ocupem os primeiros lugares»<sup>33</sup>.

Nestas palavras encontramos um enorme desafio para a cultura de hoje. Um modo real e concreto, verdadeiro pela sua simplicidade e transparência, para um modo de viver a vida na sua plenitude. No sacrifício de si se superam todas as ilusões da falsa alegria, se faz a profunda experiência de que a verdadeira fecundidade está na oferta de si mesmo, à semelhança de Cristo. Assim o fizeram os pastorinhos. A Mensagem de Fátima continua, deste modo, a manter a sua atualidade e a urgente necessidade de ser apresentada como exemplo e modelo da verdadeira felicidade, para qualquer tempo da história.

33. *Apelos*, 108, citado por E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, p. 234.



### III. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA DO ANO



# UM DEUS DE VIDA ABUNDANTE

## CATEQUESE PARA CRIANÇAS

— José Caldas

### UNIDADES TEMÁTICAS:

#### **Em Vós está a fonte da vida:**

- Um Deus de vida abundante;
- A alegria de Deus, o Deus das bênçãos e dos dons, o Deus beneficente e cuidadoso.

#### **O meu espírito alegra-se em Deus, meu Salvador:**

- Maria que transborda de vida e transmite vida;
- *Magnificat*.

### FRASE INSPIRADORA:

Deus está contente com os vossos sacrifícios.

### OBJETIVOS:

- Conhecer o núcleo principal da mensagem de Fátima, concretamente na aparição de 13 de setembro;
- Sensibilizar as crianças para o modo como Deus se compraz connosco;

- Descobrir que o encontro com Deus e a procura da Sua vontade é fonte de uma alegria imensa;
- Levar as crianças a sentir necessidade de ser transmissoras da alegria de Deus.

## Reflexão para o Catequista

### 1. Deus é fonte de vida em plenitude

O nosso Deus é um Deus de vida abundante. Uma das formas mais imediatas de percebermos esta verdade é a captura pelo olhar de tudo o que nos rodeia submetendo-o a uma sensibilidade que possa valorizar a beleza e a riqueza do mundo criado. Ele é um Deus cujo amor transborda na criação. Deus é grande nas suas obras!

Ainda que muitos passem por esta exuberante manifestação de beleza como por uma obra do acaso, não deixam de reconhecer a complexidade e a maravilhosa engrenagem deste mundo. Para aqueles que têm fé, a criação é um livro que canta sem cessar as grandes maravilhas de um Deus que é todo e só amor e cuja obra prima é o ser humano, consciente e livre, capaz de responder com amor ao amor do Criador. A gradativa autocontemplação das suas obras dá-nos a entender um Deus maravilhado com a sua própria obra.

Apesar de o nosso pecado afear a beleza das obras de Deus, Ele não cessa de nos levantar. Porque a obra da criação ainda está a acontecer... E a criação não é algo de abstrato, mas chega ao pormenor, ao detalhe do nosso ser. Nós estamos a ser criados por Deus. A vida em abundância não é apenas o gozar de uma saúde física, mas é a de uma existência que se alimenta no milagre do amor de Deus.

## 2. A Vida de Deus é fonte de alegria

Facilmente a alegria é confundida com o ruído, com os contornos de uma folia exterior, ruidosa e epidérmica. Porém, a verdadeira alegria do ser humano é como «um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de sermos infinitamente amados» (EG 6). E Deus antecipa-se a amar-nos.

Isaías compara o amor de Deus a um amor esponsal:

«Assim como a esposa é a alegria do seu marido, assim tu serás a alegria do teu Deus» (Is 62,5).

E o profeta Sofonias exprime bem o gozo de Deus, a complacência d'Ele na sua criatura, que se traduz em manifestações de festa e de celebração. O amor resulta sempre em celebração gozosa:

«O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa, como nos dias de festa» (Sf 3,17).

«O Evangelho revela-nos a alegria como parte integrante da identidade divina [...]. Deus é alegria e a alegria é divina. [...] O motivo da alegria de Deus é o homem» (Amedeo Cencini). A fonte mais segura da alegria do ser humano é a própria alegria que Deus nele coloca.

## 3. A alegria de Deus em Maria

“Ao chegar a plenitude dos tempos...”, Deus escolhe uma jovem simples e pobre, de um lugar obscuro e pouco considerado no mapa de Israel, Nazaré da Galileia, e pede-lhe para aceitar colaborar no seu projeto de salvação do ser humano. Maria aceita tornar-se a “conduta” por onde Ele envia esta salvação, a plenitude da sua vida: o Seu amado Filho, feito

carne semelhante à nossa, que, por seu turno, passará pelo mundo deixando um rastilho de alegria e de vida, até consumir a sua entrega na morte de Cruz.

Maria é como que a flor de onde brota o fruto, a meta da criação, Jesus Cristo, o Homem novo. Maria é uma jovem simples e humilde, preparada, por isso, para se deixar surpreender por Deus. Por sentir este gozo de Deus na sua pessoa, Maria leva a alegria de Deus à sua prima Isabel, que também faz parte daqueles que veem o dia logo na aurora. O canto do *Magnificat* é o compêndio da alegria que Maria faz ressoar, como porta-voz da esperança de todos os que colocam a sua confiança em Deus.

Também é assim em Fátima, desde o ano de 1917. Ela continua esta missão de transmissora do amor de Deus, apontando o caminho para que o mundo possa ressarcir-se na verdadeira Vida. Ela revela-se à simplicidade de três crianças, novamente aos simples, vazios de si mesmos, de ambições e de interesses, preparados, por isso, para acolher a abundância do amor de Deus. Ela é a cuidadora da Igreja: não apenas de Cristo, Cabeça, mas também da Igreja, seu Corpo Místico, desde o seu nascimento, no dia de Pentecostes. A mensagem de Fátima, situada no cerne do Evangelho da Vida, é um programa de aceitação do amor de Deus, daquele amor que transborda na vida que não se contém sem O anunciar.

#### **4. Ser portador da vida e da alegria de Deus**

Através desta catequese pretende-se ajudar as crianças a tomar consciência de um Deus que é a fonte do nosso viver, que nos ama com um amor infinito e nos sustém na força do seu amor, que se compraz connosco e nos chama continuamente

à relação com Ele. Um fruto do amor é a alegria. Então, a fonte da alegria está em Deus.

As crianças têm uma apurada capacidade de observar tudo o que se passa à sua volta e interrogam-se sobre o porquê das coisas. É importante que elas percebam a beleza do mundo como a exuberância de um amor infinito que jorra do coração de Deus.

Maria é o ícone perfeito do transmissor da vida de Deus, não apenas por nos dar Jesus, mas por manifestar gestos e atenções que transmitem alegria; por isso, ela é uma excelente mestra para cada um de nós que também é chamado a tornar-se transmissor da vida e da alegria de Deus perante as situações dramáticas que nos envolvem, começando pelo âmbito doméstico.

Por outro lado, os pastorinhos, como crianças, são interlocutores privilegiados das crianças, pelo modo como apreenderam a mensagem de que Maria era portadora e a ela se entregaram, passando a relacionar-se com Deus e com os outros de uma forma nova. Para as crianças será precioso o seu testemunho de oração, o sentido de reparação, o espírito de abnegação que os moveu, a confiança inabalável em Deus e a capacidade de sentir as dores dos outros, procurando dar-lhes lenitivo.

Como Maria e como os pastorinhos, também hoje é possível ser-se portador da vida de Deus, através de gestos concretos de solicitude para com os outros.

## Desenvolvimento da Catequese

### MATERIAL NECESSÁRIO:

- Bíblia;
- Texto das memórias da Ir. Lúcia, para ser lido por vários intervenientes (anexo 1);
- Flores recortadas (tantas quantas as crianças), em cartolina branca, simples, com o círculo ao centro (inflorescência) rodeado por sete pétalas (anexo 2);
- Canção “Um girassol” (anexo 3);
- Planta natural, preferivelmente com flor;
- Lápis de cor;
- Cartaz com a frase “Em vós, Senhor, está a fonte da vida”;
- Cartaz com a frase “O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”;
- Letras da palavra ALEGRIA.

### Acolhimento

*Cada criança terá no espaço onde irá permanecer durante a catequese (cadeira ou mesa) uma flor em papel (anexo 2). De papel liso e em branco, apenas recortado com o formato de uma flor com sete pétalas.*

Porque será que têm essa flor nos vossos lugares?

*Deixar falar as crianças até chegarem à conclusão de que foi um gesto de simpatia do(a) Catequista.*

## Experiência Humana

Quando é que as pessoas oferecem flores umas às outras?

*Deixar as crianças exprimir as suas ideias*

Nos aniversários, nas datas importantes... ou quando alguém está a atravessar uma situação difícil, por doença ou morte de familiares... Quando as pessoas passam por uma situação difícil, podemos considerar que há como que pequenas mortes que as afligem e elas precisam de mais vida... E não é verdade que o nosso amor dá vida ao outro? Numa flor, podemos expressar a importância que as pessoas têm para nós, pois uma flor é um sinal de vida e de beleza. Oferecer uma flor é sinal de simpatia, é um gesto apropriado para levar alegria ao outro ou simplesmente uma expressão de proximidade e de afeto. E isto dá vida!

Agora vou pedir a cada um de vós para fechar os olhos com força. Toda a gente fechou? O que vemos? Nada, apenas escuridão. Pensem nas coisas belas de que têm memória. Não conseguiriam ter delas memória se não houvesse luz. Vamos agora abrir os olhos...

*O(a) Catequista, entretanto, colocou em lugar visível a planta natural*

Olhem esta planta. É diferente dessas flores de papel que eu coloquei nos vossos lugares, não é? Será que se não houvesse luz esta planta poderia desenvolver-se? Claro que não! Então o que precisa uma flor para crescer e se desenvolver? De terra, do sol, do ar, de água. E isto não apenas

uma flor, mas todos os seres vivos, inclusive nós próprios. Então de onde provém toda a vida e beleza?

## Palavra de Deus

Vamos abrir a Bíblia e escutar a palavra de um salmo:

*«Em Vós, Senhor, está a fonte da vida e é na vossa luz que vemos a luz.» (Sl 36[35])*

*O(a) Catequista coloca, no placard, o cartaz com a frase “Em vós, Senhor, está a fonte da vida”*

Afinal é Deus o criador de toda a vida e beleza. Ele é fonte de vida. Reparem que Deus nos ama tanto que não nos oferece apenas uma flor, mas uma criação inteira, um mundo tão belo, cheio de cor e de vida. Só a partir daqui já vemos bem como Ele nos ama! Toda a criação está pendente do amor de Deus; também a vida que pulsa em nós, esta vida que sentimos, esta vida que somos.

Então vamos considerar-nos como uma flor criada por Deus, cheia de beleza e de vida, e vamos cantar:

*Canção: Um girassol... (anexo 3)*

Mas Deus deu-nos a sua vida de uma forma ainda mais surpreendente do que a que vemos através da natureza. Que vida é esta?

Ele deu-nos o seu muito amado Filho, Jesus! E através de quem é que nasceu Jesus?

Através de Maria, a Mãe de Jesus! Já conhecem o que aconteceu com Maria e como Deus lhe pediu para ser a Mãe de Jesus?... E ela aceitou ou não?

Claro que sim. O Anjo começou por dizer a Maria como ela era bela e como Deus a amava. Depois de saber que era tão amada por Deus, ela só tinha o desejo de lhe corresponder. E, depois, o que aconteceu?

Ela sentiu de tal forma a vida de Deus em si mesma, que logo, logo a foi partilhar com a sua prima Isabel, que precisava de ajuda, pois também Isabel ficara grávida na sua velhice. Como acham que terá ficado Isabel com a visita da sua prima Maria? Claro que ficou muito feliz! Maria trazia a vida de Deus em si própria, o próprio Jesus, e Isabel sentiu essa vida de Maria! Imaginem como ficamos, cada um de nós, ao receber a visita de alguém de quem gostamos muito! Ficamos mesmo com mais vida, não é?

Lucas, um grande amigo de Jesus, conta-nos o que aconteceu neste encontro de tanta alegria, entre Isabel e sua prima Maria. Maria pronunciou também algumas palavras. Vamos abrir novamente a Bíblia e ouvir o que Lucas nos conta:

*«Maria disse, então: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.”»  
(Lc 1,46-47)*

*O(a) Catequista coloca, em local visível, o Cartaz com a frase “O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”*

Agora já todos confirmámos, a partir daquilo que Lucas nos contou, de onde vem a alegria de Maria! De quem é? É da vida de Deus, de “Deus, seu Salvador”.

Mas antes de Maria ter sentido alegria em Deus, foi primeiro Deus que sentiu alegria em Maria. E ela, por se saber tão amada por este Deus abundante de vida, torna-se uma transmissora da vida de Deus. Será que só naquele tempo é que ela foi mensageira de alegria e de vida? E nos

nossos dias? Já ouviram certamente falar na história das aparições de Fátima. Maria, ainda hoje, continua a ser transmissora da alegria e da vida de Deus.

Vamos ler o que aconteceu em Fátima no dia 13 de setembro de 1917, através das memórias da Irmã Lúcia, a pastorinha.

*Leitura do texto das “Memórias da Irmã Lúcia” (realizada por diversos leitores ou, se não houver possibilidades, apenas pelo(a) Catequista).*

O que dizem as pessoas aos pastorinhos? Que peçam a Nossa Senhora para serem curados das suas doenças. Eles têm confiança em Maria e têm esperança na oração dos pastorinhos; então, estes também se tornam mensageiros e transmissores da alegria e da vida de Deus. Quando as pessoas os viam, ficavam cheias de esperança.

Mas vejamos também o que diz Nossa Senhora aos pastorinhos nesta aparição. Ela pede-lhes que continuem a rezar e revela-lhes que Deus está contente com os seus sacrifícios. O que é que isto significa? Confirma-nos que eles eram mesmo transmissores da vida de Deus. Rezavam e faziam sacrifícios pelos outros. Porque também eles tinham descoberto que eram muito amados por Deus.

### **Expressão de fé**

E nós, quando é que podemos ser transmissores da vida de Deus? Muitas vezes é necessário fazer sacrifícios para dar vida aos outros, não é? Por exemplo, quando vedes que os vossos pais estão tristes ou aflitos, por alguma situação. Há maneiras de dar-lhes alegria... para os ajudar e fazer felizes. Ajudar o colega que precisa da nossa atenção, ter

paciência para com aqueles que não agem bem connosco e respeitá-los quando não partilham os nossos gostos... às vezes custa-nos um bocadinho, outras vezes muito, mas se o nosso sacrifício dá mais vida às pequenas mortes daqueles que nos rodeiam, então vale a pena o nosso sacrifício. É ou não verdade? Quando agimos como Deus nos pede, como que recebemos a sua luz, o seu amor e bondade e estamos a ser, para os outros, transmissores da sua vida e da sua alegria.

Nem sempre é fácil fazermos estes sacrifícios pelos outros, mas agora nós já sabemos o segredo de Maria. Qual é a fonte da sua alegria? É Deus!

Vamos novamente cantar a canção do girassol...

## **Atividade**

Vamos olhar outra vez para a nossa flor. Ela é de papel, não tem vida. Mas, pela nossa arte, nós podemos dar-lhe um pouco de vida. Vamos começar. Durante esta catequese falámos várias vezes numa palavra que tem sete letras. Pensem qual foi!... A alegria que brota da Vida de Deus! Ora a palavra ALEGRIA tem sete letras. Contem quantas pétalas tem a vossa flor à volta de um centro. Também sete! Então vamos colocar cada uma das letras da palavra ALEGRIA em sua pétala.

Vimos também qual é a fonte de alegria. Lembrem-se bem que Maria nos revelou este segredo... É Deus. Então vamos colocar a palavra DEUS no centro da nossa flor. E, como Deus pinta com o seu imenso amor as cores da criação, agora cada um vai pintar a sua flor com toda a arte.

## Celebração

Antes de partirmos vamos fazer uma oração ao Deus da Vida, ao Deus da nossa alegria.

*À medida que prossegue a oração, vão-se colocando no placard as iniciais da Palavra ALEGRIA.*

*Cada frase pode ser lida por uma criança, fazendo o(a) Catequista a parte inicial.*

Deus abundante de vida, hoje descobri, com Maria, que és tu a fonte da minha alegria, por isso, hoje quero expressar-te:

A – Amor, para corresponder ao imenso amor com que me criaste!

L – Louvor, para fazer da minha vida um hino ao teu nome!

E – Entusiasmo, para fazer frutificar a vida que me dás!

G – Gratidão, para corresponder a tantos dons que recebo do teu amor!

R – Relação, para que nunca adormeça no egoísmo!

I – Inteligência, para contigo continuar a obra da criação!

A – Amizade, para que possa ser transmissor da tua vida!

*Cântico: Um girassol...*

## **Compromisso**

Hoje refletimos sobre como Deus nos ama e, também, como Maria foi transmissora deste imenso amor de Deus. Não é verdade que todos saímos hoje daqui com uma vontade enorme de sermos também transmissores deste amor de Deus?

Eis, pois, o desafio: vamos levar a nossa flor, à qual demos vida através da nossa arte, e entregá-la a alguém que achemos que precisa muito de uma palavra de conforto e de se sentir amado por Deus. Assim seremos transmissores da vida de Deus.

ANEXO 1

## “Memórias da Irmã Lúcia”

*As Aparições em Fátima – 13 de setembro de 1917*

### LEITORES:

Ir. Lúcia (Narrador); Homem 1; Mulher 1; Homem 2; Mulher 2; Homem 3; Mulher 3; Homem 4; Nossa Senhora; Lúcia  
(Se o número de leitores não for suficiente para corresponder à proposta que se apresenta, a alternância Homem/Mulher poderá ser feita apenas por duas crianças).

### TEXTO:

**IR. LÚCIA:**  
(NARRADOR)

Dia 13 de setembro de 1917, ao aproximar-se a hora, lá fui, com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente. Todos nos queriam ver e falar. Ali não havia respeito humano. Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos, diante de nós, pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, chamavam de longe:

**HOMEM 1:**

Pelo amor de Deus! Peçam a Nossa Senhora que me cure meu filho, que é aleijadinho!

**MULHER 1:**

Que me cure o meu, que é cego!

**HOMEM 2:**

O meu, que é surdo!

**MULHER 2:** Que me traga meu marido...

**HOMEM 3:** ...meu filho, que anda na guerra!

**MULHER 3:** Que me converta um pecador!

**HOMEM 4:** Que me dê saúde, que estou tuberculoso!

**IR. LÚCIA:** Ali apareciam todas [as] misérias da pobre humanidade.  
**(NARRADOR)** E alguns gritavam até do cimo das árvores e paredes, para onde subiam, com o fim de nos ver passar. Dizendo a uns que sim, dando a mão a outros para os ajudar a levantar do pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo passagem por entre a multidão [...].

Chegámos, por fim, à Cova de Iria, junto da carrasqueira e começámos a rezar o terço com o povo. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e a seguir Nossa Senhora sobre a azinheira.

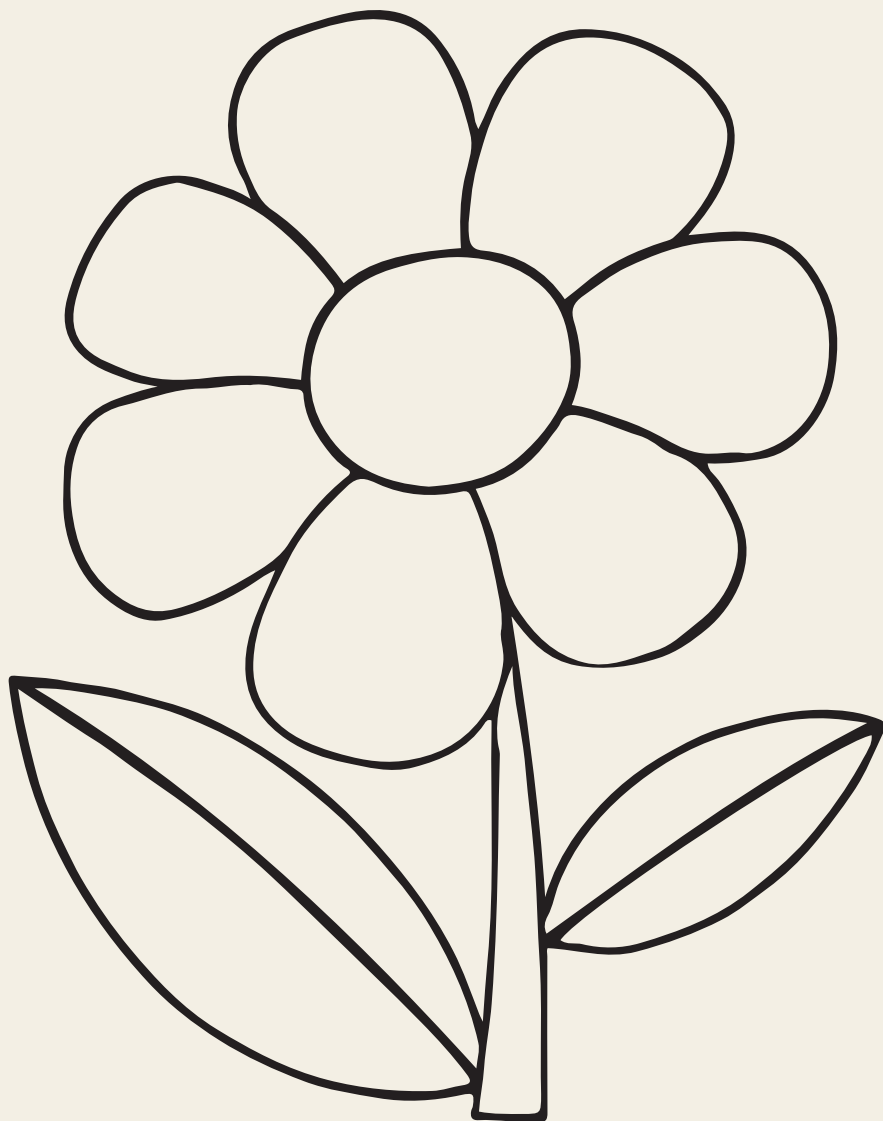
Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra. Em outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trouxe-a só durante o dia.

**LÚCIA:** Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo-mudo.

**NOSSA SENHORA:** Sim, alguns curarei; outros não. Em outubro farei o milagre, para que todos acreditem.

**IR. LÚCIA:** E, começando a elevar-se, desapareceu como de costume.  
**(NARRADOR)**

ANEXO 2



ANEXO 3

# O Girassol

Frei Fabreti, ofm

Ref.: Um gi-ras - sol flo - ri - do num jar - dim, bus - can - do\_a luz do sol, sor-  
riu pa-ra mim! Eu tam-bém sou pe - que - no gi - ras - sol, bus-  
can - do\_a luz de Deus sou fe - liz as - sim! 1. Te - nho mil se -  
men-tes de a - mor pa-ra te dar!

**REFRÃO:** Um girassol florido num jardim,  
buscando a luz do sol, sorriu pra mim!  
Eu também sou pequeno girassol,  
Buscando a luz de Deus, sou feliz assim!

Tenho mil sementes de amor para te dar!

Tenho mil sementes de ternura para te dar!

Tenho mil sementes de carinho para te dar!



# A VERDADEIRA VIDA É DADA A QUEM A DER

CATEQUESE PARA ADOLESCENTES

— *José Caldas*

## UNIDADE TEMÁTICA:

**«Quem perder a sua vida... salvá-la-á.»**

(Mc 8,35; cf. Lc 17,33; Jo 12,25)

- A plenitude conseguida pelo sacrifício de si;
- Superar a ilusão da falsa alegria, sem o caminho da dor;
- A verdadeira vida é dada a quem a der.

## FRASE INSPIRADORA:

Deus está contente com os vossos sacrifícios.

## OBJETIVOS:

- Perceber os contornos de uma cultura de morte que envolve a nossa sociedade;
- Apontar para a cruz de Jesus como a verdadeira fonte da vida e vida em abundância;

- Conhecer o núcleo principal da mensagem de Fátima, concretamente na aparição de 13 de setembro;
- Entender de que modo podemos ser, para este mundo, “condutores” da vida que jorra abundantemente da cruz de Jesus.

## Reflexão para o Catequista

### 1. Uma cultura de morte

Uma sociedade que prescinde de Deus e coloca no centro o valor do indivíduo afeta radicalmente as relações humanas. O outro passa a estar numa esfera que me é exterior e que, portanto, não me diz respeito, e a distância entre mim e ele arrisca-se a ser preenchida pela desconfiança, pela indiferença e pela competição.

Olhando atentamente à nossa volta, percebemos algumas manifestações de uma cultura de morte que nos rodeia. Verificamos facilmente como muitos investem num individualismo a toda a prova. Os padrões de estética avassalam os conceitos de beleza. Por uma felicidade momentânea e fugaz, investem-se as melhores energias e recursos. E este tipo de comportamento, em que as pessoas se centram em si mesmas, gera morte. Gera o desperdício, gera o descartável... Neste tipo de sociedade não têm lugar os “improdutivos”, são desprezados os que demandam cuidados. Mas nem sempre é fácil dar-mo-nos conta dos riscos que cada um de nós corre em tomar parte nesta corrente de individualismo. Muitas formas de justificação podem interpor-se. A desatenção face ao sofrimento alheio e um reiterado centramento nos próprios interesses geram a sociedade que o Papa Francisco descreveu

deste modo: «Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos darmos conta, tornamo-nos incapazes de compadecer-nos ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não comprámos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma» (EG 54).

## 2. Um amor que morre para dar vida

Mas é neste contexto de egoísmo que Deus prova o seu amor por nós: «quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós» (Rm 5,8). A cruz de Jesus surge como um convite à entrega pessoal. A cruz é um padrão erguido entre a vida e a morte. Uma floração da vida que, por amor, se oferece à morte. Ela continua a ser escândalo, porque é uma manifestação da fragilidade de Deus que se deixa ridicularizar, ferir e morrer. Na verdade, nós esperávamos um Deus caracterizado pela força, como humanamente a concebemos, e aparece-nos um Deus tão frágil que pode morrer. É a fraqueza do amor. Porque só um amor imenso está por detrás de tão imensa entrega... Daquela entrega que Jesus compara ao pequeno grão de trigo que, lançado à terra, «se morrer, dará muito fruto» (Jo 12,24). Este é o caminho de Jesus. Contudo, a atenção do Mestre não está no morrer, mas na fecundidade do fruto. A sua glória não é a morte, mas

a vida, multiplicada e ressuscitada, a vida que só germinando é capaz de matar fomes.

Alguns encaram a linguagem do Evangelho como um convite à renúncia, à mortificação... porque não descobriram a beleza da dádiva, a primavera do grão, a fecundidade do amor. Sim, Jesus convida ao sacrifício de si mesmo, à morte pessoal, mas apenas tendo em vista um valor maior. O convite do Evangelho é constante à alegria, não aquela ruidosa e epidémica, mas a da certeza de que Deus está presente e conforta: “não temais!”. A alegria que transpira do Evangelho não tem a ver com uma promessa demagógica ou facilitista, mas com a certeza de que Deus ama a obra das suas mãos. A presença de Deus, que me ama e que cuida de mim, é a mais intensa fonte de alegria. Ela baseia-se na certeza de que um olhar me acompanha, “hei de ver-vos”, e é fonte de uma alegria que se entranha muito para lá dos poros da pele: «Nada vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo 16,22).

Aquele que deveras se cruza com a máxima entrega de Jesus não pode deixar de sentir-se interpelado a esta forma de investir a sua vida, para produzir frutos de santidade, frutos que matem a fome, qualquer fome, aos irmãos.

### **3. Fátima: mensagem para uma cultura da vida**

A mensagem de Fátima está no cerne deste Evangelho da vida. Maria repete o refrão que tantas vezes ouviu durante a sua caminhada humana: “não tenhais medo”. Ela, a mulher forte, que coloca a sua vida numa máxima plataforma de confiança em Deus, está inteiramente disponível para os seus desígnios e, por isso, é também depositária da sabedoria do “grão de trigo”. O Evangelho de Lucas fala-nos numa mulher portadora de um coração que tem as mesmas características

da terra fecunda, que guarda as mensagens e no silêncio as pondera (cf. *Lc 2,19*), como sementes de possibilidades. Maria é o poste firme que ombreia com a verticalidade firme da cruz, o cálice da flor que apresenta a beleza e o sabor do fruto.

Num contexto preciso da cronologia humana, contexto de morte, varrido pelo terror de uma guerra, num país devastado por epidemias e revoluções, num quadro de instabilidade política e social, Maria continua o seu papel de Mestra da sabedoria da vida e revela a três pastorinhos uma mensagem de retorno ao Evangelho. Só a simplicidade é capaz de suportar a beleza de uma mensagem de vida. Os pastorinhos são muito mais do que meros repetidores da mensagem do céu que chegava à terra; eles próprios, na sua realidade e no acolhimento e encarnação da mensagem nas suas vidas, tornam-se recados eloquentes de Deus. Maria anima-os a tornarem-se participantes da obra de salvação do seu Filho e eles aceitam o desafio, de forma total. As suas vidas mudam e contagiam o ambiente. E continuam a proclamar no mundo inteiro uma mensagem de reparação, de reciprocidade ao amor de Deus!

Só uma vida que se deixa transformar por Deus pode ressoar a mensagem de Deus.

#### **4. Os jovens e a linguagem da cruz**

Os jovens, na fase de amadurecimento das suas aptidões, conseguem ser sensíveis à beleza, mas precisam de referências que apontem para a beleza mais do que para a estética. Eles conseguem entusiasmar-se por grandes causas e neles podem surgir ímpetos de generosidade e altruísmo. Mas há que ajudá-los a encontrar uma motivação forte e verdadeira para que os ímpetos passem além do altruísmo, para terem um significado maior: uma vida cheia de Deus, deste Deus abundante

de vida que Se semeia no terreno do mundo e de cada homem para dar Vida em plenitude.

Precisamos de retomar esta mensagem verdadeiramente revolucionária: «A vida alcança-se e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros» (EG 10).

Não podemos prescindir do anúncio da cruz aos jovens, sob pretexto de que este tipo de linguagem, da exigência e do compromisso, da entrega e do sacrifício de si mesmo, está fora de moda, não lhes agrada, ou não os motiva. Eles precisam de conhecer o segredo da verdadeira Vida.

Os jovens precisam de encontrar-se com o núcleo principal do Evangelho, o esplendor do *Kerigma* que fala da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Os jovens precisam de saber que, ainda hoje, Deus continua a esconder-se e a encontrar-se na discrição da nossa história, por mais escura e triste que seja. Como o grão mais pequeno, semeado na aridez e enterado no silêncio, distante do clamor e visibilidade, apagado da grandeza e dos aplausos, Ele traz consigo a potência de uma vida nova. Semeado em mim, o Filho de Deus é um vulcão de existência, fermento de pão e abraços, para que a solidão seja vencida pela comunhão, o silêncio pela palavra, o esquecimento pela presença.

Precisamos de iniciar os jovens na dinâmica do dom, que a seu tempo se torna espiral de vida. Precisamos de dizer-lhes que cada semente de amor, mesmo esquecida e soterrada, que prescinde do estonteamento dos palcos e do reconhecimento alheio, a seu tempo produzirá bela flor e saboroso fruto. Eles precisam de saber que a cruz é profecia da primavera!

# Desenvolvimento da Catequese

## MATERIAL NECESSÁRIO:

- Bíblia;
- Cartões recortados, conforme o anexo 1;
- Árvore recortada em três partes: raízes, tronco e copa, para afixar: anexo 2;
- Cruz simples, recortada, do mesmo tamanho que a árvore;
- Recipiente com rótulo “Cultura de morte”;
- Recipiente com rótulo “Cultura de vida”;
- Cartaz com a frase “Quem perder a sua vida... salvá-la-á.” (Jo 12,25);
- Canção “A árvore da vida” (anexo 3);
- Fotocópias do texto com as memórias da Ir. Lúcia (anexo 4);
- Fotocópias da atividade – oração (anexo 5).

## Acolhimento

*Na sala encontra-se um placard onde, num dos lados, está afixada uma árvore (anexo 2).*

*O(a) Catequista coloca aleatoriamente os cartões (todos ou uma parte, de acordo com o número de elementos do grupo e a disponibilidade de tempo; anexo 1) em cima de uma mesa, com a face escrita voltada para baixo. Em cada extremidade, coloca um recipiente, cada um identificado: “Cultura de morte” e “Cultura de vida”.*

## Experiência humana

*Cada discípulo, à vez, é convidado a ir à mesa onde se encontram os cartões, a tirar um à sorte e a lê-lo em voz alta ao grupo, que decide em que recipiente será colocado depois.*

*De seguida o(a) Catequista dialoga com os discípulos sobre o conteúdo dos cartões que foram lidos:*

Se estamos atentos, todos os dias nos chegam notícias sobre a saúde do mundo em que vivemos. Ao analisar a cultura em que vivemos, em qual destes dois recipientes a colocariam?

*Escutar as respostas e dialogar... Mostrar que há muitas notícias de uma “cultura de morte”, mas também outras menos divulgadas que pertencem à “cultura da vida”...*

Em que sociedade preferiríamos viver? Na da vida.

Então vamos fazer um exercício: no nosso placard temos desenhada uma árvore, temos o tronco, e depois os ramos, folhas, flores e frutos estão incluídos na copa. Então vamos imaginar que esta árvore oxigena a cultura da vida... por isso vamos buscar os cartões que definimos como pertencentes à “cultura da vida” e vamos colocá-los como folhas desta árvore.

*Pedir ajuda aos discípulos e distribuir por eles o trabalho proposto.*

Mas agora ficam-nos os cartões da “cultura da morte”. Que fazer com eles? Temos de lhes dar uma solução. De facto, na nossa sociedade não podemos, pura e simplesmente, apagar ou negar os traços desta cultura de morte; eles existem, são uma realidade. Mas haverá caminhos para reciclar essa cultura? Sim.

Na nossa árvore há um elemento importante: as raízes. Regra geral, quando se desenha ou se descreve uma árvore, não se fala nem se desenha a raiz, porque ela está escondida no solo. Ora, não é possível a uma árvore viver sem raiz. E as raízes são extraordinárias, elas absorvem o que está no solo, mas absorvem apenas o que serve à vida da árvore ou de qualquer outra planta, tudo o resto continua entranhado no solo para lhe servir de suporte.

Agora vamos lembrar-nos de que quando as folhas deixam de servir à árvore, no outono, elas secam e caem e entranham-se no solo. Vamos também nós buscar os cartões que definimos como “cultura de morte” e vamos deixá-los debaixo da raiz, na terra, para significar que nós não os negamos, mas como que os sepultamos, para os reciclar...

*Pedir ajuda aos discípulos para o trabalho proposto.*

Agora, com a árvore pronta, vamos imaginar o seu percurso... qual teria sido o princípio desta árvore? Uma semente! A semente germinou, cresceu o tronco e brotaram as folhas. Vamos aprender um cântico que nos sugere a história da árvore, que podemos comparar a cada um de nós (anexo 3):

*Vem de uma semente, de uma semente,  
a árvore da Vida, a árvore da Vida.  
Vem de uma semente: é o amor!*

*Cresce por um tronco, cresce com tronco,  
a árvore da Vida, a árvore da Vida.  
Cresce com um tronco: cresce na fé!*

*Brotam belas folhas, ela tem folhas,  
a árvore da Vida, a árvore da Vida.  
E as suas folhas são esperança!*

E vamos decifrar melhor o significado deste gesto...

Perguntei em que sociedade prefeririam viver e disseram-me que era na “cultura da vida”. Mas temos de nos fazer outra pergunta: que sociedade gostaríamos de construir? É que nós não podemos ser, pura e simplesmente, consumidores da sociedade em que vivemos. Para que ela se torne naquilo em que gostaríamos que se tornasse, temos que dar a nossa quota-parte, o nosso contributo. Então, pergunto: que sociedade querem construir?... A da vida!

Precisamos de saber o que está na origem de uma “cultura de morte”, para a evitar, e o que promove uma “cultura de vida”, para a construir.

Jesus vai ajudar-nos. Vamos mergulhar no Evangelho, pois ele tem o segredo para nos tornarmos construtores de uma “cultura de vida”.

## **Palavra de Deus**

Jesus usa muito a linguagem agrícola para ilustrar a sua mensagem, de modo que ela se torne compreensível para os seus ouvintes. Vamos encontrar no capítulo 12 do Evangelho segundo S. João dois versículos que nos vão ajudar. O primeiro:

«Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto.» (Jo 12,24)

Afinal também Jesus nos fala de morte... O fruto é vida e o que nós queremos é ser construtores da “cultura da vida”. Mas Ele diz que para produzir frutos é preciso morrer. Que é isso? Jesus não se teria enganado? Vamos continuar a leitura:

«Quem se ama a si mesmo, perde-se; quem se despreza a si mesmo, neste mundo, assegura para si a vida eterna.» (Jo 12,25)

*Afixar o cartaz com a frase «Quem perder a sua vida... salvá-la-á.» (Jo 12,25)*

Então já percebemos que “quem se ama a si mesmo”, ou seja, o egoísta, gera a “cultura da morte”! O que significa isto? Que se as pessoas procuram os seus interesses a todo o custo, se passam por cima dos outros, se tentam destruir os outros, se investem em alegrias imediatas, em prazeres momentâneos, em conquistas temporárias, acabam por se destruir a si e aos demais. Por exemplo (*aponta para um dos cartões que ficou debaixo da raiz da árvore*), nós dissemos que uma cultura que “considera inúteis os doentes, os frágeis, os idosos e os deficientes” é uma “cultura da morte”, porque estes exigem cuidados, atenções, tempo e recursos... Porque é que se abandona um idoso? Porque ele estorva, dá trabalho... As pessoas fogem às doenças, à fragilidade, à dor e, no entanto, isso também faz parte da nossa condição humana! Por outro lado, tentam construir pequenas alegrias em seu lugar. E isto é pura ilusão, porque uma falsa alegria, que não se solidificou no amor, logo se esvai!

O que Jesus nos propõe é um lote de vida verdadeira, uma safra de alegria permanente. Ele diz-nos que aquele que aceita investir-se a si mesmo – que é igual a dizer: o seu tempo, os seus recursos, o seu sacrifício – em favor dos outros... encontra a vida verdadeira e o manancial da alegria. Há que passar realmente por uma experiência de morte e de dor, porque o sacrifício de si mesmo aparenta-se difícil, mas não se trata de um sacrifício qualquer. Ele próprio, a partir do seu exemplo de entrega, e uma entrega que chega até à morte de cruz, revela-nos que há só uma realidade a fecundar tudo. É o amor. Com o amor, a morte não tem a última palavra, mesmo as mortes que enfrentamos todos os dias... O amor é o segredo. A morte que é fecundada pelo amor germina e dá frutos de vida.

E qual é o sinal que nós, cristãos, usamos para nos lembrar da máxima entrega de Jesus? É a cruz. De que material é feita a cruz de Jesus? De madeira. E em que posição fica a cruz? Na vertical. Reparem a que conclusão bonita chegamos: o que nos faz lembrar assim a cruz? Uma árvore.

*Afixar a cruz por cima da árvore.*

Então, agora que já sabemos qual é a verdadeira Árvore da Vida, vamos cantar as duas últimas estrofes do nosso cântico da Árvore da Vida:

*Saboroso fruto, ela tem fruto,  
a árvore da Vida, a árvore da Vida.  
E tem belo fruto: Ele é Jesus.*

*É sinal de amor, é arte divina,  
a árvore da Vida, a árvore da Vida:  
é sinal de amor a Cruz de Jesus!*

Realmente a árvore da cruz tem todos os elementos de uma árvore: sabemos bem qual é o solo onde a cruz de Jesus está assente: é este mundo com tantas maldades, tanto pecado; mas a cruz tem uma raiz que vem de uma semente: o imenso amor de Deus. E o fruto desta árvore é o próprio Jesus. Vamos ainda ouvir outra palavra do Evangelho segundo S. João:

«Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.» (Jo 3,16)

Então a cruz não é sinal de morte, mas é sinal da vida de Deus entregue pela nossa vida tão frágil. A cruz é o sinal mais da vida, daquele excessivo amor que Deus nos dedica e que não pode ver-nos perdidos. Ele dá a vida por nós. Na liturgia,

a cruz é mesmo recordada como a árvore da vida. Jesus ensina-nos que é preciso correr o risco de amar, de perder a vida para que ela chegue à verdadeira Vida (com letra maiúscula), para que ela se reparta e se multiplique e faça os outros felizes.

## **Expressão de Fé**

Vamos pedir mais uma ajuda. Todos vós tendes presente o que se passou em Fátima no ano de 1917? Ora nós estamos a encaminhar-nos para a celebração do centenário das aparições e este ano é focada a aparição de 13 de setembro. Vamos pedir ajuda à Ir. Lúcia, que nos vai descrever o que se passou nesse dia memorável na Cova da Iria:

### *Leitura do texto (anexo 4)*

Quais são os sinais de morte que encontramos aqui?

São as doenças, as aflições das pessoas, a falta de esperança, o decorrer de uma guerra. A guerra de 1917! A guerra é um sinal bem claro da cultura de morte. Mas sobressai aqui uma esperança. As pessoas olham Maria e os pastorinhos como intermediários de uma vida de que sentem sede. Eles pedem para curar as doenças, exprimem a sua tristeza... as suas mortes... para obterem uma vida.

Maria continua hoje a ser uma portadora da Vida de Deus para nós! Desde que aceitou colocar a sua vida em sintonia com a vontade de Deus, ou seja, quando aceitou ser Mãe de Jesus, ela iniciou um caminho de entrega. Ela teve de renunciar aos seus projetos, para aceitar os projetos de Deus. E foi pelo amor que ela percorreu as estradas de Jesus, e foi o amor que a moveu pela sua caminhada até ao fim, até junto da cruz de Jesus. Em Fátima, ela torna-se mensageira da Vida de Deus num tempo

que mergulhava no desespero da guerra, pobreza e doenças. E a sua mensagem é um convite à conversão, o mesmo é dizer: a deixar-se vivificar pela Vida de Deus.

Ora também os pastorinhos se tornam transmissores desta Vida de Deus. Reparem no que Nossa Senhora lhes diz. Ela pede-lhes que continuem a rezar; portanto, eles rezavam! E revela-lhes que Deus está contente com os seus sacrifícios; portando, eles faziam sacrifícios! Isto significa que eles eram transmissores da Vida de Deus. Rezavam e faziam sacrifícios pelos outros. Porque também eles tinham descoberto que eram muito amados por Deus.

Em suma, hoje descobrimos que Deus tem um amor desmesurado, excessivo pelo mundo, o mesmo é dizer: por cada um de nós; e a expressão desse amor é a doação da sua vida por nós. Nós somos também chamados a dar a nossa vida pelos outros. Dar a vida não quer dizer fazê-lo de uma só vez, mas aceitar com serenidade os incômodos e a dor, estarmos dispostos a presentear os outros com o nosso tempo, a nossa alegria, o nosso esforço, para que sejam felizes. A verdadeira Vida é dada àquele que está disposto a dar a sua.

Para nos recordarmos que a cruz de Jesus é a Árvore da Vida, vamos fazer uma atividade. Vamos voltar a ler o texto das memórias da Ir. Lúcia e anotar os vários verbos que estão no infinitivo. São nove verbos. Depois vamos colocar esses verbos nos traços que ladeiam a cruz (anexo 5) com a frase: “Cruz de Jesus é vida”. Finalmente, vamos ainda colocar esses verbos na oração que está em baixo e, depois de completa, vamos rezá-la em conjunto.

*Senhor, te agradeço o imenso amor que me dedicas e por teres dado a vida por mim. Agora quero **rezar**-te a minha vida e **pedir**-te: Olha para a minha vontade que **quer** ser-te fiel. Contigo*

quero **romper** as barreiras do egoísmo. Faz-me transparência da tua ternura. Anima o meu **andar** para que possa **chegar** à dor dos meus irmãos com a tua misericórdia. Que eu possa **ajudar** os mais frágeis, **levantar** os caídos e, como Tu, **passar** pelo mundo fazendo o bem.

ANEXO 1

Esta cultura ajuda as pessoas a olharem a criação como um dom e a cuidarem dela.

Esta cultura cria condições para que as pessoas tenham confiança umas nas outras.

Esta cultura educa para a partilha do que se é e do que se tem e, por isso, gera solidariedade.

Nesta cultura as pessoas aprendem a respeitar o ritmo do outro e tornam-se sensíveis à sua sorte.

Nesta cultura as pessoas aprendem a estar atentas aos outros e a cuidar dos mais frágeis.

Nesta cultura as pessoas aprendem a acolher-se na diferença e a complementar-se.

Nesta cultura aposta-se na qualidade do ser, e cuida-se beleza da vida interior.

Nesta cultura há pessoas dispostas a gastarem a sua vida para que muitos sejam felizes.

Esta cultura  
cria condições  
para o aumento da  
criminalidade e da  
violência.

Nesta cultura  
cada um centra-  
-se nos próprios  
interesses e usa os  
outros em proveito  
próprio.

Esta cultura  
considera inúteis os  
doentes, os frágeis,  
os idosos e os  
deficientes.

Nesta  
cultura vive-se  
uma competição  
selvagem, em que  
cada um procura  
levar a melhor  
sobre o outro.

Esta cultura gera  
irresponsabilidade  
no modo de cuidar  
de si mesmo.

Esta  
cultura gera  
desigualdades  
gritantes entre  
as pessoas e as  
sociedades.

Nesta cultura  
impera o ídolo  
dinheiro e vive sob a  
ditadura da estética,  
da beleza de fachada  
e da notoriedade.

Esta cultura  
contribui para  
um aumento  
desordenado  
da poluição  
ambiental.

## ANEXO 2



ANEXO 3

## A árvore da vida

MJosé



Vem de'u - ma se - men - te, de'u - ma se - men - te, a  
Cres - ce por um tron - co, cres - ce com tron - co a  
Bro - tam be - las fo - lhas, e - la tem fo - lhas, a  
Sa - bo - ro - so fru - to, e - la tem fru - to, a  
É si - nal de'a - mor, é ar - te di - vi - na, a

ár - vo - re da Vi - da, a ár - vo - re da Vi - da.  
ár - vo - re da Vi - da, a ár - vo - re da Vi - da.  
ár - vo - re da Vi - da, a ár - vo - re da Vi - da.  
ár - vo - re da Vi - da, a ár - vo - re da Vi - da,

Vem de'u - ma se - men - te: é o a - mor!  
Cres - ce por um tron - co: cres - ce na fé!  
E as su - as fo - lhas são es - pe - ran - ça!  
E'o seu be - lo fru - to: E - le'é Je - sus!  
é si - nal de'a - mor a Cruz de Je - sus!

ANEXO 4

## “Memórias da Irmã Lúcia”

*As Aparições em Fátima – 13 de setembro de 1917*

### LEITORES:

Ir. Lúcia (Narrador); Homem 1; Mulher 1; Homem 2; Mulher 2; Homem 3; Mulher 3; Homem 4; Nossa Senhora; Lúcia  
(Se o número de leitores não for suficiente para corresponder à proposta que se apresenta, a alternância Homem/Mulher poderá ser feita apenas por duas crianças).

### TEXTO:

**IR. LÚCIA:**  
(NARRADOR)

Dia 13 de setembro de 1917, ao aproximar-se a hora, lá fui, com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente. Todos nos queriam ver e falar. Ali não havia respeito humano. Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos, diante de nós, pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, chamavam de longe:

**HOMEM 1:**

Pelo amor de Deus! Peçam a Nossa Senhora que me cure meu filho, que é aleijadinho!

**MULHER 1:**

Que me cure o meu, que é cego!

**HOMEM 2:**

O meu, que é surdo!

**MULHER 2:** Que me traga meu marido...

**HOMEM 3:** ...meu filho, que anda na guerra!

**MULHER 3:** Que me converta um pecador!

**HOMEM 4:** Que me dê saúde, que estou tuberculoso!

**IR. LÚCIA:** Ali apareciam todas [as] misérias da pobre humanidade.  
**(NARRADOR)** E alguns gritavam até do cimo das árvores e paredes, para onde subiam, com o fim de nos ver passar. Dizendo a uns que sim, dando a mão a outros para os ajudar a levantar do pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo passagem por entre a multidão [...].

Chegámos, por fim, à Cova de Iria, junto da carrasqueira e começámos a rezar o terço com o povo. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e a seguir Nossa Senhora sobre a azinheira.

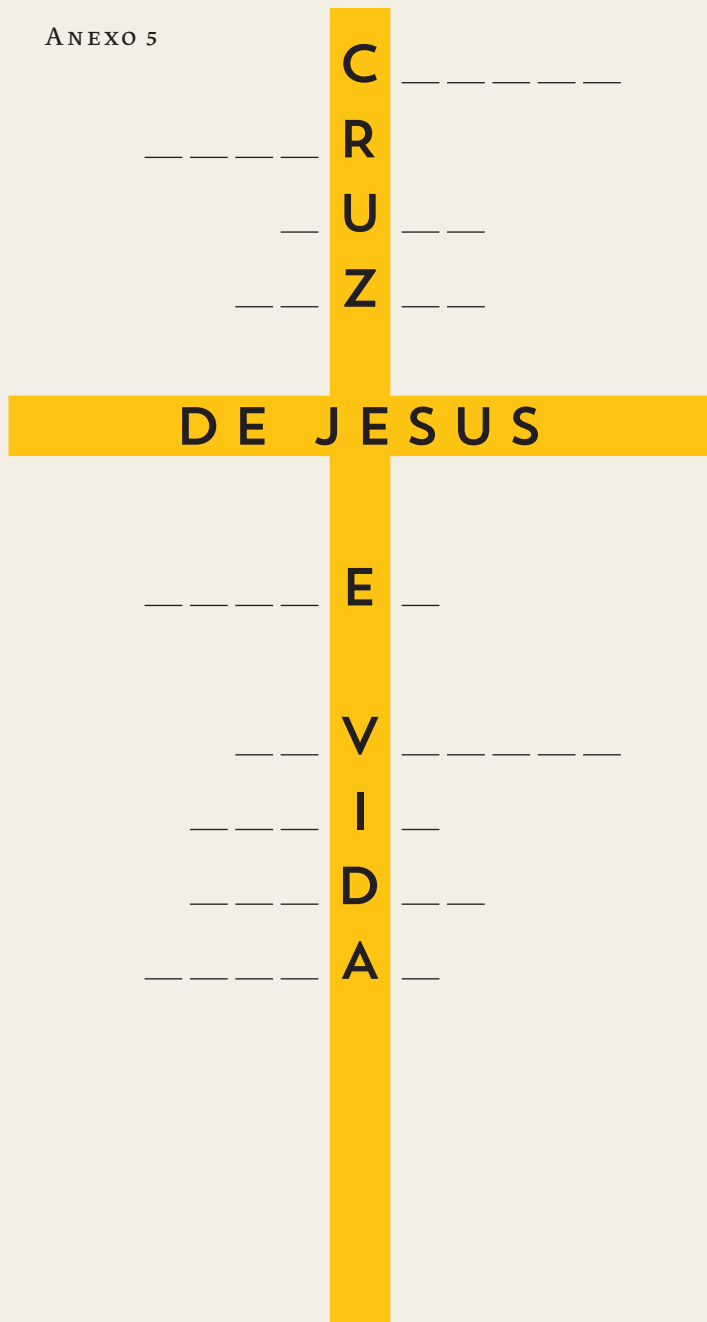
Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra. Em outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trouxe-a só durante o dia

**LÚCIA:** Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo-mudo.

**NOSSA SENHORA:** Sim, alguns curarei; outros não. Em outubro farei o milagre, para que todos acreditem.

**IR. LÚCIA:** E, começando a elevar-se, desapareceu como de costume.  
**(NARRADOR)**

ANEXO 5



## Oração

Senhor, te agradeço o imenso amor que me dedicas e por teres dado a vida por mim.

Agora quero \_\_\_\_\_-te a minha vida  
e \_\_\_\_\_-te: Olha para a minha  
vontade que \_\_\_\_\_ ser-te fiel. Contigo  
quero \_\_\_\_\_ as barreiras do egoísmo.

Faz transparência da tua ternura, anima  
o meu \_\_\_\_\_ para que possa  
\_\_\_\_\_ à dor dos meus irmãos com  
a tua misericórdia.

Que eu possa \_\_\_\_\_ os mais  
frágeis, \_\_\_\_\_ os caídos e como  
tu \_\_\_\_\_ pelo mundo fazendo o bem.



# MISTÉRIOS DO ROSÁRIO

— Sandra Dantas

## Mistérios Gozosos

### 1.º Mistério: a Anunciação do Anjo a Maria

«O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.» Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» E o anjo retirou-se de junto dela» (Lc 1,35-38).

Eis a pedagogia que Deus usa para conosco: anuncia a sua vontade; espera a nossa resposta e retira-se. Não toca a nossa liberdade, nem resolve tudo por nós. Espera apenas que a partir do que dissemos fazer diante da sua proposta nos comprometamos e saibamos fazer as escolhas certas.

Foi assim que aconteceu também com os pastorinhos, em Fátima. Nossa Senhora perguntou-lhes se queriam oferecer sacrifícios pelos pecadores, eles disseram que sim e depois eram criativos para aproveitarem todas as ocasiões para se sacrificarem. Na aparição de setembro devem ter ficado felizes quando Nossa Senhora lhes disse que Deus estava contente com os sacrifícios que faziam.

Ó Maria, minha mãe, ajuda-me a estar disponível como tu e os pastorinhos para fazer a vontade de Deus a meu respeito, mesmo que essa vontade implique sacrifícios. Que eu saiba ser fiel ao sim que dou a Deus em cada decisão que preciso de tomar. Ámen.

## **2.º Mistério: a Visitação de Nossa Senhora a sua prima Isabel**

«Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor”» (Lc 1,39-45).

Maria vai à pressa visitar sua prima Isabel, por um lado, porque sabe que esta necessita da sua ajuda, mas, por outro, também precisa de verificar se é verdade o que o Anjo lhe disse. João Batista, ainda no seio de Isabel, é o primeiro a reconhecer a presença do Messias, fazendo com que Isabel também o reconheça. E Isabel pronuncia a Bem-aventurança dos que acreditam.

Na aparição de setembro, Nossa Senhora assegura aos pastorinhos que fará um milagre em outubro para que todos acreditem. Eram já muitos os que nessa altura se dirigiam à Cova da Iria para rezar com os pastorinhos; no entanto, era ainda escassa a fé que os movia e era necessária uma

confirmação de que tudo aquilo não passava de imaginação de crianças. Nossa Senhora sabia-o e por isso fez essa promessa.

Ó Maria, minha mãe, eu acredito, mas tantas vezes preciso também de confirmação. Tantas vezes duvido das verdades de fé que me transmitem. Ajuda-me a acreditar na palavra de Deus e, quando as dúvidas forem demasiadas, confirma a minha fé. Ámen.

### **3.º Mistério: o Nascimento de Jesus**

«José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e linhagem de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida. E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria» (Lc 2,4-7).

O nascimento de Jesus não aconteceu envolto em grandes mordomias ou acontecimentos extraordinários, como seria de esperar, na nossa lógica humana, no nascimento de Deus. Jesus nasceu longe da sua terra, sem ter uma casa, sem ter um berço onde pudesse ser deitado. Assim se deu o nascimento de Deus, na maior das pobrezaas.

Em Fátima, Nossa Senhora apareceu aos mais pobres dos pobres: crianças, sem instrução escolar nem catequética, e pastores. Também aqui sem alaridos, sem ostentações.

Ó Maria, minha mãe, que também eu, a exemplo de Jesus, não precise de fazer alarido à minha volta quando faço algo que pode ser até muito importante. Ensina-me a viver no escondimento. Ámen.

#### **4.º Mistério: a Apresentação de Jesus no Templo**

«Quando se cumpriu o tempo da sua purificação, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor: “Todo o primogénito varão será consagrado ao Senhor” e para oferecerem em sacrifício, como se diz na Lei do Senhor, duas rolas ou duas pombas» (Lc 2,22-24).

Maria e José, os pais de Jesus, eram pessoas atentas às leis e procuravam sempre obedecer-lhes, mesmo em momentos difíceis. Ao irem ao Templo para apresentar Jesus, ofereceram também o sacrifício estabelecido na lei.

Os pais dos pastorinhos, a exemplo dos de Jesus, eram também pessoas tementes a Deus. Especialmente a mãe de Lúcia: era uma pessoa reta e não queria que nenhum dos seus filhos mentisse. Por isso, ao pensar que Lúcia o estaria a fazer, em relação às aparições, tentou por todas as formas dissuadi-la. Lúcia, no entanto, não podia negar o que viu e ouviu.

Ó Maria, minha mãe, dá-me coragem para ser coerente comigo próprio diante dos outros, tal como fez Lúcia. Ainda que isso me traga dissabores e me faça sofrer. Ámen.

#### **5.º Mistério: Jesus no Templo, entre os doutores**

«Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando Ele chegou aos doze anos, subiram até lá, segundo o costume da festa. Terminados esses dias, regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os pais o soubessem. Pensando que Ele se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura. Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes

perguntas. Todos quantos o ouviam estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas. Ao vê-lo, ficaram assombrados e sua mãe disse-lhe: “Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!” Ele respondeu-lhes: “Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?”» (Lc 2,41-49).

A festa da Páscoa, momento de grande multidão em Jerusalém. Era natural fazer a viagem em caravanas de pessoas conhecidas, amigos e familiares que cuidavam uns dos outros. José e Maria estavam confiantes de que Jesus estivesse entre os amigos, nada de mais natural. Quando perceberam que Jesus não se encontrava na caravana, ficaram preocupados e voltaram atrás. A resposta que receberam de Jesus foi surpreendente e ficou certamente nas suas mentes como uma interrogação sobre o futuro do seu filho.

No dia 13 de setembro foi já a custo que os pastorinhos conseguiram aproximar-se do local das aparições, devido à grande multidão que os cercava. Todos tinham alguma coisa a pedir-lhes e também eles guardavam todas estas pessoas nos seus corações, não entendendo bem o porquê de toda esta agitação à sua volta.

Ó Maria, minha mãe, que eu aprenda com os pastorinhos esta atitude humilde de guardar o que não entendo no meu coração e não criticar o que me parece absurdo, mas tentar compreendê-lo à luz da fé. Amen.

## Mistérios Luminosos

### 1.º Mistério: o Batismo de Jesus no rio Jordão

«Todo o povo tinha sido batizado; tendo Jesus sido batizado também, e estando em oração, o Céu rasgou-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E do Céu veio uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu agrado”» (Lc 3,21-22).

Jesus foi ao Jordão para ser batizado, tal como todo o povo. É nesse momento que se revela a sua identidade divina. Ele, no entanto, continua o seu caminho sem fazer desta manifestação divina um motivo de orgulho ou vanglória.

Na Cova da Iria, em setembro, Nossa Senhora diz aos pastorinhos que Deus está contente com os seus sacrifícios e também eles, que certamente se sentiram muito felizes por saberem disso, não fizeram de tal um motivo de orgulho, mas procuraram fazer cada vez mais e melhor para que Deus continuasse contente com as suas ações.

Ó Maria, minha mãe, também eu sou batizada e gostaria de saber se Deus está contente com a minha vida cristã ou não; porém, que isso não seja o essencial para a minha vida, mas que, mesmo não sabendo, continue a querer viver sempre mais e melhor a vida divina que me é concedida a cada dia. Amén.

### 2.º Mistério: as Bodas de Caná

«Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: “Não têm vinho!” Jesus respondeu-lhe: “Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo?

Ainda não chegou a minha hora.” Sua mãe disse aos serventes: “Fazei o que Ele vos disser!”» (Jo 2,1-5).

As Bodas de Caná, um ambiente de festa; mas falta o vinho, o sinal da alegria. Maria pede a intercessão de Jesus e mais uma vez a sua resposta nos deixa surpreendidos. Maria, no entanto, não se surpreende e continua como se Jesus lhe tivesse respondido afirmativamente.

Na Cova da Iria, os pastorinhos intercedem por tantas pessoas que lhes pedem ajuda. Nossa Senhora está atenta às suas orações, como também está atenta às nossas. Mas talvez ainda não tenhamos percebido bem a importância da nossa intercessão diante de Deus.

Ó Maria, minha mãe, que na minha oração quotidiana eu saiba ter presentes todos aqueles que mais necessitam da minha intercessão e não me feche apenas naquilo que são as minhas necessidades. Ámen.

### **3.º Mistério: o Anúncio do Reino de Deus por Jesus**

«Depois, começou a percorrer toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando entre o povo todas as doenças e enfermidades. A sua fama estendeu-se por toda a Síria e trouxeram-lhe todos os que sofriam de qualquer mal, os que padeciam doenças e tormentos, os possessos, os epiléticos e os paralíticos; e Ele curou-os. E seguiram-no grandes multidões, vindas da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e de além do Jordão» (Mt 4,23-25).

Jesus anunciava o Reino de Deus não só com palavras, mas também com gestos concretos de libertação do mal que atormentava as pessoas. Por isso as multidões seguem Jesus, vêm de todas as partes para o escutarem.

Nas suas memórias, ao falar sobre a aparição de setembro, diz a Ir. Lúcia: «Ao aproximar-se a hora, lá fui, com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente. Todos nos queriam ver e falar. Ali não havia respeito humano. Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos, diante de nós, pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades» (*Memórias da Irmã Lúcia I*, pág. 179).

Ó Maria, minha mãe, quantas vezes também eu sinto necessidade de pedir ajuda, necessidade de que alguém interceda por mim. Mas, tantas vezes, por vergonha ou orgulho, não me aproximo, fico a olhar de longe e tantas vezes critico aqueles que têm a coragem de se aproximar. Ensina-me a humildade da multidão que tudo faz para se aproximar, sem preconceitos. Ámen.

#### **4.º Mistério: a Transfiguração de Jesus**

«Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e levou-os, só a eles, a um alto monte. Transfigurou-se diante deles: o seu rosto resplandeceu como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. Nisto, apareceram Moisés e Elias a conversar com Ele. Tomando a palavra, Pedro disse a Jesus: “Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.” Ainda ele estava a falar, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra, e uma voz dizia da nuvem: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-o.” Ao ouvirem isto, os discípulos caíram com a face por terra, muito assustados. Aproximando-se deles, Jesus tocou-lhes, dizendo: “Levantai-vos e não tenhais medo.”

Erguendo os olhos, os discípulos apenas viram Jesus e mais ninguém. Enquanto desciam do monte, Jesus ordenou-lhes: “Não conteis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos”» (Mt 17,1-9).

Tal como aconteceu no batismo de Jesus, também aqui o Pai manifesta a filiação divina de Jesus. Esta é uma manifestação particular para Pedro, Tiago e João, mas não é para que fiquem naquele momento e se esqueçam de tudo o resto; por isso não podem fazer as tendas, não podem ficar ali. Precisam de descer.

Nossa Senhora também só se manifestou aos três pastores, mas esta manifestação não foi só para eles, não foi para lhes aquecer o coração, mas mudou completamente as suas vidas e descentrou-os.

Ó Maria, minha mãe, quantas vezes também eu gostaria de parar a minha história, a minha vida, num determinado momento. Aquele momento em que me senti tão feliz, aquele momento em que tudo me parecia um mar de rosas. Mas não posso, a vida é feita de todos os momentos bons e maus que se me apresentam no dia a dia. Ajuda-me a testemunhar em cada momento, bom ou mau, a minha fé. Ámen.

## 5.º Mistério: a Instituição da Eucaristia

«Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: “Tomai, comei: Isto é o meu corpo.” Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: “Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados. Eu vos digo: Não beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai”» (Mt 26,26-29).

Com a Instituição da Eucaristia, Jesus instaura uma nova forma de estar com os seus. Em cada dia se entrega a cada um daqueles que nele acreditam, para que tenham vida n'Ele.

É também esta a mensagem de Nossa Senhora em Fátima. Pede que se reze o terço para termos a vida. Não para que Deus fique contente, mas para que a nossa vida melhore na terra.

Ó Maria, minha mãe, que eu saiba alimentar-me da Eucaristia e levar a todos a vida nova que me é oferecida a cada dia. Ensina-me a não pensar só em mim e no meu bem-estar, mas a querer o bem para todos e fazer com que a minha vida contribua para esse mesmo bem. Ámen.

## Mistérios Dolorosos

### 1.º Mistério: a Agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras

«Chegaram a uma propriedade chamada Getsémani, e Jesus disse aos discípulos: “Ficai aqui enquanto Eu vou orar.” Tomando consigo Pedro, Tiago e João, começou a sentir pavor e a angustiar-se. E disse-lhes: “A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai.” Adiantando-se um pouco, caiu por terra e orou para que, se possível, passasse dele aquela hora. E dizia: “Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres.” Depois, foi ter com os discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: “Simão, dormes? Nem uma hora pudeste vigiar! Vigiai e orai, para não cederdes à tentação; o espírito está cheio de ardor, mas a carne é débil.” Retirou-se de novo e orou, dizendo as mesmas palavras. E, voltando de novo, encontrou-os a dormir, pois os seus olhos estavam pesados; e não sabiam que responder-lhe. Voltou pela terceira vez e disse-lhes: “Dormi agora e descansai! Pois bem, chegou

a hora. Eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos! Vamos! Eis que chega o que me vai entregar”» (Mc 14,32-42).

A agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras, para além de nos fazer ver o pavor e a angústia que Jesus sentiu por tudo o que ia passar, faz-nos também perceber a nossa debilidade humana. Nem uma hora foram capazes de vigiar. Apesar de toda a boa vontade, nada puderam contra a sua debilidade humana.

Os pastorinhos de Fátima, desde a primeira aparição de Nossa Senhora, começam a fazer sacrifícios pelos pecadores. Não percebem muito bem o que isso significa, mas respondem positivamente ao pedido que lhes foi feito. Por isso, em setembro, Nossa Senhora lhes diz que Deus está contente com os seus sacrifícios.

Ó Maria, minha mãe, muitas vezes também eu quero fazer algo pelos outros, algo que ultrapasse a minha fragilidade, mas é tão fácil deixar-me levar pelo facilitismo e pelo comodismo. Ajuda-me, a exemplo dos pastorinhos, a sair de mim.

## **2.º Mistério: a Flagelação de Jesus**

«Pilatos, desejando agradar à multidão, soltou-lhes Barrabás; e, depois de mandar flagelar Jesus, entregou-o para ser crucificado» (Mc 15,15).

Apesar de saber que Jesus era um inocente, Pilatos entregou-o para ser crucificado porque está comprometido diante da multidão. Não é livre para fazer o que a sua consciência lhe indica.

Os pastorinhos, apesar da sua tenra idade, sabem distinguir entre o certo e o errado e não temem fazê-lo porque estão livres para isso, ainda não se “comprometeram” com

nenhuma forma de poder humano que limite a sua liberdade de consciência.

Ó Maria, minha mãe, ensina-me a ser livre perante todas as formas de poder que possam limitar a minha liberdade, sobretudo a minha liberdade de consciência. Ámen.

### **3.º Mistério: a Coroação de espinhos**

«Os soldados levaram-no para dentro do pátio, isto é, para o pretório, e convocaram toda a coorte. Revestiram-no de um manto de púrpura e puseram-lhe uma coroa de espinhos, que tinham entretecido. Depois, começaram a saudá-lo: “Salve! Ó rei dos judeus!” Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam sobre Ele, dobrando os joelhos, prostravam-se diante dele. Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e revestiram-no das suas vestes» (Mc 15,16-20).

Como se não bastasse toda a humilhação por que já havia passado, ainda coroaram Jesus com uma coroa de espinhos. Também neste momento Ele não se queixou, aceitou tudo silenciosamente, apesar do grande sofrimento e injustiça por que estava a passar.

As aparições na Cova da Iria foram motivo de grande sofrimento para os pastorinhos, habituados à sua vida simples de crianças despreocupadas e felizes. Desde que Nossa Senhora lhes apareceu, a palavra sacrifício ganhou novo significado para eles. Mas também a palavra sofrimento ganhou mais intensidade, a começar pela família que não entendia, especialmente a família da Lúcia. Também eles, a exemplo de Jesus, suportaram todos estes sofrimentos e incompreensões, de forma heroica.

Ó Maria, minha mãe, ensina-me este modo de sofrer sem me queixar, mesmo quando a dor parece excessiva e sem

motivo. Que, tal como os pastorinhos, eu possa oferecer o meu sofrimento como redenção para os outros. Ámen.

#### 4.º Mistério: Jesus a caminho do calvário

«Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus. Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: ‘Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos; pois virão dias em que se dirá: ‘Felizes as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram.’ Hão-de, então, dizer aos montes: ‘Caí sobre nós!’ E às colinas: ‘Cobri-nos!’ Porque se tratam assim a árvore verde, o que não acontecerá à seca?’ E levavam também dois malfeitores, para serem executados com Ele» (Lc 23,26-32).

Simão de Cirene é a figura de qualquer pessoa que passa e é chamada a ajudar outra em piores condições. Simão ajuda Jesus a levar a sua cruz. No seu caminho de sofrimento, Jesus é capaz de olhar para além de si mesmo, ver as mulheres de Jerusalém que choravam a sua sorte e dizer-lhes para não chorarem por Ele, mas, antes, por elas próprias.

Desde as aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos, eles choravam pelos pecadores que iam para o *fogo do inferno*. Essa imagem ficou-lhes de tal modo marcada que já não conseguiam fazer diferentemente. Queriam a todo o custo salvar todos os que conseguissem do *fogo do inferno*.

Ó Maria, minha mãe, que eu saiba olhar para o sofrimento dos outros e fazer o que estiver ao meu alcance para os libertar de tal sofrimento. Perdoa-me porque tantas vezes me centro demasiado em mim mesmo e no meu sofrimento. Ámen.

## 5.º Mistério: a Crucificação e Morte de Jesus

«Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.” Depois, deitaram sortes para dividirem entre si as suas vestes. O povo permanecia ali, a observar; e os chefes zombavam, dizendo: “Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se és o Messias de Deus, o Eleito.” Os soldados também troçavam dele. Aproximando-se para lhe oferecerem vinagre, diziam: “Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!” E por cima dele havia uma inscrição: “Este é o rei dos judeus”. Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: “Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.” Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: “Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas ações mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.” E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.” Ele respondeu-lhe: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso”» (Lc 23,33-43).

Ao ser crucificado, Jesus continua a não pensar em si mesmo mas naqueles que o entregaram, e não pensa em acusá-los ao Pai pelo que fizeram mas em pedir-Lhe perdão por eles.

Os pastorinhos, no seu sofrimento, mesmo à beira da morte, tudo oferecem pelo bem dos outros, até por aqueles que lhes fazem mal.

Ó Maria, minha mãe, ensina-me a amar e rezar por aqueles de quem gosto menos porque me são antipáticos ou porque me fazem mal. Ajuda-me a ultrapassar isso e a querer somente o seu bem, a exemplo dos pastorinhos. Ámen.

# Mistérios Gloriosos

## 1.º Mistério: a Ressurreição do Senhor

«No primeiro dia da semana, ao romper da alva, as mulheres foram ao sepulcro, levando os perfumes que haviam preparado. Encontraram removida a pedra da porta do sepulcro e, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Estando elas perplexas com o caso, apareceram-lhes dois homens em trajes resplandcentes. Como estivessem amedrontadas e voltassem o rosto para o chão, eles disseram-lhes: “Porque buscais o Vivente entre os mortos? Não está aqui; ressuscitou! Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia, dizendo que o Filho do Homem havia de ser entregue às mãos dos pecadores, ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia.” Recordaram-se, então, das suas palavras. Voltando do sepulcro, foram contar tudo isto aos Onze e a todos os restantes. Eram elas Maria de Magdala, Joana e Maria, mãe de Tiago. Também as outras mulheres que estavam com elas diziam isto aos Apóstolos; mas as suas palavras pareceram-lhes um desvario, e eles não acreditaram nelas. Pedro, no entanto, pôs-se a caminho e correu ao sepulcro. Debruçando-se, apenas viu as ligaduras e voltou para casa, admirado com o sucedido» (Lc 24,1-12).

A Ressurreição de Jesus é um mistério difícil de entender até para os seus discípulos, que não conseguem acreditar no anúncio das mulheres, as primeiras a verem o sepulcro vazio e a irem contar o sucedido. No entanto, Pedro vai ver com os seus próprios olhos e percebe que o que as mulheres disseram não foi um desvario. Realmente o sepulcro estava vazio.

As aparições em Fátima também não foram facilmente acreditadas. Os pastorinhos tiveram que passar por várias provas até serem considerados dignos de crédito. Na aparição de setembro, Nossa Senhora promete para outubro o milagre

para que todos os presentes acreditem. Mesmo assim, ainda hoje muitos não acreditam, tal como não acreditam na Ressurreição.

Ó Maria, minha mãe, ensina-me a acreditar mesmo sem ver, segundo o testemunho daqueles a quem é dado ver para o bem de todos. Mesmo que nem sempre seja fácil e tudo não pareça mais do que um desvario, que eu não acredite somente no que vejo, pois isso só é sinal da minha pouca fé. Amen.

## **2.º Mistério: a Ascensão de Jesus ao Céu**

«Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao Céu e sentou-se à direita de Deus. Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam» (Mc 16,19-20).

A divindade de Jesus é expressa na sua Ascensão ao Céu, de onde saiu para manifestar à humanidade a vontade do Pai. Ele parte para o Pai mas permanece com os seus, dando-lhes coragem para continuarem a Sua Missão e intercedendo por eles junto do Pai.

Os pastorinhos Francisco e Jacinta Marto partiram também muito cedo para junto de Deus. A partir desse momento ficámos com mais dois grandes intercessores diante do Pai. Durante a sua curta existência eles ensinaram-nos o grande poder da oração de intercessão.

Ó Maria, minha mãe, ensina-me a interceder também pelos meus irmãos diante de Deus. Que a minha oração, tal como a minha vida, não seja egoisticamente vivida, mas vivida a pensar também nos outros e nas suas necessidades. Amen.

### 3.º Mistério: a Descida do Espírito Santo

«Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam, com medo das autoridades judaicas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco!” Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o peito. Os discípulos encheram-se de alegria por verem o Senhor. E Ele voltou a dizer-lhes: “A paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós.” Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos”» (Jo 20,19-23).

Jesus envia o seu Espírito para que anteceda os Discípulos na sua missão. Após a descida do Espírito Santo sobre eles, a vida destes homens mudou radicalmente: eles que anteriormente temiam as autoridades e por isso se encontravam fechados, agora falam aberta e publicamente, já não temem a morte nem qualquer autoridade.

Os pastorinhos também sentiam medo e não queriam falar porque sabiam que muitas pessoas não acreditavam neles. Porém, a experiência que Deus os fez viver era mais forte do que eles e não a podiam conter. Apesar de todo o medo que podiam sentir, confiam na palavra da Senhora que lhes prometeu que estaria sempre com eles.

Ó Maria, minha mãe, tantas vezes me deixo vencer pelo medo diante dos outros e não sou capaz de afirmar a minha fé em Deus. Ensina-me a confiar, como fizeram os pastorinhos, para poder ultrapassar o medo que me prende e manietta. Ámen.

#### **4.º Mistério: a Assunção de Nossa Senhora ao Céu**

«Digo-vos, irmãos: o homem terreno não pode herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdará a incorruptibilidade. Vou revelar-vos um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados. É, de facto, necessário que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade e que este ser mortal se revista de imortalidade» (1Cor 15,50-53).

Tal como Jesus, também a sua mãe subiu ao céu, para junto de Deus. Ela que sempre colocou a vontade de Deus acima da sua e enfrentou tudo e todos para que esta se realizasse. Desde esse momento, ela olha pelos seus filhos, cada um de nós que para ela voltamos o nosso olhar.

Desde o momento em que foram visitados por Nossa Senhora, os pastorinhos só queriam fazer o que ela lhes pedia, nem que por isso fossem mortos. Eles são para nós exemplo de amor a Deus e à sua vontade.

Ó Maria, minha mãe, eu gostava de fazer a vontade de Deus, mas parece que a maior parte das vezes isso não passa da vontade de um momento que logo é submersa por tantas outras vontades que se sobrepõem, sobretudo a minha. Ensina-me, tal como aos pastorinhos, a amar de tal forma Deus que nenhuma outra vontade seja para mim mais forte do que a sua. Ámen.

#### **5.º Mistério: a Coroação de Nossa Senhora ao Céu**

«Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça. Então ouvi uma voz forte no céu que aclamava: Alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais!» (Ap 12,1.10.12).

Maria foi coroada rainha do céu e da terra, não pela sua riqueza exterior, mas por ser interiormente rica. Pela sua capacidade de serviço e entrega aos outros; esta é a maior riqueza a que podemos aspirar.

Para os pastorinhos, Maria tornou-se a rainha da sua vida, a Senhora que os encantava e a quem não conseguiam negar nada. Ela transformou as suas vidas, tornando-as uma bênção para os outros. Contagiou-os com a luz divina que lhes transmitiu.

Ó Maria, minha mãe, que eu aprenda de ti esta forma de estar inteiramente ao serviço dos outros com toda a minha vida, sem restrições. Obrigado por seres a rainha que nos ensina o serviço, o dom, a gratuidade. Ámen.



# O ENCONTRO COM O SENHOR DÁ MAIS VIDA À NOSSA VIDA

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

— *Nuno Santos*

## Acolhimento

P: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A: Ámen.

P: O Senhor, que guia os nossos corações no amor e na esperança, seja com todos vós.

### *Palavras de acolhimento:*

Estamos hoje aqui para nos encontrarmos com Deus ‘face a face’, ‘coração a coração’. Um tempo para pararmos, um tempo para nos encontrarmos com Ele, mas, sobretudo, para nos deixarmos encontrar por Ele. Não é fácil pararmos e, menos ainda, fazemos silêncio dentro de nós, porque as preocupações quotidianas ocupam-nos e distraem-nos. Muitas vezes, não temos tempo para quase nada, nem para nós quanto mais para Deus! Mas hoje estamos aqui novamente disponíveis para o ‘re-encontro’ com o Senhor.

O Senhor é ‘presença real’, Ele está sempre connosco (Mt 28,20), está no meio de nós (Jo 1,14), vive em cada um dos nossos irmãos (1Jo 4,20). Esta ‘presença real’ do Senhor, que celebramos em cada eucaristia, permanece na hóstia consagrada que está no sacrário. O sacrário é esse lugar especial que nos ‘recorda’ a presença permanente do Senhor. Uma presença que podemos voltar a celebrar e com a qual nos devemos comprometer existencialmente.

Deste modo, esta adoração não é um mero ato de piedade, mas uma oportunidade renovada de encontro com o Senhor e, sobretudo, de compromisso cristão com a vida. O elevarmos o nosso olhar e a capacidade de O ‘contemplarmos’ provocam-nos a sair de nós mesmos, obriga-nos a levantar os olhos para o alto e a percebermos que só n’Ele encontramos a plenitude. Contemplar não é perder tempo, mas criar condições para amarmos mais.

Todos sabemos que o compromisso no ‘amar’ é mais coerente quanto mais profundo for o nosso encontro com Ele, ou, melhor ainda, quanto mais nos deixarmos encontrar por Ele. De facto, só podemos dar aos outros aquilo que nós próprios trazemos dentro. Por isso, digamos como Pedro no monte Tabor, no episódio da transfiguração: «Como é bom estarmos aqui!» (Mt 17,4).

*O sacerdote dirige-se ao sacrário e expõe o Santíssimo no altar, preparado previamente para o efeito. Entretanto canta-se: Ó verdadeiro Corpo do Senhor.*

*Cântico: Ó verdadeiro Corpo do Senhor*

*O sacerdote sugere que cada um coloque as suas preocupações nas ‘mãos’ do Senhor. Faz-se um breve silêncio; depois diz:*

P: Tu és o pão da vida.

A: Tu és o pão da vida.

P: Tu és o caminho, a verdade e a vida.

A: Tu és o caminho, a verdade e a vida.

P: Tu és a minha força e o meu refúgio.

A: Tu és a minha força e o meu refúgio.

P: Tu és a fonte da alegria.

A: Tu és a fonte da alegria.

P: Tu és a minha esperança.

A: Tu és a minha esperança.

P: Tu és misericordioso.

A: Tu és misericordioso.

P: Tu dás mais vida à minha vida.

P: Tu dás mais vida à minha vida.

*Cântico: Ó verdadeiro Corpo do Senhor*

## Primeira parte – dispor o coração para o encontro ‘face a face’

### *Leitor 1:*

A Irmã Lúcia descreve a aparição do Anjo na primavera de 1916 do seguinte modo:

«Ao chegar junto de nós, disse:

– Não temais! Sou o Anjo da Paz, disse.

E, ajoelhando em terra, curvou a fronte até o chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras:

– Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos! Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e Vos não amam.

Depois, erguendo-se, disse:

– Orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.

E desapareceu».

### *Leitor 2:*

São quatro os verbos que nos conduzem neste ‘encontro face-a-face’: acreditar, adorar, esperar e amar. Estes quatro verbos, sugeridos pelo Anjo aos pastorinhos, revelam-nos a identidade de Deus e manifestam a resposta que cada um de nós deve dar ao Senhor.

*Cântico: Meu Deus, eu creio... (três vezes)*

### *Leitor 3:*

ACREDITAR – Devemos perguntar: “Em quem me apoio, em quem faço fé? Qual é o meu fundamento? Em quem confio?” Só faz sentido “fazer fé” em quem nos ama! Alguém que não engana e me dá força para o caminho! (in Vasco Pinto Magalhães, *Onde há crise, há esperança*). Por

isso, a fé tem a ver não tanto com os conteúdos mas com dinamismo da confiança e da relação com Deus.

P: Senhor, eu tenho fé, mas aumenta a minha fé.

A: Senhor, eu tenho fé, mas aumenta a minha fé.

*Leitor 4:*

ADORAR – Podemos gostar das coisas, podemos amar as pessoas, mas só adoramos a Deus. Adorar é um verbo que se conjuga com o Absoluto, porque a adoração é o amor de entrega exclusiva total e tem a ver com intimidade e profundidade. Adorar significa elevar os olhos e perceber o quanto de ‘sagrado’ há na vida.

P: Senhor, que eu vos adore cada vez mais!

A: Senhor, que eu vos adore cada vez mais!

*Leitor 5:*

ESPERAR – O Papa Francisco diz-nos: «não deixeis que vos roubem a esperança» (EG 86). Quando nos pede a todos para não deixarmos que nos roubem a esperança está a *reabrir* a porta de entrada num dos dinamismos existenciais essenciais do cristianismo. De facto, os cristãos são “aqueles que esperam” (cf. 1Ts 4,13; 1Cor 15,19).

P: Senhor, ensina-me a esperar em Ti!

A: Senhor, ensina-me a esperar em Ti!

*Leitor 6:*

AMAR – Não devemos amar as coisas mas as pessoas. Às vezes podemos correr o risco de usar as pessoas e amar as coisas que possuímos ou que desejamos possuir. Mas as coisas usam-se, não se amam. As coisas que temos são apenas

‘instrumentos’ para o amor. A maior tragédia é viver indiferente ao outro, o pecado mais ‘mortal’ é viver sem amar.

P: Senhor, que eu te ame nos irmãos!

A: Senhor, que eu te ame nos irmãos!

*Cântico: Meu Deus, eu creio... (três vezes)*

## **Segunda parte – um coração que se confronta com a Palavra de Deus**

*Leitor 7:*

A eucaristia é ‘um pão que torna Deus presente no mundo’. Um pão que se faz ‘palavra e gesto’ porque é ‘corpo e sangue’ de Jesus Cristo. Um pão que alimenta, mas um pão que desafia a viver a vida mais plenamente na entrega e no serviço. Cada vez que nos ‘sentamos’ nesta mesa com o Senhor sabemos que não há eucaristia sem lava-pés, nem comunhão com o Senhor se não acolhemos o irmão. Mas é Jesus que toma a iniciativa, é Ele que começa por nos ‘lavar os pés’.

P: Todos juntos rezemos a oração que Jesus nos ensinou:  
Pai-Nosso...

*Dois leitores 8 e 9 que rezam alternadamente:*

P: Rezemos o Salmo 36 que nos fala da Justiça e da Graça:

<sup>2</sup> [...] O ímpio tem a lei do pecado no coração.  
Para ele não há temor de Deus.

<sup>3</sup> Ilude-se a si próprio,  
para não descobrir nem odiar o seu pecado.

<sup>4</sup> As palavras da sua boca são falsas e mentirosas,  
deixou de ser honesto e de fazer o bem.

<sup>5</sup> No seu leito maquina a iniquidade;  
anda pelo mau caminho  
e não quer renunciar ao mal.

<sup>6</sup> Mas a tua bondade, Senhor, chega até aos céus,  
e a tua fidelidade, até às nuvens.

<sup>7</sup> A tua justiça é como os montes altíssimos,  
os teus juízos são como o abismo profundo.  
Tu, Senhor, salvas os homens e os animais.

<sup>8</sup> Ó Deus, que maravilhosa é a tua bondade!  
Os humanos refugiam-se debaixo das tuas asas.

<sup>9</sup> Podem saciar-se da abundância da tua casa;  
Tu os inebrias no rio das tuas delícias.

<sup>10</sup> Em ti está a fonte da vida  
e é na tua luz que vemos a luz.

<sup>11</sup> Concede os teus favores aos que te amam  
e a tua justiça aos que são retos de coração.

<sup>12</sup> Não permitas que me pisem os pés dos orgulhosos  
nem me afugente a mão do ímpio.

<sup>13</sup> Eis como caem por terra os malfeitores,  
abatidos, para não mais se levantarem.

Glória ao Pai...

*Cântico: Tudo o que pedirdes na oração vos será concedido...*

P: Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São  
Mateus (Mt 7,7-11)

«Pedi, e ser-vos-á dado; procurai, e encontrareis; batei, e hão-de abrir-vos. Pois, quem pede recebe; e quem procura encontra; e ao que bate hão-de abrir. Qual de vós, se o seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente? Ora bem, se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está no Céu dará coisas boas àqueles que lhas pedirem».

*Pequeno comentário ao texto*

*Fazer um momento de silêncio mais prolongado*

*Cântico: Tudo o que pedirdes na oração vos será concedido*

## **Terceira parte – um coração que pede a Deus pelas necessidades do mundo**

P: Diz a Ir. Lúcia nas suas memórias a propósito da aparição de setembro de 1917:

«Chegámos, por fim, à Cova de Iria, junto da carrasqueira e começamos a rezar o terço com o povo. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e a seguir Nossa Senhora sobre a azinheira.

– Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra».

*Dois leitores 10 e 11 [um lê cada 'introdução' e outro lê cada 'oração']:*

- P: Rezar pelo fim da guerra, continua a ser desafio de hoje. Rezar pela guerra exige que cada um se comprometa com a paz. Rezar pela guerra faz-nos pensar em muitas ‘guerras’.
4. Há muitas guerras que continuam hoje na geografia do nosso planeta: como a guerra no Iraque, no Afeganistão, na Síria, na Ucrânia, na Somália, na República Centro-Africana, na Nigéria, em Israel...
- Senhor, dá-nos um coração compassivo que não seja indiferente ao sofrimento de muitos e, sobretudo, ilumina os governantes para que construam a paz, defendam as pessoas e criem condições de justiça social. Que os homens não coloquem os interesses económicos e políticos à frente dos interesses da sociedade.

*Cântico: Onde há caridade verdadeira aí habita Deus [ou Ubi caritas et amor, ubi caritas Deus ibi est (Taizé)]*

5. Rezamos hoje também pelas pequenas ‘guerras’ que há nos nossos locais de trabalho e nos nossos locais de estudo. Tantos conflitos que criamos e tantos mal entendidos que fomentamos, tantos silêncios cúmplices e tantas palavras que ‘matam’ a dignidade do outro...
- Senhor, dá um coração cada vez mais humano que nos faça descobrir no outro um irmão e nos faça amar cada pessoa, como se fosse a ti mesmo. Dá-nos a coragem da verdade, a força da honestidade e a capacidade de lutar pelos mais frágeis e pelos que habitualmente são desprezados.

*Cântico: Onde há caridade verdadeira aí habita Deus [ou Ubi caritas et amor, ubi caritas Deus ibi est (Taizé)]*

6. Diante do Senhor queremos recordar nesta hora as ‘guerras silenciosas’ da violência doméstica, sobretudo das muitas mulheres que, no nosso país, são vítimas dos seus maridos e companheiros. Que o silêncio cúmplice de muitos, a inércia da justiça e a indiferença de muitas das nossas comunidades cristãs não continue, nem se alastre.
- Senhor, dá-nos um coração comprometido para que a nossa comunidade esteja mais atenta à violência doméstica, denunciando esta ‘guerra’ pela presença amiga e próxima de todos os que sofrem. Uma presença sincera capaz de encontrar soluções verdadeiras.

*Cântico: Onde há caridade verdadeira aí habita Deus [ou Ubi caritas et amor, ubi caritas Deus ibi est (Taizé)]*

7. Senhor, colocamos-te nas mãos outra ‘guerra’ disfarçada, a da injustiça no trabalho, sobretudo de todos os que recebem os seus ordenados em atraso, dos que são explorados e recebem ordenados miseráveis, dos que não recebem nada pelo trabalho que fazem, dos que são despedidos injustamente e, principalmente, de todos os que não encontram trabalho digno.
- Senhor, dá-nos um coração sensível e atento a todas as injustiças e a todos os ataques à dignidade das pessoas no trabalho. Que as novas formas de escravidão sejam não só denunciadas mas, sobretudo, que cada um de nós, e as nossas comunidades cristãs, possa ser um contributo na construção de um mundo mais digno e justo.

*Cântico: Onde há caridade verdadeira aí habita Deus [ou  
Ubi caritas et amor, ubi caritas Deus ibi est (Taizé)]*

## Conclusão

*P:* Oremos: Senhor, nosso Deus, que nos destes o verdadeiro pão do Céu, concedei-nos, por este alimento espiritual, a graça de vivermos sempre em Vós. Que esta adoração encha o nosso coração com a suavidade do vosso amor e nos leve a desejar as riquezas do Reino dos Céus. Por Nosso Senhor...

*Bênção com o Santíssimo*

*Oração:*

- Bendito seja Deus.
- Bendito seja o seu santo nome.
- Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
- Bendito seja o nome de Jesus.
- Bendito seja o seu Sacratíssimo coração.
- Bendito seja o seu preciosíssimo sangue.
- Bendito seja Jesus no Santíssimo sacramento do altar.
- Bendito seja o Espírito Santo Paráclito.
- Bendita seja a grande mãe de Deus, Maria santíssima.
- Bendita seja sua santa e imaculada conceição.
- Bendita seja sua gloriosa assunção.
- Bendito seja o nome de Maria, virgem e mãe.
- Bendito seja são José, seu castíssimo esposo.
- Bendito seja Deus, nos seus anjos e nos seus santos.

### III. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA DO ANO

*Depois de dar a Bênção e de repor o Santíssimo no sacrário,  
o Presidente da celebração diz:*

P: Glorificai o Senhor com a vossa vida, ide em paz e que  
o Senhor vos acompanhe.

A: Graças a Deus.

# «EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA» (JO 10,7-10)

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA  
COM CRIANÇAS

— *Patrícia Mendonça*

## 1. Preparação

- Sugere-se que se prepare previamente o espaço onde decorrerá a adoração. Para criar um ambiente de maior interioridade: as luzes devem estar apagadas, inicialmente, e apenas três velas acesas. «**Eu vim para que tenham vida**»: esta frase deve estar escrita em cartolina com letras bem visíveis ao longe e colocada, por exemplo, diante do altar, de modo a ser lida por todas as crianças.
- A adoração eucarística com as crianças poderá ser feita diante do sacrário, no caso de impossibilidade da exposição solene do Santíssimo Sacramento.
- É importante que as crianças se sintam livres durante este momento de adoração, só assim será um verdadeiro encontro com Jesus que lhes quer dar a Vida que Ele mesmo é. Pretende-se que este seja um tempo de verdadeiro encontro consigo mesmas, com Deus e consequentemente com os

outros. Para que tal seja possível, O(a) orientador(a) deve ajudar as crianças a escutarem o seu coração para assim poderem fazer silêncio interior e adorar Jesus.

## 2. Acolhimento

*(numa sala anexa ou ao ar livre)*

**Orientador(a):** Hoje é um dia muito importante para nós. Jesus chamou-nos e tivemos a coragem de Lhe dizer “sim! Sim, Jesus, eu quero estar contigo!”. Certamente, esta decisão de deixarmos outras coisas, como por exemplo as brincadeiras com os amigos e os jogos de computador, para estarmos mais perto de Jesus custou-nos um pouquinho, mas sei que também sentimos o nosso coração em paz por fazermos aquilo que é o mais certo... A nossa vida é como esta história que vos gostaria de contar. Peço que fecheis os olhos para que nada vos distraia, e imaginai como se passou:

«Andava eu a pedir de porta em porta, pelos caminhos da aldeia, quando vi ao longe um carro de oiro onde vinha um rei. Fiquei maravilhado e não sabia **quem era esse Rei dos reis**. Eu, que era pobre, fiquei cheio de esperança, a pensar que os meus dias maus tinham terminado. Fiquei ali à beira do caminho, à espera que ele, ao passar junto de mim, me desse uma grande esmola e me tornasse rico. O carro de oiro parou junto de mim. **O rei desceu e olhou-me a sorrir**. Em seguida, estendeu-me a sua mão direita, como quem pede, e disse-me: **Podes dar-me alguma coisa?**

**O rei a pedir esmola a um mendigo como eu!** *Fiquei assustado sem saber que fazer. Depois tirei do meu saco um grão de trigo e dei-lho... O rei desapareceu e eu continuei o meu caminho. Quando à noite cheguei a casa tive uma grande*

*surpresa. Ao esvaziar o saco, encontrei um grão de ouro.  
Foi então que eu chorei amargamente, por não lhe ter dado tudo».*

*Rabindranath Tagore*

Meus amigos, hoje estamos aqui, porque somos chamados à vida... Esta é uma das verdades mais importantes: todos nós sabemos que a vida é algo muito bonito e que devemos vivê-la com muita alegria. Estamos, desde que nascemos, a receber o desafio de viver: a recebê-lo por dentro e a recebê-lo por fora. Isto é: temos todos uma vocação comum: A VIDA! Não uma vida qualquer, mas uma vida que é um Dom, que é um presente de DEUS para cada um de nós!

E hoje, de um modo muito especial, somos convidados a dar o que temos e somos de melhor diante de Jesus que se vai fazer Presença e Presente diante de nós daqui a alguns minutos... como nos diz o Papa Francisco, **“adorar é: viver um relacionamento intenso com Jesus, uma intimidade de diálogo e de vida, a ponto de reconhecê-lo como ‘o Senhor’”**. Como o Rei que se aproxima de nós e pergunta: “Que tens para me dar?”

Vamos deixar que **Jesus nos fale lá bem no fundo do nosso coração** e, para isso, vamos ficar em silêncio para o podermos ouvir... e podermos conversar com Ele à vontade e sem distrações. Ele já nos perguntou tantas vezes e vai continuar a fazê-lo durante este tempo de adoração através destas palavras: **“e tu? Que tens para me dar?”**

### 3. Início da Adoração Eucarística

*As crianças entram agora na Igreja com solenidade e respeito cantando:*

Deus é amor, atreve-te a viver por amor.

Deus é amor, nada há a temer.

**Orientador(a):** Provavelmente, agora já sabemos melhor como Deus é Amor. Deus é o Amor e pede-nos, como dizia o cântico, para nos atrevermos a VIVER por amor; e sabeis um segredo? Viver por amor é viver com Jesus e em Jesus, porque só Ele nos pode fazer verdadeiramente felizes, mesmo apesar das coisas menos boas e difíceis que surgem na nossa vida... Em silêncio vamos acolher Jesus e vamos poder estar com Ele um bocadinho; sabeis como? Frente a frente! Olhos nos olhos! Coração a coração! Como se estivéssemos a falar com um amigo. Ele é o nosso melhor amigo e podemos contar-lhe tudo; tudo!

*(Silêncio)*

## 4. Exposição do Santíssimo Sacramento

*De joelhos, canta-se:*

Tão perto de mim,  
Tão perto de mim,  
Que até eu lhe posso tocar;  
aqui está Jesus! (bis)

Não procuro Cristo nas alturas,  
Nem O encontrarei na solidão;  
Sinto que Jesus está juntinho a mim,  
Dentro do meu ser, no coração.

*(Silêncio [1 minuto])*

**Orientador(a):** *Pausadamente, diz:*

Acreditamos verdadeiramente que Jesus está presente nesta hóstia consagrada. Acreditamos no amor que Jesus tem a ponto de dar a sua vida por cada um de nós. Acreditamos que Jesus nos quer felizes... Vamos neste momento abrir-Lhe o nosso coração e dizer-Lhe tudo aquilo que estamos a sentir... *(momento de interiorização, em que cada um pensa e depois é convidado a dizer a Jesus de uma forma espontânea aquilo que está a sentir. Quando tiverem partilhado o que sentem, repetem devagarinho:)*

Jesus obrigado(a) pela Tua Presença...

Obrigado(a) pelo amor que sentes por mim...

Quero estar Contigo e escutar-Te!

Ajuda-me a reconhecer-Te sempre na minha vida e em todas as pessoas que conheço.

Abre o meu coração e faz dele a Tua Casa! *(repetem)*

*(Sentados)*

## 5. Introdução à Palavra de Deus

*(apelar para a leitura da frase)*

«**Eu vim para que tenham vida** e a tenham com abundância!» Esta auto-apresentação de Jesus é das mais bonitas e inspiradoras. Quem de nós não quer uma vida muito feliz? Não é esse o desejo profundo dos nossos corações? É como um impulso interior, uma necessidade de plenitude e felicidade, uma sede de infinito que nada ou ninguém pode apagar... Jesus quer agora falar-nos através da Sua Palavra, vamos escutá-lo e perceber o que nos quer dizer neste momento:

*(De pé, canta-se:)*

Eu estou à tua porta a bater,  
Eu estou à tua porta a bater;  
Se me abrires entrarei para ficar.  
Eu preciso de ti para valer,  
Eu preciso de ti para enviar.

Tu serás feliz se me procurares,  
Se me abrires a porta do teu coração,  
Se não esqueceres o meu mandamento:  
O amor total feito de perdão.

### 5.1. Leitura da Palavra de Deus (Jo 10,1-10)

«Jesus retomou a palavra: “Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não lhes prestaram atenção. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim estará salvo; há-de entrar e sair e achará pastagem. O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.»

*O(a) Orientador(a) poderá apresentar uma reflexão (esta servirá apenas de guia/exemplo) a partir do tema proposto.*

*(Sentados)*

### 5.2. Reflexão da Palavra

*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.* Eis o grande objetivo da vinda de Jesus ao mundo.

Jesus vem para que a nossa vida seja a melhor possível. Mas isso não significa ter só coisas agradáveis na vida. Vida abundante é uma vida no amor, mas que pode estar cheia de dificuldades, de sofrimento, de agressões, à semelhança do que foi a vida de Jesus. É uma vida com sentido na entrega aos outros, no amor que se põe em cada coisa pequena que se faz.

Ao contrário do que muitos pensam, Jesus não nos vem tirar nada, nem trazer-nos dificuldades. Vem, sim, dar-nos o mais importante: uma vida feliz já aqui e que continuará para sempre no céu. Mas para isso é preciso estarmos com Ele, todos os dias, em casa e na escola, lado a lado, escutar a Sua voz, como um amigo que nunca nos deixa. Descobrir (sem cansar-me de fazê-lo) – e alegrar-me profundamente com isso! – que conhece cada um como ninguém – chama um a um pelo seu nome –, que sabe o que cada um mais precisa, que ama cada pessoa ao ponto de dar a vida por ela, o que já está provado, porque já o fez. Por isso, Jesus é o BOM PASTOR. O que alimenta de verdade, o que dá Vida abundante.

Sejamos também pastores com o coração de Jesus, dispostos a entregar-nos pelas pessoas ao ponto de dar a vida por elas.

*(Silêncio)*

**Orientador(a):** Podemos viver tudo isto, porque somos filhos de Deus. Então, rezemos a oração que o próprio Jesus nos ensinou: *Pai Nosso que estais nos céus...*

## 6. Adoração

*(de joelhos)*

**Orientador(a):** Vamos dizer-Lhe estas palavras que o Anjo ensinou aos Pastorinhos de Fátima: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam».

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão, para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam. *(Três vezes)*

*(Breves instantes de silêncio)*

**Orientador(a):**

Cantemos um cântico à Santíssima Trindade.

Não adores nunca ninguém mais que a Deus,  
Não adores nunca ninguém mais que a Deus.  
Não adores nunca ninguém mais,  
Não adores nunca ninguém mais,  
Não adores nunca ninguém mais que a Deus.

Não escutes...

Não contemples...

Porque só Ele nos pode saciar,  
Porque só Ele nos pode saciar.  
Não adores nunca ninguém mais,  
Não escutes nunca ninguém mais,  
Não contemples nunca ninguém mais que a Deus.

## 7. Bênção Eucarística ou recolha do Santíssimo Sacramento

*Se estiver um sacerdote, é ele (e só ele o pode fazer) que dá a bênção com o Santíssimo Sacramento. Se não, o(a) Orientador(a), ou quem tenha permissão para o fazer, recolhe o Santíssimo em silêncio.*

## 8. Cântico final e saída da Igreja

**Orientador(a):** Jesus veio mostrar-nos que a nossa vida deve ser recheada de amor, na entrega aos outros que vivem e estão ao nosso lado: os nossos colegas da escola, da catequese, os nossos pais e irmãos, os mais pobres e os mais velhinhos. Todos eles precisam que cada um de nós mostre a luz que é Jesus; e, se essa luz brilhar em nós, podemos dá-Lo a conhecer a todos os outros. Por isso, que Jesus seja uma luz que vai crescendo em nós e que brilhe, brilhe, brilhe!

*(Canta-se:)*

Esta luz pequenina, vou deixá-la brilhar.

Esta luz pequenina, vou deixá-la brilhar.

Esta luz pequenina, vou deixá-la brilhar.

Vou deixá-la, vou deixá-la... Brilhar!

Esta luz de Cristo...

Onde quer que eu vá...



# VIA-SACRA

— *Marco Daniel Duarte*

## **Nota**

Na esteira da reflexão que a Igreja inúmeras vezes tem sublinhado, entendendo que a arte é lugar teológico, a meditação dos catorze passos da Via-Sacra partiu das estações que em 1955 Lino António pintou para a Colunata do Santuário de Fátima. Contudo, os textos podem ser apresentados como mote à oração, mesmo que se tenha de prescindir da visualização das obras de arte.

## **Canto inicial**

*Senhor, Vós sois o caminho, a verdade e a vida do mundo (refrão).*

## **Signação**

**V.** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

**R.** Ámen.

## **Oração**

Senhor Jesus,

Tu és o Caminho, a Verdade e a Vida.

Senhor Jesus,

quero contemplar a estrada de amor que fizeste até ao Calvário,

porque Tu és o Caminho;

quero seguir os passos da tua dor, porque Tu és a Verdade;

quero experimentar o teu amor em todos os instantes da minha existência,

porque Tu és a Vida.

Senhor Jesus,

faz-me peregrino da Tua Paixão

e participante da Tua Gloriosa Ressurreição.

Ámen.

I ESTAÇÃO

## Jesus é condenado à morte



V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,  
R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São Marcos*

Tomando novamente a palavra,  
Pilatos disse-lhes:

“Então que quereis que faça daquele  
a quem chamais rei dos judeus?”

Eles gritaram novamente:

“Crucifica-o!”

Pilatos, desejando agradar à multidão,  
soltou-lhes Barrabás;  
e, depois de mandar flagelar Jesus,  
entregou-o para ser crucificado.

### *Meditação*

Senhor Jesus, vejo-te por entre tantos homens e mulheres. Distingo já o teu rosto e a tua veste branca que um dia Pedro, Tiago e João viram no monte Tabor. No palácio, teus pés descalços mostram a tua inocência, mas as tuas mãos estão já manietadas frente aos que se sentam nas cátedras do poder. Enquanto a água escorre para apaziguar as consciências dos reinos deste mundo, os soldados perfilam-se para te conduzir ao trono da glória. O arco que constroem com as suas silhuetas é a casa da antiga civilização. Mas esses palácios e templos não foram edificadas por Deus, porque só tu és o palácio e o templo, só tu és a verdadeira coluna luminosa que liga o céu à terra.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que são vítimas de sentença iníqua:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

*Canto: versículo 1 seguido de refrão*

## II ESTAÇÃO

### Jesus abraça a cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São Marcos*

Depois de o terem escarnecido,  
tiraram-lhe o manto de púrpura  
e revestiram-no das suas vestes.

Levaram-no, então, para o crucificarem.



#### *Meditação*

Senhor Jesus, inicio o teu caminho. Olho e vejo-te à frente; para mim, vais sempre à frente. A cruz que tu abraças é a que vejo a abrir todas as caminhadas dos teus discípulos. Por entre os soldados, os teus pés começam a trilhar esse caminho que te conduzirá ao lugar do Calvário. Vejo alguns dos teus amigos, ao longe. São muito menos do que os que formavam as multidões que sempre te seguiram. Espera-Te uma longa viagem, com poucos companheiros, e com a certeza de que a companheira mais presente é a cruz que agora se torna imagem clara do cálice que o Pai te preparou. Vais bebê-lo, tal como vais abraçar a cruz que se confunde já com a cor das tuas vestes. Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que não conseguem caminhar:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

*Canto: versículo 2 seguido de refrão*

### III ESTAÇÃO

## Jesus cai sob o peso da cruz



V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Livro do profeta Isaías*

Foi ferido por causa dos nossos crimes,  
esmagado por causa das nossas iniquidades.

O castigo que nos salva caiu sobre ele,  
fomos curados pelas suas chagas.

### **Meditação**

Senhor Jesus, o cortejo quer avançar, mas não pode, porque o sentido do seu caminho está perturbado. Vergado pelo peso da cruz, caíste, pondo em causa todo o caminho de dor. Os algozes ficam aflitos, porque não esperariam que pudesse desaparecer a fonte que alimenta o espetáculo irracional de um ser humano ser levado à morte. Por entre a fúria de cavalos e cavaleiros, continuas a ser o novo Moisés que atravessa o mar que nos separa da antiga condição em que vivemos. Contigo, chegaremos a bom porto, guiados pelo exemplo máximo que se pode traduzir na ‘kenosis’, o abaixamento de Deus perante os homens. Os teus amigos estão ao longe, veem de longe e sofrem contigo. Também eles se vão esvaziando de todas as certezas e lembrarão as tuas palavras: hei de subir a Jerusalém para abraçar a cruz que esmaga e destrói os que atentam contra a humanidade e a divindade.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que perdem as forças e caem:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

**Canto:** versículo 3 seguido de refrão

## IV ESTAÇÃO

# Jesus encontra Sua Mãe

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São Lucas*

Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe:

“Este menino está aqui para queda

e ressurgimento de muitos em Israel

e para ser sinal de contradição;

uma espada trespassará a tua alma.

Assim hão de revelar-se os pensamentos de muitos corações”.

Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração.



### *Meditação*

Senhor Jesus, o caminho detém-se por uns instantes e até os mais longínquos olhares se envolvem na comoção. São porventura os instantes mais curtos da vida de uma mãe, mas a humanidade detém-se neste encontro entre o mais belo dos filhos dos homens e a mais bela das criaturas de Deus. Mesmo neste encontro Ela, a mulher das dores, dá-te a primazia e com o seu olhar, com o seu gesto e com o seu coração diz a todos: “fazei o que Ele vos disser”. Estás no centro, porque és o centro do rumo de todos os caminhos. Com os seus braços, apresenta-te ao mundo como outrora te apresentou no templo, e o seu coração continua a guardar todos os teus passos. Como em cada instante, os seus braços são de disponibilidade para te acolher em seu seio, qual discípula predileta que faz a vontade de Deus. O seu nome é Maria e ainda hoje as gerações a proclamam bem-aventurada. Porque acreditou que tu és o centro do tempo e da história.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todo aquele que quer ser teu irmão, tua irmã e tua mãe:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

*Canto: versículo 4 seguido de refrão*



## V ESTAÇÃO

# O Cireneu ajuda Jesus a levar a cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São Lucas*

Quando o iam conduzindo,  
lançaram mão de um certo Simão de Cirene,  
que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz,  
para a levar atrás de Jesus.

## Meditação

Senhor Jesus, o peso da tua cruz tem a marca da tua pregação. Nela vemos também o sinal da comunhão fraterna cujos laços vinculam solidariedades humanas e divinas. Todos os braços são fortes ou fracos, conforme o coração é forte ou fraco, para abraçar esse sinal claro onde está a nossa glória. Aos poucos, mesmo desconhecendo a razão, juntam-se braços a esse caminho. Porventura empurrados pelas circunstâncias, assumiremos a tua cruz e tomaremos o seu peso para aliviar a tua carga. O jugo tornar-se-á mais leve, porque é suportado pelo amor que o teu coração ajoelhado emana. E assim nos receberemos uns aos outros como o discípulo amado receberá a tua mãe, abraçando aquela que é imagem de todos os teus discípulos.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que se fazem transportadores da cruz do seu irmão:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

**Canto:** versículo 5 seguido de refrão

## VI ESTAÇÃO

# A Verónica limpa o rosto de Jesus

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Livro dos Salmos*

Senhor, nosso Deus, fazei-nos voltar.

Mostrai-nos o Vosso rosto e seremos salvos.



### *Meditação*

Senhor Jesus, por entre tantos sulcos infligidos pelos gestos mais terríveis que açoi-tam, a dor humana faz nascer a face luminosa do mais belo rosto que algum dia foi visto na Terra. Alguns não percebem porque estás parado diante de uma mulher e continuam a querer chegar ao momento da morte. Mas o caminho que te leva ao Calvário é agora a prova de que as palavras antigas se concretizam na nossa vida: os nossos olhos contemplam já a tua bondade e a tua face é para nós o rosto do Deus vivo. Já não é preciso o véu para estar com Deus, porque o Deus Connosco imprimiu a sua face na nossa humanidade. E agora, como aquela mulher que te encontrou no cami-nho da cruz, fico de pé, mostrando essa túnica branca onde a tua face está impressa. Agora, como todos os homens e mulheres que te seguem, quero vestir-me de ti, da tua face luminosa e o véu luminoso que transfigura há de ser a minha veste.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que procuram manter a veste batismal com o brilho da tua face:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

*Canto: versículo 6 seguido de refrão*

## VII ESTAÇÃO

# Jesus cai pela segunda vez



- V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,  
R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São Lucas*

Cheio de angústia,  
pôs-se a orar mais instantemente,  
e o suor tornou-se-lhe como  
grossas gotas de sangue,  
que caíam na terra.

### *Meditação*

Senhor Jesus, o cortejo da dor detém-se novamente, pois as forças humanas desfalecem. O companheiro que te ajuda parece desanimado e o seu rosto está já envelhecido. As lanças dos soldados erguem-se e contradizem o sinal claro que a tua Paixão nos traz: a vitória é essa linha que une o céu e a terra, mas não é a lança que a desenha, antes a cruz que faz coincidir a dimensão humana com a divina. Só a tua cruz pode ser pontífice para chegarmos à vitória, ainda que não entendamos a razão pela qual tenhamos de cair tantas vezes, ainda que não entendamos a razão pela qual tenhamos de te ver caído por terra.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que não entendem o sofrimento:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

**Canto:** versículo 7 seguido de refrão

## VIII ESTAÇÃO

# Jesus encontra as mulheres de Jerusalém

- V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,  
R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São Lucas*

Seguiam Jesus uma grande multidão de povo  
e umas mulheres que batiam no peito  
e se lamentavam por Ele.

Jesus voltou-se para elas e disse-lhes:

“Filhas de Jerusalém, não choreis por mim,  
chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos”.



### *Meditação*

Senhor Jesus, ouço tantas vozes ao teu redor. Mas por um instante deixei de ouvir os chicotes, os açoites, as pedras do chão por onde a cruz arrasta, as lanças que tilintam a fazer lembrar os metais vis do poder. Agora ouço os gritos e gemidos de umas mulheres que todos consideram piedosas. A sua expressão de angústia é louvor certo, porque choram o rei dos reis e senhor dos senhores. Sabem que te ouviram falar da bem-aventurança e veem como vives todas as linhas do novo decálogo: pobre em espírito e humilde de coração, choraste e tiveste fome e sede de justiça; misericordioso e puro de coração, promoveste a paz e sofreste perseguição por amor da justiça; insultado e perseguido, foste difamado por amor do Reino.

Para além das vozes das mulheres, ouve-se a voz da profecia: também hoje a humanidade continua a chorar, por si e pelos seus filhos.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que hoje continuam a chorar e a sofrer por amor do Reino:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

**Canto:** versículo 8 seguido de refrão

IX ESTAÇÃO

## Jesus cai pela terceira vez



- V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,  
R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do livro das Lamentações*

É bom para o homem suportar  
o jugo desde a sua juventude.  
Que esteja solitário e silencioso,  
quando o Senhor o impuser sobre ele;  
que ponha sua boca no pó:  
talvez haja esperança!  
Que dê sua face a quem o fere  
e se sacie de opróbrios.

### *Meditação*

Senhor Jesus, estão todos de pé e o teu corpo confunde-se com a terra, com essa horizontalidade que leva ao aniquilamento de Deus. De condição divina, não te vales da igualdade com Deus, mas deixas-te prostrar sublinhando que a entrega chega ao ponto reverencial diante do ser humano. Que Deus é este que está com os homens deste modo? Que Deus é este que se deixa olhar de cima? És tu, Senhor Jesus, o Deus companheiro da humanidade que caminha.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que olham para Deus como se fossem deuses.

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

**Canto:** versículo 9 seguido de refrão

## X ESTAÇÃO

# Jesus é despojado das vestes

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Livro dos Salmos*

Repartem entre si as minhas vestes  
e sorteiam a minha túnica.



## Meditação

Senhor Jesus, rodeiam-te, de forma solene, porque o passo seguinte é símbolo de todas as humilhações. Depois de todo o caminho feito de sulcos de sangue, sofres agora a maior das indignidades e o teu corpo fica exposto. És despojado dos benefícios da civilização, como sinal claro de que nada mereces. Tudo te é tirado. Os algozes deste mundo montam um cenário de indignidade; formam arco à tua volta para que todos vejam o teu corpo exposto dessa forma ironicamente solene. Para os teus discípulos, o teu corpo está, contudo, santamente exposto. A alvura da túnica com que te víamos resultava, de facto, do teu próprio corpo. A luz incrível que dele vem continua a purificar a nossa consciência, ainda que os nossos olhos estejam habituados aos espetáculos deste mundo.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que são ludibriados e objeto de abuso no corpo e na alma:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

**Canto:** versículo 10 seguido de refrão

XI ESTAÇÃO

## Jesus é pregado na cruz



V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São João*

Então entregou-o para ser crucificado.

Pilatos redigiu um leiteiro e mandou  
pô-lo sobre a cruz.

Dizia: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”.

### *Meditação*

Senhor Jesus, sinto a azáfama dos trabalhos que te prendem a essa cruz. Aliás, toda a humanidade sente esse afã dos braços que se movem para te crucificar. E quanto mais observo mais vejo que os rostos dos que te crucificam têm a fisionomia de todos os continentes, de todos os lugares, de todos os tempos, de todas as gerações. Os seus braços são movidos pela maldade que fala ao ímpio e que corrói o seu coração. Assim ficas exposto aos quatro cantos do mundo, atraindo todos a ti.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo pela conversão de todos quantos levantam os seus braços contra o justo e crucificam os inocentes:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

*Canto: versículo 11 seguido de refrão*

## XII ESTAÇÃO

# Jesus morre na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São João*

Junto à cruz de Jesus, estavam sua mãe,

a irmã de sua mãe, Maria,

mulher de Cléofas, e Maria de Magdala.

Ao ver sua mãe e, junto dela, o discípulo que Ele amava,

Jesus disse a sua mãe: “Mulher, eis o teu filho”.

Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe”.

E, desde aquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa.



### *Meditação*

Senhor Jesus, “tudo está consumado”. Assim te o ouvimos, depois de subires ao trono real que é tálamo nupcial e altar da nova aliança, ouvimos todas as tuas palavras. Ouvimos-te dizer: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Junto à tua cruz está uma pequena multidão, gérmen de uma nova geração que ali foi gerada quando disseste: “Mulher, eis o teu filho!” – “eis a tua mãe!”. Desse lugar de onde nos vem a água viva, ouvimos-te clamar: “Tenho sede”. E, depois de tudo estar consumado, ouvimos-te as palavras da entrega: “Pai, nas tuas mãos, entrego o meu espírito”. Cobrem-se, agora, os nossos rostos de vergonha, porque na cruz está suspensa a salvação do mundo. Perante os olhos da humanidade, ergue-se o mais impressionante quadro da história que tem a cruz por seu centro: a morte e a vida iniciam o duelo admirável. Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que em cada dia morrem, vítimas do ódio e da violência:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

*Canto: versículo 12 seguido de refrão*

### XIII ESTAÇÃO

## Jesus é descido da cruz



- V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,  
R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São Mateus*

O centurião e os que com ele guardavam Jesus disseram:  
“Este era verdadeiramente o Filho de Deus!”  
Estavam ali, a observar de longe, muitas mulheres.  
Entre elas, estavam Maria de Magdala,  
Maria, mãe de Tiago e de José,  
e a mãe dos filhos de Zebedeu.

### *Meditação*

Senhor Jesus, continuo no monte calvário, mas a tua cruz já está ao longe, totalmente despida. O teu trono é agora o seio que bem conheces: é o ventre bendito que ainda hoje louvamos, porque nele habitou Aquele cujo o universo não pode conter. Maria tua mãe é também a mãe que há instantes nos deste. O seu regaço agiganta-se cada vez mais, pois é lugar de acolhimento para os teus discípulos que querem formar um corpo, o teu corpo. Alguns deles acompanham-te desde a hora mais alta da história da humanidade. Aí estão eles, gemendo e chorando num vale de lágrimas, as suas mãos levantam orações e os seus rostos dão nota de começarem a resignar. A tua Igreja está de luto e vai encontrar o lugar para descansares na paz.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que sofrem a perda dos seus amigos:

- V. Senhor, tende piedade de nós!  
R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

**Canto:** versículo 13 seguido de refrão

## XIV ESTAÇÃO

# Jesus é depositado no sepulcro

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

*Do Evangelho segundo São João*

Depois disto, José de Arimateia pediu a Pilatos  
que lhe deixasse levar o corpo de Jesus.

E Pilatos permitiu-lho.

Veio, pois, e retirou o corpo.

Nicodemos apareceu também

trazendo uma mistura de perto de cem libras de mirra e aloés.

Tomaram então o corpo de Jesus

e envolveram-no em panos de linho com os perfumes,  
segundo o costume dos judeus.



## Meditação

Senhor Jesus, já descemos do Calvário e trouxemos o teu corpo. O regaço de tua mãe era imagem da terra que agora se abre para acolher a salvação. Ficarás no sepulcro novo, no qual entras como rei da glória. Os nossos rostos e as nossas mãos tomam a gestualidade da adoração; as pombas, mais que nunca, simbolizam a paz que vem da verdadeira paz que és tu. O beijo com que o discípulo amado te honra, os cuidados com o teu corpo, os perfumes que as mulheres irão comprar antecipam o dia em que a criação será recriada. Não tardará que cantemos juntos: “o Príncipe da vida, morto, reina vivo”. Não tardará que a semana conheça mais um dia, o oitavo dia, o dia da nova criação.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que contigo querem ressuscitar:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

**Canto:** versículo 14 seguido de refrão

### *Oração final*

Senhor Jesus,  
Tu és o Caminho, a Verdade e a Vida.  
Senhor Jesus,  
ao contemplar-te como Caminho,  
seja eu merecedor da estrada de amor que fizeste até ao Calvário;  
ao seguir-te como Verdade,  
seja eu digno dos passos da tua via dolorosa;  
ao amar-te como Vida,  
seja eu conviva da plenitude do bem.  
Senhor Jesus, o mistério da tua Páscoa redentora  
recapitula toda a obra da criação  
e continua a ecoar no nosso mundo:  
em Fátima, ouço ressoar o teu Evangelho,  
aqui proclamado pelos lábios da Senhora do Rosário, a Virgem das Dores,  
e sinto os nossos dramas envolvidos pelo amor da tua Paixão,  
Morte e Ressurreição.  
Senhor Jesus,  
faz-me peregrino da Tua Paixão  
e participante da Tua Gloriosa Ressurreição.  
Ámen.

### *Conclusão*

- V. O Senhor nos abençoe,  
nos livre de todo o mal  
e nos conduza à vida eterna.  
R. Ámen.

*Canto:* versículo 15 e 16 seguidos de refrão



Texto: M. D. Duarte

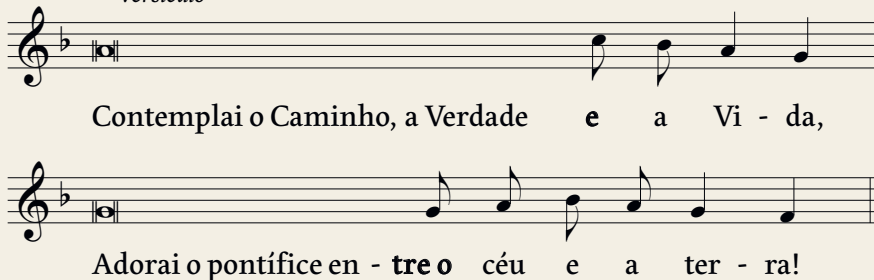
Música: C. Silva

*Refrão*



Se - nhor Vós sois o ca - mi - nho,  
a Ver - da - de e a Vi - da do mun - do.

*Versículo*



Contemplai o Caminho, a Verdade e a Vi - da,  
Adorai o pontífice en - tre o céu e a ter - ra!

2.

Contemplai as feridas do Salvador,  
Adorai as chagas pelas quais fomos curados!

3.

Contemplai a Cruz da morte do Senhor,  
Adorai Aquele que vive para sempre!

4.

Contemplai o filho de Maria, nossa Mãe,  
Adorai O que é verdadeiramente filho de Deus!

**5.**

Contemplai que não há dor semelhante à Sua dor,  
Adorai a alegria que brota da árvore da Vida!

**6.**

Contemplai Sua cabeça coroada,  
Adorai o Rei do céu e da terra no trono da Cruz!

**7.**

Contemplai a cruz de vida adornada,  
Adorai o preço da nossa salvação!

**8.**

Contemplai o verde ramo, a verdadeira vide,  
Adorai a vinha santa da cruz florida!

**9.**

Contemplai o peso do madeiro,  
Adorai o jugo da suavidade.

**10.**

Contemplai Aquele que foi levantado da terra,  
Adorai O que agora atrai a si todas as coisas!

**11.**

Contemplai o alto do Calvário,  
Adorai a Cruz da nossa Redenção!

**12.**

Contemplai Aquele que trespassaram,  
Adorai o Amor que nos salvou!

**13.**

Contemplai o Seu lado aberto,  
Adorai o lugar de onde nasceu a Igreja!

**14.**

Contemplai Aquele que adormece tranquilo,  
Adorai a paz e o repouso eterno!

**15.**

Contemplai Aquele que esteve morto e agora vive para sempre,  
Adorai Aquele que tem as chaves da morte e do abismo!

**16.**

Contemplai Jesus Cristo ressuscitado,  
Adorai o Senhor, Caminho, Verdade e Vida!



#### IV. MISSAS PARA AS PEREGRINAÇÕES ANIVERSÁRIAS



## MAIO

*“O meu espírito alegra-se em Deus, meu Salvador.” (Lc 1,47)*

### 12 DE MAIO – QUINTA-FEIRA

#### A Visitação da Virgem Santa Maria

1.<sup>a</sup> leitura: Cant 2,8-14 *“O meu amado vem, transpondo os montes.”* (Lec MVNS, 31)

2.<sup>a</sup> leitura: Rom 5,12.17-19 *“Onde abundou o pecado, superabundou a graça.”* (Lec Santoral, 437)

Evangelho: Lc 1,39-56 *“Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?”* (Lec MVNS, 32.33)

### 13 DE MAIO – SEXTA-FEIRA

#### Solenidade de Nossa Senhora de Fátima

1.<sup>a</sup> leitura: Ap 11,19a; 12,1-6a.10ab *“Apareceu no Céu um sinal grandioso.”* (Lec Santoral, 434)

2.<sup>a</sup> leitura: Gal 4,4-7 *“Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher.”* (Lec Santoral, 438)

Evangelho: Jo 19,25-27 *“Eis o teu filho... Eis a tua Mãe.”* (Lec Santoral, 454)

## JUNHO

*“Bendito seja Deus que nos cumula de bens.” (cf. Lc 1,53; cf. Ef 1, 3; cf. Sl 68)*

### 12 DE JUNHO – DOMINGO

#### XI Domingo Comum ano C

1.<sup>a</sup> Leitura: 2Sam 12,7-10.13 *“O Senhor perdoou o teu pecado: Não morrerás.”* (Lec Dominical C, 308)

2.<sup>a</sup> Leitura: Ef 1,3-6.11-12 *“Deus escolheu-nos, em Cristo, antes da criação do mundo.”* (Lec Santoral, 439)

Evangelho: Lc 7,36-8,3 *“São-lhe perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou.”* (Lec Dominical C, 310)

### 13 DE JUNHO – SEGUNDA-FEIRA

#### **Santa Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia**

1.<sup>a</sup> leitura: Est 4,17n.p-r.aa-bb.hh-kk “A rainha Ester ora pelo seu povo.” (Lec MVNS, 172)

2.<sup>a</sup> leitura: Ef 2,4-10 “Deus é rico de misericórdia.”  
(Lec MVNS, 175)

Evangelho: Jo 2,1-11 “Estava lá a Mãe de Jesus.” (Lec MVNS, 174)

## JULHO

“Em Vós está a fonte da vida.” (Sl 36 (35),10)

### 12 DE JULHO – TERÇA-FEIRA

#### **Sagrado Coração de Jesus**

1.<sup>a</sup> leitura: Os 11,1.3-4.8c-9 “O meu coração agita-se dentro de mim.” (Lec Dominical B, 405)

2.<sup>a</sup> leitura: Ef 3,8-12.14-19 “Conhecer a caridade de Cristo, que ultrapassa todo o conhecimento.” (Lec Dominical B, 407)

Evangelho: Jo 19,31-37 “Trespassei-Lhe o lado e saiu sangue e água.” (Lec Dominical B, 408)

### 13 DE JULHO – QUARTA-FEIRA

#### **Santa Maria, Fonte da Luz e da Vida**

1.<sup>a</sup> leitura: Actos 2,14a.36-40a.41-42 “Peça cada um de vós o Baptismo em nome de Jesus Cristo.” (Lec MVNS, 82)

2.<sup>a</sup> leitura: Hebr 2,5-12 “Convinha levar à glória perfeita, pelo sofrimento, o Autor da salvação.” (Lec Ferial V, 52)

Evangelho: Jo 12,44-50 “Eu vim como luz do mundo.”  
(Lec MVNS, 84)

## AGOSTO

*“Alegrai-vos no Senhor.” (Fl 3,1; Sl 32 (31),11)*

### 12 DE AGOSTO - SEXTA-FEIRA

#### **Pelos refugiados ou exilados**

1.<sup>a</sup> leitura: Deut 24,17-22 *“Deixa para o estrangeiro, o órfão e a viúva o feixe que ficou para trás.”* (Lec MRV VIII, 825)

2.<sup>a</sup> leitura: Rom 12,9-16b *“Praticai generosamente a hospitalidade.”* (Lec MRV VIII, 827)

Evangelho: Mt 2,13-15.19-23 *“Toma o Menino e sua Mãe e foge para o Egito.”* (Lec MRV VIII, 830)

### 13 DE AGOSTO - SÁBADO

#### **A Virgem Maria, causa da nossa alegria**

1.<sup>a</sup> leitura: Zac 2,14-17 *“Exulta e alegra-te, filha de Sião.”* (Lec MVNS, 153)

2.<sup>a</sup> leitura: Gal 5,16-17.22-23a.24-25 *“Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também segundo o Espírito.”* (Lec MRV VIII, 164)

Evangelho: Jo 15,9-12 *“A minha alegria esteja em vós.”* (Lec MVNS p.156)

## SETEMBRO

*“Alegremo-nos e façamos festa.” (cf. Lc 15,22-24)*

### 12 DE SETEMBRO - SEGUNDA-FEIRA

#### **Santo Nome de Maria**

1.<sup>a</sup> leitura: Sir 24,23-31 *“A memória do meu nome durará por todos os séculos.”* (Lec MVNS, 102)

2.<sup>a</sup> leitura: Ef 1,3-6.11-12 *“Deus escolheu-nos, em Cristo, antes da criação do mundo.”* (Lec Santoral, 439)

Evangelho: Lc 1,26-38 *“O nome da Virgem era Maria.”* (Lec MVNS, 104)

### **13 DE SETEMBRO – TERÇA-FEIRA** **A Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja (II)**

1.<sup>a</sup> leitura: Actos 1,12-14 “*Perseveravam unidos na oração, com Maria, Mãe de Jesus.*” (Lec MVNS, 122)

2.<sup>a</sup> leitura: Rom 12,1-2.9-13 “*Oferecei-vos como vítima santa, viva, agradável a Deus.*” (Lec MRV VIII, 379)

Evangelho: Jo 2,1-11 “*Estava lá a Mãe de Jesus. E os discípulos acreditaram n’Ele.*” (Lec MVNS, 124)

## **OUTUBRO**

*“Quem perder a sua vida... salvá-la-á.” (Mc 8,35; cf. Lc 17,33; Jo 12,25)*

### **12 DE OUTUBRO – QUARTA-FEIRA** **Aniversário da Dedicção** **da Basílica de Nossa Senhora do Rosário**

1.<sup>a</sup> leitura: Ap 21,1-5a “*Eis a morada de Deus com os homens.*” (Lec Santoral, 400)

2.<sup>a</sup> leitura: 1Pedro 2,4-9 “*Como pedras vivas, entrais na construção do templo espiritual.*” (Lec Santoral, 405)

Evangelho: Mt 16,13-19 “*Tu és Pedro e dar-te-ei as chaves do reino dos Céus.*” (Lec Santoral, 406)

### **13 DE OUTUBRO – QUINTA-FEIRA** **A Virgem Maria, junto à Cruz do Senhor II**

1.<sup>a</sup> leitura: Judite 13,17-20 “*Vieste afastar a nossa ruína, na presença do nosso Deus.*” (Lec MVNS, 68)

2.<sup>a</sup> leitura: Hebr 5,7-9 “*Aprendeu a obediência e tornou-se causa de salvação eterna.*” (Lec MRV VIII, 943)

Evangelho: Jo 19,25-27 “*Junto à cruz de Jesus estava sua Mãe.*” (Lec MVNS, 70)

V. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA  
DO TEMA DO ANO



# TEXTOS DE APOIO AOS TEMAS MENS AIS

MAIO

*«O meu espírito alegra-se em Deus, meu Salvador.» (Lc 1,47)*

## Textos Bíblicos

Rejubila, filha de Sião, solta gritos de alegria, povo de Israel! Alegra-te e exulta com todo o coração, filha de Jerusalém! (Sf 3,14)

Ao entrar em casa dela, o anjo disse a Maria: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» (Lc 1,28)

Maria entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. (Lc 1,40-41)

Maria disse, então: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.» (Lc 1,46-47)

O anjo disse aos pastores: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor.» (Lc 2,10-11)

Enquanto Jesus falava, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse: «Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!» (Lc 11,27)

Jesus disse-lhes: «A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque chegou a sua hora; mas, quando deu à luz o menino, já não se lembra da sua aflição, com a alegria de ter vindo um homem ao mundo.» (Jo 16,21)

Tal como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Jesus partilhou a condição deles, a fim de destruir, pela sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo, e libertar aqueles que, por medo da morte, passavam toda a vida dominados pela escravidão. (Heb 2,14-15)

Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça. (Ap 12,1)

## Textos do Magistério

### *Octobri Mense, Leão XIII*

13. [...] Apreensivos pela consciência dos nossos pecados, precisamos, por isto, de um intercessor e de um patrono que, de um lado, goze em alto grau do favor divino, e, de outro, seja de ânimo tão benévolo que a ninguém recuse o seu patrocínio, nem mesmo aos mais desesperados, e ao mesmo tempo infunda confiança na divina clemência àqueles que, abatidos, jazem no desconforto.

14. Pois bem: essa eminentíssima criatura é justamente Maria: certamente Ela é poderosa, porque é Mãe de Deus onnipotente, porém – o que é mais consolador – é amorosa, de uma extrema benevolência, de uma indulgência sem limites.

Tal no-la deu o próprio Deus, que, havendo-a escolhido para Mãe de seu Unigênito, infundiu-lhe, por isso mesmo, sentimentos requintadamente maternos, capazes somente de bondade e de perdão. Tal no-la mostrou Jesus, quer quando consentiu em ser sujeito e obedecer a Maria, como um filho a sua mãe, quer quando, do alto da Cruz, confiou às suas amorosas solitudes todo o gênero humano, na pessoa do discípulo João. Tal, enfim, se mostrou ela mesma quando, acolhendo generosamente a pesada herança que lhe deixava seu Filho moribundo, desde aquele momento começou a cumprir, para com todos, os seus deveres de Mãe.

### ***Lumen Gentium*, Concílio Vaticano II**

53. Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, «é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)..., porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça». É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade.

63. Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava S. Ambrósio. Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe. Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogénito de muitos irmãos (*Rm 8,29*), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe.

64. Por sua vez, a Igreja que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, toma-se também, ela própria, mãe, pela fiel receção da palavra de Deus: efetivamente, pela pregação e pelo Batismo, gera, para vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus. E também ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao seu Esposo e conserva virginalmente, à imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, uma fé íntegra, uma sólida esperança e uma verdadeira caridade.

### ***Gaudete in Domino, Paulo VI***

34. [...] Ao acolher o anúncio do Céu, serva do Senhor, esposa do Espírito Santo e mãe do Filho eterno, Maria deixa expandir a própria alegria diante da sua prima Isabel, que enaltece a sua fé: «A minha alma glorifica ao Senhor, e o meu

espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador... Desde este momento hão de chamar-me ditosa todas as gerações.» Ela havia apreendido, melhor do que todas as demais criaturas, que Deus opera maravilhas: o Seu Nome é santo, Ele demonstra a Sua misericórdia, exalta os humildes e é fiel às Suas promessas. De maneira nenhuma se há de dizer que o desenrolar da sua vida, aparentemente, sai da trama ordinária; mas ela medita os mais pequenos sinais de Deus, repensando-os no seu coração. Nem se diga que lhe foram poupados os sofrimentos: ela encontrou-se junto da cruz, de pé, associada eminentemente ao sacrifício do Servo inocente, mãe das dores. Mas ela foi também sumamente aberta à alegria da Ressurreição; e foi elevada, primeira criatura redimida, imaculada desde o momento da sua concepção, morada incomparável do Espírito, habitáculo puríssimo do Redentor dos homens, ela é ao mesmo tempo a Filha amada de Deus e, em Cristo, a Mãe universal. Ela é o tipo perfeito da Igreja terrestre e glorificada. Que ressonância maravilhosa têm na sua existência singular de Virgem de Israel as palavras proféticas concernentes à Nova Jerusalém: «Intensamente me alegro no Senhor, a minha alma exulta no meu Deus, porque me vestiu com as vestes da salvação e me envolveu com o manto da justiça, como um esposo que cinge um diadema, e como uma esposa que se adorna com os seus ornamentos.» Junto a Cristo, ela recapitula todas as alegrias, ela vive a alegria perfeita prometida à Igreja: *Mater plena sanctae laetitiae* (Mãe repleta de santa alegria); com razão, pois, os seus filhos da Terra, ao voltarem-se para aquela que é mãe da esperança e mãe da graça, a invocam como a causa da sua própria alegria: *Causa nostrae laetitiae* (Causa da nossa alegria).

### ***Evangelii Gaudium, Francisco***

286. Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, que compreende todas as penas. Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça. Ela é a missionária que Se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno. Como uma verdadeira mãe, caminha connosco, luta connosco e aproxima-nos incessantemente do amor de Deus. Através dos diferentes títulos marianos, geralmente ligados aos santuários, compartilha as vicissitudes de cada povo que recebeu o Evangelho e entra a formar parte da sua identidade histórica. Muitos pais cristãos pedem o Batismo para seus filhos num santuário mariano, manifestando assim a fé na ação materna de Maria que gera novos filhos para Deus. É lá, nos santuários, que se pode observar como Maria reúne ao seu redor os filhos que, com grandes sacrifícios, vêm peregrinos para A ver e deixar-se olhar por Ela. Lá encontram a força de Deus para suportar os sofrimentos e as fadigas da vida. Como a São João Diego, Maria oferece-lhes a carícia da sua consolação materna e diz-lhes: «Não se perturbe o teu coração. (...) Não estou aqui eu, que sou tua Mãe?»

### ***Catecismo da Igreja Católica***

967. Pela sua plena adesão à vontade do Pai, à obra redentora do Filho e a todas as moções do Espírito Santo, a Virgem Maria é para a Igreja o modelo da fé e da caridade. Por isso, ela é «membro eminente e inteiramente singular da Igreja» (LG 53) e constitui mesmo «a realização exemplar», o *typus*, da Igreja (LG 63).

968. Mas o seu papel em relação à Igreja e a toda a humanidade vai ainda mais longe. Ela «cooperou de modo inteiramente singular, com a sua fé, a sua esperança e a sua ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É, por essa razão, nossa Mãe, na ordem da graça» (LG 61).

969. «Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto da Cruz, até à consumação perpétua de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna [...]. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro e medianeira» (LG 62).

970. «Mas a função maternal de Maria para com os homens de modo algum ofusca ou diminui a mediação única de Cristo, mas antes manifesta a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salutar da Virgem santíssima [...] deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia» (LG 60). «Efetivamente, nenhuma criatura pode ser equiparada ao Verbo Encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma

só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas, uma cooperação variada, que participa dessa fonte única» (LG 62).

975. «Nós cremos que a santíssima Mãe de Deus, a nova Eva, a Mãe da Igreja, continua a desempenhar no céu o seu papel maternal para com os membros de Cristo».

## Mensagem de Fátima

### *Memórias, Irmã Lúcia*

V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> não ignora como foi ela que, não podendo conter em si tanto gozo, quebrou o nosso contrato de não dizer nada a ninguém. Quando, nessa mesma tarde, absorvidos pela surpresa, permanecíamos pensativos, a Jacinta, de vez em quando exclamava com entusiasmo:

– Ai! que Senhora tão bonita!

– Estou mesmo a ver – dizia-lhe eu. – Ainda vais dizer a alguém.

– Não digo, não! – respondia. – Está descansada.

No dia seguinte, quando seu irmão correu a dar-me a notícia de que ela o tinha dito, à noite, em casa, a Jacinta escutou a acusação sem dizer nada.

– Vês? Eu bem me parecia! – disse-lhe eu.

– Eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada – respondeu, com as lágrimas nos olhos. (p. 45)

Não sei porquê, as aparições de Nossa Senhora produziam em nós efeitos bem diferentes. A mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade, mas, em vez desse abatimento físico,

uma certa agilidade expansiva; em vez desse aniquilamento na Divina presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade no falar, um certo entusiasmo comunicativo. (p. 171)

## JUNHO

«Bendito seja Deus que nos cumula de bens.» (cf. Lc 1,53; Ef 1,3; Sl 68)

### Textos Bíblicos

Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. (Jo 10,10)

Cuidaste da terra e tornaste-a fértil, cumulando-a de riquezas. Enches, a transbordar, os rios caudalosos e fazes brotar o trigo; assim preparas a terra. (Sl 65,10)

Purificá-los-ei de todos os pecados que cometeram contra mim e vou perdoar-lhes todas as suas faltas que cometeram contra mim e com as quais me ofenderam. E isto será para mim motivo de alegria, de louvor e de glória para todas as nações da terra, que ouvirão contar todos os bens que Eu lhes fiz. Ficarão possuídas de temor e de admiração, ao verem o bem e a prosperidade de que os vou cumular. (Jr 33,8-9)

Porque ao que tem será dado e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. (Mt 25,29)

Daí e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco. (Lc 6,38)

Bendito seja o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que no alto do Céu nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. (*Ef* 1,3)

Que o Deus da paciência e da consolação vos conceda toda a união nos mesmos sentimentos, uns com os outros, segundo a vontade de Cristo Jesus, para que, numa só voz, glorifiquéis a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. (*Rm* 15,5-6)

E tudo isto faço por vós, para que a graça, multiplicando-se na comunidade, faça aumentar a ação de graças, para a glória de Deus. (*2Cor* 4,15)

Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, no qual não há mudanças nem períodos de sombra. (*Tg* 1,17)

E o meu Deus há de compensar-vos plenamente em todas as necessidades, segundo a sua riqueza, na glória que se tem em Cristo Jesus. (*Fl* 4,19)

## Textos do Magistério

### *Dei Filius*, Concílio Vaticano I

1782. A Santa Igreja Católica Apostólica Romana crê e confessa que há um [só] Deus verdadeiro e vivo, Criador e Senhor do céu e da terra, onnipotente, eterno, imenso, incompreensível, infinito em intelecto, vontade e toda a perfeição; o qual, sendo uma substância espiritual una e singular, inteiramente simples e incommunicável, é real e essencialmente distinto do mundo, sumamente feliz em si e por si mesmo, e está inefavelmente acima de tudo o que existe ou fora dele se possa conceber [cân. 1-4].

1783. Este único e verdadeiro Deus, por sua bondade e por sua virtude onipotente, não para adquirir nova felicidade ou para aumentá-la, mas a fim de manifestar a sua perfeição pelos bens que prodigaliza às criaturas, com vontade plenamente livre, criou simultaneamente no início do tempo ambas as criaturas do nada: a espiritual e a corporal, ou seja, os anjos e o mundo; e em seguida a humana, constituída de espírito e corpo [IV Concílio de Latrão].

1784. Tudo o que Deus criou, conserva-o e governa-o com sua providência, atingindo fortemente desde uma extremidade a outra, e dispondo de todas as coisas com suavidade [cf. Sb 8,1]. Pois tudo está nu e descoberto aos seus olhos [Heb 4,13], mesmo os atos dependentes da ação livre das criaturas. (Denz. 3008-3010)

### ***Gaudete in Domino, Paulo VI***

Não seria maneira de exaltar, como convém, a alegria cristã, a atitude de permanecer insensível perante o testemunho exterior e interior que Deus Criador dá de Si mesmo, no seio da Sua criação: «E Deus viu que isto era bom.» Ao fazer surgir o homem no meio do universo – que é obra do Seu poder, da Sua sabedoria e do Seu amor –, Deus, antes mesmo de Se lhe manifestar pessoalmente, nos moldes da revelação, dispôs a inteligência e o coração da Sua criatura para o encontro da alegria, ao mesmo tempo que da verdade. Importa, pois, prestar atenção ao apelo que sobe do coração do homem, logo a partir da idade da infância, suscetível de se maravilhar, até à da velhice serena, como um pressentimento do mistério divino. Não sucede, porventura, que, ao despertar para o mundo, o homem experimenta, simultaneamente com o desejo natural de o compreender e de chegar

a ter dele o domínio, aquele outro desejo de nele vir a encontrar a própria realização e a própria felicidade? No entanto, como se sabe, existem diversos graus nesta “felicidade”. A sua expressão mais elevada é a alegria, ou “felicidade”, no sentido estrito da palavra, quando o homem, ao nível das suas faculdades superiores, encontra a sua satisfação na posse de um bem conhecido e amado. Assim, o homem experimenta a alegria quando se encontra em harmonia com a natureza, e, sobretudo, no encontro, na partilha e na comunhão com outrem. Com muito mais razão, pois, chegará ele a conhecer a alegria e a felicidade espiritual, quando o seu espírito entra na posse de Deus, conhecido e amado como o bem supremo e imutável. Poetas, artistas e pensadores, do mesmo modo que quaisquer homens ou mulheres simplesmente disponíveis para uma certa luz interior, têm podido e continuam a poder ainda hoje experimentar algo da alegria de Deus. E isso pelo que se refere tanto aos tempos antes de Cristo, como ao nosso tempo e no meio de nós.

### ***Sollicitudo Rei Socialis*, João Paulo II**

31. A fé em Cristo Redentor, ao mesmo tempo que ilumina a partir de dentro a natureza do desenvolvimento, orienta também no trabalho de colaboração. Na *Carta de São Paulo aos Colossenses* lemos que Cristo é «o primogénito de toda a criatura», e que «tudo foi criado por Ele e para Ele» (1,15-16). Com efeito, todas as coisas «subsistem n’Ele», porque «foi do agrado de Deus que residisse n’Ele toda a plenitude e, por seu intermédio, reconciliar consigo todas as coisas» (ibid. 1,20).

Neste plano divino, que começa na eternidade em Cristo, «imagem» perfeita do Pai, e culmina n’Ele «primogénito dos redivivos» (ibid. 1,15.18), insere-se a nossa história, marcada

pelo nosso esforço pessoal e coletivo para elevar a condição humana, superar os obstáculos que reaparecem continuamente ao longo do nosso caminho, dispondo-nos assim a participar na plenitude que «reside no Senhor» e que Ele comunica «ao seu Corpo, que é a Igreja» (ibid. 1,18; cf. *Ef* 1,22-23); enquanto que o pecado, o qual sempre nos insidia e compromete as nossas realizações humanas, é vencido e resgatado pela «reconciliação» operada por Cristo (cf. *Cl* 1,20).

Aqui, as perspectivas alargam-se. Reencontra-se o sonho de um «progresso indefinido», transformado radicalmente pela ótica nova aberta pela fé cristã; esta assegura-nos que tal progresso só é possível porque Deus Pai decidiu, desde o princípio, tornar o homem participante da sua glória em Jesus Cristo ressuscitado, no qual «temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados» (*Ef* 1,7); e n'Ele quis vencer o pecado e fazer com que este servisse para o nosso maior bem, que supera infinitamente tudo o que o progresso poderia realizar.

### ***Laudato Si, Francisco***

76. Na tradição judaico-cristã, dizer «criação» é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal.

77. «A palavra do Senhor criou os céus» (*Sl* 33/32,6). Deste modo indica-se que o mundo procede, não do caos nem do acaso, mas duma decisão, o que o exalta ainda mais. Há uma opção livre, expressa na palavra criadora. O universo

não apareceu como resultado duma onipotência arbitrária, duma demonstração de força ou dum desejo de autoafirmação. A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação: «Tu amas tudo quanto existe e não detestas nada do que fizeste; pois, se odiasses alguma coisa, não a terias criado» (*Sb* 11,24). Então cada criatura é objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo. Até a vida efêmera do ser mais insignificante é objeto do seu amor e, naqueles poucos segundos de existência, Ele envolve-o com o seu carinho. Dizia São Basílio Magno que o Criador é também «a bondade sem cálculos», e Dante Alighieri falava do «amor que move o sol e as outras estrelas». Por isso, das obras criadas pode-se subir «à sua amorosa misericórdia».

78. Ao mesmo tempo, o pensamento judaico-cristão desmitificou a natureza. Sem deixar de a admirar pelo seu esplendor e imensidão, já não lhe atribui um caráter divino. Deste modo, ressalta ainda mais o nosso compromisso para com ela. Um regresso à natureza não pode ser feito à custa da liberdade e da responsabilidade do ser humano, que é parte do mundo com o dever de cultivar as próprias capacidades para o proteger e desenvolver as suas potencialidades. Se reconhecermos o valor e a fragilidade da natureza e, ao mesmo tempo, as capacidades que o Criador nos deu, isto permite-nos acabar hoje com o mito moderno do progresso material ilimitado. Um mundo frágil, com um ser humano a quem Deus confia o cuidado do mesmo, interpela a nossa inteligência para reconhecer como deveremos orientar, cultivar e limitar o nosso poder.

79. Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inumeráveis formas de relação e participação. Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos

interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece. A liberdade humana pode prestar a sua contribuição inteligente para uma evolução positiva, como pode também acrescentar novos males, novas causas de sofrimento e verdadeiros atrasos. Isto dá lugar à apaixonante e dramática história humana, capaz de transformar-se num desabrochamento de libertação, engrandecimento, salvação e amor, ou, pelo contrário, num percurso de declínio e mútua destruição. Por isso a Igreja, com a sua ação, procura não só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e «sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo».

### ***Reconciliatio et Paenitentia*, João Paulo II**

10. [...] Deus é fiel ao seu desígnio eterno mesmo quando o homem, induzido pelo Maligno e arrastado pelo seu orgulho, abusa da liberdade que lhe foi dada para amar e procurar generosamente o bem, recusando a obediência ao seu Senhor e Pai; mesmo quando o homem, em vez de responder com amor ao amor de Deus, se opõe a Ele como a um seu rival, iludindo-se e presumindo das suas forças, com a consequente rotura das relações com Aquele que o criou. Não obstante esta prevaricação do homem, Deus permanece fiel no amor. A narração do jardim do éden leva-nos, certamente, a meditar sobre as consequências funestas da rejeição do Pai, que se traduz na desordem interna do homem e na rotura da harmonia entre o homem e a mulher e entre irmão e irmão. Também é significativa a parábola evangélica dos dois filhos que se afastam do pai, de maneira diversa, cavando um abismo entre si. A recusa do amor de Deus e dos seus dons de amor está sempre na raiz das divisões da humanidade.

Mas nós sabemos que Deus, «rico em misericórdia» tal como o pai da parábola, não fecha o coração a nenhum dos seus filhos. Espera-os, procura-os, vai alcançá-los precisamente no ponto em que a recusa da comunhão os aprisiona no isolamento e na divisão e chama-os a reunirem-se à volta da sua mesa, na alegria da festa do perdão e da reconciliação.

Esta iniciativa de Deus concretiza-se e manifesta-se no ato redentor de Cristo, que se irradia no mundo mediante o ministério da Igreja.

De acordo com a nossa fé, de facto, o Verbo de Deus fez-se carne e veio habitar a terra dos homens, entrou na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a em si. Ele revelou-nos que Deus é amor e deu-nos o «mandamento novo» do amor, comunicando-nos, ao mesmo tempo, a certeza de que o caminho do amor está aberto a todos os homens, de tal modo que não é vão o esforço para instaurar a fraternidade universal. Vencendo, com a sua morte na Cruz, o mal e a força do pecado, pela sua obediência cheia de amor trouxe a salvação a todos e tornou-se para todos «reconciliação». N'Ele, Deus reconciliou o homem consigo.

A Igreja, continuando o anúncio de reconciliação que Cristo apregoou nas aldeias da Galileia e de toda a Palestina, não cessa de convidar a humanidade inteira a converter-se e a acreditar na Boa Nova; ela fala em nome de Cristo, fazendo seu o apelo do Apóstolo Paulo, que já recordámos: «Nós somos... embaixadores ao serviço de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Suplicamos-vos, pois, em nome de Cristo: Reconciliai-vos com Deus».

Quem aceita este apelo entra na economia da reconciliação e faz a experiência da verdade contida naquele outro anúncio de São Paulo, segundo o qual Cristo «é a nossa paz, ele que fez de dois povos um só, destruindo o muro de separação, isto é, de inimizade que constituía a barreira (...) estabelecendo a paz

para reconciliar uns e outros com Deus». Embora este texto diga diretamente respeito à superação da divisão religiosa entre Israel, como povo eleito do Antigo Testamento, e os outros povos, todos chamados a fazer parte da Nova Aliança, ele contém, todavia, a afirmação da nova universalidade espiritual, querida por Deus e por Ele realizada, mediante o sacrifício do seu Filho, o Verbo feito homem, sem limites nem exclusões de qualquer gênero, para todos aqueles que se convertem e acreditam em Cristo. Todos, portanto, somos chamados a usufruir dos frutos desta reconciliação querida por Deus: todos e cada um dos homens, todos e cada um dos povos.

### ***Catecismo da Igreja Católica***

1830. A vida moral dos cristãos é sustentada pelos dons do Espírito Santo. Estes são disposições permanentes que tornam o homem dócil aos impulsos do Espírito Santo.

1831. Os sete dons do Espírito Santo são: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Pertencem em plenitude a Cristo, filho de David. Completam e levam à perfeição as virtudes de quem os recebe. Tornam os fiéis dóceis, na obediência pronta, às inspirações divinas.

«Que o vosso espírito de bondade me conduza pelo caminho reto» (Sl 143,10).

«Todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus [...]; se somos filhos, também somos herdeiros: herdeiros de Deus, co-herdeiros de Cristo» (Rm 8,14.17).

1832. Os frutos do Espírito são perfeições que o Espírito Santo forma em nós, como primícias da glória eterna.

A tradição da Igreja enumera doze: «caridade, alegria, paz, paciência, bondade, longanimidade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência, castidade» (Gl 5,22-23, segundo a Vulgata).

## Mensagem de Fátima

### *Memórias, Irmã Lúcia*

Quando voltei, à noite, [o Francisco] estava já radiante de alegria.

Tinha-se confessado e o Senhor Prior tinha prometido trazer-lhe, no dia seguinte, a Sagrada Comunhão. Depois de comungar, no dia seguinte, dizia para a irmãzinha:

– Hoje sou mais feliz que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido. Eu vou para o Céu; mas lá vou pedir muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que vos levem também para lá depressa.

Este dia passei-o quase todo com a Jacinta, junto de sua cama. Como já não podia rezar, pediu-nos que rezássemos nós o terço por ele. Depois, disse-me:

- Decerto, no Céu, vou ter muitas saudades tuas! Quem dera que Nossa Senhora te levasse também para lá breve!
- Não tens, não. Imagine-se! Ao pé de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que são tão bons!
- Pois é! Se calhar, nem me lembro. E agora acrescento eu:
- Se calhar, nem mais se lembrou!!! Paciência!!! (p. 164)

## JULHO

«Em Vós está a fonte da vida.» (Sl 36[35],10)

### Textos Bíblicos

Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia. (Gn 1,31)

Em ti está a fonte da vida e é na tua luz que vemos a luz. (Sl 36,10)

Ide para as vossas casas, fazei um bom jantar, bebei vinho doce e reparti com aqueles que nada têm preparado; este é um dia grande, consagrado a Deus; não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é que é a vossa força. (Ne 8,10)

Bendito seja o Senhor, teu Deus, a quem aprovou colocar-te sobre o trono de Israel. É porque o Senhor ama Israel com amor eterno que Ele te constituiu rei para exercer o direito e a justiça. (1Rs 10,9)

Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria. (Is 49,15)

O senhor disse-lhe: “Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor.” (Mt 25,21)

Ao chegar a casa, convoca os amigos e vizinhos e diz-lhes: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida.” (Lc 15,6)

Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa. (Jo 15,11)

Que o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança, pela força do Espírito Santo. (Rm 15,13)

Ele, renunciando à alegria que lhe fora proposta, sofreu a cruz, desprezando a ignomínia, e sentou-se à direita do trono de Deus. Considerai, pois, aquele que sofreu tal oposição por parte dos pecadores, para que não desfaleçais, perdendo o ânimo. (Heb 12,2-3)

## Textos do Magistério

### *Lumen Gentium*, Concílio Vaticano II

1. A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc 16,15). Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo.

2. O Eterno Pai, pelo libérrimo e insondável desígnio da Sua sabedoria e bondade, criou o universo, decidiu elevar os homens à participação da vida divina e não os abandonou, uma vez caídos em Adão, antes, em atenção a Cristo Redentor

«que é a imagem de Deus invisível, primogénito de toda a criação» (*Cl* 1,15), sempre lhes concedeu os auxílios para se salvarem. Aos eleitos, o Pai, antes de todos os séculos, os «discerniu e predestinou para reproduzirem a imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o primogénito de uma multidão de irmãos» (*Rm* 8,29). E, aos que creem em Cristo, decidiu chamá-los à santa Igreja, a qual, prefigurada já desde o princípio do mundo e admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança, foi constituída no fim dos tempos e manifestada pela efusão do Espírito, e será gloriosamente consumada no fim dos séculos. Então, como se lê nos Santos Padres, todos os justos depois de Adão, «desde o justo Abel até ao último eleito», se reunirão em Igreja universal junto do Pai.

3. Veio pois o Filho, enviado pelo Pai, que n'Ele nos elegeu antes de criar o mundo, e nos predestinou para sermos seus filhos de adoção, porque lhe aprouve reunir n'Ele todas as coisas (cf. *Ef* 1,4-5.10). Por isso, Cristo, a fim de cumprir a vontade do Pai, deu começo na terra ao Reino dos Céus e revelou-nos o seu mistério, realizando, com a própria obediência, a redenção. A Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus. Tal começo e crescimento exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. *Jo* 19,34), e preanunciam-nos as palavras do Senhor acerca da Sua morte na cruz: «Quando Eu for elevado acima da terra, atrairei todos a mim» (*Jo* 12,32 gr.). Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual «Cristo, nossa Páscoa, foi imolado» (*1Cor* 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. *1Cor* 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos.

4. Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cf. *Jo* 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. *Ef* 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cf. *Jo* 4,14; 7,38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cf. *Rm* 8,10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cf. *1Cor* 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cf. *Gl* 4,6; *Rm* 8,15-16.26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cf. *Jo* 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cf. *Ef* 4,11-12; *1Cor* 12,4; *Gl* 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: «Vem» (cf. *Ap* 22,17)!

Assim a Igreja toda aparece como «um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo.»

### ***Gaudete in Domino, Paulo VI***

16. Por essência, a alegria cristã é participação espiritual na alegria insondável, conjuntamente divina e humana, que está no coração de Jesus Cristo glorificado. Assim que Deus Pai começou a manifestar na história o Seu benévolo desígnio, que Ele de antemão estabelecera em Jesus Cristo, para o atuar depois, na plenitude dos tempos, começa a anunciar-se esta alegria, misteriosamente, no seio do Povo de Deus, se bem que a sua identidade não seja ainda desvendada.

17. Deste modo, Abraão, nosso pai, eleito na previsão do cumprimento futuro da Promessa, e esperando contra toda a esperança, recebe, aquando do nascimento do seu filho Isaac, as primícias proféticas desta alegria. Esta, depois, será como que transfigurada através de uma experiência de morte, quando esse filho único lhe foi restituído vivo, prefiguração da ressurreição d'Aquele que havia de vir: o Filho único de Deus prometido para o sacrificio redentor. Abraão exultou com o pensamento de ver o Dia de Cristo, o Dia da Salvação: ele «viu-o e rejubilou».

18. A alegria da salvação amplia-se e comunica-se, seguidamente, ao longo da história profética do antigo Israel. E ela permanece e renasce, indefectivelmente, através de trágicas provações devidas às infidelidades culpáveis do povo eleito e às perseguições do exterior, que pretendiam afastá-lo do seu Deus. Esta alegria, sempre ameaçada e renascente, é característica do povo nascido de Abraão.

Trata-se sempre de uma experiência exaltante de libertação e de restauração – pelo menos anunciadas – que tem como origem o amor misericordioso de Deus para com o Seu povo muito amado, em favor do qual Ele realiza, por pura graça e potência miraculosa, as promessas da Aliança. Tal é a alegria da Páscoa mosaica, a qual se verificou como figura da libertação escatológica que viria a ser realizada por Jesus Cristo no contexto pascal da nova e eterna Aliança. Trata-se também da alegria sempre atual, cantada frequentemente pelos salmos: a alegria de viver com Deus e para Deus. Trata-se, enfim e sobretudo, da alegria gloriosa e sobrenatural profetizada em favor da nova Jerusalém resgatada do exílio e amada pelo próprio Deus com um amor místico.

### ***Laudato Si, Francisco***

84. O facto de insistir na afirmação de que o ser humano é imagem de Deus não deveria fazer-nos esquecer que cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua. Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus. A história da própria amizade com Deus desenrola-se sempre num espaço geográfico que se torna um sinal muito pessoal, e cada um de nós guarda na memória lugares cuja lembrança nos faz muito bem. Quem cresceu no meio de montes, quem na infância se sentava junto do riacho a beber, ou quem jogava numa praça do seu bairro, quando volta a esses lugares sente-se chamado a recuperar a sua própria identidade.

85. Deus escreveu um livro estupendo, «cujas letras são representadas pela multidão de criaturas presentes no universo». E justamente afirmaram os bispos do Canadá que nenhuma criatura fica fora desta manifestação de Deus: «Desde os panoramas mais amplos às formas de vida mais frágeis, a natureza é um manancial incessante de encanto e reverência. Trata-se duma contínua revelação do divino». Os bispos do Japão, por sua vez, disseram algo muito sugestivo: «Sentir cada criatura que canta o hino da sua existência é viver jubilosamente no amor de Deus e na esperança». Esta contemplação da criação permite-nos descobrir qualquer ensinamento que Deus nos quer transmitir através de cada coisa, porque, «para o crente, contemplar a criação significa também escutar uma mensagem, ouvir uma voz paradoxal e silenciosa». Podemos afirmar que, «ao lado da revelação propriamente dita, contida nas Sagradas Escrituras, há uma manifestação divina no despontar do sol e no cair da noite». Prestando atenção a esta manifestação, o ser humano aprende

a reconhecer-se a si mesmo na relação com as outras criaturas: «Eu expresso-me exprimindo o mundo; exploro a minha sacralidade decifrando a do mundo».

86. O conjunto do universo, com as suas múltiplas relações, mostra melhor a riqueza inesgotável de Deus. São Tomás de Aquino sublinhava, sabiamente, que a multiplicidade e a variedade «provêm da intenção do primeiro agente», o Qual quis que «o que falta a cada coisa, para representar a bondade divina, seja suprido pelas outras», pois a sua bondade «não pode ser convenientemente representada por uma só criatura». Por isso, precisamos de individuar a variedade das coisas nas suas múltiplas relações. Assim, compreende-se melhor a importância e o significado de qualquer criatura, se a contemplarmos no conjunto do plano de Deus. Tal é o ensinamento do Catecismo: «A interdependência das criaturas é querida por Deus. O sol e a lua, o cedro e a florzinha, a águia e o pardal: o espetáculo das suas incontáveis diversidades e desigualdades significa que nenhuma criatura se basta a si mesma. Elas só existem na dependência umas das outras, para se completarem mutuamente no serviço umas das outras».

87. Quando nos damos conta do reflexo de Deus em tudo o que existe, o coração experimenta o desejo de adorar o Senhor por todas as suas criaturas e juntamente com elas, como se vê neste gracioso cântico de São Francisco de Assis:

«Louvado sejas, meu Senhor,  
com todas as tuas criaturas,  
especialmente o meu senhor irmão sol,  
o qual faz o dia e por ele nos alumia.  
E ele é belo e radiante com grande esplendor:  
de Ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
pela irmã lua e pelas estrelas,  
que no céu formaste claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento  
pelo ar, pela nuvem, pelo sereno, e todo o tempo,  
com o qual, às tuas criaturas, dás o sustento.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água,  
que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.  
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,  
pelo qual iluminas a noite:  
ele é belo e alegre, vigoroso e forte».

### ***Catecismo da Igreja Católica***

293. É uma verdade fundamental, que a Escritura e a Tradição não cessam de ensinar e de celebrar: «O mundo foi criado para glória de Deus». Deus criou todas as coisas, explica São Boaventura, «non propter gloriam augendam, sed propter gloriam manifestandam et propter gloriam suam communicandam – Não para aumentar a Sua glória, mas para a manifestar e para a comunicar». Para criar, Deus não tem outra razão senão o seu amor e a sua bondade: «Aperta manu clave amoris creaturae prodierunt – As criaturas saíram da mão (de Deus) aberta pela chave do amor». E o I Concílio do Vaticano explica: «Na sua bondade e pela sua força onipotente, não para aumentar a sua felicidade nem para adquirir a sua perfeição, mas para a manifestar pelos bens que concede às suas criaturas, Deus, no seu libérrimo desígnio, criou do nada simultaneamente e desde o princípio do tempo uma e outra criatura – a espiritual e a corporal».

294. A glória de Deus está em que se realize esta manifestação e esta comunicação da sua bondade, em ordem às quais o mundo foi criado. Fazer de nós «filhos adotivos por Jesus Cristo. Assim aprouve à sua vontade, para que fosse enaltecida

a glória da sua graça» (Ef 1,5-6): «Porque a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus: se a revelação de Deus pela criação já proporcionou a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona a vida aos que veem a Deus!». O fim último da criação é que Deus Pai, «criador de todos os seres, venha finalmente a ser ‘tudo em todos’ (1Cor 15,28), provendo, ao mesmo tempo, à sua glória e à nossa felicidade».

337. Foi o próprio Deus que criou o mundo visível, com toda a sua riqueza, a sua diversidade e a sua ordem. A Sagrada Escritura apresenta a obra do Criador, simbolicamente, como uma sequência de seis dias «de trabalho» divino, que terminam no «repouso» do sétimo dia. O texto sagrado ensina, a respeito da criação, verdades reveladas por Deus para a nossa salvação, as quais permitem «conhecer a natureza última e o valor de todas as criaturas e a sua ordenação para a glória de Deus».

338. Nada existe que não deva a sua existência a Deus Criador: O mundo começou quando foi tirado do nada pela Palavra de Deus: todos os seres existentes, toda a Natureza, toda a história humana radicam neste acontecimento primordial: é a própria gênese, pela qual o mundo foi constituído e o tempo começado.

339. Cada criatura possui a sua bondade e perfeição próprias. Acerca de cada uma das obras dos «seis dias» está escrito: «E Deus viu que era bom». «Foi em virtude da própria criação que todas as coisas foram estabelecidas segundo a sua consistência, a sua verdade, a sua excelência própria, com o seu ordenamento e leis específicas». As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, refletem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas, que

despreza o Criador e traz consigo consequências nefastas para os homens e para o seu meio ambiente.

340. A interdependência das criaturas é querida por Deus. O sol e a lua, o cedro e a florzinha, a águia e o pardal: o espetáculo das suas incontáveis diversidades e desigualdades significa que nenhuma criatura se basta a si mesma. Elas só existem na dependência umas das outras, para se completarem mutuamente, no serviço umas das outras.

341. A beleza do Universo: A ordem e a harmonia do mundo criado resultam da diversidade dos seres e das relações existentes entre si. O homem descobre-as progressivamente como leis da natureza. Elas suscitam a admiração dos sábios. A beleza da criação reflete a beleza infinita do Criador, a qual deve inspirar o respeito e a submissão da inteligência e da vontade humanas.

## Mensagem de Fátima

### *Memórias, Irmã Lúcia*

[O Francisco] Dos passarinhos gostava muito; não podia ver que lhes roubassem os ninhos. Migava sempre parte do pão que levava para a merenda, no cimo das pedras, para que eles o comessem; e, afastando-se, chamava por eles, como se o entendessem, e não queria que ninguém se aproximasse, para não lhes meter medo.

– Coitadinhos! Estão cheios de fome – dizia, falando com eles. – Venham, venham comer!

E eles, com o olho vivo que têm, não se faziam rogar; e lá vinham em grandes ranchos. Era, então, a sua alegria, vê-los voar para o cimo das árvores, com o papinho cheio, a cantar,

numa chilreada medonha que ele imitava com arte, fazendo coro com eles.

Um dia encontramos um pequeno que trazia na mão um passarinho que tinha apanhado. Cheio de pena, o Francisco prometeu-lhe dois vinténs, se o deitasse a voar. O rapaz aceitou o contrato, mas, antes, queria o dinheiro na mão. O Francisco voltou, então, a casa, da Lagoa da Carreira, que fica um pouco abaixo da Cova da Iria, a buscar os dois vinténs, para dar liberdade ao prisioneiro. Quando, depois, o viu voar, batia as palmas de contente e dizia:

– Tem cautela! não te tornem a apanhar. (p. 157-158)

## AGOSTO

«Alegrai-vos no Senhor.» (Fl 3,1; Sl 32[31],11)

### Textos Bíblicos

Sara disse: «Deus concedeu-me uma alegria, e todos quantos o souberem, alegrar-se-ão comigo.» Ela acrescentou: «Quem poderia dizer a Abraão que Sara amamentaria filhos? No entanto, dei um filho à sua velhice.» (Gn 21,6-7)

Consolai, consolai o meu povo, é o vosso Deus quem o diz. (Is 40,1)

Alegrai-vos, justos, e regozijai-vos no Senhor; exultai todos vós, que sois retos de coração! (Sl 32,11)

Cantai ao Senhor hinos e salmos, proclamai as suas maravilhas. Orgulhai-vos do seu nome santo; alegre-se o coração dos que procuram o Senhor. (Sl 105,2-3)

O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo. (Mt 13,44)

O anjo disse aos pastores: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor.» (Lc 2,10-11)

Abraão, vosso pai, exultou pensando em ver o meu dia; viu-o e ficou feliz. (Jo 8,56)

João declarou: «O esposo é aquele a quem pertence a esposa; mas o amigo do esposo, que está ao seu lado e o escuta, sente muita alegria com a voz do esposo. Pois esta é a minha alegria! E tornou-se completa!» (Jo 3,29)

O Amor não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. (1Cor 13,6)

É que o Reino de Deus não é uma questão de comer e beber, mas de justiça, paz e alegria no Espírito Santo. (Rm 14,17)

## Textos do Magistério

### *Gaudete in Domino*, Paulo VI

39. Desejamos, porém, evocar aqui, especialmente, três figuras de santos, muito atraentes ainda hoje para o conjunto do povo cristão. E, em primeiro lugar, o Pobrezinho de Assis, do qual numerosos peregrinos do Ano Santo se esforçam por seguir as pegadas. Tendo deixado tudo pelo Senhor, ele pôde encontrar, graças à santa pobreza, algo da beatitude original, como quando o mundo saiu intacto das mãos do Criador. No despojamento mais extremo e já quase cego, ele pôde irromper

no inolvidável *Cântico das Criaturas*, cantar os louvores do irmão Sol e da natureza inteira, que se tornara para ele como que transparente e puro espelho da glória divina, e até mesmo a alegria perante a vinda da «nossa irmã morte corporal»: «Felizes aqueles que (à hora da morte), forem encontrados conformes com as vossas santíssimas vontades...».

40. Mais recentemente, Santa Teresa de Lisieux indica-nos a via corajosa do abandono nas mãos de Deus, a Quem confia a própria pequenez. E isso apesar de ela não ignorar a sensação da ausência de Deus, da qual o nosso século, à sua maneira, faz a dura experiência: «Por vezes afigura-se à avezinha (a que ela se compara) não acreditar que exista mais alguma coisa, para além das nuvens que a envolvem... É então o momento da perfeita alegria, para a pobre criaturinha fraca... Que felicidade para ela permanecer ali, apesar de tudo, e fixar a luz invisível que se subtrai à sua fé!»

41. E como deixar de recordar, por fim, imagem luminosa para a nossa geração, o exemplo do bem-aventurado Maximiliano Kolbe, lídimo discípulo de São Francisco? No meio das mais trágicas experiências que tingiram de sangue a nossa época, ele oferece-se voluntariamente para morrer, a fim de salvar um irmão desconhecido; e as testemunhas referem-nos que a sua serenidade e a sua alegria tornaram, de algum modo, o local de sofrimento – que era habitualmente considerado como que uma imagem do inferno –, para os seus desditosos companheiros assim como para ele próprio, a antecâmara da vida eterna.

### ***Evangelii Gaudium*, Francisco**

1. A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos.

2. O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.

3. Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído». Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: «Senhor, deixei-me

enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores». Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca Se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar «setenta vezes sete» (Mt 18,22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante!

4. Os livros do Antigo Testamento preanunciaram a alegria da salvação, que havia de tornar-se superabundante nos tempos messiânicos. O profeta Isaías dirige-se ao Messias esperado, saudando-O com regozijo: «Multiplicaste a alegria, aumentaste o júbilo» (9,2). E anima os habitantes de Sião a recebê-Lo com cânticos: «Exultai de alegria!» (12,6). A quem já O avistara no horizonte, o profeta convida-o a tornar-se mensageiro para os outros: «Sobe a um alto monte, arauto de Sião! Grita com voz forte, arauto de Jerusalém» (40,9). A criação inteira participa nesta alegria da salvação: «Cantai, ó céus! Exulta de alegria, ó terra! Rompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo e se compadece dos desamparados» (49,13).

Zacarias, vendo o dia do Senhor, convida a vitoriar o Rei que chega «humilde, montado num jumento»: «Exulta de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti. Ele é justo e vitorioso» (9,9). Mas

o convite mais tocante talvez seja o do profeta Sofonias, que nos mostra o próprio Deus como um centro irradiante de festa e de alegria, que quer comunicar ao seu povo este júbilo salvífico. Enche-me de vida reler este texto: «O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa» (3,17).

É a alegria que se vive no meio das pequenas coisas da vida quotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai: «Meu filho, se tens com quê, trata-te bem (...). Não te prives da felicidade presente» (*Sir* 14,11.14). Quanta ternura paterna se vislumbra por detrás destas palavras!

5. O Evangelho, onde resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria. Apenas alguns exemplos: «Alegra-te» é a saudação do anjo a Maria (*Lc* 1,28). A visita de Maria a Isabel faz com que João salte de alegria no ventre de sua mãe (cf. *Lc* 1,41). No seu cântico, Maria proclama: «O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador» (*Lc* 1,47). E, quando Jesus começa o seu ministério, João exclama: «Esta é a minha alegria! E tornou-se completa!» (*Jo* 3,29). O próprio Jesus «estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo» (*Lc* 10,21). A sua mensagem é fonte de alegria: «Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa» (*Jo* 15,11). A nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante. Ele promete aos seus discípulos: «Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria» (*Jo* 16,20). E insiste: «Eu hei de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (*Jo* 16,22). Depois, ao verem-No ressuscitado, «encheram-se de alegria» (*Jo* 20,20). O livro dos Atos dos Apóstolos conta que, na primitiva comunidade, «tomavam o alimento com alegria» (2,46). Por onde passaram os discípulos, «houve

grande alegria» (8,8); e eles, no meio da perseguição, «estavam cheios de alegria» (13,52). Um eunuco, recém-batizado, «seguiu o seu caminho cheio de alegria» (8,39); e o carcereiro «entregou-se, com a família, à alegria de ter acreditado em Deus» (16,34). Porque não havemos de entrar, também nós, nesta torrente de alegria?

### ***Alegrai-vos, Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica***

6. Quem encontrou o Senhor e o segue com fidelidade é um mensageiro da alegria do Espírito.

«Só graças a esse encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade». Quem é chamado é convocado para si mesmo, isto é, para o seu poder ser. Talvez possamos dizer que a crise da vida consagrada passa também pela incapacidade de reconhecer esse profundo chamamento, mesmo naqueles que já vivem essa vocação.

Vivemos uma crise de fidelidade, entendida como adesão consciente a um chamamento que é um percurso, um caminho, desde o seu início misterioso até ao seu misterioso fim.

Talvez se esteja também numa crise de humanização. Estamos a viver os limites de uma coerência total, feridos pela incapacidade de realizar, no tempo, a nossa vida como vocação unitária e caminho fiel.

Um caminho quotidiano, pessoal e fraterno, marcado pelo descontentamento, pela amargura que nos fecha na tristeza, como que numa permanente saudade, por estradas inexploradas e sonhos por realizar, torna-se um caminho solitário. A nossa vida, chamada à relação na construção do amor, pode transformar-se numa charneca desabitada.

Somos convidados, em qualquer idade, a revisitar o centro profundo da vida pessoal, onde encontram significado e verdade as motivações do nosso viver com o Mestre, discípulos e discípulas do Mestre.

A fidelidade é consciência do amor que nos orienta para o Tu de Deus e para qualquer outra pessoa, de maneira constante e dinâmica, enquanto sentimos em nós a vida do Ressuscitado:

«Os que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento».

O discipulado fiel é graça e exercício de amor, exercício de caridade oblativa: «Quando caminhamos sem a Cruz, quando edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor».

Perseverar até ao Gólgota, sentir as dilacerações das dúvidas e do renegar, alegrar-se com a maravilha e com a estupefação da Páscoa até à manifestação do Pentecostes e à evangelização aos povos são etapas da fidelidade alegre porque quenótica, vivida durante a vida inteira, mesmo na prova do martírio, e, ao mesmo tempo, participante da vida ressuscitada de Cristo: «É da Cruz, supremo ato de misericórdia e de amor, que se renasce como nova criatura (Gl 6,15)».

No lugar teologal em que Deus, revelando-se, nos revela a nós mesmos, o Senhor pede-nos, portanto, para voltarmos a procurar, *fides quaerens*: «Procura a justiça, a fé, o amor e a paz com todos os que, de coração puro, invocam o Senhor» (2Tm 2,22).

A peregrinação interior começa na oração: «A primeira coisa necessária para um discípulo é estar com o Mestre, ouvi-lo, aprender dele. E isto é sempre válido, é um caminho que dura a vida inteira. [...] Se, no nosso coração, não há o calor de

Deus, do seu amor, da sua ternura, como podemos nós, pobres pecadores, inflamar o coração dos outros?». Este itinerário dura a vida inteira, enquanto o Espírito Santo, na humildade da oração, nos convence do senhorio de Cristo em nós: «Todos os dias, o Senhor chama-nos a segui-lo, corajosa e fielmente; fez-nos o grande dom de nos escolher como seus discípulos; convida-nos a anunciá-lo jubilosamente como o Ressuscitado, mas pede-nos para o fazermos, no dia a dia, com a palavra e o testemunho da nossa vida, no quotidiano. O Senhor é o único, o único Deus da nossa vida e convida-nos a despojar-nos dos numerosos ídolos e adorá-lo só a Ele».

O Papa apresenta a oração como a fonte da fecundidade missionária: «Cultivemos a dimensão contemplativa, mesmo no turbilhão dos compromissos mais urgentes e pesados. E quanto mais a missão vos chamar para irdes às periferias existenciais, tanto mais o vosso coração se mantenha unido ao de Cristo, cheio de misericórdia e de amor».

O estar com Jesus leva a ter um olhar contemplativo da história, para vermos e escutarmos em toda a parte a presença do Espírito e, de forma privilegiada, discernirmos a sua presença, a fim de vivermos o tempo como tempo de Deus.

Quando falta um olhar de fé, «a vida perde gradualmente sentido, o rosto dos irmãos torna-se opaco, impossibilitando descobrir nele o rosto de Cristo; os acontecimentos da história tornam-se ambíguos, senão mesmo vazios de esperança».

A contemplação abre-nos à atitude profética. O profeta é um homem «que tem os olhos penetrantes e que escuta e diz as palavras de Deus; [...] um homem de três tempos: promessa do passado, contemplação do presente, coragem para indicar o caminho do futuro».

Por fim, a fidelidade no discipulado passa e é comprovada pela experiência da fraternidade, lugar teológico, no qual somos chamados a apoiar-nos no sim jubiloso do Evangelho:

«É a Palavra de Deus que suscita a fé, que a alimenta e regenera. É a Palavra de Deus que sensibiliza os corações, que os converte a Deus e à sua lógica, que é tão diferente da nossa; é a Palavra de Deus que renova continuamente as nossas comunidades».

O Papa convida-nos, portanto, a renovar e qualificar com alegria e paixão a nossa vocação, porque o ato totalizante do amor é um processo constante: «Amadurece, amadurece, amadurece», num progresso permanente em que o sim da nossa vontade à Sua une vontade, intelecto e sentimento. «O amor nunca está “concluído” e completado; transforma-se ao longo da vida, amadurece e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio».

### ***Catecismo da Igreja Católica***

1817. A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo. «Conservemos firmemente a esperança que professamos, pois Aquele que fez a promessa é fiel» (*Heb 10,23*). «O Espírito Santo, que Ele derramou abundantemente sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, para que, justificados pela sua graça, nos tornássemos, em esperança, herdeiros da vida eterna» (*Tt 3,6-7*).

1818. A virtude da esperança corresponde ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna.

O ânimo que a esperança dá preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade.

1819. A esperança cristã retorna e realiza a esperança do povo eleito, que tem a sua origem e modelo na esperança de Abraão, o qual, em Isaac, foi cumulado das promessas de Deus e purificado pela provação do sacrifício. «Contra toda a esperança humana, Abraão teve esperança e acreditou. Por isso, tornou-se pai de muitas nações» (*Rm* 4,18).

1820. A esperança cristã manifesta-se, desde o princípio da pregação de Jesus, no anúncio das bem-aventuranças. As bem-aventuranças elevam a nossa esperança para o céu, como nova terra prometida e traçam-lhe o caminho através das provações que aguardam os discípulos de Jesus. Mas, pelos méritos do mesmo Jesus Cristo e da sua paixão, Deus guarda-nos na «esperança que não engana» (*Rm* 5,5). A esperança é «a âncora da alma, inabalável e segura» que penetra [...] «onde entrou Jesus como nosso precursor» (*Heb* 6,19-20). É também uma arma que nos protege no combate da salvação: «Revis-tamo-nos com a couraça da fé e da caridade, com o capacete da esperança da salvação» (*1Ts* 5,8). Proporciona-nos alegria, mesmo no meio da provação: «alegres na esperança, pacientes na tribulação» (*Rm* 12,12). Exprime-se e nutre-se na oração, particularmente na oração do Pai-Nosso, resumo de tudo o que a esperança nos faz desejar.

1821. Podemos, portanto, esperar a glória do céu prometida por Deus àqueles que O amam e fazem a sua vontade. Em todas as circunstâncias, cada qual deve esperar, com a graça de Deus, «permanecer firme até ao fim» e alcançar a alegria do céu, como eterna recompensa de Deus pelas boas obras realizadas com a graça de Cristo. É na esperança que a Igreja pede que «todos os homens se salvem» (*1Tm* 2,4) e ela própria aspira a ficar, na glória do céu, unida a Cristo, seu Esposo:

«Espera, espera, que não sabes quando virá o dia nem a hora. Vela com cuidado, que tudo passa com brevidade, embora o teu desejo faça o certo duvidoso e longo o tempo breve. Olha que quanto mais pelejares, mais mostrarás o amor que tens a teu Deus, e mais te regozijarás com teu Amado em gozo e deleite que não pode ter fim».

## Mensagem de Fátima

### *Memórias, Irmã Lúcia*

O que ele [Francisco] cantava com mais frequência era:

Amo a Deus no céu.  
Amo (-O) também na terra.  
Amo o campo, as flores.  
Amo as ovelhas na serra.

Sou uma pobre pastora,  
Rezo sempre a Maria.  
No meio do meu rebanho,  
Sou o sol do meio-dia.

Com os meus cordeirinhos  
Eu aprendi a saltar.  
Sou a alegria da serra,  
Sou o lírio do vale. (p. 138)

A Jacinta gostava também muito de agarrar os cordeirinhos brancos, sentar-se com eles no colo, abraçá-los, beijá-los e, à noite, trazê-los ao colo para casa, para que não se cansassem. Um dia, ao voltar para casa, meteu-se no meio do rebanho.

– Jacinta – perguntei-lhe – para que vais aí, no meio das ovelhas?

– Para fazer como Nosso Senhor, que, naquele santinho que me deram, também está assim, no meio de muitas e com uma ao colo. (p. 43)

## SETEMBRO

*«Alegremo-nos e façamos festa.» (cf. Lc 15,22-24)*

### Textos Bíblicos

E Maria entoou para eles: «Cantai ao Senhor, que é verdadeiramente grande: lançou no mar cavalo e cavaleiro.» (Ex 15,21)

Aclamai o Senhor, terra inteira, servi ao Senhor com alegria, vinde à sua presença com cânticos de júbilo!

(Sl 100,1-2)

A minha alma suspira e tem saudades dos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne cantam de alegria ao Deus vivo! (Sl 84,3)

Concluiu-se o edifício no terceiro dia do mês de Adar, no sexto ano do reinado de Dario. Os filhos de Israel, os sacerdotes, os levitas e os demais repatriados celebraram com júbilo a dedicação do templo de Deus. (Esd 6,15-16)

Por isso, aqueles dias do mês de Adar, os dias catorze e quinze, serão celebrados em comum no povo de Israel, com gozo e alegria diante de Deus, de geração em geração, para sempre. (Est F,10)

Rejubila e alegra-te, filha de Sião, porque eis que Eu venho para morar no meio de ti – oráculo do Senhor. (Zc 2,14)  
O pai respondeu-lhe: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.” (Lc 15,31-32)

A palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza: ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros com toda a sabedoria; cantai a Deus, nos vossos corações, o vosso reconhecimento, com salmos, hinos e cânticos inspirados. (Cl 3,16)

De facto, tanto o que santifica, como os que são santificados, provêm todos de um só; razão pela qual não se envergonha de lhes chamar irmãos, dizendo: Anunciarei o teu nome aos meus irmãos, no meio da assembleia te louvarei. (Heb 2,11-12)

Está alguém, entre vós, aflito? Recorra à oração. Está alguém contente? Cante salmos. (Tg 5,13)

Os quatro seres viventes tinham cada um seis asas cobertas de olhos por fora e por dentro. E não cessavam de cantar, de dia e de noite: «Santo, santo, santo é o Senhor Todo-Poderoso, o que era, o que é e que há de vir.» (Ap 4,8)

## Textos do Magistério

### *Sacrosanctum Concilium*, Concílio Vaticano II

9. A sagrada Liturgia não esgota toda a ação da Igreja, porque os homens, antes de poderem participar na Liturgia, precisam de ouvir o apelo à fé e à conversão: «Como hão de invocar aquele em quem não creram? Ou como hão de crer sem o terem ouvido? Como poderão ouvir se não houver quem pregue? E como se há de pregar se não houver quem seja enviado?» (Rm 10,14-15).

É por este motivo que a Igreja anuncia a mensagem de salvação aos que ainda não têm fé, para que todos os homens venham a conhecer o único Deus verdadeiro e o Seu enviado, Jesus Cristo, e se convertam dos seus caminhos pela penitência. Aos que creem, tem o dever de pregar constantemente a fé e a penitência, de prepará-los para a receção dos Sacramentos, de ensiná-los a guardar tudo o que Cristo mandou, de estimulá-los a tudo o que seja obra de caridade, de piedade e apostolado, onde os cristãos possam mostrar que são a luz do mundo, embora não sejam deste mundo, e que glorificam o Pai diante dos homens.

10. Contudo, a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Batismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor.

A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos «mistérios pascais», a viverem «unidos no amor»; pede «que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé»; e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, e aquece os fiéis na caridade urgente de Cristo. Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja.

11. Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão. Por conseguinte, devem os pastores de almas vigiar por que não só se observem, na ação litúrgica, as leis que regulam

a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, ativa e frutuosa.

### ***Gaudete in Domino, Paulo VI***

61. Nesta caminhada de todo o Povo de Deus insere-se, naturalmente, o Ano Santo, com a sua peregrinação. A graça do Jubileu, de facto, obtém-se a custo de um pôr-se a caminho e de uma marcha para Deus, na fé, na esperança e no amor. Ao diversificar os meios e os momentos deste Jubileu, quise-mos facilitar a cada um aquilo que o podia ser. O essencial, entretanto, continua a ser a decisão interior de responder ao apelo do Espírito, de maneira pessoal, como discípulo de Jesus, como filho da Igreja católica e apostólica e segundo a intenção desta mesma Igreja. Tudo o mais pertence à esfera dos sinais e dos meios. Sim, a peregrinação desejada, para o Povo de Deus no seu conjunto e para cada pessoa no seio deste Povo, é um movimento, uma Páscoa, que o mesmo é dizer uma passagem para o aconchego da cela interior, onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo o recebem na Sua mesma intimidade e unidade divina: «Se alguém Me ama, guardará as Minhas palavras; e Meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e faremos nele a Nossa habitação.» (Jo 14,23) Alcançar esta presença supõe sempre um aprofundamento da verdadeira consciência de si, como criatura e como filho de Deus.

63. Temos convidado, durante este Ano Santo, a que se faça, realmente ou em espírito e intenção, uma peregrinação a Roma, ou seja, ao coração da Igreja Católica. Mas é por demais evidente que Roma não constitui a meta final da nossa peregrinação no tempo. Nenhuma cidade santa deste mundo constitui uma tal meta. Esta encontra-se no além, no mais profundo do mistério de Deus, para nós ainda invisível: porque caminhamos na fé, e não na visão clara, e aquilo que

nós seremos não nos foi ainda revelado. A nova Jerusalém, da qual nós somos desde já cidadãos e filhos, é do Alto que ela vem, de junto de Deus. E nós não contemplamos ainda o esplendor dessa única cidade definitiva; apenas o entrevemos como que num espelho e de uma maneira confusa, agarrando-nos com firmeza à palavra profética. No entanto, desde já somos cidadãos da mesma, ou estamos convidados a tornar-nos tais; toda a peregrinação espiritual recebe o seu significado interior deste destino último.

### ***Sacramentum Caritatis*, Bento XVI**

94. Amados irmãos e irmãs, a Eucaristia está na origem de toda a forma de santidade, sendo cada um de nós chamado à plenitude de vida no Espírito Santo. Quantos santos tornaram autêntica a própria vida, graças à sua piedade eucarística! De Santo Inácio de Antioquia a Santo Agostinho, de Santo Antônio Abade a São Bento, de São Francisco de Assis a São Tomás de Aquino, de Santa Clara de Assis a Santa Catarina de Sena, de São Pascoal Bailão a São Pedro Julião Eymard, de Santo Afonso Maria de Ligório ao Beato Carlos de Foucauld, de São João Maria Vianey a Santa Teresa de Lisieux, de São Pio de Pietrelcina à Beata Teresa de Calcutá, do Beato Pedro Jorge Frassati ao Beato Ivan Merz, para mencionar apenas alguns de tantos nomes, a santidade sempre encontrou o seu centro no sacramento da Eucaristia.

Por isso, é necessário que, na Igreja, este mistério santíssimo seja verdadeiramente acreditado, devotamente celebrado e intensamente vivido. A doação que Jesus faz de Si mesmo no sacramento memorial da sua paixão atesta que o êxito da nossa vida está na participação da vida trinitária, que nos é oferecida n'Ele de forma definitiva e eficaz.

A celebração e a adoração da Eucaristia permitem abeirar-nos do amor de Deus e a ele aderir pessoalmente até à união com o bem-amado Senhor. A oferta da nossa vida, a comunhão com a comunidade inteira dos crentes e a solidariedade com todo o homem são aspetos imprescindíveis da *logiké latreía*, ou seja, do culto espiritual, santo e agradável a Deus (Rm 12,1), no qual toda a nossa realidade humana concreta é transformada para glória de Deus. Convido, pois, todos os pastores a prestarem a máxima atenção à promoção duma espiritualidade cristã autenticamente eucarística. Os presbíteros, os diáconos e todos aqueles que exercem um ministério eucarístico possam sempre tirar destes mesmos serviços, realizados com solicitude e constante preparação, força e estímulo para o seu caminho pessoal e comunitário de santificação. Exorto todos os leigos, e as famílias em particular, a encontrarem continuamente no sacramento do amor de Cristo a energia de que precisam para transformar a própria vida num sinal autêntico da presença do Senhor ressuscitado. Peço a todos os consagrados e consagradas para manifestarem, com a própria existência eucarística, o esplendor e a beleza de pertencer totalmente ao Senhor.

95. No início do século IV, quando o culto cristão era ainda proibido pelas autoridades imperiais, alguns cristãos do norte de África, que se sentiam obrigados a celebrar o dia do Senhor, desafiaram tal proibição. Foram martirizados enquanto declaravam que não lhes era possível viver sem a Eucaristia, alimento do Senhor: «*Sine dominico non possumus* – sem o domingo, não podemos viver». Estes mártires de Abitinas, juntamente com muitos outros santos e beatos que fizeram da Eucaristia o centro da sua vida, intercedam por nós e nos ensinem a fidelidade ao encontro com Cristo ressuscitado! Também nós não podemos viver sem participar no sacramento da nossa salvação e desejamos ser *iuxta dominicam viventes*, isto é, traduzir na vida o que celebramos no dia do

Senhor. Com efeito, este é o dia da nossa libertação definitiva. Então porquê maravilhar-se quando desejamos que cada dia seja vivido segundo a novidade introduzida por Cristo com o mistério da Eucaristia?

96. Que Maria Santíssima, Virgem Imaculada, arca da nova e eterna aliança, nos acompanhe neste caminho ao encontro do Senhor que vem! N'Ele encontramos realizada, na forma mais perfeita, a essência da Igreja. Esta vê em Maria, «Mulher eucarística» – como a designou o servo de Deus João Paulo II –, o seu ícone melhor conseguido e contempla-a como modelo insubstituível de vida eucarística. Por isso, preparando-se para acolher sobre o altar «verum corpus natum de Maria Virgine – o verdadeiro corpo nascido da Virgem Maria», o sacerdote, em nome da assembleia litúrgica, proclama com as palavras do cânone: «Veneramos a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe do nosso Deus e Senhor, Jesus Cristo». O seu nome santo é invocado e venerado também nos cânones das tradições orientais cristãs. Por sua vez, os fiéis «recomendam a Maria, Mãe da Igreja, a sua existência e trabalho. Esforçando-se por ter os mesmos sentimentos que Maria, ajudam toda a comunidade a viver em oferta viva, agradável ao Pai». Ela é a *Tota Pulchra*, a Toda Formosa, porque n'Ele resplandece o fulgor da glória de Deus. A beleza da liturgia celeste, que deve refletir-se também nas nossas assembleias, encontra n'Ele um espelho fiel. D'Ele devemos aprender a tornar-nos pessoas eucarísticas e eclesiais para podermos também nós apresentar-nos, segundo a palavra de São Paulo, «imaculados» perante o Senhor, tal como Ele nos quis desde o princípio (Cl 1,22; Ef 1,4).

97. Por intercessão da bem-aventurada Virgem Maria, o Espírito Santo acenda em nós o mesmo ardor que experimentaram os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) e renove na nossa vida o enlevo eucarístico pelo esplendor e a beleza

que refulgem no rito litúrgico, sinal eficaz da própria beleza infinita do mistério santo de Deus. Os referidos discípulos levantaram-se e voltaram a toda a pressa para Jerusalém a fim de partilhar a alegria com os irmãos e irmãs na fé. Com efeito, a verdadeira alegria é reconhecer que o Senhor permanece no nosso meio, companheiro fiel do nosso caminho; a Eucaristia faz-nos descobrir que Cristo, morto e ressuscitado, Se manifesta como nosso contemporâneo no mistério da Igreja, seu corpo. Deste mistério de amor fomos feitos testemunhas. Os votos que reciprocamente formulamos sejam os de irmos cheios de alegria e maravilha ao encontro da santíssima Eucaristia, para experimentar e anunciar aos outros a verdade das palavras com que Jesus Se despediu dos seus discípulos: «Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28,20).

### ***Christífideles Laici, João Paulo II***

23. A missão salvífica da Igreja no mundo realiza-se, não só pelos ministros, que o são em virtude do sacramento da Ordem, mas também por todos os fiéis leigos: estes, com efeito, por força da sua condição batismal e da sua vocação específica, na medida própria e cada um, participam no *múnus* sacerdotal, profético e real de Cristo.

Por isso, os pastores devem reconhecer e promover os ofícios e as funções dos fiéis leigos, que têm o seu fundamento sacramental no Batismo e na Confirmação, bem como, para muitos deles, no Matrimónio.

E, quando a necessidade ou a utilidade da Igreja o pedir, os pastores podem, segundo as normas estabelecidas pelo direito universal, confiar aos fiéis leigos certos ofícios e certas funções que, embora ligadas ao seu próprio ministério de pastores, não exigem, contudo, o carácter da Ordem. O Código

de Direito Canónico escreve: «Onde as necessidades da Igreja o aconselharem, por falta de ministros, os leigos, mesmo que não sejam leitores ou acólitos, podem suprir alguns officios, como os de exercer o ministério da palavra, presidir às orações litúrgicas, conferir o Batismo e distribuir a Sagrada Comunhão, segundo as prescrições do direito». Todavia, o exercício de semelhante tarefa não transforma o fiel leigo em pastor: na realidade, o que constitui o ministério não é a tarefa, mas a ordenação sacramental. Só o sacramento da Ordem confere ao ministro ordenado uma peculiar participação no ofício de Cristo, Chefe e Pastor, e no Seu sacerdócio eterno. A tarefa que se exerce como suplente recebe a sua legitimidade, formalmente e imediatamente, da delegação oficial que lhe dão os pastores e, no seu exercício concreto, submete-se à direção da autoridade eclesiástica.

A recente Assembleia sinodal perspetivou um vasto e significativo panorama da situação eclesial acerca dos ministérios, officios e funções dos batizados. Os Padres manifestaram vivo apreço pelo notável contributo apostólico dos fiéis leigos, homens e mulheres, pelos seus carismas e por toda a sua ação em favor da evangelização, da santificação e da animação cristã das realidades temporais. Ao mesmo tempo, foi muito apreciado o seu serviço ordinário nas comunidades eclesiais e a sua generosa disponibilidade para a suplência em situações de emergência e de necessidades crónicas.

Na sequência da renovação litúrgica promovida pelo Concílio, os próprios fiéis leigos, tomando mais viva consciência das tarefas que lhes pertencem na assembleia litúrgica e na sua preparação, tornaram-se largamente disponíveis no seu desempenho: a celebração litúrgica, com efeito, é uma ação sagrada, não só do clero, mas de toda a assembleia. É, portanto, natural que as tarefas que não são exclusivas dos ministros ordenados sejam desempenhadas pelos fiéis leigos. Torna-se assim espontânea a passagem de um efetivo

envolvimento dos fiéis leigos na ação litúrgica para o anúncio da Palavra de Deus e para a cura pastoral.

### ***Catecismo da Igreja Católica***

1187. A liturgia é obra do Cristo total, cabeça e corpo. O nosso Sumo-Sacerdote celebra-a sem cessar na liturgia celeste, com a Santa Mãe de Deus, os Apóstolos, todos os santos e a multidão dos seres humanos que já entraram no Reino.

1188. Numa celebração litúrgica, toda a assembleia é «liturgia», cada qual segundo a sua função. O sacerdócio batismal é de todo o corpo de Cristo. Mas alguns fiéis são ordenados pelo sacramento da Ordem para representar Cristo como Cabeça do corpo.

1189. A celebração litúrgica comporta sinais e símbolos que se referem à criação (luz, água, fogo), à vida humana (lavar, tingir; partir o pão) e à história da salvação (ritos da Páscoa). Inseridos no mundo da fé e assumidos pela força do Espírito Santo, estes elementos cósmicos, estes ritos humanos, estes gestos memoriais de Deus, tornam-se portadores da ação salvadora e santificadora de Cristo.

1190. A liturgia da Palavra é parte integrante da celebração. O sentido da celebração é expresso pela Palavra de Deus que é anunciada e pelo compromisso da fé que lhe responde.

# Mensagem de Fátima

## *Memórias, Irmã Lúcia*

Começou a Missa cantada e à maneira que o momento se aproximava, o coração batia mais apressado, na expectativa da visita dum grande Deus que ia descer do Céu para Se unir à minha pobre alma. O Senhor Prior desceu por entre as filas a distribuir o Pão dos Anjos. Tive a sorte de ser a primeira. Quando o Sacerdote descia os degraus do altar, o coração parecia querer sair-me do peito. Mas logo que pousou em meus lábios a Hóstia Divina, senti uma serenidade e uma paz inalterável; senti que me invadia uma atmosfera tão sobrenatural, que a presença do nosso bom Deus se me tornava tão sensível, como se O visse e ouvisse com os sentidos corporais. Dirigiu-se então as minhas súplicas:

– Senhor, fazei-me uma santa, guardai o meu coração sempre puro, para Ti só.

Aqui, pareceu-me que o nosso bom Deus me disse, no fundo do meu coração, estas distintas palavras:

– A graça que hoje te é concedida permanecerá viva em tua alma, produzindo frutos de vida eterna.

Sentia-me de tal forma transformada em Deus!

Quando terminou a função religiosa, que era quase a uma hora da tarde, por os Sacerdotes de fora terem tardado em vir, e com o sermão e renovação das promessas do batismo, minha mãe foi, pois, buscar-me, aflita, julgando-me a cair de fraqueza. Mas eu sentia-me tão saciada com o Pão dos Anjos, que me foi impossível, por então, tomar alimento algum. Perdi, desde então, o gosto e atrativo que começava a sentir pelas coisas do mundo e só me sentia bem em algum lugar solitário, onde pudesse, só, recordar as delícias da minha primeira comunhão. (p. 72-73)

Em outra ocasião, levei-lhe uma estampa que tinha o sagrado cálix com uma hóstia. Pegou nele, beijou-o e, radiante de alegria, dizia:

– É Jesus escondido! Gosto tanto d’Ele! Quem me dera recebê-l’O na Igreja! No Céu não se comunga? Se lá se comungar, eu comungo todos os dias. Se o Anjo fosse ao hospital a levar-me outra vez a Sagrada Comunhão! Que contente que eu ficava!

Quando, às vezes, voltava da Igreja e entrava em sua casa, perguntava-me:

– Comungaste?

Se lhe dizia que sim:

– Chega-te aqui bem para junto de mim, que tens em teu coração a Jesus escondido. (p. 131)

## OUTUBRO

*«Quem perder a sua vida... salvá-la-á.» (Mc 8,35; cf. Lc 17,33; Jo 12,25)*

## Textos Bíblicos

Deus te humilhou e fez passar fome; depois, alimentou-te com esse maná, que nem tu nem teus pais conhecíeis, para te ensinar que nem só de pão vive o homem; de tudo o que sai da boca do Senhor é que o homem viverá. (Dt 8,3)

Booz disse-lhe: «Já me contaram tudo o que fizeste pela tua sogra, depois da morte do teu marido: como deixaste o teu pai, a tua mãe e a terra onde nasceste e vieste para um povo que há bem pouco nem conhecias. (Rt 2,11)

Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste, rejeitando o meu lamento, o meu grito de socorro? (*Sl* 22,2)

O sacrifício agradável a Deus é o espírito contrito; ó Deus, não desprezes um coração contrito e arrependido. (*Sl* 51,19)

Quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há de salvá-la. (*Mc* 8,35)

Se alguém vem ter comigo e não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo. (*Lc* 14,26-27)

Quem se ama a si mesmo, perde-se; quem se despreza a si mesmo, neste mundo, assegura para si a vida eterna. (*Jô* 12,25)

Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. (*Jô* 15,13)

A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum. (*Act* 4,32)

Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. (*Rm* 12,1)

Considero que tudo isso foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor: por causa dele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo. (*Fl* 3,8)

Foi na fé que todos eles morreram, sem terem obtido os bens prometidos, mas tendo-os somente visto e saudado de longe, confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. (*Heb* 11,13)

## Textos do Magistério

### *Gaudium et Spes*, Concílio Vaticano II

30. A profundidade e rapidez das transformações reclamam com maior urgência que ninguém se contente, por não atender à evolução das coisas ou por inércia, com uma ética puramente individualística. O dever de justiça e caridade cumpre-se cada vez mais com a contribuição de cada um em favor do bem comum, segundo as próprias possibilidades e as necessidades dos outros, promovendo instituições públicas ou privadas e ajudando as que servem para melhorar as condições de vida dos homens. Mas há pessoas que, fazendo profissão de ideias amplas e generosas, vivem sempre, no entanto, de tal modo como se nenhum caso fizessem das necessidades sociais. E até, em vários países, muitos desprezam as leis e prescrições sociais. Não poucos atrevem-se a eximir-se, com várias fraudes e enganos, aos impostos e outras obrigações sociais. Outros desprezam certas normas da vida social, como por exemplo as estabelecidas para defender a saúde ou para regularizar o trânsito de veículos, sem repararem que esse seu descuido põe em perigo a vida própria e alheia.

Todos tomem a peito considerar e respeitar as relações sociais como um dos principais deveres do homem de hoje. Com efeito, quanto mais o mundo se unifica, tanto mais as obrigações dos homens transcendem os grupos particulares e se estendem progressivamente a todo o mundo. O que só se poderá fazer se os indivíduos e grupos cultivarem em si mesmos e difundirem na sociedade as virtudes morais e sociais, de maneira a tornarem-se realmente, com o necessário auxílio da graça divina, homens novos e construtores duma humanidade nova.

31. Para que cada homem possa cumprir mais perfeitamente os seus deveres de consciência quer para consigo quer em relação aos vários grupos de que é membro, deve-se ter o cuidado de que todos recebam uma formação mais ampla, empregando-se para tal os consideráveis meios de que hoje dispõe a humanidade. Antes de mais, a educação dos jovens, de qualquer origem social, deve ser de tal maneira organizada que suscite homens e mulheres não apenas cultos mas também de forte personalidade, tão urgentemente exigidos pelo nosso tempo.

Mal poderá, contudo, o homem chegar a este sentido de responsabilidade, se as condições de vida lhe não permitirem tornar-se consciente da própria dignidade e responder à sua vocação, empenhando-se no serviço de Deus e dos outros homens. Ora a liberdade humana com frequência se debilita quando o homem cai em extrema miséria, e degrada-se quando ele, cedendo às demasiadas facilidades da vida, se fecha numa espécie de solidão dourada. Pelo contrário, ela robustece-se quando o homem aceita as inevitáveis dificuldades da vida social, assume as multiformes exigências da vida em comum e se empenha no serviço da comunidade humana.

Deve, por isso, estimular-se em todos a vontade de tomar parte nos empreendimentos comuns. E é de louvar o modo de agir das nações em que a maior parte dos cidadãos participa, com verdadeira liberdade, nos assuntos públicos. É preciso, porém, ter sempre em conta a. situação real de cada povo e o necessário vigor da autoridade pública. Mas para que todos os cidadãos se sintam inclinados a participar na vida dos vários grupos de que se forma o corpo social, é necessário que encontrem nesses grupos bens que os atraiam e os predisponham ao serviço dos outros. Podemos legitimamente pensar que o destino futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações vindouras razões de viver e de esperar.

### ***Gaudete in Domino, Paulo VI***

26. Esta alegria de permanecer no amor de Deus começa já aqui, a partir deste mundo. É a alegria do Reino de Deus. No entanto, ela é concedida enquanto se percorre ainda um caminho íngreme, caminhada que requer uma confiança total no Pai e no Filho e, ao mesmo tempo, uma preferência dada ao Reino. A mensagem de Jesus, que promete, antes de todas as outras alegrias, esta alegria exigente, não começa tal mensagem, precisamente, pelas bem-aventuranças? «Bem-aventurados vós, os que sois pobres, porque é vosso o Reino de Deus. Bem-aventurados vós, os que tendes agora fome, porque sereis saciados. Bem-aventurados vós, os que chorais agora, porque haveis de rir.» (Lc 6,20-21)

27. O próprio Cristo, misteriosamente, para desenraizar do coração do homem o pecado de autossuficiência, ao mesmo tempo que demonstra para com o Pai uma obediência filial sem divisão alguma, aceita morrer pela mão dos ímpios, morrer sobre uma cruz. No entanto, o Pai não consentiu que a morte o retivesse no seu poder. A ressurreição de Jesus é a chancela aposta pelo Pai sobre o valor do sacrifício do Seu Filho; é, para além disso, a prova da fidelidade do Pai, de acordo com o desejo expresso por Jesus antes da Sua paixão: «Pai [...] glorifica o Teu Filho, para que o Teu filho te glorifique a Ti.» (Jo 17,1) Daqui em diante, Jesus vive para sempre na glória do Pai, e foi por isso mesmo que os discípulos ficaram possuídos por uma grande alegria que não lhes pode ser arrebatada, ao verem o Senhor, na tarde do dia de Páscoa.

28. Assim, sucede que, neste mundo, a alegria do Reino tornado realidade não pode brotar senão da celebração conjunta da morte e da ressurreição do Senhor. É o aspeto paradoxal da condição cristã, que ilumina de maneira singular o da condição humana considerada em geral: nem as provações,

nem os sofrimentos são eliminados deste mundo; mas tais coisas assumem um sentido novo, sob a luz da certeza de que podem ser participação na redenção operada pelo Senhor e meio para vir a compartilhar a Sua glória. É por isso que o cristão, sujeito embora às dificuldades da existência comum, não se vê reduzido a ter de procurar o seu caminho como que às apalpadelas, nem a ver na morte o acabar das suas esperanças.

### ***Mulieris Dignitatem*, João Paulo II**

7. Penetrando com o pensamento no conjunto da descrição de *Gênesis* 2,18-25 e interpretando-a à luz da verdade sobre a imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn* 1,26-27), podemos compreender ainda mais plenamente em que consiste o caráter pessoal do ser humano, graças ao qual ambos – o homem e a mulher – são semelhantes a Deus. Cada homem, com efeito, é, à imagem de Deus enquanto criatura racional e livre, capaz de conhecê-lo e de amá-lo. Lemos também que o homem não pode existir «só» (cf. *Gn* 2,18); pode existir somente como «unidade dos dois», e portanto em relação a uma outra pessoa humana. Trata-se de uma relação recíproca: do homem para com a mulher e da mulher para com o homem. Ser pessoa à imagem e semelhança de Deus comporta, pois, também um existir em relação, em referência ao outro «eu». Isto preludia a definitiva auto revelação de Deus uno e trino: unidade viva na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

No início da Bíblia, não se ouve ainda dizer isto diretamente. Todo o Antigo Testamento é sobretudo a revelação da verdade sobre a unicidade e unidade de Deus. Nesta verdade fundamental sobre Deus o Novo Testamento introduzirá a revelação do mistério imperscrutável da vida íntima de Deus. Deus, que se dá a conhecer aos homens por meio de Cristo, é unidade na

Trindade: é unidade na comunhão. Desse modo lança-se uma nova luz também sobre a semelhança e imagem de Deus no homem, de que fala o Livro do Génesis. O facto de o homem, criado como homem e mulher, ser imagem de Deus não significa apenas que cada um deles, individualmente, é semelhante a Deus, enquanto ser racional e livre; significa também que o homem e a mulher, criados como «unidade dos dois» na comum humanidade, são chamados a viver uma comunhão de amor e, desse modo, a refletir no mundo a comunhão de amor que é própria de Deus, pela qual as três Pessoas se amam no íntimo mistério da única vida divina. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, um só Deus pela unidade da divindade, existem como pessoas pelas imperscrutáveis relações divinas. Somente assim se torna compreensível a verdade que Deus em si mesmo é amor (cf. *1Jo* 4,16).

A imagem e semelhança de Deus no homem, criado como homem e mulher pela analogia que se pode presumir entre o Criador e a criatura, exprime portanto também a «unidade dos dois» na comum humanidade. Esta «unidade dos dois», que é sinal da comunhão interpessoal, indica que na criação do homem foi inscrita também uma certa semelhança com a comunhão divina («communio»). Esta semelhança foi inscrita como qualidade do ser pessoal dos dois, do homem e da mulher, e, conjuntamente, como um chamamento e um empenho. Na imagem e semelhança de Deus que o género humano traz consigo desde o «princípio», radica-se o fundamento de todo o «ethos» humano: o Antigo e o Novo Testamento irão desenvolver esse «ethos», cujo vértice é o mandamento do amor.

Na «unidade dos dois», o homem e a mulher são chamados, desde o início, não só a existir «um ao lado do outro» ou «juntos», mas também a existir reciprocamente «um para outro».

Assim se explica também o significado daquele «auxiliar» de que se fala em *Gênesis* 2,18-25: «Dar-lhe-ei um auxiliar que lhe seja semelhante». O contexto bíblico permite entendê-lo também no sentido de que a mulher deve «auxiliar» o homem – e que este, por sua vez, deve ajudar a ela – em primeiro lugar por causa do seu idêntico «ser pessoa humana»: isto, em certo sentido, permite a ambos descobrirem sempre de novo e confirmarem o sentido integral da própria humanidade. É fácil compreender que – neste plano fundamental – se trata de um «auxiliar» de ambas as partes e de um «auxiliar» recíproco. Humanidade significa chamamento à comunhão interpessoal. O texto de *Gênesis* 2,18-25 indica que o matrimônio é a primeira e, num certo sentido, a fundamental dimensão deste chamamento. Não é, porém, a única. Toda a história do homem sobre a terra realiza-se no âmbito deste chamamento. Na base do princípio do recíproco ser «para» o outro, na «comunhão» interpessoal, desenvolve-se nesta história a integração na própria humanidade, querida por Deus, daquilo que é «masculino» e daquilo que é «feminino». Os textos bíblicos, começando pelo *Gênesis*, permitem-nos reencontrar constantemente o terreno no qual se enraíza a verdade sobre o homem, um terreno sólido e inviolável no meio de tantas transformações da existência humana.

Esta verdade refere-se também à história da salvação. A este respeito, um enunciado do Concílio Vaticano II é particularmente significativo. No capítulo sobre a «comunidade dos homens» da Constituição pastoral *Gaudium et Spes* lemos: «Quando o Senhor Jesus reza ao Pai que “todos sejam um... como nós somos um” (Jo 17,21-22), abre perspectivas inacessíveis à razão humana e sugere alguma semelhança entre a união das Pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. Esta semelhança manifesta que o homem, única criatura na terra que Deus quis por si mesma,

não pode encontrar-se plenamente senão por um dom sincero de si mesmo».

Com estas palavras o texto conciliar apresenta sinteticamente o conjunto da verdade sobre o homem e sobre a mulher – verdade que se delineia já nos primeiros capítulos do *Livro do Génesis* – como a própria estrutura que sustenta a antropologia bíblica e cristã. O homem – tanto homem como mulher – é o único ser entre as criaturas do mundo visível que Deus Criador «quis por si mesmo»: é portanto uma pessoa. O ser pessoa significa tender à própria realização (o texto conciliar diz «encontrar-se»), que não se pode alcançar «senão por um dom sincero de si mesmo». Modelo de tal interpretação da pessoa é Deus mesmo como Trindade, como comunhão de Pessoas. Dizer que o homem é criado à imagem e semelhança deste Deus quer dizer também que o homem é chamado a existir «para» os outros, a tornar-se um dom.

Isso diz respeito a todo ser humano, seja homem, seja mulher; estes o atuam na peculiaridade própria a cada um. No âmbito da presente meditação sobre a dignidade e a vocação da mulher, esta verdade sobre o ser humano constitui o ponto de partida indispensável. Já o *Livro do Génesis* permite entrever, como num primeiro esboço, este carácter esponsal da relação entre as pessoas, terreno sobre o qual se desenvolverá, a seguir, a verdade sobre a maternidade, como também sobre a virgindade, como duas dimensões particulares da vocação da mulher à luz da Revelação divina. Estas duas dimensões vão encontrar a sua expressão mais alta no advento da «plenitude dos tempos» (cf. *Gl* 4,4) na figura da «mulher» de Nazaré: Mãe-Virgem.

**Salvifici Doloris, João Paulo II**

26. Se é verdade que o primeiro grande capítulo do Evangelho do sofrimento vai sendo escrito ao longo das gerações, por aqueles que sofrem perseguições por Cristo, também é verdade que «*pari passu*» com ele um outro grande capítulo deste Evangelho do sofrimento se vai desenrolando ao longo da história. Escrevem-no todos aqueles que sofrem com Cristo, unindo os próprios sofrimentos humanos ao seu sofrimento salvífico. Neles se realiza aquilo que as primeiras testemunhas da Paixão e da Ressurreição disseram e escreveram acerca da participação nos sofrimentos de Cristo. Neles se realiza, por conseguinte, o Evangelho do sofrimento; e, ao mesmo tempo, cada um deles continua, de certo modo, a escrevê-lo: escreve-o e proclama-o ao mundo, anuncia-o no próprio ambiente e aos homens seus contemporâneos.

No decorrer dos séculos e das gerações, tem-se comprovado que no sofrimento se esconde uma força particular que aproxima interiormente o homem de Cristo, uma graça particular. A esta ficaram a dever a sua profunda conversão muitos Santos como, por exemplo, São Francisco de Assis, Santo Inácio de Loyola, etc. O fruto de semelhante conversão é não apenas o facto de que o homem descobre o sentido salvífico do sofrimento, mas sobretudo que no sofrimento ele se torna um homem totalmente novo. Encontra como que uma maneira nova para avaliar toda a sua vida e a própria vocação. Esta descoberta constitui uma confirmação particular da grandeza espiritual que no homem supera o corpo de um modo totalmente incomparável. Quando este corpo está gravemente doente, ou mesmo completamente inutilizado, e o homem se sente como que incapaz de viver e agir, é então que se põem mais em evidência a sua maturidade interior e grandeza

espiritual; e estas constituem uma lição comovedora para as pessoas sãs e normais.

Esta maturidade interior e grandeza espiritual no sofrimento são fruto, certamente, de uma particular conversão e cooperação com a graça do Redentor crucificado. É Ele próprio a agir, no mais vivo do sofrimento humano, por meio do seu Espírito de Verdade, do Espírito Consolador. É Ele que transforma, em certo sentido, a própria substância da vida espiritual, indicando à pessoa que está a sofrer um lugar perto de si. É Ele – como Mestre e Guia interior – que ensina ao irmão e à irmã que sofrem esta admirável permuta, que se situa no coração do mistério da Redenção. O sofrimento é, em si mesmo, experimentar o mal; mas Cristo fez dele a base mais sólida do bem definitivo, ou seja, do bem da salvação eterna. Com o seu sofrimento na Cruz, Cristo atingiu as próprias raízes do mal: as raízes do pecado e da morte. Ele venceu o autor do mal, que é Satanás com a sua permanente rebelião contra o Criador. Perante o irmão ou a irmã que sofrem, Cristo abre e descobre gradualmente os horizontes do reino de Deus: os horizontes de um mundo convertido ao Criador, de um mundo liberto do pecado, que se vai edificando, alicerçado no poder salvífico do amor. E, lenta mas eficazmente, Cristo introduz neste mundo, neste reino do Pai, o homem que sofre, através, em certo sentido, do coração do seu sofrimento. De facto, o sofrimento não pode ser transformado e mudado por uma graça que aja do exterior, mas sim por uma graça interior. Cristo, mediante o seu próprio sofrimento salvífico encontra-se bem dentro de cada sofrimento humano, e pode assim atuar a partir do interior do mesmo, pelo poder do seu Espírito de Verdade, do seu Espírito Consolador.

E não é tudo: o divino Redentor quer penetrar no ânimo de todas as pessoas que sofrem, através do coração da sua Mãe Santíssima, primícia e vértice de todos os redimidos.

Como que a prolongar aquela maternidade, que por obra do Espírito Santo lhe havia dado a vida, Cristo ao morrer conferiu à sempre Virgem Maria uma nova maternidade – espiritual e universal – em relação a todos os homens, a fim de que cada um deles, na peregrinação da fé, à semelhança e junto com Maria, lhe permanecesse intimamente unido até à Cruz; e assim, todo o sofrimento, regenerado pela virtude da Cruz, de fraqueza do homem se tornasse poder de Deus.

Entretanto, este processo interior não se realiza sempre da mesma maneira. Ele inicia-se e estabiliza-se, não raro, com dificuldade. O próprio ponto de partida já é diverso, pois é com disposições diferentes que o homem encara o estado de sofrimento. Pode-se todavia admitir que as pessoas quase sempre entram no sofrimento com uma queixa tipicamente humana e com a pergunta sobre o seu «porquê». Interrogam-se sobre o sentido do sofrimento e procuram uma resposta à pergunta no seu plano humano. Por certo, fazem muitas vezes esta pergunta também a Deus, e fazem-na igualmente a Cristo. Além disso, não podem deixar de se aperceber de que Aquele a quem fazem a sua pergunta também Ele sofre e quer responder-lhes da Cruz, do meio do seu próprio sofrimento. Contudo, por vezes é necessário tempo, muito tempo mesmo, para que esta resposta comece a ser percebida interiormente. Cristo, de facto, não responde diretamente e não responde de modo abstrato a esta pergunta humana sobre o sentido do sofrimento. O homem percebe a sua resposta salvífica à medida que se vai tornando ele próprio participante dos sofrimentos de Cristo.

A resposta que lhe chega mediante essa participação, ao longo da caminhada de encontro interior com o Mestre, é, por sua vez, algo mais do que a simples resposta abstrata à pergunta sobre o sentido do sofrimento. Tal resposta é, sobretudo, um apelo. É uma vocação. Cristo não explica

abstratamente as razões do sofrimento; mas, antes de mais nada, diz: «Segue-me!». Vem! Participa com o teu sofrimento nesta obra da salvação do mundo, que se realiza por meio do meu próprio sofrimento! Por meio da minha Cruz. À medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à Cruz de Cristo, vai-se-lhe manifestando mais o sentido salvífico do sofrimento. O homem não descobre este sentido ao seu nível humano, mas ao nível do sofrimento de Cristo. Ao mesmo tempo, porém, deste plano em que Cristo se situa, este sentido salvífico do sofrimento desce ao nível do homem, e torna-se, de algum modo, a sua resposta pessoal. E é então que o homem encontra no seu sofrimento a paz interior e mesmo a alegria espiritual.

### ***Catecismo da Igreja Católica***

606. O Filho de Deus, «descido do céu, não para fazer a sua vontade mas a do seu Pai, que O enviou», «diz, ao entrar no mundo: [...] Eis-me aqui, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade. [...] E em virtude dessa mesma vontade, é que nós fomos santificados, pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (*Heb* 10,5-10). Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu o plano divino de salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (*Jo* 4,34). O sacrifício de Jesus «pelos pecados do mundo inteiro» (*1Jo* 2,2) é a expressão da sua comunhão amorosa com o Pai: «O Pai ama-Me, porque Eu dou a minha vida» (*Jo* 10,17). «O mundo tem de saber que amo o Pai e procedo como o Pai Me ordenou» (*Jo* 14,31).

607. Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus. A sua paixão redentora

é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (Jo 12,27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» (Jo 18,11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» (Jo 19,30), diz: «Tenho sede» (Jo 19,28).

616. É o «amor até ao fim» que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos a todos no oferecimento da sua vida. «O amor de Cristo nos pressiona, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (2Cor 5,14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da pessoa divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor por todos.

617. «Sua sanctissima passione in ligno crucis nobis justificationem meruit – Pela sua santíssima paixão no madeiro da cruz, Ele mereceu-nos a justificação» – ensina o Concílio de Trento, sublinhando o carácter único do sacrifício de Cristo como fonte de salvação eterna. E a Igreja venera a Cruz cantando: «O crux, ave, spes unica! – Avé, ó cruz, esperança única!».

618. A cruz é o único sacrifício de Cristo, mediador único entre Deus e os homens. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem», «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido». Convida os discípulos a tomarem a sua cruz e a segui-Lo porque sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários. Isto realiza-se, em sumo grau,

em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor:

«Há uma só escada verdadeira fora do paraíso; fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu».

## Mensagem de Fátima

### *Memórias, Irmã Lúcia*

Vieram um dia falar-nos três cavalheiros. Depois do seu interrogatório, bem pouco agradável, despediram-se, dizendo:

– Vejam se se resolvem a dizer esse segredo, se não o Sr. Administrador está disposto a acabar-lhes com a vida. A Jacinta, deixando transparecer a alegria no rosto, diz:

– Mas que bom! Eu gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e assim vamos vê-l’Os breve.

Correndo o boato de que efetivamente o Administrador queria matar-nos, minha tia, casada nos Casais, veio a nossa casa com o intento de nos levar para sua casa, porque, dizia ela:

– Eu vivo em outro concelho e, por isso, este Administrador não vos pode lá ir buscar.

Mas o seu intento não se realizou, porque nós não quisemos ir e respondemos:

– Se nos matarem, é o mesmo; vamos para o Céu. (p. 94-95)

Chegou também o dia de [Jacinta] ir para o hospital, onde, na verdade, teve muito que sofrer. Quando a mãe a foi visitar, perguntou-lhe se queria alguma coisa. Disse-lhe que queria ver-me. Minha tia, ainda que com inúmeros sacrifícios, lá me levou, logo que pôde voltar. Logo que me viu, abraçou-me

com alegria e pediu à mãe que me deixasse ficar e fosse a fazer compras. Perguntei-lhe, então, se sofria muito.

– Sofro, sim; mas ofereço tudo pelos pecadores e para reparar o Imaculado Coração de Maria.

Depois falou com entusiasmo de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dizia:

– Gosto tanto de sofrer por Seu amor! Para dar-Lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores.

Esse tempo destinado para a visita passou rápido; e minha tia lá estava para me levar. Perguntou à sua filhinha se queria alguma coisa. Pediu para me trazer outra vez, quando voltasse a vê-la. E minha boa tia, que queria dar gosto à sua filhinha, lá me levou uma segunda vez. Encontrei-a com a mesma alegria por sofrer por amor de nosso bom Deus, do Imaculado Coração de Maria, pelos pecadores e pelo Santo Padre; era o seu ideal, era no que falava. (p. 60-61)





## DA PÁSCOA A OUTUBRO

|       |                                                                                                                 |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 07h30 | Missa,<br>na Basílica de Nossa Senhora do Rosário                                                               |
| 09h00 | Missa, na Capela da Morte de Jesus<br>Ao domingo,<br>na Basílica da Santíssima Trindade                         |
| 10h00 | Rosário, na Capelinha das Aparições,<br>ao sábado e domingo                                                     |
| 11h00 | Missa, na Basílica da Santíssima Trindade<br>Ao domingo, no Recinto de Oração,<br>seguida de Procissão do Adeus |
| 12h00 | Rosário, Capelinha das Aparições,<br>de segunda a sexta-feira                                                   |
| 12h30 | Missa, na Capelinha das Aparições<br>Ao domingo,<br>na Basílica da Santíssima Trindade                          |
| 14h00 | Hora de Reparação ao<br>Imaculado Coração de Maria,<br>na Capelinha das Aparições                               |
| 15h00 | Missa, na Capela da Morte de Jesus<br>Ao domingo,<br>na Basílica da Santíssima Trindade                         |

|       |                                                                                                            |
|-------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 16h00 | Rosário, na Capelinha das Aparições,<br>ao sábado e domingo                                                |
| 16h30 | Missa, na Capela da Morte de Jesus<br>Ao domingo, na Capelinha das Aparições                               |
| 17h00 | Saudação a Nossa Senhora,<br>na Capelinha das Aparições, ao sábado<br>(quando houver grupos inscritos)     |
| 17h30 | Procissão Eucarística,<br>no Recinto de Oração, ao domingo                                                 |
|       | Vésperas,<br>na Capela do Santíssimo Sacramento,<br>à quinta-feira                                         |
|       | Adoração comunitária,<br>na Capela do Santíssimo Sacramento,<br>à sexta-feira                              |
| 18h30 | Missa,<br>na Basílica de Nossa Senhora do Rosário<br>À quinta-feira,<br>na Capela do Santíssimo Sacramento |
|       | Rosário, na Capelinha das Aparições                                                                        |
| 21h30 | Rosário, na Capelinha das Aparições,<br>e Procissão das Velas;<br>à quinta-feira, Procissão Eucarística    |

**NOTA:**

Nos dias santos segue-se o programa de domingo. Nos feriados de 25 de abril, 1 de maio e 10 de junho segue-se o programa do correspondente dia da semana.

## 11 A 13 DE MAIO A OUTUBRO PEREGRINAÇÃO ANIVERSÁRIA

### DIA 11

18h30 – Missa dos peregrinos a pé,  
na Basílica de Nossa Senhora do Rosário;  
em maio, na Basílica da Santíssima Trindade.

### DIA 12

07h30 – Via-sacra, aos Valinhos,  
partindo da Capelinha das Aparições  
e terminando na Capela de Santo Estêvão,  
com a Eucaristia.

*Pede-se aos grupos que se abstenham de  
fazer via-sacra própria, entre as 07h30 e as  
09h00, para não perturbar a via-sacra oficial.*

— *Missas, em português, de manhã:*

07h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
09h00 – Capela da Morte de Jesus  
11h00 – Basílica da Santíssima Trindade  
12h30 – Capela da Morte de Jesus

— *Concelebrações em línguas estrangeiras,  
na Capelinha das Aparições:*

07h30 – alemão  
08h30 – inglês  
09h30 – francês  
10h30 – espanhol  
11h30 – neerlandês  
12h30 – italiano  
13h30 – polaco

- 14h00 – Encontro para guias de peregrinos a pé,  
na Casa de Retiros de Nossa Senhora das  
Dores (maio, agosto e outubro)
- 16h30 – Missa, com a participação dos doentes:  
em maio, agosto e outubro, no Recinto de  
Oração; em junho, julho e setembro, na  
Capelinha das Aparições
- 17h30 – Procissão Eucarística, no Recinto de Oração
- 18h30 – Início oficial da peregrinação,  
na Capelinha das Aparições
- 21h30 – Rosário, na Capelinha das Aparições,  
e Procissão das Velas
- 22h30 – Eucaristia, no Recinto de Oração

**NOTA:**

Em junho, por ser domingo:  
De manhã, segue-se  
o programa de domingo  
(não há celebrações em  
línguas estrangeiras);  
À tarde, segue-se  
o programa dos dias 12.  
Há Missa às 15h00, na Basílica  
da Santíssima Trindade

## DIA 13

### — Noite de Vigília:

- 00h00 às 02h00 – Adoração Eucarística,  
na Basílica de Nossa Senhora do Rosário
- 02h00 às 03h15 – Via-sacra, no Recinto de Oração
- 03h15 às 03h30 – Café (atrás da Capelinha das Aparições)
- 03h30 às 04h15 – Celebração Mariana,  
na Capelinha das Aparições
- 04h30 às 05h30 – Missa,  
na Basílica de Nossa Senhora do Rosário
- 05h30 às 07h00 – Adoração com Laudes do  
Santíssimo Sacramento,  
na Basílica de Nossa Senhora do Rosário
- 07h00 – Procissão Eucarística, no Recinto de Oração

### — Celebração final:

- 09h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições
- 10h00 – Procissão para o Altar do Recinto, Missa,  
Bênção dos Doentes e Procissão do Adeus,  
no Recinto de Oração

**NOTA:**

A partir das 15h00  
é retomado o programa  
oficial do dia da semana.  
A missa das 15h00 é celebrada  
pelas intenções dos  
benfeitores do Santuário.

## DE NOVEMBRO À PÁSCOA

|       |                                                                                                                                                            |
|-------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 07h30 | Missa,<br>na Basílica de Nossa Senhora do Rosário                                                                                                          |
| 09h00 | Missa, na Capela da Morte de Jesus<br>Ao domingo, na Basílica da Santíssima Trindade                                                                       |
| 10h00 | Rosário,<br>na Capelinha das Aparições, ao domingo                                                                                                         |
| 11h00 | Missa,<br>na Basílica de Nossa Senhora do Rosário<br>Ao sábado e domingo,<br>na Basílica da Santíssima Trindade<br>Dia 8 de dezembro, no Recinto de Oração |
| 12h00 | Rosário,<br>na Capelinha das Aparições,<br>de segunda-feira a sábado                                                                                       |
| 12h30 | Missa, na Capelinha das Aparições                                                                                                                          |
| 14h00 | Hora de Reparação ao Imaculado Coração de<br>Maria, na Capelinha das Aparições, ao sábado<br>e domingo (exceto domingos da Quaresma)                       |
|       | Via-sacra, na Quaresma: ao domingo, no<br>Recinto de Oração; à sexta-feira, na Colunata                                                                    |

|       |                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 15h00 | Missa, na Capela da Morte de Jesus<br>Ao domingo,<br>na Basílica da Santíssima Trindade                                                                                                                                               |
| 16h00 | Rosário,<br>na Capelinha das Aparições, ao domingo                                                                                                                                                                                    |
| 16h30 | Missa, na Capela da Morte de Jesus<br>Ao domingo,<br>na Basílica da Santíssima Trindade                                                                                                                                               |
| 17h30 | Vésperas,<br>na Basílica de Nossa Senhora do Rosário,<br>ao domingo; à quinta-feira,<br>na Capela do Santíssimo Sacramento                                                                                                            |
|       | Adoração comunitária,<br>na Capela do Santíssimo Sacramento,<br>à sexta-feira                                                                                                                                                         |
| 18h30 | Missa,<br>na Basílica de Nossa Senhora do Rosário.<br>À quinta-feira,<br>na Capela do Santíssimo Sacramento                                                                                                                           |
|       | Rosário, na Capelinha das Aparições                                                                                                                                                                                                   |
| 21h30 | Rosário, na Capelinha das Aparições<br>A Procissão das Velas faz-se diariamente até<br>ao início do Advento; do Advento à Páscoa, aos<br>sábados e dias 12. À quinta-feira, até ao início<br>do Advento, faz-se Procissão Eucarística |

**NOTA:**

Nos dias santos segue-se  
o programa de domingo.

## 12 E 13 DE NOVEMBRO A ABRIL PEREGRINAÇÃO MENSAL

### DIA 12

21h30 – Rosário, na Capelinha das Aparições,  
e Procissão das Velas

**NOTA:**

Não há Rosário às 12h00;  
a missa das 12h30 é celebrada  
na Capela da Morte de Jesus;

A missa das 15h00 é celebrada  
pelos benfeitores do Santuário.

### DIA 13

10h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições  
10h45 – Procissão  
11h00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade

## PRIMEIROS SÁBADOS

Os peregrinos podem aproveitar o programa oficial para esta devoção, pedida por Nossa Senhora, em Fátima, e que consiste no seguinte: confissão e comunhão com intenção reparadora, rosário e meditação dos mistérios durante 15 minutos.

Programa proposto pelo Santuário:

11h00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade  
14h00 – Hora de Reparação ao  
Imaculado Coração de Maria, na Capelinha  
15h00 – Meditação e adoração eucarística, na  
Basílica da Santíssima Trindade.

## UM DIA COM AS CRIANÇAS

No terceiro sábado de cada mês.

10h00 – Acolhimento e preparação para a celebração,  
na Capela da Ressurreição de Jesus  
11h00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade  
12h15 – Catequese sobre a Mensagem de Fátima  
13h00 – Almoço (livre)

- 14h30 – Preparação da Adoração, na Capela da Ressurreição de Jesus  
14h45 – Adoração Eucarística, na Capela da Ressurreição de Jesus  
15h30 – Despedida, na Capelinha das Aparições

Programa aberto à participação de todas as crianças;  
Os grupos devem inscrever-se no Serviço de Peregrinos.

NOTA:  
Em fevereiro,  
por ser a Festa dos Beatos  
Francisco e Jacinta Marto,  
segue-se o programa do  
'Dia dos Pastorinhos'

## PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA

Datas inscritas no calendário do Santuário

### — 1.º dia (terça-feira)

- 10h00 – Acolhimento,  
na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores  
15h00 – Filme  
16h00 – Reflexão  
17h00 – Sacramento da Reconciliação  
18h30 – Missa, na Capela dos Santos Anjos  
21h30 – Rosário e Procissão das Velas

### — 2.º dia (quarta-feira)

- 08h00 – Oração da manhã  
10h00 – Visita à Basílica da Santíssima Trindade  
12h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições  
12h30 – Missa, na Capelinha das Aparições  
13h30 – Almoço e despedida

## SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

Capela da Reconciliação:

Sábados e domingos: 07h30 às 19h30

Segunda a sexta-feira: 07h30 às 13h00 e 14h00 às 19h30

De maio a outubro, dias 12: 07h30 às 19h30 e 20h30 às 22h30;  
dias 13: 07h00 às 19h30.

## BENÇÃO DOS VEÍCULOS

No parque junto à Livraria do Santuário:

Domingos e dias santos, às 12h45 e às 17h00

Nota: Esta celebração **não se realiza** no dia 12 de junho, à tarde

## CELEBRAÇÃO DE BATISMOS E CASAMENTOS

Na Basílica de Nossa Senhora do Rosário

Batismos: domingo, às 11h30

Casamentos: sábado, às 12h00

## BODAS MATRIMONIAIS

No Santuário celebram-se bodas matrimoniais em todas as missas oficiais da semana, de segunda a sábado.

### **Exceções:**

- sábados, 11h00 e vespertinas (15h00, 16h30 e 18h30)
- dias santos e celebrações das peregrinações internacionais aniversárias.

Os casais que pretendam fazer a celebração no Santuário devem fazer a sua inscrição na sacristia, 15 minutos antes da celebração.

## CASA DO JOVEM

Acolhimento aos jovens, aos sábados e domingos dos meses de julho e agosto.

Horário: 09h00 às 12h30 e 14h30 às 19h00.

## PEREGRINOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

— *Programa oficial*

### **Da Páscoa a outubro:**

- 08h00 – Missa, em língua italiana,  
na Capelinha das Aparições,  
de segunda-feira e sábado
- 10h00 – Rosário Internacional,  
na Capelinha das Aparições,  
ao sábado e domingo
- 11h00 – Missa Internacional, no Recinto de Oração,  
ao domingo
- 15h30 – Missa, em língua inglesa,  
na Capelinha das Aparições,  
de segunda a sexta-feira
- 17h30 – Procissão Eucarística, no Recinto,  
ao domingo
- 19h15 – Missa, em língua espanhola, na  
Capelinha das Aparições
- 21h30 – Rosário Internacional,  
na Capelinha das Aparições,  
e Procissão das Velas;  
à quinta-feira, Procissão Eucarística

### **De novembro à Páscoa:**

- 10h00 – Rosário Internacional,  
na Capelinha das Aparições, ao domingo
- 11h00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade.
- 19h15 – Missa, em língua espanhola,  
na Capelinha das Aparições, ao sábado.

21h30 – Rosário Internacional,  
na Capelinha das Aparições.  
A Procissão das Velas faz-se diariamente  
até ao início do Advento (à quinta-feira,  
Procissão Eucarística) e aos sábados  
e dias 12, do Advento à Páscoa.

## **CONFISSÕES:**

O Santuário coloca confessores à disposição dos peregrinos sempre que possível, de vários idiomas, sobretudo desde a Páscoa até outubro. Os horários de confissões são publicados na Capela da Reconciliação.

## **FILMES**

Os filmes a seguir listados são exibidos gratuitamente na sala de projeções situada na Colunata Norte, atrás da Azinheira Grande. A capacidade máxima da sala é de 55 lugares. Para grupos maiores, dependerá da disponibilidade de salas. Reservas: Posto de Informações do Santuário ([info@fatima.pt](mailto:info@fatima.pt)).

### ***Aparição***

História das aparições segundo a descrição da Irmã Lúcia nas suas memórias.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 90 minutos.

### ***Fátima, experiência de fé***

Documentário sobre as aparições e a mensagem de Fátima.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, polaco, holandês, russo, húngaro, chinês e árabe.

Duração: 40 minutos.

Horários oficiais, de 16 de julho a 31 de agosto:

(segunda a sexta-feira, exceto dia 12, 13 e 15 de agosto)

10h00 – italiano (segunda a sexta-feira)

11h00 – francês (segunda a sexta-feira)

12h00 – inglês (segunda a sexta-feira)

15h00 – português

16h00 – polaco

17h00 – espanhol

### ***Fátima e o mundo – episódios I e II***

Documentário.

Disponível em português, espanhol, inglês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 51 minutos cada episódio.

### ***O dia em que o sol bailou***

História das aparições em desenhos animados; especialmente dirigido a crianças.

Disponível em português.

Duração: 35 minutos.

### ***Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente***

Documentário sobre as aparições do Anjo.

Disponível em português.

Duração: 25 minutos.

### ***Todo teu, todo nosso – João Paulo II, peregrino e apóstolo de Fátima***

Documentário sobre o Papa João Paulo II e sua relação com Fátima.

Disponível em português.

Duração: 15 minutos.

***Quereis oferecer-vos a Deus?***

Documentário sobre a primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos.

Disponível em português.

Duração: 25 minutos.

***Os Três Pastorinhos de Fátima***

Documentário sobre os videntes Lúcia, Francisco e Jacinta.

Disponível em português, espanhol, italiano e inglês.

Duração: 51 minutos.

***Fátima e os Papas***

Documentário que aborda a ligação dos Papas à Mensagem de Fátima, desde Bento XV até Bento XVI.

Disponível em português, espanhol, italiano e inglês.

Duração: 51 minutos.

**VISITAS GUIADAS**

A Secção de Informações orienta visitas guiadas gratuitas a grupos que não tenham guia, em várias línguas, mediante marcação (reservas: [info@fatima.pt](mailto:info@fatima.pt)).

## **LUGARES A VISITAR:**

### **Casas dos Pastorinhos**

1 de maio a 31 de outubro: 09h00 às 13h00 e 14h30 às 18h30;

1 de novembro a 30 de abril: 09h00 às 13h00 e 14h00 às 18h00.

Entrada livre.

### **Casa-Museu de Aljustrel**

(encerra à segunda-feira)

1 de maio a 31 de outubro: 09h00 às 13h00 e 14h30 às 18h30;

1 de novembro a 30 de abril: 09h00 às 13h00 e 14h00 às 18h00.

### **Exposição permanente “Fátima Luz e Paz”**

(encerra à segunda-feira e dias 13 de manhã, de maio a outubro)

Terça-feira a sábado: 09h00 às 12h00 e 14h30 às 17h30;

Domingos, dias santos e feriados: 09h00 às 12h00 e 14h30 às 16h30.

### **Exposição temporária evocativa**

#### **da aparição de setembro de 1917**

#### ***Terra e Céu: peregrinos e santos de Fátima***

*Convivium* de Santo Agostinho,

no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade

28 de novembro de 2015 a 31 de outubro de 2016.

Segunda-feira a domingo: 09h00 às 19h00.

Entrada livre.







## NOVEMBRO 2015

**28** *Sáb* **Missa Votiva de Santa Maria, Templo do Senhor**  
1Reis 8,1.3-7.9-11; Sl 1,26-38 (Lec VSM 109; Missal VSM 122)  
Jornada de Apresentação do tema do Ano Pastoral de 2015-2016  
Abertura da exposição temporária evocativa da aparição de setembro de 1917 – *Terra e Céu: peregrinos e santos de Fátima*

**29** *Dom* **I do Advento**  
Início do Ano Pastoral de 2015-2016

**30** *Seg* **S. André – FESTA**

## DEZEMBRO 2015

**01** *Ter*

**02** *Qua*

**03** *Qui* **S. Francisco Xavier – MO**

**04** *Sex*

**05** *Sáb* **S. Frutuoso, S. Martinho de Dume e S. Geraldo – MO**  
Primeiro Sábado (pág. 412)  
21h30 – Rosário e Procissão das Velas

**06** *Dom* **II do Advento**  
Reunião mensal dos Acolitos do Santuário de Fátima  
Visita da Imagem Peregrina à Diocese do Algarve  
(6 a 20 de dezembro - 24 a 1 de janeiro)

**07** *Seg* **S. Ambrósio – MO**  
De tarde: missa vespertina da  
Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria  
21h30 – Vigília da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 08 | Ter | <b>Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE</b><br>Abertura da Porta Santa da Misericórdia<br>Programa dos domingos<br>11h00 – Missa, no Recinto de Oração                                                                                                                                                                                            |
| 09 | Qua | Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima<br><i>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</i>                                                                                                                                                                                                                                |
| 10 | Qui | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 11 | Sex | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 12 | Sáb | <b>Missa Votiva da Virgem Maria, Filha Eleita de Israel</b><br>Gen 12,1-7; Mt 1,1-17 (Lec VSM 23; Missal VSM 33)<br>21h30 – Rosário e Procissão das Velas<br><i>Peregrinação de Autocaravanistas</i>                                                                                                                                                                |
| 13 | Dom | Peregrinação Mensal (pág. 412)<br><b>III do Advento</b><br>Bênção das imagens do Menino Jesus, na Missa das 11h00<br>16h00 – Salão da Casa de Retiros de Nossa Senhora das<br>Dores – 1.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>O meu espírito<br/>           alegra-se em Deus, meu Salvador</i> , João Duarte Lourenço<br><i>Encontro da Comunidade Canção Nova</i> |
| 14 | Seg | <b>S. João da Cruz – MO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 15 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 16 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 17 | Qui | Reunião do Conselho de Capelães – COCA<br>Encontro do Reitor com as Comunidades Religiosas de Fátima                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 18 | Sex |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 19 | Sáb | “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)<br><b>Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b><br>1Sam 3,1.3-10; Mt 18,1-5<br>21h30 – Rosário e Procissão das Velas                                                                                                                                                                                            |
| 20 | Dom | <b>IV do Advento</b><br>Festa de Natal dos Funcionários e Voluntários do Santuário de Fátima<br>Concerto de Natal                                                                                                                                                                                                                                                   |

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|----|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 21 | Seg |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 22 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 23 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 24 | Qui | <b>Vigília do Natal do Senhor</b><br>23h00 – Missa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo,<br>na Basílica da Santíssima Trindade<br>Neste dia não há rosário às 21h30<br>Visita da Imagem Peregrina à Diocese do Algarve<br>(24 a 1 de janeiro, continuação da visita)                                                                                 |
| 25 | Sex | <b>Natal do Senhor – SOLENIDADE</b><br>Programa dos domingos<br>Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus<br>Ofertório para os pobres<br>No rosário, durante a oitava do Natal, meditam-se os Mistérios Gozosos                                                                                                                                |
| 26 | Sáb | <b>Oitava do Natal</b><br><b>S. Estêvão – FESTA</b><br>21h30 – Rosário e Procissão das Velas                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 27 | Dom | <b>Oitava do Natal</b><br><b>Sagrada Família de Jesus, Maria e José – FESTA</b><br>Consagração das Famílias                                                                                                                                                                                                                                                |
| 28 | Seg | <b>Oitava do Natal</b><br><b>Santos Inocentes – FESTA</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 29 | Ter | <b>Oitava do Natal</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 30 | Qua | <b>Oitava do Natal</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 31 | Qui | <b>Oitava do Natal</b><br>Vigília de Oração e Convívio de Fim de Ano<br>22h00 – Missa de Ação de Graças, na Basílica da Santíssima Trindade<br>A seguir, procissão para a Capelinha e recitação do rosário<br>00h00 – Toque do carrilhão, consagração ao<br>Imaculado Coração de Maria e gesto da Paz<br>Chá-convívio<br>Neste dia não há rosário às 21h30 |

## JANEIRO 2016

- |       |            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01    | <i>Sex</i> | <b>Santa Maria, Mãe de Deus</b> – SOLENIDADE<br>XLIX Dia Mundial da Paz<br>Programa dos domingos<br>Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus (exceto 15h00)<br>Ofertório para os pobres (exceto 15h00)<br>Após a missa das 15h00, Procissão Eucarística pela Paz no mundo,<br>para o Altar do Recinto, no 56.º aniversário do Lausperene<br>Neste dia não há rosário, às 16h00, nem vésperas |
| <hr/> |            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 02    | <i>Sáb</i> | Primeiro Sábado (pág. 412)<br><b>SS. Basílio Magno e Gregório de Nazianzo</b> – MO<br>21h30 – Rosário e Procissão das Velas                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <hr/> |            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 03    | <i>Dom</i> | <b>Epifania do Senhor</b> – SOLENIDADE<br>Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Santarém (3-17)                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 04    | <i>Seg</i> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 05    | <i>Ter</i> | Encontro dos Padres Colaboradores do Rosário das 18h30                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 06    | <i>Qua</i> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 07    | <i>Qui</i> | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS<br>Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Angra do<br>Heroísmo (7 de janeiro -28 de fevereiro)                                                                                                                                                                                                                                |
| <hr/> |            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 08    | <i>Sex</i> | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC<br>Curso sobre a Mensagem de Fátima – 9.ª edição (8-10), na<br>Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo<br>Retiro para Mensageiros Reparadores do Movimento<br>da Mensagem de Fátima (8-10)                                                                                                                                   |
| <hr/> |            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 09    | <i>Sáb</i> | <b>Missa Votiva de Nossa Senhora de Nazaré</b><br>Gal 4, 4-7; Lc 2, 22.39-40 (Lec VSM 49; Missal VSM 59)<br>21h30 – Rosário e Procissão das Velas<br>Encontro das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena                                                                                                                                                                                             |

- 10 Dom **Batismo do Senhor – FESTA**  
16h00 – Salão da Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores – 2.ª Conferência sobre o tema do ano: *Em Vós está a fonte da vida*, Pedro Valinho Gomes  
Reunião de Pais e Encarregados de Educação dos Acólitos do Santuário de Fátima  
*Peregrinação Corrida dos Reis*
- 11 Seg Encontro da Associação de Reitores de Santuários de Portugal (11-12)
- 12 Ter 21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
*Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa*
- 13 Qua Peregrinação Mensal (pág. 412)  
**Missa Votiva da Virgem Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia II**  
Ef 2,4-10; Lc 2,39-55 (Lec VSM 175; Missal VSM 186)
- 14 Qui Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS  
Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
- 15 Sex
- 16 Sáb “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)  
**Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto**  
1Sam 3,1.3-10; Mt 18,1-5  
21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
Conselho Pastoral da Diocese de Leiria-Fátima  
*Encontro de Responsáveis dos Retiros de Doentes do*  
*Movimento da Mensagem de Fátima*
- 17 Dom **II do Tempo Comum**  
Aniversário da restauração da Diocese de Leiria-Fátima  
Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Lisboa (17 de janeiro - 7 de fevereiro)
- 18 Seg Início do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos  
Formação Permanente do Clero da Diocese de Leiria-Fátima (1.ª turno) (18-22)
- 19 Ter Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos  
Jubileu dos Reitores de Santuários e Responsáveis de Peregrinações (Vaticano) (19-21)
- 20 Qua Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos  
*Acton Institute – Grupo de Bispos Católicos*

## VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|----|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 21 | Qui | <b>S. Inês – MO</b><br>Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos<br>Encontro do Coordinamento Nazionale Pellegrinaggi Italiani – CNPI (Roma) (21-22)<br>Jornadas da Association des Oeuvres Mariales – AOM (Paris) (21-22)                                                                                             |
| 22 | Sex | Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 23 | Sáb | <b>Missa Votiva da Virgem Santa Maria, Mãe da Unidade</b><br>1Tim 2,5-8; Jo 11,45-52 (Lec VSM 167; Missal VSM 182)<br>Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos<br>21h30 – Rosário e Procissão das Velas<br>Encontro da Família Salesiana<br>Encontro das Instituições e Guias que dão Assistência aos Peregrinos a Pé |
| 24 | Dom | <b>III do Tempo Comum</b><br>Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos<br>Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima                                                                                                                                                                         |
| 25 | Seg | <b>Conversão de S. Paulo – FESTA</b><br>Encerramento do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos<br>Congresso da Association des Recteurs de Sanctuaires – ARS (Le Puy-en-Velay, França) (25-27)<br>Formação Permanente do Clero da Diocese de Leiria-Fátima (2.º turno) (25-29)                                      |
| 26 | Ter | <b>S. Timóteo e S. Tito – MO</b><br>2Tim 1,1-8; Lc 10,1-9                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 27 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 28 | Qui | <b>S. Tomás de Aquino – MO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 29 | Sex | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC<br>XI Encontro de Responsáveis da Pastoral das Vocações – CIRP (29-31)<br>Encontro da Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima (29-31)<br>Retiro para Mensageiros do Movimento da Mensagem de Fátima (29-31)                           |
| 30 | Sáb | <b>Missa Votiva de Santa Maria, a Nova Mulher</b><br>Ap 21,1-5a; Lc 1,26-38 (Lec VSM 98; Missal VSM 110)<br>21h30 – Rosário e Procissão das Velas<br>Encontro do Secretariado Nacional Alpha                                                                                                                               |
| 31 | Dom | <b>IV do Tempo Comum</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

## FEVEREIRO 2016

- 01 *Seg* Curso sobre a Mensagem de Fátima, para os funcionários do Santuário de Fátima, 1.º turno (1-5)
- 02 *Ter* **Apresentação do Senhor** – FESTA  
Dia do Consagrado  
11h00 – Procissão, bênção das velas e Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, com renovação dos votos dos consagrados  
No rosário meditam-se os Mistérios Gozosos
- 03 *Qua*
- 04 *Qui* **S. João de Brito** – MO  
2Cor 4,7-15; Mc 6,7-17 (Lec VII 468, 95)  
Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS  
Encontro de Hoteleiros de Fátima
- 05 *Sex* **S. Águeda** – MO  
Retiro para Mensageiros Reparadores do Movimento da Mensagem de Fátima (5-7)
- 06 *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 412)  
**SS. Paulo Miki e Companheiros** – MO  
21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
**Apostolado de la Oración – España (6-9)**  
XXXI Semana de Estudos sobre a Vida Consagrada (6-9)
- 07 *Dom* **V do Tempo Comum**  
Ofertório para a Universidade Católica Portuguesa  
Reunião mensal dos Acolitos do Santuário de Fátima  
**Peregrinação dos Consagrados | Encerramento do Ano da Vida Consagrada**
- 08 *Seg* Atividade de Inverno, na Serra da Estrela – Acolitos do Santuário de Fátima
- 09 *Ter* Carnaval  
Passeio dos Capelães do Santuário de Fátima

- 
- 10**    *Qua*    **Quarta-feira de Cinzas**  
 Dia de jejum e abstinência  
 Início da Quaresma  
 Programa:  
 07h30 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 08h15 – Laudes, na Capela do Santíssimo Sacramento  
 09h00 – Missa, na Capela da Morte de Jesus  
 10h15 – Adoração comunitária – Hora Intermédia, na Capela do Santíssimo Sacramento  
 11h00 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 12h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições  
 12h30 – Missa, na Capelinha das Aparições  
 13h30 – Adoração individual, na Capela do Santíssimo Sacramento  
 14h00 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento  
 15h00 – Missa, na Capela da Morte de Jesus  
 16h00 – Adoração individual, na Capela do Santíssimo Sacramento  
 16h30 – Missa, na Capela da Morte de Jesus  
 17h30 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento  
 18h30 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 18h30 – Rosário, na Capelinha das Aparições  
 21h30 – Rosário, na Capelinha das Aparições  
 22h15 – Adoração comunitária com Meditação sobre a Quaresma, na Capela do Santíssimo Sacramento
- 
- 11**    *Qui*    **Nossa Senhora de Lourdes – MO**  
 Is 66,10-14c; Jo 2,1-11 (Lec VII 104, 448)  
 Dia Mundial do Doente (Programa próprio)  
 15.º aniversário da Ordenação Episcopal de D. António Marto
- 
- 12**    *Sex*    14h00 – Via-sacra, na Colunata  
 21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
 Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
- 
- 13**    *Sáb*    Peregrinação Mensal (pág. 412)  
**Missa Votiva de Santa Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia I**  
 Est 4,17 n.p-r.aa-bb.hh-kk; Jo 2,1-11; (Lec VSM 172; Missal VSM 186)  
 21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
 11.º Aniversário do Falecimento da Irmã Lúcia  
 Visita da Imagem Peregrina à Diocese do Funchal  
 (13 fevereiro – 6 março)
-

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|----|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 14 | Dom | <b>I da Quaresma</b><br>14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração<br>16h00 – Salão da Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores – 3.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>Alegrai-vos no Senhor</i> , Alexandre Palma<br>Retiro dos Funcionários do Santuário de Fátima (1.º turno) (14-17)                                                            |
| 15 | Seg | Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa<br>Retiro da Conferência Episcopal Portuguesa (15-19)<br>Retiro do Clero do Patriarcado (15-19)                                                                                                                                                                                    |
| 16 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 17 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 18 | Qui | Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”<br>Encontro de Guias-Intérpretes (18-19)                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 19 | Sex | 14h00 – Via-sacra, na Colunata<br>21h30 – Vigília da Festa Litúrgica dos Beatos Francisco e Jacinta Marto                                                                                                                                                                                                                                             |
| 20 | Sáb | <b>Beatos Francisco e Jacinta Marto – FESTA</b><br>1Sam 3,1.3-10; Mt 18,1-5<br>Dia dos Pastorinhos – Programa próprio<br>21h00 – II Concerto Evocativo dos Três Pastorinhos de Fátima, Igreja Paroquial de Fátima<br>21h30 – Rosário e Procissão das Velas<br>96.º aniversário do falecimento da Beata Jacinta Marto<br>Encontro de Escolas Católicas |
| 21 | Dom | <b>II da Quaresma</b><br>14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 22 | Seg | <b>Cadeira de S. Pedro – FESTA</b><br>Curso sobre a Mensagem de Fátima, para os funcionários do Santuário de Fátima, 2.º turno (22-26)                                                                                                                                                                                                                |
| 23 | Ter | Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 24 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 25 | Qui | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 26 | Sex | 14h00 – Via-sacra, na Colunata<br>Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC                                                                                                                                                                                                                                          |

- 27 *Sáb* 21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários  
da Comunhão do Santuário de Fátima  
Encontro da Comunidade da Canção Nova (27-28)
- 28 *Dom* **III da Quaresma**  
Ofertório para a Cáritas Portuguesa  
14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração  
Retiro dos Funcionários do Santuário de Fátima (2.º turno) (28-2)

29 *Seg*

## MARÇO 2016

- 01 *Ter*
- 02 *Qua*
- 03 *Qui*
- 04 *Sex* 14h00 – Via-sacra, na Colunata  
Retiro da Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima (4-6)  
Encontro do Setor das Crianças do Movimento da Mensagem de Fátima (4-6)
- 05 *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 412)  
21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
Encontro do Grupo da Imaculada
- 06 *Dom* **IV da Quaresma**  
14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração  
Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
- 07 *Seg*
- 08 *Ter* Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
- 09 *Qua*
- 10 *Qui* Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima – COPA  
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento  
da Mensagem de Fátima (10-13)

- 
- 11 *Sex* 106.º Aniversário do Nascimento da Beata Jacinta Marto  
14h00 – Via-sacra, na Colunata  
Reunião com os Padres Colaboradores das Vigílias das  
Peregrinações Aniversárias de 12-13 de maio a outubro
- 
- 12 *Sáb* 21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
Reunião geral dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima
- 
- 13 *Dom* Peregrinação Mensal  
**V da Quaresma**  
14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração  
16h00 – Salão da Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores – 4.ª Conferência  
sobre o tema do ano: *Alegremo-nos e façamos festa*, Luís Manuel Pereira da Silva  
4.º Aniversário da Eleição do Papa Francisco  
**Peregrinação Diocesana de Leiria-Fátima**
- 
- 14 *Seg*
- 
- 15 *Ter* Jornada Interescolas dos Alunos de Educação Moral e Religiosa Católica  
dos 2.º e 3.º Ciclos da Diocese de Lisboa
- 
- 16 *Qua*
- 
- 17 *Qui* Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA  
Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
- 
- 18 *Sex* À tarde: missa vespertina da Solenidade de S. José, Esposo da Virgem Santa Maria  
14h00 – Via-sacra, na Colunata  
Reunião com os Padres Comentadores das Peregrinações  
Aniversárias de 12-13 de maio a outubro
- 
- 19 *Sáb* “Um Dia com as Crianças” (pág. 412)  
**S. José, Esposo da Virgem Santa Maria** – SOLENIDADE  
4.º Aniversário da Solene Inauguração do Pontificado do Papa Francisco  
21h30 – Rosário e Procissão das Velas
-

- 20 *Dom* **Ramos na Paixão do Senhor**  
 Semana Santa  
 Dia Mundial da Juventude  
 10h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições  
 11h00 – Bênção dos ramos, procissão e Missa, no Recinto de Oração  
 14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração  
 17h30 – Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 Faz-se a bênção dos ramos em todas as missas, incluindo as vespertinas  
 15h30 – Inauguração do Órgão de Tubos da  
 Basílica de Nossa Senhora do Rosário – Concerto Inaugural  
 No rosário, durante a Semana Santa, meditam-se os Mistérios Dolorosos
- 21 *Seg* **Evocação das Aparições do Anjo**  
 21h30 – Rosário e Procissão aos locais das aparições do Anjo
- 22 *Ter* **109.º Aniversário do Nascimento da Irmã Lúcia**  
 Mural dos Pastorinhos (22-24)
- 23 *Qua*
- 24 *Qui* **Quinta-feira da Semana Santa**  
 09h00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 18h00 – Missa vespertina da Ceia do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade  
 23h00 – Oração comunitária, na Capela da Morte de Jesus: Agonia de Jesus  
 Ofertório para os pobres
- 25 *Sex* **Sexta-feira da Paixão do Senhor**  
 00h00 – 03h00 – Via-sacra aos Valinhos, com início na Capelinha das Aparições  
 09h00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 15h00 – Celebração da Paixão do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade  
 21h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração  
 Ofertório para os Lugares Santos de Jerusalém
- 26 *Sáb* **Sábado Santo**  
 09h00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 12h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições  
 15h00 – Oração a Nossa Senhora da Soledade, na Capelinha das Aparições  
 17h30 – Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 22h00 – Vigília Pascal, na Basílica da Santíssima Trindade, seguida de  
 Procissão Eucarística para a Capela da Santíssimo Sacramento

- 
- 27 Dom** **Páscoa da Ressurreição do Senhor – SOLENIDADE**  
 Início do programa de Verão  
 Programa dos domingos:  
 10h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições  
 11h00 – Missa, no Recinto de Oração  
 17h30 – Procissão Eucarística, no Recinto de Oração  
 Diariamente: 21h30 – Rosário e Procissão das Velas  
 No rosário, durante a oitava da Páscoa, meditam-se os Mistérios Gloriosos
- 
- 28 Seg** **Oitava da Páscoa**  
 Início da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria  
 Reunião sobre a Hora de Reparação, com as Religiosas de Fátima
- 
- 29 Ter** **Oitava da Páscoa**
- 
- 30 Qua** **Oitava da Páscoa**
- 
- 31 Qui** **Oitava da Páscoa**  
 Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS  
 Congresso da Misericórdia (31-3)
- 

## ABRIL 2016

- 
- 01 Sex** **Oitava da Páscoa**  
 Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC  
 Oficinas Musicais Criativas, 1.ª edição (3-5 anos)
- 
- 02 Sáb** **Oitava da Páscoa**  
 Primeiro Sábado (pág. 412)  
 Pessoal das Telecomunicações (2-3)  
 Adoración Nocturna – España (2-4)
- 
- 03 Dom** **II da Páscoa ou da Divina Misericórdia**  
 Ouvir Fátima: *Tropário para uma pastora de ovelhas mansas*, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
 Encontro da Comunidade Canção Nova
- 
- 04 Seg** **Anunciação do Senhor – SOLENIDADE (transferida)**  
 97.º Aniversário do Falecimento do Beato Francisco Marto  
 Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (4-7)
-

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 05 | Ter | Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 06 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 07 | Qui | S. João Baptista de la Salle – MO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 08 | Sex |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 09 | Sáb | <b>Missa Votiva de Santa Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia I</b><br>Est 4,17 n.p-r.aa-bb.hh-kk ; Jo 2,1-11; (Lec VSM 172; Missal VSM 186)<br><i>Irmãs Doroteias – Colégios e Escolas</i><br><i>Amigos do Verbo Divino (9-10)</i>                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 10 | Dom | <b>III da Páscoa</b><br>Início da LIII Semana de Oração pelas Vocações Consagradas<br>16h00 – Salão da Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores – 5.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>Quem perder a sua vida... salvá-la-á</i> , Manuel Morujão<br>Reunião mensal dos Acolitos do Santuário de Fátima<br><i>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima (10-13)</i><br>Visita da Imagem Peregrina à Diocese do Porto (10 de abril a 1 de maio) |
| 11 | Seg | S. Estanislau – MO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 12 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 13 | Qua | Peregrinação mensal (pág. 412)<br><b>Missas Votivas da Virgem Maria na Ressurreição do Senhor</b><br>Ap 21,1-5a; Is 62; Mt 28,1-10 (Lec VSM 79; Missal VSM 92)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 14 | Qui | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS<br>Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 15 | Sex |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 16 | Sáb | “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)<br><b>Missas Votivas dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b><br>1Sam 3,1.3-10; Mt 18,1-5<br>Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima<br><i>Sociedade de S. Vicente de Paulo (16-17)</i><br><i>Movimento Fé e Luz (16-17)</i>                                                                                                                                                             |

|    |     |                                                                                                                                                                                                |
|----|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 17 | Dom | <b>IV da Páscoa</b><br>Domingo do Bom Pastor<br>Dia Mundial de Oração pelas Vocações<br>Família Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição                                                |
| 18 | Seg | Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima (18-21)                                                                                                             |
| 19 | Ter |                                                                                                                                                                                                |
| 20 | Qua |                                                                                                                                                                                                |
| 21 | Qui |                                                                                                                                                                                                |
| 22 | Sex | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC                                                                                                                     |
| 23 | Sáb | <b>Missa Votiva da Virgem Maria, Fonte da Luz e da Vida</b><br>Atos 2,14a.36-40a.41-42; Jo 12,44-50 (Lec VSM 82; Missal VSM 94)<br>Movimento Esperança e Vida (23-24)                          |
| 24 | Dom | <b>V da Páscoa</b><br>Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima                                                                                                     |
| 25 | Seg | <b>S. Marcos – FESTA</b><br>Feriado Nacional<br>VIII Encontro de Coros Infantis, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário<br>Peregrinação dos Combatentes                                       |
| 26 | Ter |                                                                                                                                                                                                |
| 27 | Qua |                                                                                                                                                                                                |
| 28 | Qui | <b>S. Luís Maria Grignion de Montfort – MO</b><br>Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS                                                                   |
| 29 | Sex | <b>S. Catarina de Sena – FESTA</b>                                                                                                                                                             |
| 30 | Sáb | <b>Missa Votiva de Nossa Senhora do Cenáculo</b><br>Atos 1,6-14; Lc 8,19-21 (Lec VSM 86; Missal VSM 98)<br>Grupo Oração das Mães<br>Peregrinação dos Acólitos<br>Encontro de Colégios Maristas |

## MAIO 2016

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|----|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01 | Dom | <b>VI da Páscoa</b><br>Dia da Mãe<br>Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Leiria-Fátima (1-13)                                                                                                                                                                                     |
| 02 | Seg | <b>S. Atanásio</b> – MO                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 03 | Ter | <b>S. Filipe e S. Tiago</b> – FESTA                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 04 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 05 | Qui | <b>Rogações</b><br>Atos 18,1-8; Jo 16,16-20 (MR 1224)<br>69.º Aniversário Natalício de D. António Marto                                                                                                                                                                               |
| 06 | Sex | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC                                                                                                                                                                                                            |
| 07 | Sáb | Primeiro Sábado (pág. 412)<br><b>Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria</b><br>Is 61,9-11; Lc 2,41-51 (Lec VII 162; MR 857)<br>21.º Aniversário da Ordenação Presbiteral do Reitor do Santuário de Fátima                                                                         |
| 08 | Dom | <b>VII da Páscoa</b><br><b>Ascensão do Senhor</b> – SOLENIDADE<br>Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social – Ofertório<br>Concerto de Órgão II: <i>100 anos de música alemã</i> , na<br>Basílica de Nossa Senhora do Rosário<br>Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima |
| 09 | Seg |                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 10 | Ter | Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa<br>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento<br>da Mensagem de Fátima (10-13)                                                                                                                           |
| 11 | Qua | 18h30 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade – Peregrinos a Pé<br>Dança Contemporânea: <i>Fátima, O Dia em que o Sol Bailou</i> , no Centro Pastoral de Paulo VI                                                                                                                 |

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 12 | Qui | Peregrinação Internacional Aniversária<br>Conferência de Imprensa<br>Apresentação do livro “Cânticos de Fátima”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 13 | Sex | PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA<br><b>Nossa Senhora de Fátima</b> – SOLENIDADE<br>Ap 21,1-5a; Ef 1,3-6.11-12; Mt 12,46-50 (Lec VII 431, 435, 440)<br>16.º Aniversário da Beatificação de Francisco e Jacinta Marto<br>Receção da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima,<br>após visita às dioceses de Portugal<br>Dança Contemporânea: <i>Fátima, O Dia em que o Sol</i><br><i>Bailou</i> , no Centro Pastoral de Paulo VI |
| 14 | Sáb | <b>S. Matias</b> – FESTA<br>Colégios de Fomento                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 15 | Dom | <b>Pentecostes</b> – SOLENIDADE<br>Início da <i>Semana da Vida</i><br>Dança Contemporânea: <i>Fátima, O Dia em que o Sol</i><br><i>Bailou</i> , no Centro Pastoral de Paulo VI                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 16 | Seg |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 17 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 18 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 19 | Qui | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS<br>Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 20 | Sex |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 21 | Sáb | “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)<br><b>Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b><br>1Sam 3,1.3-10; Mt 18,1-5<br>Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários<br>da Comunhão do Santuário de Fátima<br>Família Salesiana (21-22)<br>Amigos de Jesus – Comunidade Pneumavita                                                                                                                                |
| 22 | Dom | <b>VIII do Tempo Comum</b><br><b>Santíssima Trindade</b> – SOLENIDADE<br>Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

## VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

|    |     |                                                                                                                                                                 |
|----|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 23 | Seg |                                                                                                                                                                 |
| 24 | Ter | Assembleia do Clero da Diocese de Leiria-Fátima                                                                                                                 |
| 25 | Qua |                                                                                                                                                                 |
| 26 | Qui | <b>S. Filipe Neri</b> – MO<br>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima (26-29)                                                |
| 27 | Sex | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC<br>Encontro Interescolas                                                             |
| 28 | Sáb | <b>Missa Votiva da Visitação da Virgem Santa Maria</b><br>Sof 3,14-18a; Lc 1,39-56 (Lec VSM 30; Missal VSM 41)<br>Encontro dos Adoradores Noturnos no Santuário |
| 29 | Dom | <b>IX do Tempo Comum</b><br><b>Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo</b> – SOLENIDADE<br>21h30 – Rosário e Procissão Eucarística                                  |
| 30 | Seg | Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima (30-2)                                                                               |
| 31 | Ter | <b>Visitação de Nossa Senhora</b> – FESTA<br>No rosário meditam-se os Mistérios Gozosos<br><b>Peregrinação dos Feirantes</b>                                    |

## JUNHO 2016

|    |     |                                                                                                                                                    |
|----|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01 | Qua | <b>S. Justino</b> – MO                                                                                                                             |
| 02 | Qui | Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima – COPA<br>De tarde: missa vespertina da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus              |
| 03 | Sex | <b>Sagrado Coração de Jesus</b> – SOLENIDADE<br>Curso sobre a Mensagem de Fátima – 10.ª edição (3-5), na Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo |

|    |            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|----|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 04 | <i>Sáb</i> | <p>Primeiro Sábado (pág. 412)</p> <p><b>Imaculado Coração da Virgem Santa Maria</b> – FESTA</p> <p>Is 61,9-11; Lc 2,41-51 (Lec VII 162; MR 857)</p> <p><i>Peregrinação da Família Redentorista (4-5)</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 05 | <i>Dom</i> | <p><b>X do Tempo Comum</b></p> <p>Dia Nacional do Cigano</p> <p>Concerto de Órgão III: <i>100 anos de música contemporânea</i>,<br/>na Basílica de Nossa Senhora do Rosário</p> <p>Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima</p> <p><i>Peregrinação da Família Dehoniana</i></p>                                                                                                                                                                                                                    |
| 06 | <i>Seg</i> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 07 | <i>Ter</i> | <p>Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 08 | <i>Qua</i> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 09 | <i>Qui</i> | <p>Peregrinação Nacional das Crianças</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 10 | <i>Sex</i> | <p>PEREGRINAÇÃO NACIONAL DAS CRIANÇAS</p> <p><b>S. Anjo da Guarda de Portugal</b> – FESTA</p> <p>Dan 10, 2a,5-6.12-14ab; Lc 2,8-14</p> <p>Feriado Nacional</p> <p>Congresso Eucarístico Nacional (10-12)</p> <p><i>Diocese de Bragança-Miranda (10-12)</i></p> <p>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</p> <p>Jornadas Pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa (10-12)</p> <p>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento<br/>da Mensagem de Fátima (10-13)</p> |
| 11 | <i>Sáb</i> | <p><b>S. Barnabé</b> – MO</p> <p>Atos 11,21b-26; 13,1-3; Mt 10,7-13</p> <p>108.º Aniversário do Nascimento do Beato Francisco Marto</p> <p><i>Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 12 | <i>Dom</i> | <p><b>XI do Tempo Comum</b></p> <p>Peregrinação Internacional Aniversária</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 13 | <i>Seg</i> | <p>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA</p> <p>À tarde: <b>S. António de Lisboa</b> – FESTA</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 14 | <i>Ter</i> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

## VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|----|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 15 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 16 | Qui | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS<br>Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”<br><i>Diocese das Forças Armadas (16-17)</i>                                                                                                                                  |
| 17 | Sex | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC                                                                                                                                                                                                                                    |
| 18 | Sáb | “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)<br><b>Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b><br>1Sam 3,1.3-10; Mt 18,1-5<br>Conselho Pastoral da Diocese de Leiria-Fátima<br><i>Missionários da Boa Nova (18-19)</i>                                                                                   |
| 19 | Dom | <b>XII do Tempo Comum</b><br><i>Família Blasiana</i>                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 20 | Seg | Dia do Município de Ourém<br>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento<br>da Mensagem de Fátima (20-23)                                                                                                                                                                                            |
| 21 | Ter | <b>S. Luís Gonzaga</b> – MO                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 22 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 23 | Qui | À tarde: missa vespertina da Solenidade no Nascimento de S. João Batista                                                                                                                                                                                                                                      |
| 24 | Sex | <b>Nascimento de S. João Baptista</b> – SOLENIDADE<br>Simpósio Teológico-Pastoral sobre o tema do ano (24-26)                                                                                                                                                                                                 |
| 25 | Sáb | <b>Missa Votiva da Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos</b><br>Atos 1,12-14; 2,1-4; Jo 19,25-27 (Lec VSM 89; Missal VSM 103)<br>Aniversário da tomada de posse de D. António Marto como bispo de Leiria-Fátima<br>Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários<br>da Comunhão do Santuário de Fátima |
| 26 | Dom | <b>XIII do Tempo Comum</b><br>Ofertório para a Santa Sé<br>Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima                                                                                                                                                                               |
| 27 | Seg |                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

- 28 *Ter* **S. Ireneu** – MO  
À tarde: missa vespertina da Solenidade de S. Pedro e S. Paulo
- 29 *Qua* **S. Pedro e S. Paulo** – SOLENIDADE
- 30 *Qui* Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA

## JULHO 2016

- 01 *Sex* Mural das Aparições
- 02 *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 412)  
**Missa Votiva do Coração Imaculado de Maria**  
Is 61,9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162; MR 857)
- 03 *Dom* **XIV do Tempo Comum**  
Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
- 04 *Seg* **S. Isabel de Portugal** – MO  
1Jo 3,14-18; Mt 25,31-46 (Lec VII 600, 619)
- 05 *Ter*
- 06 *Qua*
- 07 *Qui*
- 08 *Sex*
- 09 *Sáb* **Missa Votiva de Nossa Senhora, Amparo da Fé**  
Judite 3,14.17-20; Lc 11,27-28 (Lec VSM 157; Missal VSM 169)  
**Diocese de Coimbra**
- 10 *Dom* **XV do Tempo Comum**  
Concerto de Órgão IV: *100 anos de música sacra*, na  
Basílica de Nossa Senhora do Rosário  
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento  
da Mensagem de Fátima (10-13)
- 11 *Seg* **S. Bento** – FESTA

## VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                               |
|----|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 12 | Ter | Peregrinação Internacional Aniversária<br>Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima<br>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa                                                                       |
| 13 | Qua | PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA<br>À tarde: Dedicção da Igreja Catedral de Leiria-Fátima – FESTA                                                                                                                                       |
| 14 | Qui | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS<br>Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”<br>Oficinas Musicais Criativas, 2.ª edição (8-10 anos) (14-17)                                                |
| 15 | Sex | <b>S. Boaventura</b> – MO<br>Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC<br>Reunião com os Seminaristas Maiores colaboradores no 1.º turno de voluntariado                                                     |
| 16 | Sáb | “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)<br><b>Nossa Senhora do Carmo</b> – FESTA<br>Zac 2,14-17; Mt 12,46-50<br>Seminaristas Maiores: 1.º turno de voluntariado (16-31)<br>Reunião geral dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima |
| 17 | Dom | <b>XVI do Tempo Comum</b>                                                                                                                                                                                                                     |
| 18 | Seg | <b>B. Bartolomeu dos Mártires</b> – MO<br>Retiro do Clero I (18-22)                                                                                                                                                                           |
| 19 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                               |
| 20 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                               |
| 21 | Qui | Oficinas Musicais Criativas, 3.ª edição (11-14 anos) (21-24)<br>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima (21-24)                                                                                            |
| 22 | Sex | <b>S. Maria Madalena</b> – MO<br>Cant 3,1-4a; Jo 20,1.11-18                                                                                                                                                                                   |
| 23 | Sáb | <b>S. Brígida</b> – FESTA                                                                                                                                                                                                                     |
| 24 | Dom | <b>XVII do Tempo Comum</b><br>Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima                                                                                                                                            |

|    |     |                                                                                                                                            |
|----|-----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 25 | Seg | <b>S. Tiago</b> – FESTA<br>Encontro Nacional de Liturgia (25-29)                                                                           |
| 26 | Ter | <b>S. Joaquim e S. Ana</b> – MO<br>Dia dos Avós – Programa Próprio                                                                         |
| 27 | Qua |                                                                                                                                            |
| 28 | Qui | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS                                                                 |
| 29 | Sex | <b>S. Marta</b> – MO<br>1Jo 4,7-16; Jo 11,19-27                                                                                            |
| 30 | Sáb | <b>Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe da Consolação</b><br>2Cor 1,3-7; Mt 5,1-12 (Lec VSM 183; Missal VSM 193)<br><b>Família Comboniana</b> |
| 31 | Dom | <b>XVIII do Tempo Comum</b><br>Reunião com os Seminaristas Maiores colaboradores no 2.º turno de voluntariado                              |

## AGOSTO 2016

|    |     |                                                                                                                                                                   |
|----|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01 | Seg | <b>S. Afonso Maria de Ligório</b> – MO<br>Seminaristas Maiores: 2.º turno de voluntariado (1-15)<br>Passeio dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima  |
| 02 | Ter |                                                                                                                                                                   |
| 03 | Qua |                                                                                                                                                                   |
| 04 | Qui | <b>S. João Maria Vianney</b> – MO<br>Encontro de Confessores do Santuário de Fátima                                                                               |
| 05 | Sex |                                                                                                                                                                   |
| 06 | Sáb | Primeiro Sábado (pág. 412)<br><b>Transfiguração do Senhor</b> – FESTA<br>No rosário meditam-se os Mistérios Luminosos<br>Encontro da Comunidade Canção Nova (6-7) |

## VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|----|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 07 | Dom | <b>XIX do Tempo Comum</b><br>Início da Semana Nacional da Mobilidade Humana                                                                                                                                                                                                                                            |
| 08 | Seg | <b>S. Domingos</b> – MO                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 09 | Ter | <b>S. Teresa Benedita da Cruz</b> – FESTA                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 10 | Qua | <b>S. Lourenço</b> – FESTA<br>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima (10-13)                                                                                                                                                                                                       |
| 11 | Qui | <b>S. Clara</b> – MO<br>Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS                                                                                                                                                                                                                     |
| 12 | Sex | Peregrinação Internacional Aniversária<br>Conferência de Imprensa                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 13 | Sáb | PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA<br>No final da Procissão das Velas faz-se a evocação da queda do Muro de Berlim, junto ao monumento                                                                                                                                                                             |
| 14 | Dom | <b>XX do Tempo Comum</b><br>Ofertório para a Pastoral da Mobilidade Humana<br>Concerto de Órgão V: <i>100 anos de melodias marianas</i> , na<br>Basílica de Nossa Senhora do Rosário<br>À tarde: missa vespertina da Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria<br>21h30 – Vigília da Assunção da Virgem Santa Maria |
| 15 | Seg | <b>Assunção da Virgem Santa Maria</b> – SOLENIDADE<br>Programa dos domingos<br>No rosário meditam-se os Mistérios Gloriosos<br>Reunião com os Seminaristas Maiores colaboradores no 3.º turno de voluntariado                                                                                                          |
| 16 | Ter | <b>S. Estêvão da Hungria</b> – MO<br>Seminaristas Maiores: 3.º turno de voluntariado (16 a 31 de agosto)                                                                                                                                                                                                               |
| 17 | Qua | <b>S. Beatriz da Silva</b> – MO                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 18 | Qui | Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”                                                                                                                                                                                                                                                                      |

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 19 | Sex | <b>99.º aniversário da 4.ª aparição de Nossa Senhora</b><br><b>Missa Votiva de Nossa Senhora de Fátima</b><br>10h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições<br>10h45 – Procissão para a Basílica da Santíssima Trindade<br>11h00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade<br>21h30 – Rosário e procissão aos Valinhos, com início na Capelinha das Aparições (não levar velas)<br>Não há rosário às 12h00<br>A missa das 12h30 é celebrada na Capela da Morte de Jesus<br><i>Delegación Familia – Diócesis de Toledo (19-24)</i> |
| 20 | Sáb | “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)<br><b>S. Bernardo</b> – MO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 21 | Dom | <b>XXI do Tempo Comum</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 22 | Seg | <b>Virgem Santa Maria, Rainha</b> – MO<br>Is 9,1-6; Lc 1,26-38<br>No rosário meditam-se os Mistérios Gloriosos<br><i>Retiro do Renascimento Carismático Católico de Espanha (22-28)</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 23 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 24 | Qua | <b>S. Bartolomeu</b> – FESTA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 25 | Qui | Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS<br><i>Retiro da União Missionária Franciscana (25-29)</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 26 | Sex | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 27 | Sáb | <b>S. Mónica</b> – MO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 28 | Dom | <b>XXII do Tempo Comum</b><br>Semana de Formação dos Acolitos do Santuário de Fátima, na Serra da Estrela (28-3)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 29 | Seg | <b>Martírio de S. João Batista</b> – MO<br>Jer 1,17-19; Mc 6,17-29<br><i>Retiro do Clero II (29 de agosto - 2 de setembro)</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 30 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 31 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

## SETEMBRO 2016

|    |     |                                                                                                                                                                                                               |
|----|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01 | Qui |                                                                                                                                                                                                               |
| 02 | Sex | Conselho Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima (2-3)                                                                                                                                                    |
| 03 | Sáb | Primeiro Sábado (pág. 412)<br><b>S. Gregório Magno</b> - MO<br>Convívios Fraternos (3-4)<br>Encontro da Comunidade Canção Nova (3-4)                                                                          |
| 04 | Dom | XXIII do Tempo Comum                                                                                                                                                                                          |
| 05 | Seg |                                                                                                                                                                                                               |
| 06 | Ter | Congresso Mariológico Mariano Internacional - PAMI (6-11)                                                                                                                                                     |
| 07 | Qua |                                                                                                                                                                                                               |
| 08 | Qui | <b>Natividade da Virgem Santa Maria</b> - FESTA                                                                                                                                                               |
| 09 | Sex | Ouvir Fátima: <i>Um louvor a Maria</i> , na Basílica de Nossa Senhora do Rosário                                                                                                                              |
| 10 | Sáb | <b>Missa Votiva da Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja II</b><br>Atos 1,12-14; Jo 2,1-11 (Lec VSM 122; Missal VSM 133)<br>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima (10-13) |
| 11 | Dom | XXIV do Tempo Comum                                                                                                                                                                                           |
| 12 | Seg | Peregrinação Internacional Aniversária<br><b>Santíssimo Nome de Maria</b> - MO<br>Gal 4,4-7; Lc 1,39-47<br>Vigília com Funcionários e Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima (12-13)                |
| 13 | Ter | PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA<br><b>S. João Crisóstomo</b> - MO<br>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa                                                                |

|    |     |                                                                                                                                                                                                      |
|----|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 14 | Qua | <b>Exaltação da Santa Cruz – FESTA</b>                                                                                                                                                               |
| 15 | Qui | <b>Nossa Senhora das Dores – FESTA</b><br>Hebr 5,7-9; Jo 19,25-27<br>Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS<br>Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” |
| 16 | Sex | <b>S. Cornélio e S. Cipriano – MO</b><br>Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC                                                                                  |
| 17 | Sáb | “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)<br><b>Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b><br>1Sam 3,1.3-10; Mt 18,1-5<br>Encontro de Doentes da Diocese de Leiria-Fátima                   |
| 18 | Dom | <b>XXV do Tempo Comum</b><br><b>Peregrinação Nacional de Dadores de Sangue</b>                                                                                                                       |
| 19 | Seg | Réseau Marial Européen (Ucrânia) (19-22)<br>Retiro do Clero III (19-23)                                                                                                                              |
| 20 | Ter | <b>SS. André Kim Taegon, Paulo Chang Hasang e Companheiros – MO</b>                                                                                                                                  |
| 21 | Qua | <b>S. Mateus – FESTA</b>                                                                                                                                                                             |
| 22 | Qui |                                                                                                                                                                                                      |
| 23 | Sex | <b>S. Pio de Pietrelcina – MO</b>                                                                                                                                                                    |
| 24 | Sáb | <b>Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe e Medianeira da Graça</b><br>Est 8,3-8.16-17a; Jo 2,1-11 (Lec VSM 136; Missal VSM 150)<br>Encontro do Grupo da Imaculada<br><b>Família Passionista</b>          |
| 25 | Dom | <b>XXVI do Tempo Comum</b><br><b>Peregrinação Motard</b>                                                                                                                                             |
| 26 | Seg | Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento<br>da Mensagem de Fátima (26-29)                                                                                                                |
| 27 | Ter | <b>S. Vicente de Paulo – MO</b>                                                                                                                                                                      |
| 28 | Qua |                                                                                                                                                                                                      |

29 *Qui* **S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, Arcanjos** – FESTA

30 *Sex* **S. Jerónimo** – MO

## OUTUBRO 2016

01 *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 412)  
**S. Teresa do Menino Jesus** – MO

02 *Dom* **XXVII do Tempo Comum**  
Início da Semana Nacional da Educação Cristã  
Ofertório para o “Dia anual da Diocese de Leiria-Fátima”  
Curso de Acolitos do Santuário de Fátima

03 *Seg* Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento  
da Mensagem de Fátima (3-6)

04 *Ter* **S. Francisco de Assis** – MO

05 *Qua*

06 *Qui* Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS

07 *Sex* **Nossa Senhora do Rosário** – FESTA  
Atos 1,12-14; Lc 1,26-38  
Jornadas de Catequistas (7-9)

08 *Sáb* **Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe da Divina Providência**  
Is 66,10-14c; Jo 2,1-11 (Lec VSM 179; Missal VSM 191)  
**CNE – Corpo Nacional de Escutas (08-09)**

09 *Dom* **XXVIII do Tempo Comum**  
Concerto de Órgão VI: *100 anos de música francesa*, na  
Basilica de Nossa Senhora do Rosário  
Curso de Acolitos do Santuário de Fátima

10 *Seg* Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento  
da Mensagem de Fátima (10-13)

11 *Ter* Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa

- 
- 12 *Qua* Peregrinação Internacional Aniversária  
Conferência de Imprensa
- 
- 13 *Qui* PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA  
**Dedicação da Basílica de Nossa Senhora do Rosário** – SOLENIDADE  
1Reis 8,22-23.27-30; 1Pedro 2,4-9; Mt 16,13-19
- 
- 14 *Sex* Curso sobre a Mensagem de Fátima – 11.<sup>a</sup> edição (14-16), na  
Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo
- 
- 15 *Sáb* “Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)  
**S. Teresa de Jesus** – MO  
Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários  
da Comunhão do Santuário de Fátima
- 
- 16 *Dom* **XXIX do Tempo Comum**  
Curso de Acólitos do Santuário de Fátima
- 
- 17 *Seg* **S. Inácio de Antioquia** – MO  
Retiro do Clero IV (17-21)
- 
- 18 *Ter* **S. Lucas** – FESTA
- 
- 19 *Qua* 46.<sup>a</sup> Aniversário Natalício do Reitor do Santuário de Fátima
- 
- 20 *Qui* Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS  
Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”  
Encontro dos Bispos Europeus das Igrejas Orientais Católicas (20-23)  
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento  
da Mensagem de Fátima (20-23)
- 
- 21 *Sex* Festa da Música: *Pela arte até Maria* – Sessão Cultural das Escolas Católicas,  
no Centro Pastoral de Paulo VI  
Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC  
**Associação Portuguesa de Escolas Católicas | Concurso Escolar de Artes**
- 
- 22 *Sáb* **S. João Paulo II** – MO
- 
- 23 *Dom* **XXX do Tempo Comum**  
Dia Mundial das Missões – Ofertório para as Missões  
Curso de Acólitos do Santuário de Fátima
-

|    |     |                                                                                                                                                |
|----|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 24 | Seg | <b>S. António Maria Claret – MO</b><br>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima (24-27)                      |
| 25 | Ter |                                                                                                                                                |
| 26 | Qua |                                                                                                                                                |
| 27 | Qui | Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA                                                                                  |
| 28 | Sex | <b>S. Simão e S. Judas – FESTA</b><br>Congresso Mariológico Internazionale – Milizia dell'Immacolata (28-30)                                   |
| 29 | Sáb | <b>Missa Votiva da Virgem Maria, Porta do Céu</b><br>Ap 21,1-5a; Mt 25,1-13 (Lec VSM 203; Missal VSM 212)                                      |
| 30 | Dom | <b>XXXI do Tempo Comum</b><br>Curso de Acolitos do Santuário de Fátima<br>Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima |
| 31 | Seg | Encerramento da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria<br>De tarde: missa vespertina da Solenidade de Todos os Santos                 |

## NOVEMBRO 2016

|    |     |                                                                                                                                                                                                            |
|----|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01 | Ter | <b>Todos os Santos – SOLENIDADE</b>                                                                                                                                                                        |
| 02 | Qua | <b>Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos</b><br>11h00 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano |
| 03 | Qui |                                                                                                                                                                                                            |
| 04 | Sex | <b>S. Carlos Borromeu – MO</b>                                                                                                                                                                             |
| 05 | Sáb | Primeiro Sábado (pág. 412)<br><b>Missa Votiva do Coração Imaculado de Maria</b><br>Is 61,9-11; Lc 2,41-51 (Lec VII 162, 164; MR 857)                                                                       |

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                              |
|----|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 06 | Dom | <b>XXXII do Tempo Comum</b><br>Início da Semana dos Seminários<br>Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima                                                                                                                         |
| 07 | Seg | 45.º Aniversário da Ordenação Presbiteral de D. António Marto<br>Retiro do Clero V (7-11)<br>Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (7-10)                                                                                  |
| 08 | Ter | Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa                                                                                                                                                                           |
| 09 | Qua | <b>Dedicação da Basílica de Latrão – FESTA</b>                                                                                                                                                                                               |
| 10 | Qui | <b>S. Leão Magno – MO</b><br>Retiro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento<br>da Mensagem de Fátima (10-13)                                                                                                                           |
| 11 | Sex | <b>S. Martinho de Tours – MO</b><br>Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC<br>Magusto dos funcionários do Santuário de Fátima                                                                            |
| 12 | Sáb | <b>S. Josafat – MO</b><br>Vigarraria de Fátima                                                                                                                                                                                               |
| 13 | Dom | Peregrinação Mensal (pág. 412)<br><b>XXXIII do Tempo Comum</b><br><b>Dedicação da Basílica da Santíssima Trindade – Solenidade</b><br>Jubileu da Misericórdia: Fecho da Porta Santa<br>Ofertório para o Seminário Diocesano de Leiria-Fátima |
| 14 | Seg | Congresso da Association Nationale des Directeurs Diocésains<br>de Pèlerinages – ANDDP – Viviers, França (14-18)                                                                                                                             |
| 15 | Ter |                                                                                                                                                                                                                                              |
| 16 | Qua |                                                                                                                                                                                                                                              |
| 17 | Qui | <b>S. Isabel da Hungria – MO</b><br>Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS<br>Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”                                                                          |
| 18 | Sex | Retiro para Mensageiros Responsáveis do Movimento<br>da Mensagem de Fátima (18-20)                                                                                                                                                           |

|    |            |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 19 | <i>Sáb</i> | <p>“Um Dia com as Crianças” (pág. 412-413)</p> <p><b>Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</b></p> <p>1Sam 3,1.3-10; Mt 18,1-5</p> <p>Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima</p> <p><b>Vigararia de Ourém</b></p> |
| 20 | <i>Dom</i> | <p><b>XXXIV do Tempo Comum</b></p> <p><b>Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo – SOLENIDADE</b></p>                                                                                                                                                                          |
| 21 | <i>Seg</i> | <p><b>Apresentação de Nossa Senhora – MO</b></p> <p>Zac 2,14-17; Mt 12,46-50</p> <p>Retiro do Clero VI (21-25)</p>                                                                                                                                                                |
| 22 | <i>Ter</i> | <b>S. Cecília – MO</b>                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 23 | <i>Qua</i> |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 24 | <i>Qui</i> | <b>SS. André Dung Lac e Companheiros – MO</b>                                                                                                                                                                                                                                     |
| 25 | <i>Sex</i> | Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC                                                                                                                                                                                                        |
| 26 | <i>Sáb</i> | <p><b>Missa Votiva de Virgem Maria, Rainha da Paz</b></p> <p>Is 9,1-3.5-6; Lc 1,26-38 (Lec VSM 200; Missal VSM 210)</p> <p>Jornada de Apresentação do tema do Ano Pastoral de 2016-2017</p> <p>Abertura da exposição sobre o tema do Ano Pastoral</p>                             |
| 27 | <i>Dom</i> | <p><b>Ido Advento</b></p> <p>Início do Ano Pastoral de 2016-2017</p>                                                                                                                                                                                                              |
| 28 | <i>Seg</i> |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 29 | <i>Ter</i> |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 30 | <i>Qua</i> | <b>S. André – FESTA</b>                                                                                                                                                                                                                                                           |





# MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO DE COMUNICAÇÃO

6.º ANO DA CELEBRAÇÃO DO  
CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

— *ideia, designers* ©

*Eu vim para que tenham vida* é o tema proposto pelo Santuário de Fátima para o ano pastoral de 2015-2016. A abordagem a esta temática levou-nos a uma série de considerações sobre a estrutura da mensagem a produzir, para que incorporasse a ideia de passagem, de uma vida magnificada; uma vida com sentido para além do viver.

A primeira proposta representava um sentido de comunidade pela união de pontos (pessoas, vontades, consciências), numa forma que era simultaneamente corpo e expansão desse mesmo corpo: um coração. Tentava figurar um sistema que criasse e que, nesse processo, fosse criado, num movimento perpétuo crescente.

Esta primeira solução veio a revelar-se curta na capacidade de abarcar todo o sentido do texto e evoluiu para a vontade de desenhar a passagem para uma vida mais plena. Procurou-se que a imagem tivesse um sentido de descoberta: uma primeira leitura reveladora de uma ideia que levasse a outras, subseqüentes, adensando os primeiros significados. Estas intenções

foram concretizadas no desenho de uma porta/passagem de luz; depois de percebida esta imagem surge uma segunda revelada pelas sombras e reflexos, que constroem uma cruz. A porta de luz é clara no primeiro olhar; a cruz gerada pela sua influência revela-se posteriormente. A vida “com um sinal de mais” irradia não só criando um elemento simbólico mas iluminando outros caminhos e acrescentando reflexos à realidade. A expressão gráfica da imagem é difusa, evitando-se o recurso a cores sólidas e a volumes ásperos, procurando-se desta forma retirar materialidade, favorecendo uma expressão diáfana.

O coração inicial reaparece em terceiro plano, perto da mensagem escrita, contribuindo para anular a sensação das cores planas dos fundos estáveis.







